



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA

Saber e sabor: corpo, medicina e cozinha na obra de Francisco da Fonseca Henriques

Luca Palmesi

Belo Horizonte

2014

LUCA PALMESI

Saber e sabor: corpo, medicina e cozinha na obra de Francisco da Fonseca Henriques

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História Social da Cultura

Orientador: Prof. Dr. José Newton Coelho Meneses

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais
09 de outubro de 2014

112.109
P178s
2014

Palmesi, Luca

Saber e sabor [manuscrito] : corpo, medicina e cozinha na obra de Francisco da Fonseca Henriques / Luca Palmesi. - 2014.

320 f.

Orientador: José Newton Coelho Meneses.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1. Henriques, Francisco da Fonseca 2. História – Teses. 3. Medicina – História - Teses. 4. Alimentação - Teses. 5. Cultura - Teses. 6. Ciência – História – Teses. I. Meneses, José Newton Coelho. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação defendida pelo aluno **LUCA PALMESI**, intitulada: **“Saber e sabor: corpo, medicina e cozinha na obra de Francisco da Fonseca Henriques”**, no dia 09 de outubro de 2014 e aprovada, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Luiz Carlos Villalta – Presidente
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Leila Mezan Algranti
Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Miriam Campolina Diniz Peixoto
Universidade Federal de Minas Gerais

Para Yasmin,

Mária e

Giancarlo

Agradecimentos

Agradeço com afeto a minha mãe, Márlia, e meu pai, Giancarlo, meus primeiros professores de vida, que, cada um a seu modo, sempre me aguçaram o pensamento e com muita paciência souberam aguardar este momento.

Agradeço ao Alessandro pela companhia na distância e ao Francesco, pequeno companheiro que também soube aguardar.

Agradeço à Mônica pela amizade e pelos cuidados.

Agradeço à Lilany pela tão importante escuta.

Agradeço à Flávia por tantos anos de apoio, trabalho e amizade.

Agradeço à Yasmin pela beleza e compreensão, pela ajuda e pelo amor.

Agradeço a meus colegas, companheiros, amigos e professores, com quem pude conversar, conviver, compartilhar e trocar experiências que foram e são fundamentais na minha formação. Em especial ao meu orientador, o Professor José Newton, pelo grande apoio, pelas indicações, por ter gentilmente me emprestado tantos bons livros, por tempos longos e, finalmente, por toda a paciência ao aceitar estender tantas vezes os meus prazos.

Agradeço à Professora Miriam Campolina Peixoto pela gentil solicitude, pela dedicação em me ajudar e por ter me apresentado instrumentos de pesquisa que foram muito importantes para o trabalho.

Agradeço à Professora Leila Algranti pelo encorajamento e pela disposição de vir a Belo Horizonte, participar da banca, apesar de minha dificuldade em cumprir os prazos.

Agradeço aos bibliotecários e ao trabalho de tantas e tantos que tornam possível o funcionamento da Universidade Federal de Minas Gerais. Agradeço finalmente ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq, pela oportunidade gerada pela bolsa.

Resumo

Este trabalho é um estudo sobre o pensamento médico na obra do português Francisco da Fonseca Henriques (1665-1731), médico de Dom João V (1689-1750). Analisaram-se sobretudo as obras *Medicina Lusitana* (1710), a *Dissertação dos humores naturais do corpo humano* (1715), a *Âncora Medicinal* (1721) e o *Aquilégio Medicinal* (1731). Especialmente a *Âncora* foi utilizada como um feixe de referências textuais diversas e culturais do pensamento médico ocidental, a partir do qual se procurou discutir a base das principais correntes médicas do período da Revolução Científica, retornando às suas fontes antigas e medievais. Assim como as relações de grande proximidade e comunicação entre o saber erudito e o popular, mediados pela linguagem comum da experiência sensível, sobretudo no que diz respeito à centralidade da relação alimentação-saúde. O estudo procura explorar o caminho aberto pelo cruzamento entre a história do pensamento médico e a história da alimentação.

Palavras-chave: História da Medicina; Alimentação; Cultura e Ciência; Francisco da Fonseca Henriques.

Abstract

The present work is a study about the medical thought in the works of the portuguese Francisco da Fonseca Henriques (1665-1731), King D. João V's doctor (1689-1750). The main works analised are *Medicina Lusitana* (1710), the *Dissertação dos humores naturais do corpo humano* (1715), the *Âncora Medicinal* (1721) and the *Aquilégio Medicinal* (1731). Specially the *Âncora* was utilized as a fagot of several textual and cultural references of the western medical thought, from which it has tried to discuss the basis of the main medical wings of the period known as the Scientific Revolution going back to its ancient and medieval sources. Aswell the relations of great proximity and communication between the erudit and popular thought, mediated by the common language of sensitive experience, mainly to what concerns the central relationship between food and health. The study tries to explore the way opened by the crossroad between history of medical thought and history of food.

Key-Words: History of Medicine; Food; Francisco da Fonseca Henriques; Culture and Science.

Sumário

Índice dos Quadros e Figura p. 8.

Abreviações p. 9.

Apresentação p. 10.

Capítulo I – Tradições e Traduções p. 14.

I. 1. Escrita e Leitura p. 14.

I. 1-1. Breves considerações sobre o *Âncora Medicinal* p. 19.

I. 2. Gêneros de referência: enciclopédias, comentários, terapêuticas, dietética, “vidas” e poesias p. 30.

I. 3. Francisco Henriques: leituras médicas e ensino de medicina p. 36.

I. 3-1. Recepções e traduções: Escola de Salerno p. 38.

I. 3-2. A recepção do Canon de Avicena no ocidente p. 43.

I. 3-3. Humanismo e Renascimento: o retorno *ad fontes* e a “teoria dos humores” p. 45.

I. 3-4. Heranças da Escola de Alexandria e consolidação do ensino médico p. 52.

I. 3-5. A “tentação astrológica” p. 54.

I. 3-6. Teoria e prática: verificar *de visu* e compartilhar as experiências p. 58.

I. 4. Gêneros textuais: práticas e leituras médicas p. 64.

I. 4-1. *Practica* p. 666.

I. 4-2. *Particularia*: conselhos, curações, histórias, consultas, observações p. 68.

I. 4-3. Regimes de saúde p. 70.

I. 4-4. Farmacopeias: os químicos e o galenismo p. 80.

I. 4-4.1. Disputas e influências mútuas p. 85.

Capítulo II: Curas mágicas p. 102

II. 1. Nada a desperdiçar p. 102

II. 1-1. Virtudes ocultas e farmacopeias humanas p. 108.

II. 2. O corpo quebrantado: o fascinante e o fascinado p. 115.

II. 3. Aromas purificadores contra umidades perigosas p. 122.

II. 4. Amuletos e correspondências mágicas p. 124.

Capítulo III – Natureza humana, medicina e cozinha p. 129.

III. 1. *Âncora Medicinal*: a vida como navegação p. 129.

III. 2. Ciência e empiria: médicos e cozinheiros p. 131.

- III. 2-1. Escola da necessidade: cozinha e medicina p. 139.
- III. 3. Cristianismo e natureza humana p. 148.
- III. 3-1. Um corpo sem armadura p. 154.
- III. 4. Conhecimento do corpo, conhecimento do mundo p. 157.
- III. 5. Águas: Uma máquina a refrigerar p. 162.
- III. 5-1. A escolha das águas p. 169.

Capítulo IV – Alimentação na Âncora Medicinal p. 175.

- IV. 1. A escolha do alimento: um duplo julgamento p. 175.
- IV. 1-1. O tabu da carne e as imagens de utopias alimentares p. 176.
- IV. 2. A mesa dos “rústicos” e a dos “cavalheiros” p. 184.
- IV. 3. Misturas impuras p. 193.
- IV. 4. O tempo da comida p. 295.
- IV. 5. Carnívoros p. 202.
- IV. 6. Temperar a vida p. 215.
- IV. 7. Novas bebidas para adoçar a vida: um mundo em transformação p. 226.

Capítulo V – Os antigos e os modernos segundo Francisco Henriques p. 236.

- V. 1. Digestão e fisiologia moderna p. 246.

Conclusão: Estilo de pensamento p. 256.

Fontes e referências p. 268

Anexos p. 277.

Índice dos Quadros e Figura

Quadro I – Citações/Seção/Época p. 21.

Quadro II – Dos autores mais citados/Seção p. 26.

Quadro III – Das vinte obras mais citadas/Gênero/Época/Seção p. 34.

Quadro IV: Humores segundo o Pseudo-galênico *Sobre os humores* p. 51.

Quadro V: Legumes p. 185.

Quadro VI: Das Cebolas p. 187.

Quadro VII: Leite em geral p. 189.

Quadro VIII: Leites segundo o animal p. 190.

Quadro IX: Laticínios p. 191.

Quadro X – Idades, Estômagos e Alimentos p. 197.

Quadro XI – Estações p. 201.

Quadro XII: Carnes dos Animais p. 203.

Figura I: Exemplos de superposições tabuadas p. 206.

Quadro XIII: Entranhas e Extremidades dos Animais p. 211.

Quadro XIV: dos Peixes p. 213.

Quadro XV: Pimentas p. 216.

Quadro XVI: Aromas p. 217.

Quadro XVII: Condimentos p. 221.

Quadro XVIII: Traduções de termos Antigos aos Modernos segundo Henriques p. 243.

Abreviações

As fontes principais do *corpus* de Francisco da Fonseca Henriques foram abreviadas para facilitar a leitura. As abreviações seguiram o seguinte padrão no corpo do texto: (XX, ano da edição citada, página):

Âncora Medicinal: AM.

Aquilegio Medicinal: AL.

Medicina Lusitana e Socorro Delphico aos clamores da Natureza humana, para total prostigação de seus males. ML.

A *Dissertação dos humores naturais do corpo humano* foi citada a partir da segunda edição da *Medicina Lusitana*, publicada em 1731 e, portanto, constará como ML, 1731.

Apresentação

O trabalho a seguir é um estudo sobre o saber médico na obra do médico português Francisco da Fonseca Henriques (1665-1731), partindo especialmente da obra *Âncora Medicinal* (1ª ed. 1721). Procurou-se fazer uma hesegese do texto, utilizando-o como um feixe por onde passam referências textuais múltiplas e também diferentes referências culturais. Em seu corte temporal, procuramos não somente um estado específico do saber médico (suas verdades), mas também a história cultural do mesmo. Optou-se por uma análise mais detida desta obra e em segundo lugar daquelas com as quais a mesma se comunicava, entretanto, sem extrapolar para fontes de outras tipologias, como inventários, testamentos ou receitas médicas.

As escolhas que orientaram a pesquisa procuram situá-la num cruzamento entre a história da alimentação e a história da saúde por acreditar ser este um caminho a ser mais profundamente explorado, que permite compreender parte dos determinantes culturais do saber médico, bem como da relevância epistemológica do saber popular para o mesmo. O objetivo principal do trabalho foi identificar a maneira como estas relações ocorriam na obra do médico português. Serviram de inspiração teórica para este processo, a base e o caminho aberto na história da alimentação pela obra de Massimo Montanari e de Jean-Louis Flandrin; a historiografia da medicina ligada à Mirko Grmek e Danielle Jacquart; as abordagens abertas em história da ciência por Paolo Rossi, por Alexandre Koyré e por Ludwig Fleck; a antropologia histórica de Marshall Sahlins; a base antropológica encontrada em Mary Douglas e Claude Lévi-Strauss. Os trabalhos de referência com os tratados portugueses de medicina encontram-se principalmente (não somente) em Jean Luiz Neves Abreu e aqueles em história da alimentação no mundo português em Leila Mezan Algranti e outros.

O feixe de referências textuais da *Âncora Medicinal* conduz a um universo de leituras marcadas sobretudo por obras da Antiguidade, com destaque às obras do *corpus* hipocrático e do *corpus* galênico. Parte das fontes hipocráticas foi consultada na reunião organizada por Henrique Cairus e Wilson Ribeiro Junior.¹ A maioria das fontes antigas e parte das medievais foram consultadas no site de Philippe Remacle, *L'antiquité grecque et latine*,² mas também na *Gallica*.³ As obras galênicas referentes à dietética foram consultadas na reunião organizada por Mark Grant.⁴ A obra de Dioscórides e informações sobre a mesma foram consultadas no site da Universidad de Salamanca, em seu belo projeto *Dioscórides Interactivo*.⁵

A maioria das obras do período moderno (mas não somente) foi consultada no site da *Bibliothèque interuniversitaire de Santé*,⁶ que foi de grande importância para o mapeamento das referências médicas de Henriques. Parte das obras do próprio Henriques e de outros autores portugueses foi consultada no site da Biblioteca Nacional de Portugal.⁷ O dicionário de Bluteau, contemporâneo de Henriques, foi consultado no site da Biblioteca Brasileira da USP.⁸ As informações sobre a tradição médica árabe foram consultadas no site da *Encyclopaedia Iranica*⁹ e a maior parte dos subsídios sobre autores e obras europeias em geral foi encontrada na *Enciclopedia Treccani*.¹⁰

O capítulo I dedica-se a deslindar as referências da *Âncora Medicinal*, oferecendo um quadro geral das mesmas – o inventário total é demasiado extenso e encontra-se

¹ CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, (Coleção História e Saúde).

² *L'antiquité grecque et latine*. Captado em: <http://remacle.org/>

³ *Gallica Bibliothèque Numérique*. Captado em: <http://gallica.bnf.fr/>

⁴ GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005.

⁵ *Dioscórides Interactivo: sobre los remedios medicinales – manuscrito de Salamanca*. Captado em: <http://dioscorides.usal.es/>

⁶ *Bibliothèque interuniversitaire de Santé*. Captado em: www.bium.univ-paris5.fr/

⁷ Biblioteca Nacional de Portugal (BNP). Captado em: www.bnportugal.pt/

⁸ Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Captado em: www.bbm.usp.br/

⁹ *Encyclopædia Iranica*. Captado em: www.iranicaonline.org/

¹⁰ *Treccani – L'Enciclopedia italiana*. Captado em: www.treccani.it/

(sabidamente com imperfeições várias) nos anexos. A compreensão do predomínio quantitativo das obras antigas deve ser conduzida pela inserção em seus contextos de recepção, nomeadamente o ambiente universitário europeu da Baixa Idade Média. Procurou-se compreender alguns dos problemas fundamentais da reflexão médica de então e suas relações com os gêneros textuais surgidos no período, com seus desdobramentos na Idade Moderna. Dentre as principais correntes de pensamento do período moderno estavam a dos adeptos do “galenismo” e a dos adeptos da “química”. Finaliza-se o capítulo com comparações entre os influxos destas correntes em Henriques, um galenista de formação, e em João Curvo Semedo, um “químico” português, seu contemporâneo.

O capítulo II é uma tentativa de abordar aspectos das práticas de cura do período moderno relacionadas à religiosidade popular, suas concepções de corpo e de adoecimento. Buscou-se compreender alguns dos aspectos simbólicos que atribuíam poderes de cura às substâncias empregadas em situações específicas, sempre em relação com as referências abertas pela *Âncora Medicinal*.

O capítulo III inicia a análise de algumas das premissas mais profundas da obra, partindo de pistas deixadas pelo próprio título, bem como pela análise dos textos elaborados pelos censores das obras de Henriques. Estas premissas conduzem ao diálogo entre medicina e filosofia. Busca-se assim a relação entre ciência e empiria, calcada na comparação entre medicina e cozinha; as concepções de natureza humana e de corpo; alguns influxos do cristianismo, do hermetismo e do mecanicismo na obra do médico.

O capítulo IV dedica-se mais especificamente aos aspectos alimentares, que ocupam a maior parte da *Âncora Medicinal*. Procurou-se discutir os princípios que orientavam a escolha dos alimentos, segundo os critérios da dietética de Henriques, os tabus de impureza, os aspectos sociais, a relação com o consumo de carne, o “lugar” dos temperos e das novas bebidas ou drogas da moda do século XVIII, nomeadamente o chá, o café e o chocolate.

Também nesta parte se inventariou boa parte dos alimentos e suas propriedades, contidas na obra, com o objetivo de tornar mais claras algumas relações e princípios destas classificações.

O capítulo V parte das opiniões do próprio Henriques sobre as comparações entre os antigos e os modernos, presentes, sobretudo, em outras obras do autor, que ajudam a explicar sua abordagem geralmente conciliadora a este respeito. Sustenta-se que sua posição identifica a possibilidade de traduzir um conhecimento ao outro, o que pressupõe a percepção de uma linguagem, mas ao mesmo tempo a tentativa de conciliar conflitos no pensamento médico de sua época. Apresenta-se a síntese entre o pensamento antigo e o moderno, produzida pela sua fisiologia. As relações epistemológicas com o paladar, o olfato, a experiência sensível fornecem as chaves interpretativas para tentar explicar a relação da alimentação com o pensamento médico.

Capítulo I – Tradições e Traduções

I. 1. Escrita e Leitura

O escritor é antes de tudo um leitor. Sua escrita deixa entrever sua leitura. Esta, por sua vez, é um ato criador, não absorção passiva de um conteúdo dado. A recepção de textos é um ato criativo e toda escrita nos dá pistas da recepção daqueles textos que a informaram. Uma recepção particular pode ser acessada por meio da organização das referências textuais na escrita de uma obra. Ao decompor a escrita de um tratado, este nos deixa ver os modos de ler e as referências de um ambiente científico, que orientaram a estruturação da obra. Através de uma análise sistemática das notas e das menções a outros autores e textos, na *Âncora Medicinal*, podemos buscar uma ideia, ainda que imprecisa, da “biblioteca cultural” do autor.¹¹

Uma biblioteca é sempre uma organização de textos em relação a outros textos, pressupõe a intertextualidade e uma visão topográfica desta organização, pois há “lugares” distintos para textos distintos. Cada um destes “lugares” existe em relação aos demais. Estes indicam possíveis hierarquizações e seus critérios. Alguns textos são mais reverenciados que apenas referenciados. Outros possuem lugar de autoridade menor ou ainda autoridades divididas por assuntos e por épocas ou ainda, assuntos e épocas divididos por autoridades, por exemplo. Certamente, estes distintos lugares da biblioteca cultural informam ou pré-dispõem os modos de ler de cada texto – não se lê igualmente, nesta biblioteca, “um Galeno” e “um Rasis” e o lugar dos *Epigrammata* de Marcial (séc. I d.C.) pré-dispõe outro tipo de leitura que o da *Bibliotheca Pharmaceutico-Medica* de Jean Jacob Manget (séc. XVII-XVIII) ou dos cursos de medicina de Ettmüller ou de Plêmpio (ambos séc. XVII). Nenhuma leitura se dá

¹¹ GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. 5ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 112-115.

isoladamente, ela é sempre relativa a outras leituras e é possível em alguns casos perceber parte da organização desta biblioteca, através dos lugares particulares de certos textos em relação ao conjunto, ou de alguns conjuntos de textos no panorama geral.

Assim como a *biblioteca* trabalha o texto oferecido, o texto lido trabalha em compensação a própria *biblioteca*. A cada leitura, o que já foi lido muda de sentido, torna-se outro. É uma forma de troca.¹²

Em que pese suas particularidades, acreditamos que esta biblioteca não poderia deixar de fazer parte da atmosfera comum de um “coletivo de pensamento”, entendido como uma comunidade de trocas ou de influências recíprocas, e de expressar, de algum modo, aspectos particulares das trocas e tráfegos de pensamento de um período. Cada autor/leitor, participante de um coletivo de pensamento pode ser considerado, como sugeriu Fleck, como um “portador do desenvolvimento histórico de uma área de pensamento, de um determinado estado do saber e da cultura, ou seja, de um estilo específico de pensamento”.¹³ A importância da noção de biblioteca que queremos trabalhar reside nos pressupostos de que

não existe compreensão autônoma do que é dado a ler ou a entender, mas articulação em torno de uma *biblioteca* do texto lido (...). O livro lido ganha seu sentido daquilo que foi lido antes dele, segundo um movimento redutor ao conhecido, à anterioridade. O sentido nasce, em grande parte, tanto desse exterior cultural quanto do próprio texto e é bastante certo que seja de sentidos já adquiridos que nasça o sentido a ser adquirido (...). Todo o saber anterior – saber fixado, institucionalizado, saber móvel, vestígios e migalhas – trabalha o texto oferecido à decifração.¹⁴

Uma leitura comparativa, que fornece o lastro para a inserção e significação do novo dentro de um estilo de pensamento. O processo criativo e a possibilidade mesma de inovação residem no trânsito de noções de um círculo a outro, realizado por aqueles autores/leitores sob a influência de círculos diferentes. Neste sentido as palavras são “um bem intercoletivo”, pois ao trafegar entre estilos de pensamento, seus significados são alterados, segundo os mesmos. Embora a condição para a significação de uma nova noção seja a adequação a um estilo de

¹² GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. 5ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 116.

¹³ FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Trad. Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010, p. 82.

¹⁴ GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. 5ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 114-115.

pensamento, é justamente este esforço de recepção que produz a novidade e altera os próprios estilos de pensamento. Sua tendência à permanência pode ser percebida na atitude diante das inovações, que podem variar desde o silenciamento das contradições ao esforço de assimilá-las, buscando conciliar tradição com novidade,¹⁵ como veremos mais adiante.

Âncora Medicinal é uma obra de medicina, cujo assunto dominante, a alimentação, ocupa 3/4 da obra. Foi editada em 1721 e com sucesso em 1731, 1754 e 1769, as últimas duas postumamente. O livro foi a sexta obra publicada por Henriques, após a *Pleuricologia* (1701), obra terapêutica em latim sobre a cura das pleurises (inflamações da pleura); o *Tratado do Uso do Azougue* [mercúrio] *nos casos proibidos*, publicado junto com a *Medicina Lusitana* (1710, 1731, 1750); O *Apiario Medico-Chymico, Chyrurgico, e Pharmaceutico* (1711), “um tomo de observações latinas”; as ilustrações à prática de Duarte Madeira, *Madeira ilustrado* (1715), que possuía também uma *Dissertação dos humores naturais do corpo humano*, publicada também junto à segunda edição da *Medicina Lusitana*; e antes do *Aquilégio Medicinal* (1726), sua última obra. Para o autor, a *Âncora Medicinal* deveria ser sua obra superior, pois versaria sobre a conservação da saúde, algo a que medicina poderia se prestar com muito mais sucesso que à terapêutica, aspecto que predominava nas obras anteriores: “não há dúvida que é muito melhor não padecer do que curar, assim como é melhor não furtar do que restituir” (AM, 2004, p. 25).

A biblioteca diretamente trabalhada pela *Âncora Medicinal* possui 134 obras que conseguimos identificar e possivelmente outras mais que permaneceram sem identificação, além de cerca de 130 autores, alguns também sem identificação e para uma boa parte não foi possível identificar suas obras. Se para as 134 obras identificadas conseguimos relacionar

¹⁵ Cf. FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Trad. Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010, p. 69-81.

outros 96 autores, podemos ter uma ideia do total de obras realmente trabalhadas pelo autor na escrita do livro, algo em torno de 180 obras.

O Doutor Mirandela escrevera sua *Âncora Medicinal* com preocupações divulgativas. O fato que escrevesse em português já é significativo deste propósito (embora ainda citasse em latim, sem traduzir). Desta forma, explicava a escolha do título da obra, a importância da alimentação e a conveniência do livro para os que não fossem “doutos”:

Assim como as embarcações que navegam os mares com as âncoras se seguram nas procelosas fúrias de Netuno, assim o baixel da vida humana, que muitas vezes flutua na tempestade dos males, com este livro se pode preservar deles, observando a sua doutrina no tempo da saúde, para não vir a experimentar tormentas e assaltos das enfermidades. Inclui este livro um tratado de alimentos, coisa muito necessaria para os que não são médicos, porque é razoável que saiba cada qual que alimentos usa sem mendigar de noticias alheias (que as vezes não são muito certas) o conhecimento de suas qualidades quando o pode alcançar com certeza e sem mais diligência que a de abrir este livro, onde com distinção, clareza e brevidade o achará facilmente. (AM, 2004, p. 25-26)

Trata-se portanto de um tratado de prevenção, “para conservar a vida com saúde”, segundo o subtítulo, pois ter de se submeter aos cuidados médicos era considerado uma “infelicidade” (AM, 2004, p. 48) a se evitar. Para isso havia um campo da medicina, a dietética, que oferecia conhecimentos acessíveis a todos para conhecer os princípios pelos quais a saúde e os desequilíbrios provocados pelas diversas adversidades cotidianas poderiam ser regulados e o adoecimento severo, evitado. A preocupação em difundir normas de higiene e de saúde remonta aos textos medievais dos séculos XII e XIII, que funcionavam como uma via de mão dupla das trocas culturais, ao reunir saberes populares e preceitos médicos eruditos na mesma obra, “verdadeiros ‘tesouros dos pobres’”.¹⁶

A escolha de um repertório de pequenas citações fáceis de memorizar, intercalando autores célebres da medicina, do conhecimento enciclopédico, da poesia ou de diversas outras

¹⁶ MARQUES, Vera Regina Beltrão. Instruir para fazer a ciência chegar ao povo no Setecentos. *Varia história*, nº 32, Julho, 2004, p. 42-43.

tradições, que tomavam aspecto de ditados, facilitavam sua repetição e propagação, a exemplo deste “adágio português” (AM, 2004, p. 135):

Quem a truta assa,
e a perdiz coze,
não sabe o que come.

Como já diversos estudos sobre a leitura apontam,

a relação com a leitura e com os livros era marcada pela oralidade e pela indistinção entre público e privado. Havia a leitura individual em silêncio apenas em bibliotecas de escolas, conventos ou residências, mas mesmo nos lares desenvolvia-se amplamente a leitura oral e predominava nas igrejas, sociedades de literatura e salas de aula, a leitura pública. A oralidade na leitura predominou, pois reinava o analfabetismo. Além disto, coexistiam a leitura extensiva (textos diversos) e a intensiva (repetida dos mesmos textos). Também se faziam disputas orais entre alunos, nas igrejas haviam os leitores próprios para esta função.¹⁷

O próprio Henriques nos dá a entender que citava muitas passagens de memória, de leituras orais e não, posto que não acompanhava sempre as citações de notação correspondente e em muitos casos fazia apenas menção ao nome do autor sem se referir a uma passagem específica ou algo que ajudasse a compreender. Outras ainda vinham das leituras intensivas de “lugares-comuns”, prática usual na educação da época, baseada na leitura repetida e anotada de trechos dos clássicos latinos e gregos.¹⁸

Sendo a forma predominante de acesso aos livros pela audição e retransmissão oral, além do sucesso editorial de nosso médico é possível que suas obras tenham tido significativa eficácia em sua missão pedagógica.

¹⁷ VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala, o que se lê: língua, instrução, leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. Vol 1. São Paulo. Cia. Das Letras. 1997, p. 373-374.

¹⁸ DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 164 e p. 184-185; VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala, o que se lê: língua, instrução, leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. Vol 1. São Paulo. Cia. Das Letras. 1997, p. 351.

I. 1-1. Breves considerações sobre o *Âncora Medicinal*

Um breve raio-x da obra nos permite perceber um quadro geral cultural de referência de Henriques. Organizamos em quadros as tabelas completas que estão disponíveis em anexo. Aqui trabalharemos apenas com recortes específicos das mesmas. O livro é composto de cinco seções. A Seção I é dedicada ao “Ar ambiente”, consta de apenas dois capítulos e aborda os aspectos ambientais a serem observados para a conservação da saúde. A Seção II é a “Dos alimentos em comum” e é composta de dez capítulos, abordando os aspectos teóricos estruturantes da obra, pois se detém sobre as classificações e concepções gerais, como a definição de alimento, de suas quantidades, ordem, sua relação com os períodos do dia, as estações do ano, as idades, os temperamentos ou compleições individuais e formas principais de preparo.

A Seção III “Dos alimentos em particular” é composta de dezenove capítulos e é a mais longa, com um grande número de citações, com destaque para as obras enciclopédicas ou compêndios, mas com uma grande variedade, abordando no começo o pão (de trigo) e os pães (de centeio, milho, cevada e aveia), passando uma estrutura que introduz um tema com um capítulo geral e depois entra nos particulares – primeiro dos quadrúpedes em geral, depois em particular, de suas partes internas e ainda de suas partes líquidas, como o leite etc., o segundo grupo é o dos voadores (e dos ovos), depois dos peixes em geral e em particular –; em seguida aparecem os vegetais: os legumes, as hortaliças, as raízes que se cultivam, aquelas que não se cultivam junto aos fungos; depois é a vez dos frutos, divididos em “sativos”, ou seja, que se cultivam, os arbóreos e depois os “lenhosos”, compostos grosso modo de oleaginosas; os últimos dois capítulos são sobre os “condimentos” e os “aromas”, que concentram boa parte daquilo que se conhece por “temperos” de cozinha, porque tinham a tarefa de “temperar” (equilibrar, moderar) a comida, segundo preceitos medicinais, portanto são aqueles ingredientes, como as pimentas, o cravo, a canela, o gengibre, o açafrão, a

mostarda ou o açúcar, o sal, o mel, o azeite, o vinagre, que possuíam grandes propriedades medicinais. Esta seção possui a descrição de cada alimento, constando suas qualidades básicas (quente ou frio, seco ou úmido), o seu grau (muito ou pouco), indica-se se é mais alimento ou mais medicamento e em seguida abordam-se suas “virtudes medicinais”.

A Seção IV “Da água, do vinho e de outras bebidas alimentares e medicamentosas que no presente século se frequentam” possui quinze capítulos. Os quatro primeiros abordam a água, seus diversos tipos, classificações, as mais apropriadas para o uso, suas condições e preparo. Outros quatro abordam o vinho, com as advertências em relação à saúde, suas diversas classificações e usos terapêuticos. Há um capítulo sobre outras bebidas, como a aguardente e outras que derivam do vinho. Em seguida outro capítulo sobre a cerveja, três capítulos sobre as bebidas que entraram na moda no século XVIII, o chocolate, o chá e o café. O penúltimo era sobre a sidra e o último sobre o hidromel e o mulso.

A Seção V “Do sono e vigília; do movimento e descanso; dos excretos e retentos e das paixões da alma” aborda o restante das coisas a serem observadas na conservação da saúde em sete capítulos. Os três primeiros são dedicados ao sono e a vigília. Outros dois sobre o movimento e o descanso. O penúltimo sobre os excretos e retentos e o último sobre as paixões da alma, no qual predominam referências ligadas à literatura e erudição em geral, em detrimento das referências médicas.

No Antelóquio, Henriques declara sua filiação à tradição da Escola de Salerno, que consistia “na reta observância das seis coisas não naturais, que são: o ar ambiente, o comer e o beber, o sono e a vigília, o movimento e o descanso, os excretos e os retentos, e as paixões da alma” (AM, 2004, p. 31). Apenas a primeira delas possui uma seção inteira, ainda que pequena, para si. O comer possui duas seções inteiras, consistindo na maior preocupação, em seguida o beber, que possui a inteira quarta seção e por último as outras quatro coisas não

naturais, claramente em menor importância. O quadro abaixo mostra o número de citações de autores divididos por época e por seção do livro:

Quadro I – Citações/Seção/Época

	I	II	III	IV	V	Total
	16	63	314	57	29	479
Época						
Antiguidade	13	45	176	35	23	292
Idade Média		7	22	12	2	43
Renascimento	1	4	56	2	2	65
Idade Moderna	1	6	52	6	2	65
S/ Identificação	1	1	8	2		

A periodização adotada, como todas possui seu grau de arbitrariedade. Para simplificar foi adotada a periodização tradicional. A Antiguidade possui seus casos limítrofes, dados sobretudo pelos autores do contexto bizantino, tardo alexandrino, dos séculos V ou VI. Como Aécio de Amida e Alexandre Traliano. Neste caso, os autores foram entendidos como pertencentes à Antiguidade Tardia e constam no quadro acima no grupo da Antiguidade. O *Kiranides* é um texto de autoria e origens confusas, ainda muito discutidas e desafia estes enquadramentos. Ainda que seus livros tenham sido compostos e reunidos possivelmente a partir do século IV até a Baixa Idade Média – isso implica que provavelmente o livro que Henriquez teve em mãos fora uma versão bem adiantada e possivelmente o médico português só conheceu a versão latina do século XII, a única integral disponível até o século XVII – preferimos considerá-lo como pertencente à Antiguidade Tardia, posto que a obra foi escrita em grego, a datação de seu primeiro livro situa-se nesta época e seu contexto cultural de referência liga-se ao ambiente alexandrino ou de todo modo, ao mundo bizantino.

Os casos que transgridem as periodizações, contudo, são minoritários e não consistem em empecilho para a visão geral que queremos propor. Os autores medievais são apenas onze e os mais significativos são a própria Escola de Salerno ou os autores islâmicos

do contexto persa, como Hali, Avicena e Rasis. Outros como Arnaldo de Vila Nova ou Bartolomeu Ânglico entraram como Baixa Idade Média, ainda que pertencessem a um primeiro contexto do humanismo, pois situam-se no período em que o saber médico protagonizou a renovação intelectual europeia do ocidente, que podemos colocar como limite o século XIII. Nossa Idade Média se encurtou para abrir espaço ao Renascimento a partir dos autores do século XIV. Consideramos como pertencentes ao Renascimento aqueles autores pertencentes a um contexto em que a medicina já estava consolidada nas Universidades e que participaram de algum modo de um momento mais borbulhante, em que as tensões entre a medicina prática e teórica aumentaram pela introdução das novas traduções diretas do grego, o retorno às fontes gregas e latinas, a recusa ou crítica às fontes árabes, o surgimento de gêneros textuais e traduções difundidos pela imprensa até o período em que estas tensões levam às maiores turbulências de meados do século XVII. Este contexto mais turbulento, o da Revolução Científica, que na medicina se caracteriza principalmente pela introdução de novas correntes teóricas (o mecanicismo, o vitalismo e a medicina química, embora esta tenha origens anteriores) em disputa aberta com o galenismo e apoiadas nas várias descobertas deste século, sobretudo em anatomia e fisiologia, mas também na química. Este período em que o galenismo puro se refugia nas Universidades é uma época de renovação e de confronto, em que velhas ideias se atualizam pelo retorno das comparações teóricas. Pela falta de um nome melhor, classificamos os autores deste último período, que vai do século XVII até 1721, a data da publicação da primeira edição da obra, apenas como Idade Moderna. Autores que, dependendo dos critérios adotados, podem ser vistos como tardo renascentistas se encontram nesta classificação pela impossibilidade de verificar diretamente suas obras ou de obter informações sobre as mesmas. Assim, esta zona cinzenta constituiu um ponto fraco da periodização mais significativo que os anteriores.

Mas o que interessam são as proporções e não a exatidão dos números. Percebemos uma proporção semelhante entre as citações de contemporâneos (ou mais próximas) de Henriques e as obras renascentistas. As citações medievais podem ser consideradas como quase todas referentes a algumas poucas, porém grandes obras da medicina árabe, o que lhe dá alguma relevância. Contudo são as menções à Antiguidade que desequilibram as proporções, representando apenas um pouco menos que 2/3 do total de citações. Mas não devemos nos enganar e interpretá-lo como um retardatário em relação ao seu tempo ou como um defensor de ideias antigas contra as modernas. Isto fazia parte de sua época e a Antiguidade lida por Henriques foi uma Antiguidade baixo medieval, renascentista e moderna, escolhida, traduzida, editada, recriada e inventada por aqueles que inicialmente quiseram se distanciar dos autores árabes medievais e em seguida de toda uma época que chamaram de Idade Média, querendo refutá-la em bloco, e em seguida criticada, reavaliada e ainda perpetuada pelos contemporâneos de Henriques.

Os conjuntos de textos mais citados não surpreendem, são o *Corpus Galenicum*, citado setenta e oito vezes e o *Corpus Hippocraticum*, citado quarenta e oito vezes. Em seguida Plínio, o velho, que possui vinte e sete menções à sua enorme *Naturalis Historia*, distribuídas entre seis de seus trinta e sete livros: um de geografia mediterrânea, outro sobre a parreira e o vinho, outro sobre jardinagem, botânica e agricultura, dois sobre os usos medicinais de produtos marinhos e outro ainda sobre mineralogia. Em seguida Marcial e seus *Epigrammata*, fonte de versos de fácil memorização, que cumprem uma dupla função no livro de Henriques: dar-lhe eficácia pedagógica e conferir-lhe o prestígio de um clássico das belas letras – menos célebre, o *Liber medicinalis* de Quintus Serenus, citado apenas duas vezes, reuniu sessenta e três receitas em 1107 exâmetros cumpriu papel semelhante, ainda que fosse uma obra mais especializada, por se tratar de uma “poesia médica” (etiológica e terapêutica). Para sustentar o princípio do justo meio, por exemplo, Epigrama I: 57 [*Illud quod medium est*

atque inter utrunque probamus:/ Nec volo quod criciat nec volo quod satiat.] (AM, 2004, p. 40):

O que está no meio, entre um e outro, aprovamos:

Não quero nem o que torture, nem o que sacie.

Ou para o princípio da frugalidade, contra as desregradas mesas nobres, Epigrama X: 47: Banquete abundante e mesa sem arte [*Convictus facilis et sine arte mensa*] (AM, 2004, p. 50).

Depois dos *Epigramas*, o *Canon* de Avicena é o mais citado, obra que resistiu bem a diversos períodos de crítica intensa. Henriques o cita por vezes com a função de compará-lo aos ensinamentos de Galeno e de Hipócrates para dar razão aos gregos. Contudo, a maioria das citações é voltada para consolidar ensinamentos, como a célebre: “o vinho é o leite da senilidade” ou “Dar de beber vinho aos meninos é, na verdade, o mesmo que acrescentar fogo ao fogo em lenha leve” (AM, 2004, p. 238).

O grande farmacêutico compilador suíço, Jean Jacques Manget, é mencionado diversas vezes como a maior autoridade em seu campo e fonte principal das receitas, embora também tenham grande destaque para este fim Alexandre Traliano, Ulisses Aldrovandi e Dioscórides. Como autoridades de cunho geral, além de Hipócrates e Galeno, aparecem ainda a Escola de Salerno e Celso, além da Bíblia e das obras do próprio Henriques.

Algumas vezes também são citados em bloco e de cabeça (sem notações) os “Práticos”, pelos quais queria entender uma grande quantidade de autores de medicina prática do Renascimento e de sua época, que tiveram grande destaque nas novas descobertas e no tensionamento com a tradição na qual Henriques havia se formado, o galenismo, mas com os quais havia aprendido a dar razão aos modernos em diversos assuntos, ocupando um lugar importante. Isto se pode depreender também das outras obras que consultamos, de autoria do próprio médico português, a *Medicina Lusitana* (1710) e a *Dissertação dos humores naturais*

do corpo humano (publicada em 1715 junto a uma reedição da obra de Duarte Madeira, organizada por Henriques, o *Methodo de conhecer e curar o morbo gallico*, 1ª ed. 1683), excetuando o *Aquilégio medicinal* (1726). Trata-se de autores como Leonelo Flaventino, médico bolonhês; Santorio ou Sanctorius, médico e fisiologista italiano; Alessandro Benedetti, anatomista, médico e humanista italiano; Rembert Dodoens ou Dodoneo, botânico e médico flamengo, professor em Louvain; Plêmpio, anatomista holandês, professor em Louvain; Antoine Mizauld, dos mais influentes médicos do renascimento francês; os franceses Guillaume Rondelet, médico e naturalista, Lazare Rivière, médico de Louis XIII e professor em Montpellier, Louis Lémery (filho de Nicolas Lémery), botânico, médico de Louis XV, químico do Jardim do Rei e membro da Academia de Ciências; Felix Platter, médico suíço, montou um herbário em Berna e fez diversas experiências; Guillaume de Baillou, tardo renascentista francês que lançou as bases da epidemiologia moderna, desenvolvida no séc. XVIII; Theophile Bonet, anatomista suíço; Etmüller, médico alemão, professor de botânica, cirurgia e anatomia em Leipzig na segunda metade do séc. XVII; Johann Schröder, farmacologista da mesma época, que sintetizou o Arsênio em forma elemental; Daniel Sennert, médico alemão, defensor dos remédios químicos, Professor em Wittenberg; Friedrich Hoffmann, célebre médico, químico mecanicista contemporâneo de Henriques; Simon Pauli, médico e naturalista dinamarquês; Thomas Willis, descobridor do círculo arterial cerebral e cofundador da Royal Society de Londres; John Ray, naturalista inglês; dentre outros.

O quadro abaixo mostra os autores mais citados, com suas citações distribuídas por seção do livro:

Quadro II – Dos autores mais citados/Seção

Autores/personagens	Seção I	Seção II	Seção III	Seção IV	Seção V	Total
Galeno (II d.C. Pérgamo - Roma)	1	10	43	19	5	78
Hipócrates de Cos (V - IV a.C.) [Corpus Hippocraticum, V a.C. - II d.C.]	4	16	17	8	3	48
Plínio ("o velho" - I d.C.)	1		24	2		27
Marcial [poeta romano, famoso epigramista, I d.C.]	1	1	22	1		25
Avicena (Filósofo e médico persa, islâmico, 980 - 1037)		5	5	9		19
Mangeto [Johann Jacob Mangetus ou Jean-Jacques Manget, médico, alquimista, suíço, formado em Valence, em 1678; foi Médico de Frederico III de Brandenburgo, futuro Rei Frederico I da Prússia, autor da famosa Bibliotheca Pharmaceutico-Medica; 1652-1742]			18	1		19
Escola de Salerno (Escola de Medicina, sec. X-XIX)		1	8	2	1	12
Alexandre Traliano [Alexander Trallianus, de Tralles (Lydia), médico grego do VI séc. d.C.]			11			11
Ulisses Aldrovando [Médico e naturalista enciclopédico, fundador do Horto Botânico do Studio de Bologna; protomédico, fiscalizador da composição dos medicamentos nas drogarias, proibiu a "teriaga" em meio a grandes conflitos; vasta obra, boa parte publicada postumamente ou sem publicação; 1522-1605]			11			11
Dioscórides [Dioscórides Pedanio, médico, botânico, farmacêutico grego; I séc. d.C.]			9	1		10
Francisco da Fonseca Henriquez (1665 - 1731)		2	4	2		8

Celso [Aulus Cornelius Celsus, enciclopedista romano, I a.C. - I d.C.]	1	1	3	1	1	7
Aécio de Amida (V - VI d.C.) [Aetius Amidenus, médico bizantino da Mesopotâmia]			5	1		6
Bíblia		4	1		1	6
Práticos**	1	1	2	2		6

Abaixo elencamos as vinte obras mais citadas, com algumas informações importantes de algumas delas, sua distribuição pelas seções do livro, sua periodização e a tentativa de enquadrá-las em critérios de “gêneros” e assuntos, que por mais insuficientes, nos dão alguma noção dos tipos de leitura realizadas por Henriques. Ainda assim, somente cruzando a informação com a sua distribuição pela obra conseguimos entender a recepção da mesma, ou melhor, o lugar relativo da mesma na *biblioteca* de Henriques. Tomemos a exemplo as menções a Plêmpio, que não aparecem no quadro, as menções à *De alimentorum facultatibus* de Galeno e as menções a Celso, *De medicina octo libri*.

Vopiscus Fortunatus Plempius, médico e anatomista holandês, tradutor de Avicena, Professor em Louvain (Bélgica), polemizou publicamente com Descartes, refutando sua teoria que atribuía a circulação sanguínea ao calor do sangue e preferindo atribuí-la aos movimentos involuntários do coração. Aplicou princípios de Kepler à ótica e descreveu os seis músculos da anatomia ocular, a forma do cristalino e a causa muscular do estrabismo, publicados em sua *Ophthalmographia sive Tractatio de oculo* (1ª ed. 1632, 2ª ed. 1648, 3ª ed. 1659). Esta foi citada apenas uma vez (Livro V: Cap. 12), em que Henriques dava recomendações para lavar os olhos com água fria de folha de marmeleiro cozida contra as inflamações dos olhos (AM, 2004, p. 191). Já sua *Fundamenta seu institutiones medicinae* (1638, 1644, 1653, 1664), seu curso de Medicina para a Universidade, que seguia a ordem de exposição de Avicena (ele como outros holandeses tinham sido grandes tradutores de Avicena e de outros árabes na época moderna), é citada outras três vezes, todas para sustentar os princípios modernos da

digestão pelos ácidos fermentativos e suas consequências para a dietética (e para a posição de dormir), contra os antigos, bem como o conhecimento da anatomia do estômago (AM, 2004, p. 48, p. 63, p. 269). As poucas vezes que a obra foi convocada, Henriques escolheu o Livro 3 *De hygiene tractans* e o capítulo IV *quid cibus*,¹⁹ para consultar definições fundamentais da dietética moderna. Quando procedemos a uma breve comparação entre o *De hygiene tractans: Quae consistit in recto usu rerum non naturalium*,²⁰ ou “que consiste no reto uso das seis coisas não naturais” (AM, 2004, p. 31) e a *Âncora Medicinal*, descobrimos mais relações. O subtítulo do terceiro livro, que trás a definição do que é a dietética (baixo medieval até o século XVIII) “o reto uso das seis coisas não naturais” coincide com a primeira frase do Antelóquio da *Âncora*, que também já citamos. Isto os coloca na mesma tradição da dietética moderna, a medida que compartilham dos mesmos fundamentos.

A terceira edição (1653), no quinto capítulo *potus*, das bebidas, possui opiniões muito semelhantes às de Henriques na Seção IV, como a de que a função fisiológica da água é matar a sede e distribuir o quilo (nutrimento, produto da digestão) pelo corpo. Ambos negam que a água possa nutrir e excetuando aquelas bebidas da moda do século XVIII (chá, café, chocolate), ambos analisam as virtudes das mesmas bebidas (vinho, cerveja, sidra, mulso), consideram a boa água segundo os mesmos critérios tênue, leve, delgada, sem cheiro, sem sabor, clara e boa para cozinhar (legumes no texto de Henriques e carnes no de Plêmpio) (AM, 2004, p. 216)²¹ e enumeram na mesma ordem os tipos de água (*fontana, pluvia*,

¹⁹ PLEMPHII, Vopisci Fortunati. *Fundamentorum Medicinae*. Liber Tertius: De Hygieine Tractans: Quae consistit in recto usu rerum non naturalium. Editio Tertia Iterum Recognita, Interpolata, Aucta. Accedit Danielis Vermostij breve apologema pro authore Adversus dicteria & ineptias cujusdam (sic) item Doctorum aliquot in Academia Lovaniensi Virorum Iudicia De Pholosophia Cartesiana. Lovanii, Typis Hieronymi Nempaeve, 1653, p. 211-217.

²⁰ PLEMPHII, Vopisci Fortunati. *Fundamentorum Medicinae*. Liber Tertius: De Hygieine Tractans: Quae consistit in recto usu rerum non naturalium. Editio Tertia Iterum Recognita, Interpolata, Aucta. Accedit Danielis Vermostij breve apologema pro authore Adversus dicteria & ineptias cujusdam (sic) item Doctorum aliquot in Academia Lovaniensi Virorum Iudicia De Pholosophia Cartesiana. Lovanii, Typis Hieronymi Nempaeve, 1653, p. 208.

²¹ *Aquarum bonitas judicanda est ex colore, odore, sapore, hypochondriorum levitate, facili caloris & frigoris impressione, & carnis ac reliquarum rerum promptâ facilig(sic) coctione*. In: PLEMPHII, Vopisci Fortunati. *Fundamentorum Medicinae*. Liber Tertius: De Hygieine Tractans: Quae consistit in recto usu rerum non

putealis, fluvialis, lacustris, galcialis & nivosa).²² A breve comparação permite apenas indicar que há coincidências de ordem de exposição de princípios, além de alguns fundamentos importantes e estruturantes (como a fisiologia da digestão), bem como a menção, por parte de Henriques, ainda que poucas vezes, de Plêmpio para sustentá-los em sua obra. Isto é o suficiente para estabelecer alguma proximidade entre ambos, ainda que sustentada principalmente num conjunto comum de referências.

Comparativamente, o lugar da obra galênica mais citada *Sobre as propriedades dos alimentos*, demonstra sua concentração na Seção III e uma breve aparição na Seção IV. A obra é sem dúvida importante e era fonte de Henriques para uma Seção em que o mesmo faz um compêndio das propriedades de diversos alimentos, assunto para o qual a obra de Plínio é a mais citada e é tão citado quanto a obra de Manget. Trata-se de outro tipo de leitura, voltada a reunir informações de caráter prático e sem discussão teórica. A obra de Celso, *De medicina*, conta com apenas seis menções, mas é uma das poucas que está espalhada pelas cinco seções da obra, cobrindo tanto o papel de leitura de “fundamentos”, quanto aquele de consulta de elementos práticos. Em lugar próximo poderíamos colocar outra obra galênica, o *De sanitate tuenda*, obra paradigmática para o gênero dos tratados para a conservação da saúde e está distribuída pela obra quase toda, ainda que com apenas oito menções. Apesar disso, algumas citações são colocadas para demonstrar as diferenças em relação aos antigos, como na menção em que Henriques alude à preferência de Galeno e de Hipócrates por jantares maiores que os almoços, ao que Henriques responde que uma distinção como esta “não importa”, sendo critérios como a moderação mais importantes (AM, 2004, p. 69-70). Os

naturalium. Editio Tertia Iterùm Recognita, Interpolata, Aucta. Accedit Danielis Vermostij breve apologema pro authore Adversus dicitia & ineptias cujusdam (sic) item Doctorum aliquot in Academia Lovaniensi Virorum Iudicia De Pholosophia Cartesiana. Lovanii, Typis Hieronymi Nempaeua, 1653, p. 219.

²² PLEMPHII, Vopisci Fortunati. *Fundamentorum Medicinæ*. Liber Tertius: De Hygieine Tractans: Quae consistit in recto usu rerum non naturalium. Editio Tertia Iterùm Recognita, Interpolata, Aucta. Accedit Danielis Vermostij breve apologema pro authore Adversus dicitia & ineptias cujusdam (sic) item Doctorum aliquot in Academia Lovaniensi Virorum Iudicia De Pholosophia Cartesiana. Lovanii, Typis Hieronymi Nempaeua, 1653, p. 219; Cf. AM, 2004, p. 215-219.

Problemata do Pseudo-Aristóteles (citado como Aristóteles) aparecem para afirmar alguns princípios e demonstrar um erro dos antigos em uma ocasião das cinco em que é citado, a respeito das propriedades do vinho (quente e úmido para os antigos e quente e seco para os modernos) (AM, 2004, p. 231).

I. 2. Gêneros de referência: enciclopédias, comentários, terapêuticas, dietética, “vidas” e poesias

Dentre os gêneros, as obras que mais se destacam a primeira vista são as de caráter enciclopédico, seja os compêndios das farmacopeias, seja as histórias naturais, mas sobretudo as enciclopédias médicas – aquelas obras que objetivavam uma abordagem totalizante, que esgotassem ou quase os princípios sobre o assunto. Deste último tipo destacam-se o *Canon*, a *Alexandri Yatros Practica* (Traliano), *De medicina* e os *Tetrabiblios*. Além da farmacopeia de Manget, há a obra canônica de Dioscórides, o *De materia medica*, mas podemos considerar o assunto presente também nos outros tipos. Das obras de caráter dietético há as duas já citadas de Galeno, *De diaeta* de Hipócrates e o *Regimen sanitatis*, um “lastro” para a dietética moderna, produzido na forma de poema para facilitar a memorização. Os *Aphorismorum hippocratis* possuem um estatuto de leitura semelhante ao do regime salernitano, embora seja de um gênero distinto. O uso destas obras era a de fonte de máximas de doutrina médica. Diversas de suas máximas foram tão anotadas e repetidas ao ponto de se tornarem lugares-comuns. Tinham também a vantagem de permitirem facilmente interpretações diversas quando fosse o caso de conciliá-las com princípios modernos que afirmassem informações distintas.

O *Methodo medendi* de Galeno é uma obra terapêutica canonizada pelo próprio ensino universitário da Idade Moderna e aparece bem distribuído pela obra, em quatro seções,

cumprindo um papel de leitura de fundamentos. Já o *Commentarii In Hippocratis De Victus Ratione in Morbis Acutis* de Galeno é uma obra de Comentários a Hipócrates (no caso, a Do Regime nas Doenças Agudas, que também fazia parte do repertório de Henriques), das quais há outras dentre as 94 obras não representadas no elenco abaixo. Os Comentários eram de grande importância, pois representavam o “lastro” interpretativo da obra hipocrática, que era um conjunto muito mais desorgânico de textos. Podemos dizer que buscou-se nestas obras um “protocolo de leitura” de Hipócrates. Este permanecia sendo o primeiro “pai” da medicina, às vezes convocado para criticar o próprio Galeno, mas paradoxalmente, boa parte das vezes tratava-se do Hipócrates galênico, ou seja, do Hipócrates que Galeno ensinou a ler em seus comentários – passados pelo filtro da recepção e sistematização renascentista dos preceitos destas autoridades.

Em *Das águas, ares e lugares* do *Corpus hippocraticum*, Henriques encontra sua fonte principal a respeito da escolha das águas (direção das fontes d’água, tipos de rios, correntezas, movimento, temperatura, relação com o clima, o solo etc. etc.), e suas classificações. Nisto Henriques a relaciona também ao clássico tratado agrônômico de Columella, *De re rustica* e a uma obra de Platão, não identificada, possivelmente citada de memória. Mas também nas referências à relação da saúde e a natureza humana com o ambiente ou clima em geral: uma etnologia, que acredita num certo determinismo mais climático que ambiental e encontrava ecos importantes nesta obra: “As formas e os costumes dos homens seguem, em grande parte, a natureza da região” (AM, 2004, p. 36).²³ Neste aspecto Henriques a coloca em relação à obra galênica *Quod animi mores corporis temperamenta sequuntur* (Que as qualidades da alma dependem dos temperamentos do corpo), que procura fazer conexões semelhantes em relação à física e à psicologia, através da

²³ Cf. Cairus que o traduz da seguinte maneira “E, de fato, encontrarás geralmente os aspectos físicos dos homens e suas maneiras acompanhando a natureza da região”. HIPÓCRATES. *Ares, Águas e Lugares*. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 112.

noção dos temperamentos psico-físicos atrelada às áreas geográficas e e à obra de Cícero, *De natura deorum* (Sobre a natureza dos Deuses), que relaciona a condição do ar das regiões e dos alimentos que se consomem ao grau de inteligência das populações. De maneira etnocêntrica, presente de forma mais sofisticada no tratado hipocrático, a citação galênica associa os climas “temperados” (moderados) às propriedades temperadas (moderadas), logo melhores, de seus habitantes: “Homens que habitam região temperada excederam de longe no corpo, nos costumes, na inteligência e na prudência” (AM, 2004, p. 37).

Em obras como *Os Deipnosophistas* de Ateneu de Naucratis e mesmo em parte na *Bíblia*, buscava-se exemplos de “vidas”, como nas obras que não aparecem no quadro abaixo: as *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, 10 livros (Livro 1, Cap. 3: Quilo), as biografias e doxografias de Diógenes Laércio; as *Vidas dos varões ilustres*: 3 (Leão X, Pontífice Máximo) de Paulo Jóvio; a *Vida e Morte dos Imperadores Romanos*: 12 (Nerva) de Aurelius Victor; e a *Vida de São Paulo Eremita* de São Jerônimo; ou ainda as *Noites Áticas*, o grande compêndio de erudição de Aulo Gélcio e a *Periegesis Hellados* (Viagem em volta da Grécia, 10 livros). Estas são pouco citadas, predominantemente se encontram na Seção V, a parte em que o caráter “comportamental” é maior, em que princípios da moderação na alimentação são transplantados para a moderação nas emoções e ganham caráter moral mais explícito, pois não se encontra doutrina científica para justificá-la, apenas exemplos a imitar e outros a evitar, para o que Henriques prefere a busca de citações literárias em que personagens morrem de excessos de emoção, não importando se de alegria ou de tristeza. Em outras obras líricas Henriques encontrara princípios de vida a seguir, não necessariamente de pessoas ilustres, aliando preocupações estéticas, pedagógicas (exâmetros ajudavam a memorização) e tentando conquistar o leitor: os *Sermones* de Horácio, o *De Mosella* de Ausônio, a *Cynegetica* (poema didático sobre a caça, traduzido no Renascimento por Jean Bodin) de Oppiano de Apameia, o *Canzoniere* (Rerum vulgarium fragmenta) de Petrarca as *Metamorphoseon libri XV*

(Metamorfoses em 15 livros) de Ovídio, dos quais tira exemplos da vida frugal de Pitágoras (Livro XV, Pitágoras 96-115) e dois versos para sustentar o justo meio (Livro II, Phaeton) [*Altius egressus, caelestia tecta cremabis;/ Inferius, terras; medio tutissimus ibis.*] (AM, 2004, p. 52):

Ultrapassado local mais alto, queimarás o teto celeste

Ultrapassado local mais baixo, a terra; caminharás o mais seguro possível no meio.

Princípios a serem seguidos também podiam ser encontrados em obras que demonstrassem erudição, conferindo prestígio à obra de Henriques, como o prosímetro de Petronônio, o *Satyricon*, a lírica de Homero (Odisséia – apenas uma citação e indireta) ou ainda com a lírica da *Eneida* de Virgílio, da qual escolhe uma passagem para concluir sua obra de maneira agradável e amena, que expressasse o exemplo mais adequado de prazer moderado, pregado pelo autor e de certo modo, pela tradição dietética à qual se filiava, apenas uma conversação leve e uma caminhada em boa companhia [*Ibat Rex obsitus aevo,/ Et comitem Aeneam juxta, natumque tenebat/ Ingrediens, varioque viam sermone levabat.*] (AM, 2004, p. 285):

Caminhava o rei, com o peso dos anos,

E tinha perto o companheiro Enéias e o filho;

Avançava tornando leve o caminho com variada conversa.

Quadro III – Das vinte obras mais citadas/Gênero/Época/Seção

Obras	Gênero	Época	Citações	Seção
PLÍNIO, o velho. <i>Naturalis Historia</i> [História Natural, 1ª ed. 77 d.C., 37 livros; Livro 9, Geografia do Mediterrâneo ocidental; Livro 14, Plantas, a parreira e o vinho; Livro 19, Jardinagem, botânica e agricultura; Livro 31 e 32, Usos medicinais de produtos marinhos; Livro 37, Mineralogia]	Enciclopédia História Natural	Antiguidade (Império Romano)	33	I ; III ; IV
MARCIAL. <i>Epigrammata</i> [Epigramas]	Poesia epigramática	Antiguidade (Império Romano)	25	I ; II ; III ; IV
AVICENA. <i>Canon Medicinae</i> . [Canon de Medicina, traduzido pela E. de Salerno (séc. XI) pela E. de Toledo (séc. XII); Dezenas de edições completas foram impressas nos sécs. XV, XVI e XVII, a maioria na Itália, algumas com comentários e outras em compilações com doutrinas de Galeno e Hipócrates. Leitura obrigatória nas Universidades até o séc. XVIII, como Jena, Valladolid, Salamanca e Pádua.]	Enciclopédia Médica (Princípios Gerais, teoria das febres, teoria da crise, etiologia, sintomatologia, dietética, terapia, patologia, farmácia, cirurgia, psiquiatria)	Idade Média (Pérsia)	19	II ; III ; IV
GALENO. <i>De alimentorum facultatibus</i> [Das propriedades dos alimentos; Livro 1 (cereais, mel, legumes, forragem), 2 (frutas, ervas, raízes, hortaliças) e 3 (animais, vinho, conservas)]	Dietética	Antiguidade Tardia (Império Romano)	19	III ; IV
MANGET. <i>Bibliotheca Pharmaceutico-Médica</i> , Geneva e Colonia, 1703.	Farmacopeia	Idade Moderna (Suíça, França, Prússia)	18	III ; IV
ESCOLA SALERNITANA. <i>Regimen Sanitatis Salernitanum</i> , [Regime de Saúde Salernitano, XII-XIII séc. d.C.; 1ª ed. Impressa em 1480, com 364 versos e comentários de Arnaldo de Villanova, traduzido em quase todas as línguas europeias, chegou a quase 40 edições antes de 1501; sucesso editorial, em voga até o séc. XIX; nomes	Higiene/Regime - Poema didático (exâmetro)	Baixa Idade Média	12	II ; III ; IV ; V

alternativos: Flos Medicinae
Salerni e Liliun Medicinae.]

HIPP. <i>Aphorismorum Hippocratis</i> [Sectio 1 e 2, séc. IV a.C.]	Aforismos (Manual de Doutrina Médica)	Antiguidade Grega Clássica	11	II ; IV
ALEXANDRE DE TRALLES. <i>Alexandri Yatros Practica</i> [Doze Livros de Medicina]	Enciclopédia Médica	Antiguidade Tardia (Império Bizantino)	10	III
DIOSCÓRIDES. <i>De materia medica</i> , 5 livros. [Livro 2: Animais e ervas; Livro 5: parreira, vinho e minerais]	Farmácia, Botânica	Antiguidade (Império Romano)	8	III ; IV
GALENO. <i>De sanitate tuenda</i> [Da Higiene ou Da Preservação da Saúde]	Higiene (Preservação)	Antiguidade Tardia (Império Romano)	8	I ; II ; III ; IV
HIPP. <i>De diaeta</i> [Da Dieta]	Dietética (medicina e antropologia)	Antiguidade Grega Clássica	8	III
GALENO. <i>De methodo medendi</i> [Método Terapêutico, 14 livros, texto fundamental do ensino médico]	Terapêutica	Antiguidade Tardia (Império Romano)	7	I ; II ; III ; IV
BÍBLIA.	Livro Sagrado	Antiguidade	6	II ; III ; V
CELSO. <i>De Medicina libri VIII</i>	Enciclopédia médica (Dietética, Farmácia, Cirurgia)	Antiguidade (Império Romano)	6	I ; II ; III ; IV ; V
GALENO. <i>Commentarii In Hippocratis De Victus Ratione in Morbis Acutis</i> [Comentários a HIPP. Do Regime das Doenças Agudas]	Comentários de Medicina	Antiguidade Tardia (Império Romano)	6	II ; IV
AÉCIO DE AMIDA. <i>Tetrabiblios</i> ; Edição provável de Lyon, 1549 [Originalmente 16 livros de Medicina, reeditados no Renascimento em 4.]	Enciclopédia médica	Antiguidade Tardia (Império Bizantino)	5	III ; IV

ARISTÓTELES (PSEUDO).
Problemata [Problemas: Seção 1, Questões médicas; Seção 3, do uso do vinho e da intoxicação; Seção 6, Efeitos da posição do corpo e de seus costumes; Seção 14, Da influência da temperatura; Tem origens no Peripato do séc. III a.C., mas sua composição é do Séc. II d.C.]

Questões de Filosofia,
 Medicina, Ética

Antiguidade
 (Helenismo - Império Romano)

5

I ; II ; IV ; V

ATENEU. *Deipnosophistarum libri quindecim*; Livro 7

Diálogos de Filosofia

Antiguidade (Império Romano)

5

III

HIPP. *De aëre, aquis et locis*
 [Das Águas, Ares e Lugares, segunda metade do séc. V a.C. - escrito para o médico itinerante: enfoque na influência dos diversos ambientes na saúde e nas características humanas. Primeira parte: ventos, fontes de água, o clima e a localização das cidades; Segunda parte: ambiente e etnografia.]

Medicina (Etiologia, Geofísica e Etnografia) (médico itinerante)

Antiguidade Grega Clássica

5

I ; IV

I. 3. Francisco Henriques: leituras médicas e ensino de medicina

Francisco da Fonseca Henriques foi um médico português, Doutor pela Universidade de Coimbra e médico de Dom João V, nascido em 1665, em Trás-os-Montes, na cidade de Mirandela, de onde viria seu apelido, Doutor Mirandela. A formação médica portuguesa de então se sustentava, sobretudo, nas leituras dos clássicos gregos e latinos, além de alguns islâmicos medievais, como Avicena e Rasis, intérpretes no mundo persa e islâmico, da tradição grega. Já no reinado de D. João II, no fim do século XV, o Reino iniciara a aumentar a atenção para a prática médica, abrindo o Hospital de Caldas da Rainha, voltado para curas termais, e o Hospital Real de Todos os Santos, em Lisboa, que dividia os pacientes em enfermarias segundo a natureza da doença e o sexo do paciente. O Hospital conseguia curar

cerca de $\frac{3}{4}$ do total de seus pacientes.²⁴ Estes foram espaços muito importantes de formação e profissionalização médica. A tradução dos textos antigos em Portugal ocorrera no século XVI, no reinado de D. João III, numa tentativa de renovar a Universidade Portuguesa, no espírito do Renascimento. Henrique de Cuellar (castelhano) e Antonio Luís, professores de medicina da Universidade, empreenderam esforços de tradução direta do grego ao latim dos textos de Galeno, Hipócrates e Aristóteles. Henrique Jorge Henriques era responsável pelos estudos de higiene alimentar, tendo como base Avicena. Estas traduções e compêndios, que estavam acompanhados de comentários, críticas, interpretações, fundamentados na experiência de cada médico, passaram a constituir a base do ensino de medicina em Portugal e substituíram a leitura das traduções islâmicas dos textos antigos, consideradas pouco fiéis aos originais.²⁵

A leitura dos textos antigos privilegiava o *Corpus Hippocraticum* e o *Corpus Galenicum*, coleções de textos atribuídas aos gregos Hipócrates de Cós (sécs. V-IV a.C.) e a Galeno de Pérgamo (séc. II d.C.), muitos de autoria discutível, sobretudo os atribuídos ao primeiro, que reúne dezenas de textos que vão do séc. V a.C. ao II d.C., pelo menos. Mas para compreender as teorias desenvolvidas na Idade Moderna, precisamos ligá-las às interpretações surgidas na Baixa Idade Média, no contexto das renovações intelectuais impulsionadas pelas nascentes Universidades europeias. Grosso modo, as coleções antigas tinham sido perpetuadas até então, principalmente no mundo árabe e no mundo bizantino (de língua grega), mas muito havia se perdido no ocidente cristão.

²⁴ FURTADO, Júnia. Boticários e boticas nas Minas do ouro. In: STARLING, Heloisa Maria Murgel; GERMANO, Lígia Beatriz de Paula; SCHMIDT, Paulo. *Farmácia: ofício & história*. Belo Horizonte: Conselho Regional de Farmácia do Estado de Minas Gerais, 2005, p. 26.

²⁵ SILVA, J. Martins. Anotações sobre a história do ensino da medicina em Lisboa, desde a criação da Universidade Portuguesa até 1911 – 1ª parte. RFML 2002; Série III; 7 (5): pp. 237-249, p. 244-245.

I. 3-1. Recepções e traduções: Escola de Salerno

A escola médica situada em Salerno, no sul da Itália, já conhecida no século X, desempenhou papel fundamental na inserção da medicina no ensino universitário de então, atingindo o auge de sua importância nos séculos XII-XIII. Esta escola tinha origem na atividade do Mosteiro de Montecassino, onde se mantinham textos da tradição grega e provavelmente árabe, e na prática dos médicos que ganharam grande reconhecimento e que atuavam na cidade vizinha de Salerno. Escolas como a de Montpellier, na França, também tiveram importância, mas a salernitana deixou mais sinais de sua atividade. Salerno produziu diversos textos breves, como tratados anatômicos fundados na dissecação do porco, reuniões de receitas em seus “Regimes” (como o famoso *Regimen sanitatis salernitanum*, mais célebre nas impressões da Idade Moderna que na Idade Média) ou as “Práticas”, que reuniam descrições de doenças e tratamentos. Comentários e traduções do século XI e XII tiveram papel decisivo na formação do ensino médico. Estes gêneros textuais foram feitos pensando provavelmente nas lições para os estudantes. A reunião destas lições foi publicada no Renascimento com o título de *Articella* (pequena arte), que se tornou um importante livro de fundamentos de medicina até o século XIII.²⁶ Os textos comentados e traduzidos no séc. XI, do grego, depois reunidos neste título são: *Aforismos*, *Prognóstico* e *Sobre o regime nas doenças agudas*, do *Corpus Hippocraticum*; *Sobre a arte médica* de Galeno; *Sobre as urinas* de Teofilo Protospatario (sécs. VI e VII); *Sobre o pulso*, possivelmente pseudo-galênico; e a *Ysagoge* de Iohannitius (em árabe: Hunain Ibn Is’haq; séc. IX), versão editada e traduzida de fragmentos do compêndio árabe de escritos galênicos, *Questões sobre a medicina*, que tinham

²⁶ ARIKHA, Noga. *Passions and Tempers: A History of the Humours*. Harper Collins e-books. Mobipocket Reader November 2008, p. 77.

sido elaborados, por sua vez, a partir de textos introdutórios ao galenismo, antes utilizados por mestres da Escola de Alexandria dos séculos V e VI.²⁷

Segundo a classificação das ciências de então, a medicina era uma arte mecânica e não se incluía nas sete artes liberais: o *trivium*, gramática, retórica e dialética; e o *quadrivium*, aritmética, geometria, astronomia e música. Contra isso, os comentários e introduções às traduções salernitanas conseguiram modificar a divisão tradicional das artes liberais, chegando a uma divisão da filosofia (conjunto do saber humano) em três ramos: Ética, Lógica e Teórica. A última abrangia a Metafísica, a Matemática e a Física. Esta era entendida segundo a definição de Boécio (séc. V-VI), como “o estudo das coisas não abstratas da matéria e sujeitas ao movimento” ou como ciência da natureza, abarcando tanto a física dos astros quanto a física do mundo sublunar, espaço da geração e da corrupção. Desta Física fazia parte, a medicina. A divisão entre teoria (ciência das causas) e prática (ciência dos signos) não conduzia a uma separação rígida entre as mesmas, pois para merecer o nome de *practicos* era exigido o conhecimento da teoria que embasava a terapêutica. Aqueles que exerciam a prática sem teoria eram desprezados como *simplices operadores*. Surgiram diversas visões do assunto, mas de modo geral, predominou nas Universidades europeias a concepção da medicina ligada à Física, como ciência natural. Neste desenvolvimento, segundo Jacquart, estaria localizada a gênese do modelo do profissional médico erudito, “cuja ação terapêutica se funda sobre a pesquisa das causas, com base nos princípios da medicina galênica”.²⁸

A Escola de Salerno, facilitada pela sua localização geográfica, permaneceu em contato com a cultura grega e com a cultura árabe e iniciou, no fim do século XI, a divulgação de seus textos médicos, ainda que sob um ponto de vista predominantemente helenizado.

²⁷ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 272.

²⁸ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 274.

Constantino Africano, originário de uma comunidade cristã do norte da África, radicado em seguida em Salerno, foi um importante tradutor do séc. XI. Constantino traduziu textos que haviam permanecido em estudo no norte da África e no Oriente islâmico, de autores dos séculos IX e X, que haviam retrabalhado a tradição galênica grega, pela herança da Escola de Alexandria, ativa ao menos até o séc. VII, quando ocorreu a invasão árabe. As diversas traduções de Constantino por vezes recriavam partes dos textos, omitiam ou resumiam informações e eram apresentadas como sendo de sua autoria. Tratava-se de verdadeiras edições e possuíam um projeto maior de ensino e prática da medicina. Sua importante tradução do *Ysagoge*, utilizado até o fim da Idade Média como texto introdutório à medicina galênica, por exemplo, trocava os termos helenizados por termos latinos de compreensão mais fácil no ambiente ocidental.²⁹ Constantino definiu seu público em três tipos de leitores: os que liam a medicina para praticá-la, os que a liam para enriquecer seu saber e os que buscavam ambos os objetivos.³⁰ De fato, o sucesso de seu projeto foi determinado pela sua habilidade em adaptar as obras que traduziu aos interesses intelectuais do público erudito do ocidente em geral, introduzindo noções que teriam muita longevidade na circulação do conhecimento.

Noções como a de “compleição” (temperamento “resultante das misturas das qualidades primárias em um corpo natural”), associada à física dos elementos e dos humores,³¹ nos quadros da tradição galênica, tornaram-se centrais nas Universidades a partir da adoção de suas traduções. Mas é certo que entraram também na circularidade da cultura em geral, difundindo-se por um público que viu na medicina uma fonte de renovação do saber ocidental, por ter sido a primeira a receber e retrabalhar as fontes árabes, como atestam suas influências no movimento enciclopédico do século XIII. O franciscano Bartolomeu Ânglico,

²⁹ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 268.

³⁰ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 310.

³¹ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 275.

professor em Paris, foi um dos primeiros expoentes deste movimento e ilustra um pouco esta circularidade. O *De proprietatibus rerum* (Da propriedade das coisas, em 19 livros), de sua autoria, por exemplo, foi traduzido para o occitano, francês, inglês, holandês, alemão e italiano até o século XIV e o encontramos dentre as referências de Francisco Henriques, já no século XVIII, como uma de suas obras de consulta de receitas. Cumpria função semelhante em sua biblioteca, a de livro de consulta de receitas, o *Liber Pantegni*, tradução de Constantino Africano, citada pelo médico português sem dar a referência precisa da obra, o que pode indicar uma leitura de maior familiaridade.

O *Liber pantegni* foi das mais importantes traduções de Constantino Africano. O título pseudo-grego, significa literalmente “toda a arte”. O título árabe é *Kamil as-sina'at-tibbiyya* (Arte Médica Completa), escrito pelo médico persa de origem zoroastriana, Al-‘Abbas Al-Majusi, conhecido no ocidente como Hali Abbas, da segunda metade do século X. Este texto fora um manual altamente sistematizado, que criticava seus antecessores pela incapacidade de realizar um manual completo.³² Sua capacidade de sistematizar o saber médico determinou-lhe a sorte que teve no ocidente. A republicação do *Pantegni*, em versão impressa em Lyon em 1515 e na Basileia em 1539, durante o Renascimento,³³ além de sua presença entre as obras citadas por Francisco Henriquez, atesta, junto ao sucesso da obra, a importância deste tipo de leitura.

No contexto de renovação intelectual das primeiras Universidades da Europa Ocidental, iniciado, no campo médico, no século XI, na Escola de Salerno, o caráter rigidamente sistemático do manual de Hali, traduzido por Constantino, foi para os médicos

³² STROHMAIER, Gotthard. La ricezione e La tradizione: La medicina nel mondo bizantino e arabo. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 199-200.

³³ Ver nota 16 em JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 316.

européus “o que de melhor poderia haver para o estudo e a consulta”.³⁴ A busca por manuais de consulta indicava um modo de leitura dominante nas Universidades de então, que buscava leituras exegéticas e discussões (em voz alta ou como consultas silenciosas) de fragmentos, chamados então em latim de *puncta*. Isto facilitava as reuniões em compêndios, facilmente consultáveis, do que poderia ser considerado o básico ou essencial da disciplina. Assim como os estudos de direito e de teologia, a prática da leitura se concentrava na exegese e discussão destes fragmentos selecionados, em detrimento das leituras integrais.³⁵ Outros modelos de ensino inaugurados em Salerno, como a *lectio*, interpretação e exegese das obras, deu origem aos livros de comentários; a *quaestio* também tomava por modelo os juristas e teólogos e consistia em um método de apresentação e resolução de questões, surgidas de dificuldades de interpretação textual. Este modelo retomava o texto pseudo-aristotélico, *Problemata* ou Problemas (séc. III a.C. – II d.C.),³⁶ que reunia questões diversas de filosofia ou medicina, sem ligação direta com algum texto específico, e propunha após cada questão, a sua resolução. Não por acaso estes problemas também tiveram origem durante as discussões de uma escola, o Perípatos dos seguidores de Aristóteles, que devem ter sido motivados mil e duzentos anos antes, por preocupações didáticas semelhantes às dos autores das *Quaestiones* da Escola de Salerno e depois das Universidades europeias.

³⁴ STROHMAIER, Gotthard. La ricezione e La tradizione: La medicina nel mondo bizantino e arabo. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 200.

³⁵ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 277.

³⁶ Texto de autoria discutida entre os autores. Seguimos Mario Vegetti, para o qual a reunião dos “problemas” teria começado no início do III séc. a.C., ainda no Perípatos, escola dos seguidores de Aristóteles (séc. IV a.C.) e teria reunido também um material de seguidores de Teofrasto, embora a forma que chegou até nós seja do séc. II d.C; o autor ainda aponta que características materialistas e não teleológicas, que o afastam do pensamento aristotélico: Ver nota 20 em VEGETTI, Mario. La medicina ellenistica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 115-116; Danielle Jacquart o considera de autoria de Aristóteles. Cf. JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 315.

I. 3-2. A recepção do Canon de Avicena no ocidente

Marcada pelas mesmas preocupações didáticas e sistemáticas se deu a recepção do *Canon* de Avicena (980-1037), escrito na Pérsia islâmica e traduzido pela Escola de Salerno no século XI e mais tarde na Escola de Toledo, por Gerardo de Cremona, no século XII.

Dentre as traduções latinas, o *Canon* foi a obra mais impressa entre os séculos XV e XVI, ficando atrás apenas da Bíblia.³⁷ Dezenas de edições completas deste manual enciclopédico foram impressas entre os séculos XV e XVII, a maioria na Itália, muitas com comentários e outras em compilações com doutrinas de Galeno e de Hipócrates. O *Canon medicinae* fora leitura obrigatória nas Universidades até o século XVII em locais como Jena e Louvain e até o XVIII em Pádua e nas Universidades espanholas de Valladolid e Salamanca, embora não fosse adotado pela totalidade dos professores.³⁸ Francisco Henriquez, em sua *Âncora Medicinal*, o cita dezenove vezes e, dentre as obras, é a terceira mais citada. Além do caráter enciclopédico, que facilitava as consultas para aplicação dos saberes, o sucesso dos manuais médicos de Hali e de Avicena, residia na proximidade com a filosofia de Aristóteles, grande autoridade no ocidente cristão, sobretudo com a doutrina dos quatro elementos (ar, água, fogo, terra) conectada ao conhecimento interno do corpo humano, da natureza dos órgãos, que também era uma herança de Galeno, outra grande autoridade.

As contradições entre Galeno e Aristóteles foram conciliadas por Avicena, geralmente preferindo o segundo, como na polêmica sobre o papel da mulher na reprodução humana. Galeno havia sustentado que a mulher também possuía um princípio que dava forma e vida aos embriões, enquanto para Aristóteles este papel era da matéria seminal masculina e a mulher se limitava a nutrir e promover o crescimento dos embriões no útero. Neste caso,

³⁷ STROHMAIER, Gotthard. La ricezione e La tradizione: La medicina nel mondo bizantino e arabo. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 207.

³⁸ AVICENNA xiii. The influence of Avicenna on medical studies in the West. Captado em: Encyclopaedia Iranica <http://www.iranicaonline.org/articles/avicenna-xiii>. Último acesso em 29 de Junho de 2014.

Avicena preferiu Aristóteles, ainda que tentasse, em seu esforço conciliatório, não refutar integralmente as opiniões de Galeno. O pensador persa também foi um dos poucos a seguir Aristóteles na opinião de que a sede da alma racional se encontraria no coração e não no cérebro como entendia Galeno.³⁹ Embora não tivessem realizado dissecações, o interesse pelo conhecimento do corpo humano, presente nas obras da tradição árabe, ajudou a reavivar nas Universidades europeias, o estudo da anatomia, ainda que se tratasse de uma “anatomia especulativa”, como a de Avicena.⁴⁰ Além disso, sua obra influenciou decisivamente a escolástica médica do ocidente, por propor a fusão entre filosofia e medicina, garantindo-lhe um posto mais elevado na hierarquia dos saberes – a teoria era a *scientia scientialis*, que estudava os princípios e a prática era a *scientia operativa*, que estudava a qualidade daquilo que seria operado⁴¹ – e por ser, dentre os islâmicos, um dos que menos incorreu em questões que pudessem ser consideradas heréticas para o cristianismo, ganhou o lugar de intérprete principal de Aristóteles na Baixa Idade Média ocidental. Este sucesso no ocidente transcendeu os limites do ensino de medicina e ofuscou os demais manuais médicos da tradição árabe.

A leitura do *Canon* ainda contribuiu com as noções psico-fisiológicas da medicina europeia, com a teoria das faculdades cerebrais. O “senso comum” era a faculdade que intermediava a “imaginação” e a “virtude estimativa”. A imaginação criava as imagens vindas das impressões sensíveis e a virtude estimativa era responsável pela distinção ou juízo. Desta forma, suas noções sobre as faculdades cerebrais davam centralidade à experiência sensível e não definiam uma origem fisiológica para o pensamento. Este, por sua vez, continuava

³⁹ ARIKHA, Noga. *Passions and Tempers: A History of the Humours*. Harper Collins e-books. Mobipocket Reader November 2008, pp. 377, p. 67.

⁴⁰ STROHMAIER, Gotthard. La ricezione e La tradizione: La medicina nel mondo bizantino e arabo. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 208.

⁴¹ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 301.

assentado num princípio transcendental, o que não ameaçava o discurso teológico da ausência de corporeidade da alma espiritual e facilitava a aceitação da psico-fisiologia de Avicena.⁴²

Apesar disso, já no século XIV, o *Canon* recebera fortes críticas no ocidente. A mesma característica que lhe dava operacionalidade para o tipo de leitura buscada no estudo de medicina, foi razão de críticas severas, o esquematismo foi considerado excessivo e muitos acreditaram que era necessário voltar *ad fontes* e ler os originais gregos. O catalão Arnaldo de Vilanova (? – 1311), médico e teólogo heterodoxo, conhecedor do árabe e do grego, comparou, com acesso aos originais, os textos árabes de Avicena ao grego Galeno. Apesar de ter se inspirado no *Canon* para defender a submissão da teoria à terapêutica, para Arnaldo de Vilanova Avicena havia feito uma leitura superficial de Galeno.⁴³ O médico defendeu então um “retorno a Galeno”, considerado mais fecundo que o manual de Avicena, avaliado como simplificador das ideias do médico grego.⁴⁴ Este tipo de postura estimulou os médicos europeus a buscar os textos gregos conservados nas bibliotecas bizantinas e deu impulso a um novo movimento de tradução e recepção dos mesmos, do qual fizeram parte importante as escolas ibéricas.

I. 3-3. Humanismo e Renascimento: o retorno *ad fontes* e a “teoria dos humores”

Para Jacquart, no entanto, os pensadores do Renascimento foram mais herdeiros da Idade Média que da Antiguidade, embora seja difícil se libertar da imagem que os renascentistas construíram de si próprios, como pensadores originais que romperam com o

⁴² JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 311-312.

⁴³ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 287.

⁴⁴ STROHMAIER, Gotthard. La ricezione e La tradizione: La medicina nel mondo bizantino e arabo. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 209.

pensamento medieval através do “retorno” aos textos antigos. O autor cita como contribuições decisivas do medievo à medicina moderna, “a criação de uma pedagogia, a oficialização da prática da dissecação (...) [e] a sua característica principal consiste na reflexão sempre renovada sobre o sentido de seu modo de proceder”.⁴⁵ Esta reflexão levou à escolha, entre os séculos XI e XII, do galenismo, apenas uma das várias correntes médicas antigas trabalhadas no medievo, como a doutrina comum da medicina ocidental. Nesta escolha teria tido papel central, como já explicamos, a tradução de Constantino Africano do *Pantegni*. Em sua edição do livro, ele apagara todas as referências que Hali fazia a seus antecessores árabes e, utilizando uma fonte também árabe, “inseriu no princípio do livro o índice dos dezesseis livros ou grupos de livros contidos no cânone galênico da Escola de Alexandria”. Sem dúvida que esta edição, cujos motivos se desconhecem, influenciara decisivamente na escolha doutrinal do ocidente, pois este livro fora um de seus primeiros manuais. A partir de então, o ocidente esteve “em busca constante do pensamento de Galeno”.⁴⁶

A recepção criadora do Renascimento pode ser verificada na invenção da “teoria dos humores”. Esta época fora profundamente obediente às autoridades e muito do que se criava era atribuído às autoridades antigas, o que era reforçado pela vontade de se separar da tradição árabe. Foi o caso da teorização sobre os humores. Apesar da centralidade do *retorno ad fontes* e da busca pela fidelidade às autoridades antigas não podemos dizer que esta foi uma atividade apenas imitadora. Um de seus frutos foi a sistematização de um conjunto teórico conhecido como “teoria dos humores”. Apesar da autoimagem de seguidores da Antiguidade, esta teorização encontrava seus correspondentes apenas em parte das noções e autoridades antigas. Não podemos dizer que houve entre a Antiguidade e a Baixa Idade Média propriamente uma “teoria dos humores”. Interessa compreender a sistematização particular

⁴⁵ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 261.

⁴⁶ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 270.

destas noções da forma como foram lidas e, certo modo, inventadas a partir do trabalho dos tradutores, que como vimos editava e às vezes recriava os textos segundo as necessidades do público erudito do ocidente latino (os que queriam aprender medicina para praticá-la e os que viam na mesma uma oportunidade para renovar e sofisticar seu saber), no contexto do nascimento das Universidades.

As diversas noções aprendidas nos textos antigos e medievais estudados nas Universidades europeias ganharam uma sistematização maior, por estar voltada para os fins didáticos, a ver a criação de manuais, de comentários, a seleção dos trechos significativos de cada autor a serem recortados e reconectados num mosaico próprio dos estudantes e professores ou ainda a prática das disputas entre estudantes, a leitura em voz alta das citações canonizadas (*lectio e puncta*). O interesse em garantir um estatuto nobre à medicina conectando-a à filosofia num primeiro momento também foi importante. Em seguida também o crescimento dos fins práticos, isto é das produções voltadas para a prática médica e portanto da seleção daquelas categorias que melhor respondiam a isto, deixando em segundo plano as divergências filosóficas que estas poderiam suscitar. O movimento vulgarizador que esteve presente desde o princípio das traduções teve seu papel nas simplificações, mas estas também ocorriam para atender às necessidades das obras de caráter enciclopédico que surgiram no século XIII e ganharam muita força a partir da difusão permitida pela imprensa dos séculos XIV a XVII. Tudo isso somado á reverência pelas autoridades gerou necessidades de eliminar ou reduzir as contradições entre os autores ou internas a eles próprios e este movimento é o que nos permite falar em “teoria dos humores”. O *Corpus hippocraticum* era uma composição assaz heterogênea do ponto de vista de várias questões. Para citarmos apenas duas: no tratado *Dos ventos* (fim do séc. V a.C.) as doenças são atribuídas principalmente ao ar, enquanto todo

o resto seria secundário,⁴⁷ já no *Da natureza do homem* (fim do séc. V a.C.) apenas as doenças que atingem a muitos ao mesmo tempo, as epidemias, são atribuíveis ao ar, todas as particulares são atribuídas ao modo de vida, sobretudo a alterações bruscas, que tem a alimentação, a evacuação/repleção e o exercício/descanso como fundamentais; além disso estabelece-se o vínculo das estações com as doenças, pelo predomínio de um humor a cada estação, desequilibrando a justa proporção das misturas internas.⁴⁸ Este mesmo tratado, considerado aquele que estabelece a doutrina dos quatro humores, sequer utiliza a palavra *humor* mais de uma vez e apenas no seu último parágrafo.⁴⁹ Ainda assim, os tradutores posteriores fizeram a opção por traduzir palavras distintas com o mesmo termo, humor. Nos textos antigos trata-se sobretudo de fluidos, mais que dos humores. Ainda assim, este é o texto que estabelece a conexão dos quatro fluidos básicos com as quatro estações, bem como a noção de saúde como a mistura harmoniosa “em proporção, em propriedade e em quantidade” dos quatro humores no corpo. Por outro lado, encontra-se neste mesmo texto a crítica e a recusa das teorias que conferiam aos elementos o papel de constituírem o corpo humano: “Digo, pois, não ser o homem, por completo, nem ar, nem fogo, nem água, nem terra, nem nenhum outro elemento que não é manifesto no interior do próprio homem”.⁵⁰ Para ele os humores existiam porque os quatro eram vistos quando eliminados pelo corpo humano, nos vômitos, nas feridas, nas degolações etc..

Apenas no *Corpus galenicum* se poderá encontrar a conexão entre os humores e os quatro elementos, que faziam parte da física aristotélica. Ainda assim, nem mesmo Galeno

⁴⁷ JOUANNA, Jacques. *Hippocrates*. Trad. M. B. DeBevoise. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1999, p. 378.

⁴⁸ HIPÓCRATES. *Da natureza do homem*. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 45-47.

⁴⁹ Ver nota 56: HIPÓCRATES. *Da natureza do homem*. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 43.

⁵⁰ HIPÓCRATES. *Da natureza do homem*. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 42.

forneceu um todo teórico estruturado e coerente sobre os humores.⁵¹ Em *Sobre as causas das doenças* são estabelecidas quatro doenças elementares e quatro doenças compostas, causadas pela imoderação do modo de vida, alimentação, bebidas, putrefações internas e mudanças bruscas de temperaturas, que resultam num “mau humor” quente ou frio.⁵² Apesar da referência ao “mau humor”, as quatro qualidades básicas (quente, frio, seco, úmido) são mobilizadas para explicar as causas das doenças sem passar necessariamente pela articulação com os quatro humores básicos.

Nos textos antigos há divergências quanto a muitos pontos e houve diversas outras vertentes do pensamento médico antigo, anteriores ou contemporâneas a Galeno, o que não nos permite atribuir às suas ideias ou às atribuídas a Hipócrates um caráter orgânico ou hegemônico na Antiguidade. Estes textos não haviam sido produzidos à sua época com os mesmos propósitos, também não compartilhavam das mesmas necessidades teóricas do período renascentista. Um tratado *Dos humores* procurou realizar uma teorização mais sistemática da base quaternária que liga os humores, às qualidades básicas, aos elementos, às estações, às cores, aos órgãos e aos sabores. As causas das doenças estavam relacionadas aos distúrbios emotivos, à alimentação aos exercícios físicos ou outros motivos que alterassem o equilíbrio correto dos humores no corpo. Além disso, ainda estabeleceu um método para diagnosticar as doenças, levando em conta seis aspectos a serem observados pelo médico: a idade, o período do ano, a dieta, o lugar, as erupções cutâneas e as cores.⁵³ Este tratado fora atribuído a Galeno, quando se tratava de um tratado renascentista, ou seja, de um Pseudo-Galeno. Provavelmente os estudiosos humanistas e renascentistas, que retomaram a leitura da

⁵¹ VEGETTI, Mario. Galeno. In: GAZZANIGA, Valentina (a cura di). *Corpo e salute nel mondo antico* (Collana di Storia della Scienza). E-book Treccani. Istituto della Enciclopedia Italiana, 2012.

⁵² GALENO. *Sulle cause delle malattie*. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 57-71.

⁵³ GALENO (Pseudo). *Sugli umori*. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 26-30.

tradição antiga, sentiram a necessidade de uma teoria mais estruturada e coerente.⁵⁴ Ao acessar estes textos, muitas vezes contraditórios e pouco claros, conforme constatou Henriques, atribuindo pouca clareza a Hipócrates (AM, 2004, p. 221), seus leitores acabaram “inventando” a “teoria dos humores”, fundada na autoridade de textos hipocráticos e galênicos, durante o processo de recepção dos mesmos.

As novas ideias científicas que emergiram na época moderna tardaram a inserir rupturas decisivas nesta teoria ou ao menos não o suficiente para eliminá-la do quadro teórico elementar do pensamento médico moderno. Esta era orientada em dois pares de oposição: as qualidades fundamentais eram oriundas do sensório (quente-frio e seco-úmido). Estes, por sua vez, compunham quatro elementos básicos e quatro humores (fluidos) do corpo humano (sangue, fleuma, bile amarela e bile negra). O ar estava relacionado ao sangue por serem ambos quentes e úmidos; a água e a fleuma eram frias e úmidas; a bile amarela e o fogo, quentes e secos; a terra e a bile negra, frias e secas. As correspondências se estendiam às unidades de mensuração do tempo, as quatro estações do ano (primavera/sangue/ar; verão/bile amarela/fogo; outono/bile negra/terra; inverno/fleuma/água). Os quatro temperamentos (unidades psico-físicas) ou compleições básicas dos seres humanos decorriam do predomínio de algum humor na natureza de cada indivíduo: assim, o sanguíneo tendia a ser mais vivaz; o fleumático mais sonolento, letárgico e eventualmente obeso; o colérico (correspondente à bile amarela) poderia ser de temperamento mais irascível e por ser excessivamente quente e seco tendia a não queimar os nutrientes na digestão, permanecendo com uma compleição “seca”, magra; o melancólico (bile negra) estava associado à tristeza, à velhice, à morte.

O Quadro abaixo é um exemplo das possibilidades oferecidas pela fisiologia humoral, contidas no tratado pseudo-galênico. Percebe-se a importância dos sabores, das

⁵⁴ MORAND, Anne-France. Mistura das qualidades e determinação da saúde em Galeno: aspectos químicos e cósmicos. In: PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz (org.). *Saúde dos antigos*. Loyola, São Paulo, 2009, 203-216 pp., p. 213.

cores, das sensações térmicas, bem como as causas e efeitos psíquicos e materiais. Além disso, este tratado possui a peculiaridade de associar a fleuma à velhice, fria e úmida, quando normalmente encontramos a bile negra associada à mesma. O sangue é associado à puberdade, quente e úmida; a bile amarela à juventude e a bile negra aumentaria com a idade. Estranhamente, a adolescência aparece separada da puberdade, como pertencente a um humor análogo ao da puberdade, porém superior. Assim também a “flor dos anos”, presume-se a maturidade logo após a juventude, era tida como seca e fria.⁵⁵

Quadro IV: Humores segundo o Pseudo-galênico *Sobre os humores*

	1ª qualidade	2ª qualidade	Elemento	Estação	Cores	Sabores	Órgãos	Causas	Efeitos
Sangue	Quente	Úmido	Ar	Primavera	Vermelho	Doce	Fígado, Veias, Narinas	Carne, aves, ovos, alimentos são e fáceis de cozinhar	Alegria, disposição
Bile amarela	Quente	Seco	Fogo	Verão	Amarelo, amarelo pálido, vermelho, verde pálido, gema de ovo, verde azulado e azul púrpura	Amarga	Bexiga, Áreas ao redor do fígado e das orelhas	Stress, raiva, traumas emocionais, cansaço, exercícios, insônia, jejum e fome	Raiva, estímulos sexuais, prepotência
Fleuma	Frio	Úmido	Água	Inverno	Branca	Neutra, salgada, pungente ou doce	Estômago, Lombos e Boca	Sono, água, frutos do mar, comidas úmidas, viscosas com partículas densas	Moleza, perda de memória e letargia
Bile negra	Frio	Seco	Terra	Outono	Escura esverdeada como azeite	Azeda	Área abaixo do fígado, Baço e Olhos	Causas “mais complexas”	Nocivo: Comportamento enganador, vingativo e teimoso

O estado de saúde tanto do corpo, como da alma, estava ligado à ideia da “mistura” (*krasis*) das qualidades e dos humores: a *eukrasia*, “justa mistura” ou equilíbrio era o estado de saúde, enquanto a *diskrasia*, a mistura em desequilíbrio, era o estado de doença. O desequilíbrio da natureza humana desencadearia forças da própria natureza para reestabelecer

⁵⁵ GALENO (Pseudo). *Sugli umori*. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 26-28.

o equilíbrio. Cabia ao médico apenas ajudar neste processo, procurando identificar as causas (geralmente numa mudança abrupta de costume) e a natureza da doença (diagnóstico), compreendendo as especificidades de cada paciente; determinar a evolução da doença (prognóstico) e dar recomendações para o reestabelecimento da saúde, no sentido de intervir sobre a evolução da doença, segundo a justa medida para cada paciente (terapia). Portanto, as mudanças não eram só qualitativas, mas também quantitativas, pois era necessário medir o grau de desequilíbrio e ajustar a terapia segundo o mesmo para restabelecer a “justa mistura” de cada humor, segundo padrões de equilíbrio particulares de cada paciente. Assim, além do modo de vida, o médico poderia lançar mão de sangrias, vomitórios ou purgas para contrapor os estados pletóricos (repleção, excesso de algum humor), tomando o cuidado para não exagerar e provocar estados caquéticos (debilitados, falta).

O jogo combinatório quaternário permitiu buscar diversas outras correspondências (com os ventos, as idades humanas, as paixões da alma, os astros, as plantas, os animais etc.). Sua plasticidade residia na possibilidade de operar distinções básicas, sustentadas na confiança na experiência sensível, e de reconduzir a diversidade de casos particulares que a medicina se propunha a tratar, a conjuntos de variáveis seguras, que tornavam possível a individualização do paciente, a atenção ao particular, e uma necessária organização e classificação da natureza, das pessoas e das doenças.

I. 3-4. Heranças da Escola de Alexandria e consolidação do ensino médico

Consolidou-se durante o Renascimento, a separação entre medicina teórica e medicina prática, garantiu-se o lugar de ciência à medicina, pela sua fusão com a filosofia, desvalorizando aqueles saberes considerados exclusivamente práticos ou que destoavam desta doutrina, condenando como charlatães aqueles que se situavam fora deste estilo de

pensamento. Antes disso, os manuscritos copiados nos mosteiros apresentavam grande heterogeneidade e eram, sobretudo, de caráter prático, elencando receitas e compêndios de farmacopeia. Quanto aos poucos textos hipocráticos traduzidos ao latim durante a Alta Idade Média, segundo Jacquart, constavam apenas *Aforismos, Sobre as doenças das mulheres, Sobre as semanas, Sobre a natureza humana, Sobre o regime e Ares, águas e lugares*. Os textos galênicos eram apenas *Sobre as seitas, Sobre a arte médica* e fragmentos do *Método terapêutico*. Além de várias coleções apócrifas, circulavam também partes das enciclopédias bizantinas, como as de Oribásio, Paulo de Egina e Alexandre de Tralles ou Traliano.⁵⁶ Estas foram legadas pela herança (comum a latinos e árabes) da Escola de Alexandria, dos séculos V e VI d.C.. A obra de Traliano ainda fazia parte das leituras de Henriques na Idade Moderna, com o nome de *Alexandri Yatros Practica* (Doze livros de medicina).

Da Escola de Alexandria, o ensino médico ocidental herdou a divisão dos objetos das disciplinas, através da separação entre a parte teórica e a parte prática. A primeira era voltada para um saber que queria ser puramente especulativo e desinteressado, sobre a fisiologia e as disfunções do corpo humano. O isolamento desta parte “puramente” teórica permitiu à medicina, como já acenamos, galgar um status mais elevado no quadro do sistema de valores de então, como disciplina nobre, afastada do mundo do trabalho manual. Ainda nesta primeira parte, as classificações comuns a subdividiam em três outras partes, a “fisiologia”, a “etiologia” e a “semiologia”. A “fisiologia” seria o estudo das seis *res naturales*: os quatro elementos do universo, as compleições ou temperamentos, os humores, as partes sólidas do corpo, as faculdades ou virtudes, as operações.⁵⁷ A tripartição das virtudes ou faculdades estava ligada à tripartição da alma, segundo a síntese galênica de uma discussão que tinha

⁵⁶ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 264.

⁵⁷ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 266.

origens em Platão e Aristóteles: a virtude animal (da *anima* = da alma), situada no cérebro; a virtude vital, situada no coração; a virtude natural, situada no fígado.

O estudo da virtude animal (da alma) abriu as portas ao estudo das emoções e do comportamento, área do saber contestada com os teólogos, os quais até a Idade Moderna, juntamente com os legisladores (com as leis penais) garantiram uma autoridade superior à dos médicos neste assunto, sem, no entanto, excluí-los totalmente desta seara.⁵⁸ A faculdade animal era dividida entre racional, sensorial e motriz. A parte racional era composta pela memória, pelo juízo e pela imaginação, à qual competia a percepção e formação das imagens fornecidas pelos sentidos. As faculdades localizavam-se cada uma em uma localidade particular do cérebro. A parte prática também pertencia à reflexão, mas em função da ação terapêutica. Esta era subdividida entre conservação da saúde e tratamento da doença, englobando a cirurgia, a farmacopeia e a dietética.⁵⁹ As versões latinas dos comentários da Escola de Alexandria, produzidas entre os sécs. VI-VII, lançaram as bases da medicina escolástica, mas somente com as primeiras traduções dos textos árabes, consolida-se esta tradição.⁶⁰ Em outras versões ocorreu a adição de uma *res naturalis*, os espíritos ou *pneumata*, responsáveis por veicular as virtudes. Assim haveria os espíritos naturais, vitais e animais (ou psíquicos).

I. 3-5. A “tentação astrológica”

Outro aspecto importante, para a estruturação do saber médico, foi dado pela relação da medicina com a astrologia. Nos quadros da cosmologia aristotélica, a filosofia natural

⁵⁸ Cf. EDLER, Flávio Coelho e FREITAS, Ricardo Cabral de. O “imperscrutável vínculo”, corpo e alma na medicina lusitana setecentista. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 29, nº 50, p. 435-452, mai/ago 2013, p. 442; JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 267.

⁵⁹ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 266.

⁶⁰ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 267.

assentava-se sobre as noções do corpo como microcosmo, ou “mundo pequeno”, e do universo como macrocosmo, ou “mundo grande”. Segundo esta visão o mundo estaria organizado sobre uma “hierarquia de movimentos”, que teria início a partir de um “Motor Primeiro”, transmitindo movimentos até a esfera da Terra, incluindo os seres vivos. Um continuum ligava o corpo humano ao universo, de um modo em que sua organização interna dependia da organização do mundo. A “tentação astrológica”⁶¹ fazia-se atraente aos médicos, como modelo explicativo de algumas alterações fisiológicas. Para seus adeptos, os movimentos dos astros estariam relacionados ao prognóstico de doenças. O ensino de medicina na Universidade requeria dos estudantes estudos iniciais nas outras artes, como a astronomia, o que favorecia a adoção da astrologia médica. Autoridades antigas em astronomia, como Ptolomeu (séc. II d.C.), também acreditavam na influência dos astros no corpo e as traduções árabes e latinas do século XII também valorizavam a astrologia. Textos como *Ares, águas e lugares* do *Corpus Hippocraticum*, embora estimasse a astronomia principalmente como forma de conhecer as estações e somente então tirar conclusões sobre os corpos, também abriam a possibilidade de leituras que valorizassem a relação da medicina com o estudo dos astros, através do uso de passagens como:

Tendo tomado o conhecimento das mudanças das estações, e dos nascimentos e ocasos dos astros, e de como cada um deles ocorre, poderá saber de antemão como será o ano. Alguém que se propuser a perquirir dessa maneira (...) poderá saber sobre cada caso (...) [e] agir com correção em sua arte. (...) a astronomia tem lugar na medicina, e não um lugar pequeno, mas realmente grande; pois as cavidades mudam nos homens de acordo com as estações do ano.⁶²

Cada planeta e cada signo possuía um par das quatro qualidades fundamentais (quente, frio, seco, úmido). As mesmas qualidades que estruturavam a composição do corpo, dos órgãos e das compleições no galenismo. A Lua, por exemplo, move as águas dos mares e portanto regia os fluxos do corpo em geral, e a cabeça (tida como úmida), portanto poderia ser

⁶¹ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 306.

⁶² HIPÓCRATES. *Ares, Águas e Lugares*: II.2-II.3. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 95.

associada à coriza ou a dores de cabeça. A aplicação da astrologia era utilizada também para prever as grandes epidemias, reajustar a dieta e a terapêutica em geral. A principal fonte médica antiga neste assunto era *Sobres os dias críticos* de Galeno, onde se podia ler, no terceiro livro, que as doenças crônicas dependiam do curso do Sol e as agudas da Lua e se sugeria um método para prever os dias de crise, com base na astronomia. A opinião expressa no *Canon* de Avicena defendia que o médico não se preocupasse com as causas distantes das doenças, como as ligações com os astros, mas que se concentrasse nas causas próximas, mantendo a independência da medicina.⁶³

Danielle Jacquart sugere que a razão da crescente adoção da astrologia pelos médicos durante o Renascimento se encontra no aumento da pressão social por mais eficácia na prática médica e por outro lado nas crenças populares (barbeiros consultavam as tábulas astrológicas para determinar a hora das sangrias, por exemplo). Mesmo os opositores da astrologia acreditavam que o médico poderia fingir que a estava utilizando para agradar o paciente. A Peste do século XIV evidenciou a ineficácia dos médicos e também teria contribuído a aumentar a pressão para a formação de profissionais com uma prática mais eficaz. Esta moda se estendeu ao menos até o século XVI, tendo consequências ambíguas. Para alguns isto significava o “retorno à magia natural” e o afastamento da reflexão sobre os fundamentos da arte médica, para outros significava a possibilidade de dominar técnicas de cálculo e de medição apuradas, bem como dos complexos instrumentos para isso, apurando a observação e aproximando-se da matemática. Isto teria levado muitos médicos a se destacar na construção de instrumentos astrológicos e de outras máquinas.⁶⁴ A tentação de explicar e buscar opções terapêuticas por meio da astrologia permaneceu altamente em voga na medicina até o século

⁶³ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 307.

⁶⁴ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 308-309.

XVIII, sobretudo nas publicações de circulação popular, como o *Lunário Perpétuo* (1703),⁶⁵ um conhecido volume de medicina astrológica e popular, muito difundido no Império Português.

Pertenceu a este ramo dentre os médicos, o judeu sefardita Abraão Zacuto ou Zacuto Lusitano (1452–1515), mais conhecido como astrônomo, natural de Salamanca, onde foi professor de astronomia e astrologia na Universidade. Zacuto foi autor de “O Grande Livro” ou “A Grande Composição”, que reunia távulas astronômicas de fácil utilização. A obra escrita em hebraico e traduzida inicialmente ao castelhano e depois ao latim foi de grande importância. Suas távulas astronômicas foram amplamente utilizadas na navegação em sua época e após ter sido expulso da Espanha, mudou-se para Portugal, onde se tornou “astrônomo real” de Dom João II (1482-1495) e de Dom Manuel I (1495-1521). Durante o período que passou em Portugal, inventou um astrolábio próprio para determinar a latitude no mar, que foi de grande auxílio às caravelas portuguesas. Após a expulsão dos judeus de Portugal, em 1497, Zacuto mudou-se para o Norte da África e depois para Jerusalém, aonde faleceu em 1515. Sua obra astronômica teria sido traduzida ao latim por Joseph Vizinus (José Vizinho) em Leiria (Portugal), em 1496, com o título de *Almanach perpetuum*, reimpressa em 1498, 1502, 1525 e 1528, em Veneza.⁶⁶ Zacuto também fora autor de uma importante obra médica do gênero *Practica, a Praxis historiarum*, impressa diversas vezes até o século XVII, que também se encontra dentre as obras de referência de Francisco Henriques. Esta obra reúne diversas observações de casos das grandes autoridades (Galeno, Avicena, Rasis etc.) ou de seus contemporâneos (como o francês Symphorien Champier ou o português Tomás Rodrigues da Veiga), na ordem tradicional das doenças nos lugares do corpo, *a capite ad*

⁶⁵ *O Non Plus Ultra do Lunário e Prognóstico Perpétuo geral e particular para todos os Reinos e Províncias, composto por Jerônimo Cortez, Valenciano, emendado conforme o expurgatório da Santa Inquisição, e traduzido em Portuguez por António da Silva de Brito. E no fim vae acrescentado com uma invenção curiosa de uns apontamentos e regas para que se saibam fazer prognósticos e discursos animaes sobre a falta ou abundância do anno, e um memorial de remédios universaes para varias enfermidades*, Lisboa, 1703.

⁶⁶ GOLDSTEIN, Bernard R. Abragam Zacut’s Signature: A Mystery Solved. *Aleph: Historical Studies in Science and Judaism*, Volume 11, Number 1, 2011, pp. 159-167, p. 159-160.

calcem (da cabeça aos pés), mais uma *Practica* ordenada da mesma forma, em pequenos capítulos. É importante notar que o termo *historia* foi utilizado até o século XVII no sentido da narrativa do particular, reuniões de *particularia* de casos de doenças, quando foi substituído por *observationum*, antes preferido para o geral, no sentido de comentário ou síntese – mudança devida ao sucesso de algumas obras que utilizaram o termo, no sentido do particular. Estas buscavam inserir-se na tradição das Epidemias do *Corpus Hippocraticum*, que reuniam observações de casos particulares por médicos viajantes, textos redescobertos apenas na Idade Moderna.⁶⁷

I. 3-6. Teoria e prática: verificar *de visu* e compartilhar as experiências

A recepção e tradução dos textos galênicos e a herança das leituras de Avicena e Hali, também tiveram papel fundamental para a consolidação da prática da dissecação, ou na maioria das vezes, da observação da mesma, no âmbito do ensino Universitário. Ainda segundo Jacquart, as divergências entre descrições anatômicas presentes nos textos das autoridades, entre os séculos XI e XIV, “conduziam a verificar *de visu*”⁶⁸ quem tinha a razão. O *Colliget* do filósofo andaluz, Averróis (1126-1198), também incentivava claramente a abordagem experimental da anatomia. Seu estatuto era ambíguo, pois seu objeto pertencia a uma das sete *res naturalis*, as partes sólidas do corpo, portanto com lugar dentro dos estudos de teoria, mas seu método de estudo estava necessariamente ligado à prática. De modo que nos programas de ensino algumas partes dos textos anatômicos entravam no programa teórico e outros no programa prático. As fontes galênicas fundamentais na renovação da anatomia foram o *Sobre as utilidades das partes corpo humano*, traduzido no século XIV e os

⁶⁷ COSTE, Joël. La médecine pratique et ses genres littéraires en France à l'époque moderne. Captado em: <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histmed/medica/medpratique.htm>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

⁶⁸ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 297.

Procedimentos anatômicos, no século XVI, que teve sua primeira parte publicada em 1529 e em 1531. O trabalho dos tradutores era fundamental, pois, para superar Galeno foi necessário conhecê-lo. Estes textos estabeleciam critérios interpretativos para se acessar os corpos. Muitos recorreram aos cemitérios para obter corpos para dissecação e a Igreja não ofereceu resistência a essa prática, nesta época. Algumas dissecações foram feitas por médicos e cirurgiões no princípio do século XIII, voltadas para autópsias no âmbito da perícia para esclarecer casos de assassinatos, portanto fortemente ligadas às necessidades do direito. Apesar disto, é possível que, antes do fim do século XIII, muitos médicos realizassem dissecações humanas com seus próprios propósitos (muitos foram processados por roubar cadáveres nos cemitérios), sem torná-las públicas, pois ainda não era um princípio claro, a necessidade de compartilhamento da experiência com a comunidade médica. Desta época em diante, a partir de Bolonha, as Universidades começaram a organizar dissecações humanas públicas, que se incorporaram ao ensino de anatomia. Até o século XVI buscavam-se as seguintes variáveis: número dos membros, sua natureza, o lugar, o tamanho relativo, a forma e as conexões. Se os próprios livros possuíam um protocolo de acesso, o chamado *accessus ad auctores*, que procurava orientar a leitura a partir de informações prévias que a direcionassem (como ramo filosófico do autor, sua utilidade, intenções etc.),⁶⁹ os textos de anatomia forneciam um protocolo de leitura do corpo, que “antes de ser ‘visto’ era ‘lido’”.⁷⁰

O sentimento da necessidade de transmissão da experiência e a revalorização da prática levaram os médicos a escreverem seus *casus* com o objetivo de partilhá-los com a comunidade médica. Esta prática se difundiu a partir da Universidade de Bolonha pela Europa, durante o Renascimento e deu origem ao gênero dos *Consilia*. Estes relatavam casos vividos ou inventados, apresentando as variáveis a serem consideradas no tratamento de um

⁶⁹ Ver nota 16 em JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 316.

⁷⁰ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 299-300.

paciente, sua idade, personalidade, status social, ambiente, compleição, sintomas, causas, dietas e terapêutica. Estas reuniões de casos práticos eram uma oportunidade de divulgar sucessos (e insucessos alheios) e obter prestígio no meio médico. A tradução do *Continens* (em árabe: *al-Hawi*) de Rasis (865-925), realizada por Gerardo de Cremona, da Escola de Toledo, no século XII, está relacionada ao crescimento do interesse pela prática e pela sua transmissão,⁷¹ bem como à vulgarização para um público não especializado, de “regras fáceis, próximas ao simples bom senso, sem verbosidades teóricas”.⁷²

Arnaldo de Vilanova se inspirou justamente em Rasis, nesta época, para defender a subordinação da teoria à prática e o compartilhamento das experiências entre os médicos. A obra enciclopédica era uma grande compilação póstuma dos cadernos de notas do médico persa, Rasis, feita por seus discípulos. Rasis trabalhara no Hospital de Bagdá, onde teve a oportunidade de observar e de registrar diversos casos clínicos. Pensador que questionou o aristotelismo, Rasis viveu em uma época de grande ebulição cultural, em que muitos dogmas ainda não haviam se consolidado no pensamento islâmico, destoando em muitos aspectos de autores posteriores, como Avicena. O século IX foi tido como a época de ouro do reino Abássida e em ambientes multiculturais como o de Bagdá, havia uma grande quantidade de estudiosos e médicos de diversas origens. A biblioteca Bayt Al-Hikma havia se tornado neste período o principal centro de reunião, cópia e tradução dos textos gregos de diversas áreas, incluindo a medicina. A herança greco-latina se enriqueceu, sobretudo, com a chegada de estudiosos indianos, mas também com a conservação de textos sânscritos e sírios.⁷³

A experiência de Rasis no Hospital e sua reflexão sobre a mesma se beneficiara deste ambiente criativo. O *Continens* reunia suas observações clínicas, de curas e casos de outras

⁷¹ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 304.

⁷² SOTRES, P. Gil. Le regole della salute. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 408-409.

⁷³ ARIKHA, Noga. *Passions and Tempers: A History of the Humours*. Harper Collins e-books. Mobipocket Reader November 2008, pp. 377, p. 49.

autoridades (da tradição islâmica, grega, indiana, síria e sânscrita), além de dietas, fármacos, doenças (descritas segundo os lugares do corpo: da cabeça aos pés) e terapias, febres, feridas externas, dermatologia (importantes descrições dos sintomas da varíola), vermes, mordidas de animais, venenos, uroscopia. Apesar da diversidade de tradições que Rasis tinha como fonte, cada seção de sua obra era aberta com uma citação de algum trabalho de Galeno sobre o assunto. Ainda assim, o médico persa criticara Galeno toda vez que a observação de seus casos contradizia as descrições do médico grego.⁷⁴ Esta característica que submetia a teoria à prática valeu-lhe um lugar importante na formação médica a partir do Renascimento, período em que os professores de prática se tornaram mais numerosos que os professores de teoria nos cursos universitários de medicina.

Contudo, as noções que direcionavam o olhar dos dissecadores aos poucos foram sofrendo as pressões da experiência e o resultado tendia para a separação entre prática e teoria. No século XVI, esta tensão foi o que levou Andreas Vesalius (1514-1564), a protestar contra a separação entre prática e teoria ou entre técnica e ciência, no seu *De corporis humani fabrica libri septem* (A fábrica do corpo humano em sete livros – 1543). O médico, anatomista belga estudou em Louvain e Paris, foi professor de anatomia e cirurgia em Pádua. Seu mestre, Gunther Von Andernach, foi o tradutor da versão dos *Procedimentos anatômicos* de 1531, a mais difundida. Ele também havia sido influenciado por Rasis e sua primeira obra (1537) foi justamente uma paráfrase ao nono livro do médico persa, *Paraphrasis in nonum librum Rhazæ medici arabis*. Na sua *Fabrica*, Vesálio criticara fortemente a anatomia galênica, o que lhe valeu críticas muito fortes por parte de seus pares e mestres e para amenizar a polêmica, na edição de 1555 (terceira), que se tornou o modelo das edições seguintes, dentre outros ajustes, atenuou as críticas contidas em suas *disputationes* contra

⁷⁴ HĀWI, AL-. Captado em: Encyclopaedia Iranica <http://www.iranicaonline.org/articles/hawi-medical-book> Último acesso em 29 de Junho de 2014.

Galeno.⁷⁵ No prefácio da obra, ele denunciou o processo pelo qual os médicos imbuídos de um preconceito imitado dos antigos romanos, o desprezo pelo trabalho manual, foram deixando os aspectos manuais de seu trabalho aos escravos: “a cozinha e preparação da comida para os doentes foram deixadas aos enfermeiros, a dosagem dos fármacos aos farmacêuticos, as operações manuais aos barbeiros”.⁷⁶ Com o tempo, apenas a prescrição de fármacos e dietas ficou na alçada dos médicos e o restante abandonado aos cirurgiões, vistos apenas como escravos. A divisão deixou a prática da anatomia aos cirurgiões e engendrou nas Universidades o sistema, que Vesálio chama de “odioso”, em que as dissecções eram realizadas por uma pessoa enquanto a outra, o Professor de medicina, era responsável pela explicação com base nos livros da tradição. Enquanto este assumia a função com ostentação livresca, o outro para Vesálio ignorava “a arte do falar” e não era capaz de explicar algo sobre a dissecação aos estudantes. Com este sistema, aos estudantes se ensinaria “menos de quanto um açougueiro, de seu balcão, poderia ensinar ao doutor”.⁷⁷ O apelo pela união entre teoria e prática na medicina era ao mesmo tempo a condenação do professor diplomado sem técnica e do dissecador ignorante, sem teoria, tão douto quanto um açougueiro. Vesálio ensinou por apenas seis anos, entre 1537 e 1543, mas foi justamente este período que lhe proporcionou um “vai-e-vem” entre a rotina do ensino, a experimentação anatômica, a verificação de dogmas da doutrina médica e a escrita, que foram fundamentais para tais questionamentos. O próprio lugar dos livros não saiu ileso deste processo. No lugar do livro como grande autoridade, este defendeu um uso do mesmo e praticou uma leitura, que colocava o livro como “um auxiliar (...) do ensino *de visu*”.⁷⁸

⁷⁵ VONS, Jacqueline. Les “Anatomies” d’André Vésale (1514-1564). Captado em: http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/vesale.htm#_ftnref18. Último acesso em 29 de junho de 2014.

⁷⁶ VESALIO, A. *De humani corporis fabrica*, Basileae 1543, prefácio. Apud ROSSI, Paulo. *I filosofi e le macchine 1400-1700*. Milano: Feltrinelli, 2ª Ed., 2007, p. 31.

⁷⁷ VESALIO, A. *De humani corporis fabrica*, Basileae 1543, prefácio. Apud ROSSI, Paulo. *I filosofi e le macchine 1400-1700*. Milano: Feltrinelli, 2ª Ed., 2007, p. 31.

⁷⁸ VONS, Jacqueline. Les “Anatomies” d’André Vésale (1514-1564). Captado em: http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/vesale.htm#_ftnref18. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

Ainda assim, os Práticos da época de Vesálio teriam conseguido “manter o difícil equilíbrio entre teoria e prática”, o que não foi mais possível de se sustentar no século XVII, quando processo de ruptura entre uma e outra já teria se consumado.⁷⁹ Aos poucos os principais lugares de renovação do saber (médico e não só) iam se localizando fora da Universidade, que tinha se tornado um ambiente mais hostil aos questionamentos. Com isso também o papel da medicina no quadro geral da ciência se modificou. Se, como vimos, no fim da Idade Média, do período das primeiras traduções de Salerno, no século XI, ao movimento enciclopédico do século XIII, num período de menor conflito entre práticos e teóricos, a medicina fornecera ao homem erudito do ocidente em geral, aquelas obras aonde este poderia buscar fontes de renovação do seu saber, no século XVII a situação estava bastante alterada. “A degeneração da teoria, o rebaixamento ao nível da doutrina aparecem ligados à separação, que progressivamente se reforçou entre a técnica e ciência, entre o trabalho das mãos e a elaboração das teorias científicas”.⁸⁰ O processo de “rebaixamento” da teoria “ao nível da doutrina” descrito por Rossi ocorreu sobretudo no âmbito do ensino Universitário. Já na metade do século XV, o ensino de teoria na Universidade teria se reduzido a uma “espécie de propedêutica”,⁸¹ ou seja, limitando seu potencial de renovação teórica iniciado com a recepção, tradução e discussão dos textos árabes, gregos e latinos, para consolidar um conjunto de noções básicas mais estáveis.

Segundo Rossi, no Seiscentos e no Setecentos, as Universidades mantiveram algumas atividades de pesquisa apenas em medicina e matemática, mas sem incorporar as novidades da filosofia mecânica e experimental e de disciplinas como a botânica, a zoologia, a química, a astronomia e a física. Os lugares principais de difusão das inovações seriam as

⁷⁹ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 305.

⁸⁰ ROSSI, Paulo. *I filosofi e le macchine 1400-1700*. Milano: Feltrinelli, 2ª Ed., 2007, p. 30.

⁸¹ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 306.

novas academias científicas, que aceitavam professores, artesãos e pessoas de qualquer origem, a partir dos quais se publicavam os periódicos, livros e atos que iriam influenciar os demais ramos do saber. Entretanto, não podemos considerar este quadro como uma paralisação teórica para o pensamento médico. A atividade e reflexão de muitos médicos (mesmo diplomados) no século XVII e XVIII foram bastante profícuas. Quanto aos motivos da permanência ou da dificuldade de corrosão do sistema fornecido pelo galenismo na medicina, apesar da efetiva resistência conservadora das Universidades, convém problematizá-lo fora do prisma do atraso, o que faremos mais adiante na análise dos aspectos teóricos da obra de Francisco Henriques da Fonseca.

I. 4. Gêneros textuais: práticas e leituras médicas

Alguns tipos de trabalhos publicados pelos Práticos, que podemos dividir em gêneros, teve papel importante no processo que acabamos de descrever até o século XVII e constituem boa parte da base que compõe e ajuda a explicar a *biblioteca* de Francisco Henriques. Para melhor situarmos esta biblioteca, optamos pela abordagem dos gêneros textuais, que nos possibilita agrupar uma boa parte das obras, de acordo com critérios que nos possibilitam colocar em relação, ao menos em parte, as diversas tradições que confluem no mosaico teórico de sua obra, que formam o quadro referencial cultural no qual ela se insere e que é ao mesmo tempo trabalhado pela mesma. São, portanto, as pistas deixadas pelas leituras de Henriques em sua escrita, que nos informam sobre os distintos lugares destas obras.

Desde o século XIV, os quatro gêneros principais eram, os *Consilia* ou reuniões de *particularia* (casos), *Practicae* (Práticas), *Regimina* (Conservação da saúde) e as Farmacopeias ou Antidotários. A difusão destes gêneros, entre o fim da Idade Média e o século XVII, teve o efeito de aumentar esta tensão entre teoria e prática, detonadas pelas

pressões sociais por eficácia sobre a profissão e pelas contradições fermentadas no âmbito universitário, entre a garantia de nobreza à medicina, nos quadros das artes liberais (dignas de homens livres) e as necessidades cada vez mais prementes de por a tradição à prova das verificações práticas. Estes gêneros inicialmente teriam tido a intenção de verificar, por meio da “observação *de visu et de tactu*”⁸² valorizada no Renascimento, e muitas vezes de confirmar os princípios teóricos dominantes. Mas para Jacquart, pressionados pela experiência, terminaram por “contribuir à sua [teoria] progressiva desintegração”.⁸³

Outro tipo importante de textos médicos trabalhados pela *biblioteca* de Henriques são as *Institutiones medicae* ou *Institutiones medicinae*, cursos ou lições de medicina, que procuravam abarcar os fundamentos da disciplina, segundo os critérios de algum mestre. Estas poderiam estar estruturalmente ligadas a algum dos demais gêneros, como a *Fundamenta seu institutiones medicinae*⁸⁴ do médico e anatomista holandês Plêmpio, publicada seguindo a ordem de exposição de Avicena, ainda que tenha sido acrescentada com as contribuições do debate do autor com Descartes após a primeira edição. As *Institutiones* de Etmulerus ou Michael Ettmüller, publicadas por se filho homônimo em 1708, bem como as de Lazare Rivière (1656) e as de Daniel Sennert (1611) estavam mais relacionadas à medicina prática.

As obras de Henriques que consideramos mais importantes, a *Medicina Lusitana* (1710, 1731 e 1750) e a *Âncora Medicinal* receberam parte da influência destas tradições. Na primeira o autor fez confluir diversos elementos, mas predominam os aspectos práticos e terapêuticos. O primeiro de seus tratados aborda a Puericultura, isto é, a criação das crianças, pelo que o autor decide partir de um ponto de vista filosófico para chegar a temas de

⁸² VONS, Jacqueline. Les “Anatomies” d’André Vésale (1514-1564). Captado em: http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/vesale.htm#_ftnref18. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

⁸³ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 305.

⁸⁴ *Fundamenta seu institutiones medicinae*, Louvain, Zegers, 1638 1ª ed.; 1644; 1653; 1664.

educação, alimentação, o regime de vida em geral e o tratamento das afecções mais comuns. A parte I, “da vida do homem antes de nascer” é, sobretudo, teórica, mas com as contribuições das descobertas da anatomia moderna; na parte II, o predomínio é terapêutico, seguindo a ordem das doenças, com um prelúdio sobre a educação das crianças; a parte III é um tratado inteiramente sobre febres; em seguida o autor anexou um *Tratado único sobre os usos do azougue* (mercúrio), nos casos em que os médicos o proibiam, em que o autor parece retomar a tradição dos *particularia*, reunindo observações de casos incompletos; na edição de 1731 é anexada ainda uma *Dissertação sobre os humores naturais do corpo humano*, obra essencialmente fisiológica. Já a *Âncora Medicinal* insere-se sobretudo na tradição dos Regimes de saúde ou dos tratados de higiene (conservação da saúde) e em parte também na tradição das farmacopeias.

I. 4-1. *Practica*

O gênero da *Practica* surgido na Baixa Idade Média com o crescimento da oposição entre a prática e a teoria médicas, foi muito utilizado durante o Renascimento. A forma medieval era composta de capítulos curtos abordando aspectos etiológicos, semiológicos e terapêuticos das doenças *a capite ad calcem* (segundo os órgãos, “da cabeça aos pés”). Doenças que não se qualificavam como afecções de um órgão em particular, as “doenças gerais”, como as febres, eram apresentadas separadas da ordem tradicional, antes ou depois da mesma. Pertencem a este tipo, a *Praxis medicinalis* de Arnaldo de Vilanova, escrita no princípio do século XIV e reeditada até 1586 e mais adiante a *Medicina practica* de Daniel Sennert, de 1629 e a *Praxis medica* de Lazare Rivière, de 1640. Outros, a partir do século XVI, refutaram a ordem tradicional de apresentação das doenças, preferindo utilizar critérios etiológicos e fisiopatológicos (tipos de doenças, seus sintomas e alterações na fisiologia) ou ainda por critérios de prática médica (apresentação das doenças e seus prognósticos, seguidos

da terapêutica, dos regimes, remédios simples, remédios compostos, cirurgia etc.). O anatomista Alessandro Benedetti esteve entre aqueles que evitaram o termo *practica*, publicando em 1539 o *Omnium a vertice ad calcem morborum signa, causae, indicationes et remediorum compositiones utendique rationes* (citado uma vez por Francisco Henriques), provavelmente sob influência de uma nova referência tornada disponível em versão completa (antes só havia fragmentos), o *Methodus medendi* de Galeno, traduzido pelo humanista inglês Thomas Lynaker ou Linacre e impresso em Paris em 1519. O mesmo pode-se dizer de Guillaume Rondelet (1507-1566) e mais ainda de Jean Fernel (1497-1519), outros práticos influentes do período. As leituras deste novo texto galênico, de caráter principalmente terapêutico, estimularam a renovação do gênero das *practicae*, levando à ênfase nas classificações das doenças ao invés da ordem das partes do corpo. Fernel fez escola separando a patologia da terapêutica em sua *Therapeutique universelle*, cuja terceira parte foi publicada em 1554 e completada postumamente em 1655. Estes gêneros exclusivamente terapêuticos paralelos contribuíram para canonizar o *Methodus medendi*, que tornou-se obra fundamental no ensino médico moderno e como cânone o encontramos na *biblioteca* de Francisco Henriques, com sete citações.⁸⁵ O *Ad glauconem methodo medendi* (Terapêutica a Glauco) foi outra obra galênica que influenciou neste ramo destacado das práticas, que teve sorte particular no período em viveu o médico português. As primeiras obras de Henriques são particularmente influenciadas pelas práticas e terapêuticas e mesmo na *Âncora Medicinal*, que buscava conscientemente a inserção na tradição dos *Regimes*, podemos ver a influência marcante das chamadas “práticas” e das “terapêuticas”.

Ainda em 1625, Felix Platter ou Platerus (1536-1614), publicou sua *Praxeos medicae*, seguindo as formas modernas, de classificação das doenças adotando principalmente os critérios de alterações funcionais, nos sentidos, as dores e alterações nas excreções. Houve

⁸⁵ COSTE, Joël. La médecine pratique et ses genres littéraires en France à l'époque moderne. Captado em: <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histmed/medica/medpratique.htm>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

também formas híbridas, segundo Coste, em que poderíamos enquadrar a obra de Abraão Zacuto ou Zacuto Lusitano (1452-1515), sua *Praxis historiarum*, reeditada diversas vezes, seguiria a forma clássica das *Practicae* (pequenos capítulos *a capite ad calcem*), mas adicionando-lhe uma parte anterior de observações das autoridades clássicas da medicina também na ordem *a capite ad calcem*. O gênero da *practica* teria entrado em decadência na segunda metade do século XVII e se recuperado em meados do século XVIII. Embora Boerhaave (1668-1738), considerado o inventor da medicina clínica, tivesse adotado o título *Praxis medica* para algumas obras, este não teria se inserido na tradição do gênero da *practicae*. O mesmo se deve dizer para Friedrich Hoffmann (1660-1742) e sua *Medicina rational*, outro autor extremamente influente no campo da medicina prática em seu período. Apenas no fim do século XVIII alguns autores retomariam a estrutura do antigo gênero.⁸⁶

I. 4-2. *Particularia*: conselhos, curações, histórias, consultas, observações.

O gênero das coleções de *particularia* ou de *casus*, representado inicialmente pelos *Consiliorum* ou coleções de *Consilia* nasceu em Bologna ao fim do século XIII, seguindo o modelo jurídico. Até o século XVI este gênero desenvolveu-se, sobretudo, no âmbito universitário italiano e depois apareceu em outros locais. A primeira impressão de coleções de *casus* que traziam a história completa das doenças, até o fim, foi feita por Symphorien Champier, que recolheu os casos a partir da obra de Galeno. A obra *Claudii Galeni Pergameni historiales campi...* foi publicada em 1532 e influenciou a proliferação de obras do tipo, que recolhiam casos a partir das obras dos grandes mestres. Os 70 *consilia* de Jean Fernel foram publicados postumamente em 1582 reeditados dezesseis vezes até 1644, tendo sido largamente influentes na prática médica francesa até os trabalhos de Harvey inserirem a

⁸⁶ COSTE, Joël. La médecine pratique et ses genres littéraires en France à l'époque moderne. Captado em: <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histmed/medica/medpratique.htm>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

noção da circulação sanguínea. As obras levavam os títulos de “histórias”, “curações” (utilizado por Cardano e por Amato Lusitano), “observações”. Por muito tempo as palavras “curações” e “histórias” eram preferidas para as narrativas do particular, de casos, enquanto “observação” era preferida para o geral, como um comentário ou síntese de observações. No século XVII, no entanto, as observações tomaram o lugar das outras e estabilizou-se a nomenclatura deste subgênero de coleções de casos médicos. Para Coste, o sucesso das obras de François Vallériole, de 1573, e de Van Foreest, de 1587, que utilizavam o título *Observationum*, teria ajudado a estabilizar as nomenclaturas destes subgêneros. Estes se inseriam na tradição das recém-descobertas *Epidemias* hipocráticas (fim do séc. V a.C.), reuniões de estudos de casos escritas por médicos viajantes, divididas em sete livros. O subgênero das observações permaneceu majoritário em relação aos *consiliorum*, principalmente durante o século XVIII, quando diversas obras foram editadas até ser designado no século XIX, como “observações clínicas”. Estas mantinham, na Idade Moderna, um caráter heterogêneo, contendo coleções de casos vividos pelos médicos, reedições de obras anteriormente publicadas, casos destacados pela raridade, casos voltados a sustentar opiniões específicas ou ainda casos para valorizar a perícia do médico prático, relatando façanhas e curas inesperadas. Em geral, as observações se distinguiam do subgênero *consiliorum* ou *consultationes*, por ter evoluções completas das doenças, junto de comentários e questões.⁸⁷ Dentre as obras de Henriques, possivelmente a que mais recebeu o influxo da tradição dos subgêneros das “observações” foi o seu *Apiario Medico-Chymico, Chyrurgico, e Pharmaceutico* (1711), ainda que, como o título indica, a obra contemplasse cirurgia e farmácia química. Segundo ele próprio deveria ser apenas o primeiro tomo de suas “Observações latinas”, que ao que tudo indica nunca chegaram a ter outros tomos. As

⁸⁷ COSTE, Joël. La médecine pratique et ses genres littéraires en France à l'époque moderne. Captado em: <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histmed/medica/medpratique.htm>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

Epidemias hipocráticas que mais aparecem na *biblioteca* de Henriques da *Âncora Medicinal* são as de número VI (3 citações) e IV (4 citações).⁸⁸

Guillaume de Baillou ou Balonius, professor em Montpellier, ao retomar a tradição dos livros I e III das *Epidemias* hipocráticas, escreveu um dos mais influentes tratados do tipo das “observações”, *Epidemiorum et ephemeridum*, publicado postumamente em 1640. O livro reunia diversos casos de doenças individuais e também reflexões sobre aspectos gerais, retomando o conceito de “constituição epidêmica”, segundo Coste, “o conjunto de doenças que afetam uma população localizada no tempo e no espaço, associada a características ambientais e principalmente climáticas”, diferenciando nas suas observações as doenças individuais das coletivas. Sua obra contribuiu a inspirar o pensamento sobre a saúde coletiva no século XVIII.⁸⁹ O mesmo autor escreveu três importantes livros de *Consilia* (que também possuíam “observações”), escritos entre 1572, 1575 e 1609, publicados também postumamente entre 1635 e 1649. Os *consilia* como subgênero também apareciam com o nome de “consultações” e distinguiam-se por se referir a objetos específicos de uma doença, incluindo especialmente aspectos etiológicos, fisiopatológicos e possivelmente diagnósticos e prognósticos. Além disso, eram descritas as receitas dadas, as listas de remédios, a dieta aconselhada, o regime de vida etc.

I. 4-3. Regimes de saúde

Os *regimina sanitatis* ou “regimes de vida” podem ser considerados um gênero da literatura médica, que nos interessa particularmente, pois os tratados de dietética do período moderno, como *Âncora Medicinal* de Francisco Henriques, se conectam explicitamente a esta

⁸⁸ Ambas pertencem ao segundo grupo das *Epidemias*, tendo sido escritas possivelmente pelo mesmo autor, segundo JOUANNA, Jacques. *Hippocrates*. Trad. M. B. DeBevoise. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1999, p. 388-389.

⁸⁹ COSTE, Joël. Guillaume de Baillou. Captado em: <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/baillou.htm>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

tradição, bem como à das farmacopeias, como veremos adiante. Ambos os gêneros permaneceram com poucas alterações formais durante o período moderno e os Regimes sobreviveram às tensões inseridas durante o século XVII com grande estabilidade.

Os textos antigos como *Sobre o regime* (fim do séc. V a.C.), do *Corpus Hippocraticum*, determinavam que a saúde é o “equilíbrio entre o que se ingere e o que se consome”, portanto entre alimentação e exercícios físicos, que deveriam ser combinados com aqueles fatores da higiene, termo que vem do grego *hygieia*, “saúde”,⁹⁰ dentre os quais o sexo, a idade, o lugar em que se mora e as estações. Outros, como *A Epístola sobre a vida saudável* (séc. IV a.C.) de Diocles de Caristo, ainda descreviam os cuidados de acordo com as partes do corpo humano, cabeça, tórax, ventre e bexiga. Além disso, propunham estas normas a um indivíduo específico da elite de então, tradição que será seguida durante a Idade Média. Outros textos, fora do ambiente médico, como os *Preceitos sobre a saúde* (séc. I d.C.), diálogo de Plutarco, faziam referência à necessidade de harmonia entre corpo e alma, buscada através de uma educação do justo meio, o *mesotés* aristotélico, recusando tanto os excessos da vida quanto a moral estoica que reprimia os prazeres.⁹¹

Em *Sobre a higiene* (séc. II d.C.), traduzido por Burgundio de Pisa, no século XIII, e depois por Niccolò da Reggio, no século XIV, também conhecido com os títulos *De regimine sanitatis*, *De custodia sanitatis* ou *Sanitate Tuenda*, Galeno organizou a individualização do paciente em torno da noção de compleição. Este eixo permitiria compreender as especificidades de cada paciente. Assim, a busca pela harmonia ideal, promovida pelas normas da higiene e da dietética, poderia se ajustar aos costumes e natureza de cada corpo.

⁹⁰ Hígia, a saúde, era irmã de Panacéia, a cura de todos os males, e filha de Asclépio, herói grego que se tornou divindade, no Período Arcaico, o deus da medicina, filho do deus Apolo, também ligado à medicina, com uma mortal. O Juramento hipocrático iniciava com a imprecação “Juro por Apolo médico, Asclépio, Hígia, Panaceia e todos os deuses”. Ver CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 151 e 153.

⁹¹ SOTRES, P. Gil. Le regole della salute. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 400-402.

Um corpo de natureza quente e úmida, como o das crianças, necessitará de ajustes distintos daqueles corpos de natureza fria e seca, como o dos velhos. Estas normas ajudariam a conservar a saúde dos distúrbios corriqueiros à qual os humanos estão submetidos, portanto não visa curar os males mais intensos. As causas internas mais usuais de desequilíbrio estão relacionadas ao envelhecimento, que seca os corpos. As causas externas mais comuns estão relacionadas ao “ar ambiente”. Deste modo, as idades humanas eram centrais no ajuste da comida e da bebida, do sono e da vigília, do exercício e descanso, dos banhos e das emoções. A partir disto, canonizaram-se posteriormente, nas escolas bizantinas, os pares que formam as seis coisas não naturais: “ar/ambiente, exercício/repouso, alimentos/bebidas, sono/vigília, evacuação/repleção e acidentes da alma”.⁹² Galeno recomendava atenção às crianças, condenava o uso de amas de leite, às quais recomendava uma alimentação própria e a proibição do coito. A amamentação iria até os sete anos, com um regime de banhos e brincadeiras, de acordo com a vontade de cada criança. Dos sete aos quatorze anos, deveria iniciar o aprendizado da leitura e dos bons costumes. Depois disto, o regime deveria regular os exercícios físicos, a alimentação, o sono, a vida sexual, as massagens e banhos. O calor inato mais intenso era o responsável pela compleição quente das idades jovens. Após isso, na terceira idade, a velhice, o calor inato diminuiria e Galeno aconselhava banhos de água quente, alimentos úmidos e quentes e alguns exercícios moderados para evitar a extinção do calor inato.⁹³

Até o século XI, os textos sobre o assunto diminuíram e se localizaram sobretudo dentre as regras monásticas ou nas chamadas *Consuetudines*, que abordavam a frequência das sangrias e regras de higiene para os monges. Novamente as traduções das obras árabes desempenharam um papel fundamental na constituição de uma tradição com base nas regras

⁹² SOTRES, P. Gil. Le regole della salute. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 404.

⁹³ SOTRES, P. Gil. Le regole della salute. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 402-405.

da higiene antiga, a partir dos trabalhos de Constantino Africano, no século XII, difundindo-se tanto para os ambientes universitários, quanto para os ambientes eruditos em geral. As principais obras sobre o assunto foram a *Yasagoge*, o *Pantegni*, o *Liber dietarum particularium* e o *Liber dietarum universalium*. O quinto livro do *Pantegni* consolidou um modelo ao determinar as regras da higiene a partir das *sex res non naturales*. O comentário sobre os alimentos era dividido nas seguintes categorias: cereais, legumes frescos e secos, frutas, carnes, bebidas, superfluidades dos animais. O *Canon*, traduzido na mesma época na Escola de Toledo, além de dar atenção às seis coisas não naturais, também inseria uma coisa natural, a *complexio* ou compleição. O *Continens* de Rasis, o *Colliget* de Averroes e o *Secreta secretorum* erroneamente atribuído a Aristóteles também influenciaram em menor grau os *regimina sanitatis*. O *Tacuinum sanitatis*, do médico cristão Ibn Butlan, de Damasco, do século XI, inaugurou o gênero textual exclusivamente dedicado à higiene e voltado para o grande público, baseado nas mesmas noções dos anteriores, porém no formato de quarenta távulas, *taqwim*. Cada coisa não natural, especialmente os alimentos, eram apresentados segundo a compleição, as características do elemento, sua utilidade, seus efeitos nocivos, as formas de evitá-los, o tipo de humor que gera no corpo e sua aplicação.⁹⁴

Para o justo tratamento de cada um fazia-se necessário compreender o regime de vida do paciente e receitar as alterações necessárias segundo a medida correta para restabelecer a ordem física, psíquica e moral.⁹⁵ Este “regime de vida” deveria ser moderado segundo regras que se convencionaram chamar “dietética”, pois o termo grego *diaita* designava justamente “regime ou modo de vida”. Entretanto, a centralidade da alimentação dentre as seis coisas não naturais do modo de vida, favoreceu a restrição semântica posterior e na Idade Moderna, o termo dietética figura no sentido de modo de se alimentar, mas dieta não possui ainda o

⁹⁴ SOTRES, P. Gil. Le regole della salute. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 408-409.

⁹⁵ PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz. Kairos e metron: a saúde da alma na terapia do corpo. In: PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz (org.). *Saúde dos antigos*. Loyola, São Paulo, 2009, pp.55-66, p. 55 e p. 58.

sentido de “restrição alimentar”, característico do mundo contemporâneo. Assim também o sentido da palavra “regime”, hoje ligado à “restrição”, estava associado ao modo de viver e/ou de se alimentar.

Até o século XIII muitos *Regimina* eram dedicados a reis ou pessoas da nobreza. A inserção da higiene nos estudos universitários mudou esse quadro, levando à produção de textos voltados ao grande público. As seis coisas não naturais ou “necessárias” regulavam também a sexualidade, uma vez que o esperma estava entre as coisas que se evacuavam do corpo e às vezes esta aparecia no lugar do par evacuação/repleção. No entanto, as alusões à mesma tenderam a diminuir ou sumir até o século XVIII. As paixões do espírito ou da alma tenderam a se definir até o fim da Idade Média em quatro: a felicidade, a cólera, o medo e a tristeza ou melancolia. Os textos foram difundidos largamente e traduzidos em línguas modernas. Esta tradição textual não sofreu grandes convulsões neste período. De maneira geral, o Renascimento retomou os textos antigos e tendeu a rejeitar ou diminuir as referências às produções medievais. Como ressalta Coste, a única divergência veio de leitores de Celso, que tornaram célebre uma passagem do Capítulo 1, Livro 1, de sua obra enciclopédica, *De re medica* ou *De medicina* (séc. I d.C.): *sanus homo et qui bene valet et sua spontis est, nullis obligare se legibus debet*, ou “o homem são, que está bem e é senhor de sua conduta, não deve submeter-se a nenhuma regra”.⁹⁶ Esta afirmação em aparente contradição com os propósitos dos *regimina* difundiu concepções mais simples da dietética, o que teria levado o gênero a ser escrito por eruditos em geral, provocando a queda do interesse dos médicos pelo mesmo entre o fim do século XVI e princípio do XVII. Ainda assim, versões ligeiramente distintas da mesma frase tendiam a reduzir o conflito com os princípios dietéticos. É assim que Francisco Henriques o cita: *Sanus homo qui et bene valet et suae spontis est nullum cibi genus fugere debet, quo populus utatur: interdum convivio esse, interdum ab eo se se*

⁹⁶ COSTE, Joël. La médecine pratique et ses genres littéraires en France à l'époque moderne. Captado em: <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histmed/medica/medpratique.htm>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

retrahere, modo plus justo, modo non amplius assumere, etc. Uma pequena alteração na primeira frase é significativa, no lugar de *legibus*, lei ou regra, introduz-se *cibi genus fugere*, “tipo de alimento a evitar”, de modo que a frase muda seu sentido, para afirmar que o homem são “não deve evitar nenhum tipo de alimento de que as pessoas se servem”, ao invés de “não deve submeter-se a nenhuma regra”. O restante da frase citada reconduz a um princípio dietético básico, a busca do equilíbrio: “ora comer em banquete, ora recusar; ora comer além do que é devido, ora não comer demais, etc.” (AM, 2004, p. 48). Não deixa de ser um afrouxamento das regras, mas o deslize entre as traduções indica que, na versão adotada por Henriques, o jogo dos equilíbrios não pode ser abandonado, sob a pena de, subentende-se, o homem deixar de ser são. A principal advertência diz respeito às quantidades e a evitar o “excesso que não possa com ele a natureza” (AM, 2004, p. 48), portanto a moderação é o melhor conselho, mas também inclui a necessidade de adequar os alimentos segundo as naturezas de cada estômago.

O prazer também aparece como um princípio de observância, como aquela sensação pela qual a natureza do alimento comunica sua afinidade à natureza daquele que o come. O autor presume que o prazer comunica a natureza e forma o costume, de modo que as diferentes naturezas (sociais, ambientais etc.) formariam por meio do gosto, um costume, que se estiver correto, não produzirá desordem ou a perda da saúde. Respeitar a natureza, o prazer (respectivo a cada natureza) e o costume, reequilibrando-os sempre que não for possível ou desejável moderar-se nas quantidades, eis as regras para os sãos. O princípio do prazer era mais forte na Idade Média, segundo Flandrin, quando não havia ainda se consolidado o poder das regras médicas. É justamente no terreno da dietética que se consolidará a autoridade médica na vida cotidiana do período moderno. O jogo dos equilíbrios teria sido transformado “de princípio terapêutico a regra dietética” durante o século XVI e a partir de então, todos os que não fossem sanguíneos eram considerados “desequilibrados, doentes em potencial, presa

dos médicos”. Este “imperialismo médico” fez com que cada pessoa precisasse de alguém que lhe indicasse o regime conveniente e não mais bastasse sua própria experiência gustativa.⁹⁷ Mas a tradição dos regimes era bastante ciosa das referências textuais este princípio que Flandrin atribui ao medievo foi passado adiante, ao menos nos textos. Henriques deixava a entender a partir de Celso, que o problema não estava no princípio dos equilíbrios entre contrários, mas da sua extensão indiscriminada aos sãos, feitas pelos maus médicos e pela aceitação por parte das pessoas desta intrusão. A crítica era justamente à dependência das pessoas em relação aos médicos para estabelecer seu regime em estado de saúde.

Na *Âncora Medicinal* o jogo de equilíbrios é universal e o melhor modo de perceber a perda do equilíbrio interno é o adoecimento. Mas sendo assim, Henriques considerava que não é necessário procurar médicos estando saudáveis. “Não é necessário médico para os sãos, mas para os doentes”. Sem dúvida, não se trata somente de afrouxar as regras e permitir alguma transgressão aos preceitos da higiene ou da dietética, mas de evitar que indivíduos sãos se colocassem “indevidamente, debaixo das bandeiras da medicina, quando, pela boa saúde que logram, estavam isentos desta infelicidade” (AM, 2004, p. 48).

A crítica era direcionada àqueles médicos que, por imperícia, abusassem de sua arte e terminassem por atrapalhar mais que ajudar. Isto poderia facilmente ocorrer quando se caía no complicado jogo de regras de equilíbrios e afinidades do corpo com os elementos da natureza. Se Henriques via motivo em fazer esta crítica, podemos supor que a influência das regras dietéticas tivesse efetivamente chegado bem longe no período em que escrevia. Ainda assim, não é uma ausência de regras que prega, pois o que se ressalta continuamente é a obediência “às forças e poderes do costume”. A concepção de doença predominante nos textos desta tradição está relacionada à noção da desordem, ligada à mudança no modo de vida (e de se

⁹⁷ FLANDRIN, Jean-Louis. Dalla dietetica alla gastronomia, o la liberazione della gola. In: FLANDRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo (dir.) *Storia dell'Alimentazione*. 4ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007, p. 541.

alimentar). É assim que Henriques cita uma comum passagem dos *Aforismos* hipocráticos (séc. IV a.C.), “O que por longo tempo é usual, ainda que seja pior, costuma ser menos nocivo do que o que é desusado” (*Aphorismorum hippocratis*, Seção 2 : 50) (AM, 2004, p. 49) e ainda

É perigoso, de modo excessivo e súbito, esvaziar ou encher o corpo, aquecê-lo ou resfriá-lo, ou provocá-lo de outro modo; na verdade, todo excesso é inimigo da natureza, mas o que acontece paulatinamente é seguro, especialmente quando se faz transição de uma para outra coisa (Seção 2: 51). (AM, 2004, p. 50)

Portanto, apesar da simplificação introduzida pela influência de Celso, prevaleceu uma leitura ajustada a uma mentalidade que precisava acima de tudo submeter qualquer mudança a um controle, que no caso era reivindicado pela autoridade das regras dietéticas. As doenças como fruto das mudanças poderiam ser causadas pelos próprios médicos que abusassem de seu lugar para introduzir mudanças. Neste caso, Henriques desautorizava tais médicos, aconselhando agradecer o conselho, “mas não lho tome”, pois mais importante que a autoridade dos mesmos era evitar as mudanças. Caso não fosse possível evitá-las, era necessário controlar o seu andamento de maneira lenta e gradual. O corolário das regras dietéticas permanecia: o gosto, a moderação, a observância da própria natureza e do costume, evitando as mudanças.

Numa sociedade de *ancien régime*, o medo das mudanças e o caráter social do gosto assumiam outra dimensão, como aponta a história do homem “rústico” que, quando doente, fora tratado com bons alimentos e cama macia, modificando seu costume, de modo que não se curara enquanto o médico não lhe fizera dormir sobre um estrado e comer “cebola com sal e água fria” – caso clínico retirado da *Sectio 5, Pro Consilio XV-XVI Consiliorum Medicinalium* de Solenandro ou Reinerus Solenander (1524-1601):

estando enfermo em um hospital e já bem próximo da morte, lhe perguntou o médico que o curava com que alimentos vivia e como se tratava no tempo da saúde; e respondendo que nunca dormia em cama macia, nem se despia de noite e que costumava comer alimentos *rústicos* e *grosseiros*, o médico lhe mandou que dormisse uma noite sobre um estrado e fez com

que comesse cebola com sal e água fria, e, desta sorte, livrou-se do perigo da enfermidade e brevemente se restituiu a saúde (grifos nossos). (AM, 2004, p. 50)

Foi uma leitura particular das fontes antigas que permitiu esta interpretação, fortemente marcada pelo espírito da época. A cebola, por crescer sob a terra era considerada um alimento socialmente inferior. Uma hierarquia vertical dos alimentos conferia valor simbólico inferior aos alimentos térreos e superior aos aéreos.⁹⁸ Assim, as aves eram superiores e as raízes e bulbos, alimentos das hortas, eram inferiores. A água fria servia a temperar as qualidades quentes e secas da cebola e do sal.

Outra leitura semelhante é a de Zacuto, que cita um caso do médico português, Tomás Rodrigues da Veiga. Este teria salvado um “homem do mar”, ou seja um pescador, homem pobre, que se encontrava desfalecido entre “aromas” (considerados agradáveis, quentes e secos), estranhos ao seu ambiente (físico, geográfico e social), mandando colocá-lo na praia, onde ao reconhecer o ar familiar voltara a si, “satisfeito com o fedor da maresia”. Os aromas eram geralmente utilizados para purificar o ambiente das umidades com ervas de cheiro em brasa e eram tidos como agradáveis, já o litoral era tido como lugar de onde emanavam fedores úmidos. A qualidade de cada pessoa, nestes textos, é também uma qualidade social. Não é que o pescador de fato ficasse satisfeito com o fedor ou que o camponês preferisse mesmo dormir na cama de madeira e comer cebola ao invés de pão, galinha e ovos (alimentos comumente dados aos doentes), pois estas eram muito mais representações do que deveriam preferir idealmente, pela condição social. Aos rústicos (ou grosseiros e trabalhadores) o que é próprio dos rústicos e aos ociosos (ou nobres e delicados) o que é próprio dos ociosos.

O privilégio social era assimilado como dado ontológico dos seres humanos e a alimentação (ainda que médica) comunicava este privilégio. Segundo Montanari, no

⁹⁸ MONTANARI. *La fame e l'abbondanza*: storia dell'alimentazione in Europa. 6ª ed. Roma-Bari: Economica Laterza, 2006, p. 115.

Renascimento houve uma “profunda aristocratização da sociedade e da cultura”, pelo aumento da mobilidade social e econômica do período. A ascensão de novas elites, por meio de atividades estranhas à corte, as revoltas e reivindicações do povo das cidades e do campo, do período, assustaram a nobreza européia. A vontade de fechar as “vias do poder” teria promovido este movimento de exclusão simbólica dos prazeres da mesa e do surgimento de novos meios de reforçar a distinção social.⁹⁹ Os médicos não estavam isentos deste ambiente, que marcou a tradução e recepção dos textos hipocráticos e galênicos de então.

Galeno já considerava importante para o tratamento do paciente saber o trabalho que este desempenhava, mas a leitura feita pelos médicos modernos dava outra abordagem ao assunto. A fonte mais didática para encontrar estes princípios encontrava-se na leitura dos *Aphorismorum Hippocratis*, especialmente em sua primeira e segunda seção, que contêm em forma de pequenas frases, facilmente memorizáveis, princípios básicos sobre prognóstico, terapêutica, higiene e dietética. O texto foi desde o fim da idade média até a época moderna um verdadeiro manual de doutrina médica. Outro texto do *Corpus hippocraticum* utilizado na introdução destas noções no ambiente universitário foi *De regimen in morbis acutis* (Do regime nas doenças agudas, fim do séc. V a.C.).

Dentre os mais célebres autores não-médicos desta tradição está Luigi Cornaro, autor do *Trattato de la vita sobria* (1558), traduzido em diversas línguas e editado diversas vezes até o fim do século XVIII. Mas os de maior sorte editorial são as várias reedições do *Regimen sanitatis salernitanum*, escrito provavelmente no século XII, mas impresso pela primeira vez em 1474, em 364 versos em exâmetros e com comentários de Arnaldo de Vilanova. Até 1501 teve quase 40 edições e foi traduzido no Renascimento a quase todas as línguas europeias. Até

⁹⁹ MONTANARI. *La fame e l'abbondanza*: storia dell'alimentazione in Europa. 6ª ed. Roma-Bari: Economica Laterza. 2006, p. 110-111.

1846, suas edições chegaram a cerca de 240.¹⁰⁰ O tratado circulou também com os significativos títulos, que aludiam à perfeição: *Flos medicinae salerni* (Flor da medicina de Salerno) e *Lilium medicinae* (Lírio da medicina). A autoria do Regime salernitano é discutida e acredita-se que não tenha sido escrito na Escola de Salerno. O próprio Arnaldo de Vilanova escreveu um regime de grande sucesso, reeditado até 1580. Diversas outras obras do gênero foram publicadas no século XVII e XVIII, mas as várias reedições dos Regimes salernitanos teriam eclipsado e mesmo desencorajado as demais produções, bem como sua circulação, contribuindo paradoxalmente ao declínio do gênero.¹⁰¹ O Regime de Salerno é a sexta obra mais citada na *Âncora Medicinal*, com 13 citações, incluindo o antelóquio em que se escolhem as “seis coisas não naturais” como ordenadoras da obra. Apesar de inserir-se claramente na tradição dos regimes, não há outras obras deste gênero citadas em quantidade relevante, o que pode ser explicado pelo predomínio indiscutível da obra salernitana neste campo, que, malgrado as turbulências sentidas em outros gêneros, assegurou a sobrevivência da teoria das seis coisas não naturais durante todo o período moderno.

I. 4-4. Farmacopeias: os químicos e o galenismo

Até o fim do século XVIII não houve disciplina autônoma no campo da farmácia, nas Universidades. Os médicos estavam encarregados de encomendar aos boticários os remédios de acordo com seus conhecimentos farmacêuticos. Em geral, este saber era reunido em livros, que durante o século XVI ganharam o nome de “farmacopeias”. Boa parte desta produção foi dominada por interesses práticos e serviam de norma para os boticários.¹⁰² Segundo

¹⁰⁰ VILLANOVA, Arnaldus. *The Conservation of Youth and Defense of Age: De conservacione juventutis et retardatione senectutis*. Trad. Dr. Jonas Drummond. Edited by Charles L. Dana. Vermont: The Elm Press Woodstock, 1912, p. 6.

¹⁰¹ COSTE, Joël. La médecine pratique et ses genres littéraires en France à l'époque moderne. Captado em: <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histmed/medica/medpratique.htm>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

¹⁰² COSTE, Joël. La médecine pratique et ses genres littéraires en France à l'époque moderne. Captado em: <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histmed/medica/medpratique.htm>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

Touwaide, o ocidente latino teria sido bem pouco criativo no campo da farmácia. Mais uma vez as traduções jogaram papel central. As primeiras traduções dos tratados antigos teriam se dado no norte da África e depois em Ravenna, nos séculos V e VI, respectivamente. O tratado galênico *Sobre as seitas*, por fornecer uma síntese e avaliação das teorias de diversas seitas médicas antigas, deve ter sido a única referência teórica até o século XI. As traduções de Constantino Africano, em Salerno, depois as de Toledo e das Universidades da França e do norte da Itália, serviram para retomar os trabalhos antigos e com isso alguns aspectos teóricos da própria farmácia.¹⁰³ O *Antidotario* do Arcebispo Nicolò de Salerno (séc. XII-XIII), escrito no princípio do século XIII, impresso em 1471 e reeditado depois com comentários diversos, foi o mais importante texto do gênero durante o período medieval, composto por cento e quarenta receitas em ordem alfabética, com a indicação de cada uso. De 1478 em diante o tratado *De materia medica* de Dioscórides (séc. I d.C.) foi editado e comentado várias vezes, tornando-se a principal referência na composição do gênero até o século XVII.¹⁰⁴

Neste tratado confluíram quase todas as correntes farmacológicas da época de Dioscórides, por meio do qual pretendeu produzir uma abordagem globalizante, que esgotasse o assunto. Os fármacos compilados eram chamados de “simples”, em oposição aos “compostos”, misturas de vários “simples”. Cada fármaco possuía uma ficha completa, com indicações para reconhecer cada “matéria” na natureza, identificar suas ações, as formas de preparo e de uso. O tratado reuniu em pouco espaço um grande inventário e possuía diversas referências cruzadas, remetendo-se diversas vezes a outras partes do escrito, em que geralmente estavam as plantas mais conhecidas e que serviam de referência ao leitor. Apesar de extremamente prático, a estrutura do tratado revela mais elementos teóricos. Os fármacos estavam organizados de acordo com suas ações e naturezas respectivas. A cada natureza

¹⁰³ TOUWAIDE, Alain. Strategie terapeutiche: i farmaci. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 365.

¹⁰⁴ COSTE, Joël. La médecine pratique et ses genres littéraires en France à l'époque moderne. Captado em: <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histmed/medica/medpratique.htm>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

correspondia uma ação distinta. E as naturezas dos elementos que compõem a *materia medica* são inseridas nas diversas fases da criação do mundo, o *kosmos*. Esta criação vai dos elementos mais perfeitos aos menos perfeitos, portanto os deuses pertencem à primeira fase e os perfumes (considerados próprios dos deuses) são quentes e leves e também aparecem no princípio da obra. Já os minerais aparecem na última parte, pois pertencem à idade do ferro e são frios e pesados. Portanto, Dioscórides colocou cada fármaco em um lugar determinado na ordem cósmica, definindo suas ações em relação à mesma.¹⁰⁵

O texto já era conhecido na península ibérica desde o século X, por meio dos médicos do Califado de Córdoba e conheceu diversas edições nos séculos seguintes. A tradução mais importante em âmbito ibérico, feita diretamente de um manuscrito grego, foi a de Andrés Laguna (1499-1559), da Universidade de Salamanca, com comentários, intitulada *Annotationes in Dioscoridem Anazarbeum*, com xilogravuras, publicada em espanhol em 1555, tendo sido reeditada vinte e duas vezes até o século XVIII. Como em outros textos, esta edição possuía anotações à margem que traziam o livro de Galeno sobre os simples, permitindo uma comparação¹⁰⁶ (alguns exemplares medievais chegaram a mesclá-los completamente).¹⁰⁷ Com a imprensa sua difusão foi enorme e ajudou a renovar os estudos em farmácia e botânica no Renascimento. O texto foi traduzido e comentado ao holandês (1520), italiano (1542 e 1544), alemão (1546) e francês (1553). O modelo renascentista de herbários com imagens tinha Dioscórides como modelo, a *De historia stirpium commentarii insignes*, publicada em 1542 pelo alemão Leonhart Fuchs, com quinhentas plantas, muitas desconhecidas na antiguidade, e igual número de xilogravuras. Outro elemento modelar fornecido pela obra

¹⁰⁵ TOUWAIDE, Alain. Strategie terapeutiche: i farmaci. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 356-358.

¹⁰⁶ El manuscrito 2659 de la Biblioteca de la Universidad de Salamanca: el Dioscórides de Salamanca. Captado em <http://dioscorides.eusal.es/dioscoridesInteractivo.php>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

¹⁰⁷ TOUWAIDE, Alain. Strategie terapeutiche: i farmaci. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 364.

grega foi o hábito de colocar junto às plantas seus nomes em várias línguas, grego, latim e vulgar, no caso de Fucs o alemão.¹⁰⁸

Os termos *pharmakon* e *pharmaka* são utilizados desde os primeiros textos escritos em grego, os poemas homéricos, com o sentido ambíguo de produtos que podem ser benéficos ou danosos, mas que “são introduzidos no corpo com o propósito de modificar o seu estado”.¹⁰⁹ Muitos *pharmaka* poderiam ser remédios ou venenos. A toxicologia desenvolveu-se no mesmo âmbito da farmacologia. Em um exemplo bastante conhecido, Mitridates (132-63 a.C.), Rei do Ponto, associou o desenvolvimento dos fármacos compostos ao princípio da “assuefação” ou habituação a substâncias tóxicas pelo seu uso repetido em quantidades inofensivas. Este procurou juntar “todas as substâncias dos possíveis casos de envenenamento, esperando contrapor com um só *pharmakon*” a todos os envenenamentos. Mitridates teria se acostumado tão bem aos venenos que quando quis tirar sua própria vida não conseguiu se envenenar e teve de se enforcar.¹¹⁰ A história ficou célebre e foi utilizada por Henriques para ilustrar o poder do costume de moldar as naturezas. Se a saúde estava ligada ao respeito à natureza de cada corpo, esta seria, por outro lado, moldável de acordo com a força do costume, que pode habituar o ser humano até mesmo aos venenos, substâncias mortíferas. Assim, este caso da toxicologia havia se tornado paradigmático no ensinamento de que para conservar a saúde, não se contrariasse o costume (AM, 2004, p. 49).

Outras grandes referências de Henriques, o enciclopedismo de Celso, com o *De medicina octo libri* (Da medicina em oito livros, impresso em Florença em 1478), citado seis vezes na *Âncora Medicinal*, e o de Plínio, com sua enorme *Naturalis historia* (História natural), a obra mais citada pelo médico português, com trinta e três citações, ambos do

¹⁰⁸ Pequeña introducción sobre el tratado *De materia médica* (*Sobre los remedios medicinales*) de Dioscórides. Captado em <http://dioscorides.eusal.es/dioscoridesInteractivo.php>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

¹⁰⁹ TOUWAIDE, Alain. Strategie terapeutiche: i farmaci. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 349.

¹¹⁰ TOUWAIDE, Alain. Strategie terapeutiche: i farmaci. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 359-360.

século I d.C., contemporâneas de Dioscórides. Ao realizar grandes compilações, também de fármacos, estes autores foram uma fonte importante para os tratados farmacológicos modernos, atendendo às necessidades práticas da época. Galeno escreveu três tratados que sistematizaram boa parte deste saber e foram por isso fontes importantes no assunto, *De simplicium medicamentorum temperamentis et facultatibus*, em que organizava os fármacos simples entre vegetais, animais e minerais, tratado que chegou a ser mesclado ao *De materia medica* de Dioscórides, durante o século X e que ainda era sua referência comparativa em algumas edições do Renascimento; *De compositione medicamentorum secundum genera*, em que organizava os fármacos compostos não tóxicos, segundo seus tipos; *De compositione medicamentorum secundum locos*, em que os reorganizava segundo cada parte do corpo. Os fármacos tóxicos foram organizados num quarto tratado, *De antidotis*. Todos os *pharmaka*, em Galeno foram associados às quatro qualidades básicas (quente, frio, seco, úmido) e seus graus de intensidade, além dos elementos (ar, água, terra, fogo), as quatro estações e as idades da vida, o que permitiu integrar a grande farmacopeia de Dioscórides ao pensamento médico galênico.¹¹¹ As enciclopédias bizantinas (como Aécio de Amida, séc. V-VI d.C. e seus dezesseis livros de medicina, reunidos em quatro no Renascimento com o nome de *Tetrabiblios*) e os escritos médicos árabes, como as távolas (*taqwin*) de Ibn Butlan ou as obras de Avicena, Hali e Rasis, que também realizaram grandes compilações de fármacos, foram todos fontes importantes às farmacopeias, principalmente durante a Idade Média e estendendo-se ao século XVII, embora ainda os encontremos dentre as referências de Henriques (exceto Ibn Butlan).

A valorização da experiência e da observação direta no Renascimento, junto à expansão marítima e comercial europeia, modificou fundamentalmente a botânica conhecida, bem como o quadro de fármacos produzidos. Garcia da Orta (1501-1568), que preferia os

¹¹¹ TOUWAIDE, Alain. Strategie terapeutiche: i farmaci. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 359-360.

árabes aos antigos, e seu *Colóquio dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia*, impresso em Goa em 1563, apresentou na forma de cinquenta e oito colóquios, diversas drogas que passariam a fazer parte da farmacopeia europeia, contemplando sua etimologia, aspectos visíveis, preparo e uso. Segundo Edler, a quina do Peru, a cânfora, a palma, o sândalo, a assa-fétida, o gengibre e a babosa são exemplos de matérias inseridas por Orta.¹¹² Outro ibérico, Cristóvão da Costa (1515-1594), conhecido como Acosta, publicou seu *Tratado de las drogas e medicinas de las Índias Orientales* em 1568 e o *Tractado das ervas, plantas, frutas e animais* em 1578, contribuindo para ampliar o rol de fármacos. Viajantes e navegadores como o holandês Jan Huygen van Linschoten (1536-1611) também publicaram suas observações sobre as potencialidades dos produtos da natureza de outros continentes. Ambos estão entre as leituras de Francisco Henriques, que aprende com os mesmos sobre as virtudes dos ananases, que com sua acidez poderiam “gastar as coisas”, como o ferro das facas mergulhado nos mesmos e disto concluem que poderia servir para gastar ou desfazer as pedras dos rins (AM, 2004, p. 200).

I. 4-4.1. Disputas e influências mútuas

A incorporação das doutrinas alternativas ao galenismo se deu muito mais rapidamente entre os práticos não diplomados. Os iatroquímicos, seguidores de Paracelso (1493-1541) e de Van Helmont (1577-1644) pregavam a utilização de remédios da alquimia, por “simpatias” ou “repulsões” com o corpo humano, nos quadros do corpo como microcosmo do mundo. Mais importantes que os humores ou os elementos eram três substâncias fundamentais, o sal, o enxofre e o mercúrio (azougue), que eram associados respectivamente ao corpóreo, ao inflamável e ao volátil. O azougue era chamado de mercúrio

¹¹² EDLER, Flavio Coelho. *Boticas e farmacias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006, p. 44.

pela sua propriedade volátil, “à imitação de Mercurio fabuloso mensageiro dos Deoses e finalmente porque na opinião dos Astrologos e Alchimistas, recebe o Azougue influencias do Planeta Mercurio”. Terapeuticamente era considerado o veneno de todas as coisas e o alexifármaco de todos os venenos.¹¹³ Os alexifármacos eram aqueles remédios que possuíam uma propriedade danosa ao ser humano, mas que possuía repulsões com outras substâncias danosas, tornando-se assim, um antídoto ou contraveneno ou ainda contrapeçonha para expulsar diversas substâncias maléficas.¹¹⁴ O azougue ou mercúrio era considerado básico ou “alcálico” (alcalino) e foi muito empregado nesta época contra o morbo galico ou veneno Gallico, como era conhecida a sífilis, tomado por via oral ou uso tópico. O ácido foi correspondido às duas qualidades masculinas, o quente e seco, e o alcálico foi ligado às duas qualidades femininas, o frio e o úmido – uns teriam a qualidade de se unir e penetrar no outro.¹¹⁵ Como a doença era considerada um vírus ácido (logo, com qualidade penetrante), isto provocaria uma mistura entre a substância maléfica e o mercúrio (alcálico), que sendo também volátil, se sublimaria em direção ao cérebro e em seguida seria expelido através dos vasos salivais, provocando grande salivação involuntária e alteração da boca.¹¹⁶

¹¹³ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular, doutor na sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo I – A. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1712, p. 698.

¹¹⁴ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular, doutor na sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo I – A. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1712, p. 238.

¹¹⁵ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular, doutor na sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo I – A. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1712, p. 218.

¹¹⁶ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular, doutor na sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo I – A. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1712, p. 697.

O arqueu ou *archeus* era o nome do espírito vital do corpo, em correspondência com um

fogo central (...) que elles [os Químicos] imaginam no centro da terra para cozer os metaes e mineraes e ser principio de todas as creaturas vegetativas, o qual fogo com occulta virtude da natureza se exalta, e em certo modo se espiritualiza, e é o principal artífice das operaçoens da natureza.¹¹⁷

A visão do mundo e da relação entre saúde e doença era fornecida pelo modelo de uma batalha química entre forças e virtudes ocultas, correspondências e afinidades contra repugnâncias e antipatias. Contra a terapia dos contrários e dos equilíbrios de matriz hipocrática e galênica, estes propunham, por exemplo, que picadas de escorpião se curassem por simpatias com óleos do mesmo animal, vermes poderiam ser combatidos com pós de lombrigas etc..¹¹⁸ Paracelso também batizara sua medicina de Espagírica, termo do latim renascentista, *spagiria* ou *spagyria*, cunhado a partir da língua grega, com o sentido de extrair e recolher, também como sinônimo de alquimia, em alusão a sua capacidade de decompor e de extrair substâncias. As destilações realizadas pelos químicos conseguiam extrair as essências daqueles produtos que já eram utilizados como medicamentos, eliminando as partes desnecessárias ou as “impurezas” para obter substâncias mais concentradas, portanto com maior efeito. O significado de espagírico extrapolava o sentido técnico para indicar também a capacidade de separar o bem do mal, o verdadeiro do falso e o puro do impuro. Estes autores se situavam nos quadros do hermetismo renascentista, que acreditava em conexões ocultas entre as propriedades dos animais, minerais, vegetais, águas e o corpo humano, dando origem a diversos compêndios de “Segredos” (remédios), em que as tradições populares se misturavam às correntes científicas. Segundo Abreu, as três ideias básicas do hermetismo poderiam ser resumidas em:

¹¹⁷ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular, doutor na sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo I – A. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1712, p. 474.

¹¹⁸ CAMPORESI, Piero. *Il pane selvaggio*. Milano: Garzanti, 2004, p. 207.

Deus, o mundo e o homem. Deus, o todo poderoso, criara o mundo – o cosmos –, ordem que organiza todos os seres vivos. O homem, imagem do mundo, é capaz de possuir indiretamente a inteligência do próprio Deus. Por meio do intelecto, ele é capaz de contemplar a ordem e a beleza do mundo e de dominar os animais irracionais.¹¹⁹

Uma das grandes fontes do hermetismo presentes entre as referências de Henriques é o *Kyranides* ou *Cyranides*, quatro livros originalmente escritos em grego, impresso diversas vezes no Renascimento e atribuído às figuras de Hermes Trismegisto e de Harpocraton de Alexandria. A obra é de autoria e datação bastante discutida. Os textos têm datações distintas e as cópias integrais disponíveis por muito tempo foram compilações feitas a partir de manuscritos diferentes. Alguns atribuíram sua origem ao sincretismo entre tradições gregas e egípcias e possivelmente outras tradições orientais, do ambiente alexandrino do século IV d.C. Sabe-se que um dos primeiros copistas ou compiladores deveria ser bizantino, conhecedor de gramática grega e que não há provas da utilização de fontes em outras línguas. Além disso, é possível que os últimos dois livros sejam adições bem tardias, pois no Prólogo do primeiro livro o escritor dá a entender que não os conhecia. Até o século XVII o texto integral estava disponível somente em sua tradução latina, datada de 1168, impressa em Leipzig em 1638 e Frankfurt em 1681.¹²⁰

O primeiro livro do *Kyranide*, em seu prólogo, afirmava tratar-se de um livro de virtudes naturais, formado por dois de “simpatias e de antipatias”. “Hermes, o deus trismegisto” teria recebido um conhecimento secreto da “Divindade” e o teria comunicado apenas aos homens inteligentes. O copista ainda avisa que, por se tratar de um “grande tesouro”, o leitor o conservasse e não o comunicasse aos ignorantes. Apenas os próprios filhos poderiam receber os tesouros do livro, desde que jurassem guardá-lo “fielmente, como uma

¹¹⁹ ABREU, Jean Luiz Neves. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, p. 61.

¹²⁰ TANNERY, Paul. Introduction: Cyranides. Captado em: <http://remacle.org/bloodwolf/alchimie/cyranides/intro.htm>. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

criança sagrada”.¹²¹ Proclamava, portanto, o valor da incomunicabilidade, um princípio oposto àquele da comunicação da experiência, exigido pela ciência moderna. O primeiro livro do *Kyranide* trata de “vinte e quatro pedras, de vinte e quatro aves, de vinte e quatro plantas e de vinte e quatro peixes”, organizados de maneira quaternária, em vinte e quatro grupos. Cada grupo continha uma pedra, uma ave, uma planta e um peixe, cujos nomes em grego começavam com a mesma letra no alfabeto grego – a crença é de que as letras iniciais revelassem uma ligação oculta entre as coisas.¹²² Assim ele estava organizado em ordem alfabética grega.

Como o corpo estava em conexão com tudo, isto permitiria conhecer suas virtudes secretas para a composição de remédios e amuletos: “cada uma de suas virtudes foi combinada e misturada às outras virtudes do corpo mortal (...) para servir de remédio eficaz”¹²³ e para admirar a revelação divina, que ensinava “o poder das plantas, das pedras, dos peixes e das aves, a virtude das pedras e a natureza dos animais e das bestas selvagens, suas misturas mútuas, suas oposições e suas propriedades (...) a gnose e a experiência”.¹²⁴ O segundo livro do *Kyranide* tratava “do estudo, do conhecimento, da influência natural dos quadrúpedes”.¹²⁵ O terceiro era chamado de “Livro médico” e tratava das aves, “o conhecimento científico e da influência física dos animais”.¹²⁶ O quarto livro era sobre “o

¹²¹ *Le Cyranides*. Le livre de Cyranides. Première Cyranide. Prologue. Captado em: <http://remacle.org/bloodwolf/alchimie/cyranides/livre1.htm>. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

¹²² TANNERY, Paul. Introduction: Cyranides. Captado em: <http://remacle.org/bloodwolf/alchimie/cyranides/intro.htm>. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

¹²³ *Le Cyranides*. Le livre de Cyranides. Première Cyranide. Prologue. Captado em: <http://remacle.org/bloodwolf/alchimie/cyranides/livre1.htm>. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

¹²⁴ *Le Cyranides*. Le livre de Cyranides. Première Cyranide. Prologue. Captado em: <http://remacle.org/bloodwolf/alchimie/cyranides/livre1.htm>. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

¹²⁵ *Le Cyranides*. Livre d'Hermès Trismégiste sur l'étude, la connaissance, l'influence naturelle des quadrupèdes, composé pour son disciple Asclépios. Deuxième Cyranide. Captado em: <http://remacle.org/bloodwolf/alchimie/cyranides/livre2.htm>. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

¹²⁶ *Le Cyranides*. Des oiseaux: Livre médical sommaire d'Hermès Trismégiste de la connaissance scientifique et de l'influence physique des animaux, composé pour son élève Asclépios. Troisième Cyranide. Captado em: <http://remacle.org/bloodwolf/alchimie/cyranides/livre3.htm>. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

conhecimento científico e a influência natural dos animais marinhos, peixes de mar”.¹²⁷ Todos em ordem alfabética.

Sem dúvida esta obra pode ser considerada um lastro da tradição dos livros de “Segredos”, que concebiam as farmacopeias como tesouros e, portanto, que deveriam ser guardados, não comunicados. Seu poder se encontrava justamente em seu caráter secreto. Dentre os poderes revelados ao Trismegisto estaria também o poder oculto de transformar os metais, sobretudo em ouro, a alquimia, mas também de dissolvê-los “para que depois de separados, & reduzidos aos princípios de sua cõposição, se tornem a unir; adquirindo huma perfeição mayor”.¹²⁸ O padre e erudito dicionarista, Raphael Bluteau, no princípio do século XVIII, ligou a própria etimologia desta palavra ao sentido de “Arte oculta”. Seus inventores teriam sido personagens bíblicos e acrescenta que o saber de transformar os metais em ouro é tão oculto que não se conhecia ninguém que o detivesse e que se alguém o soubesse, este o mantinha em segredo. Na voz “Hermetico” por sua vez, a “Sciencia Hermetica” é tida como “a Chimica, particularmente, a que ensina a fazer ouro, porque dizem que *Hermes Trismegisto* soube esta Arte”.¹²⁹ A tradição hermética, de genealogia polêmica, contudo de muitos séculos anterior a Paracelso, era bastante distante da mentalidade científica moderna. Ainda assim ergueu-se a partir dela um ramo do saber que reunia em escritos enciclopédicos, durante parte da Idade Média e até a Idade Moderna, compêndios de receitas mágicas e “químicas”, feitas por misturas de elementos animais, vegetais, pedras e metais, cujas propriedades terapêuticas eram fundadas na crença das ligações ocultas entre as partes do corpo, os números, os elementos diversos do mundo, e as palavras utilizadas para designá-los.

¹²⁷ *Le Cyranides*. Des poissons. Livre d’Hermès Trismégiste sur la connaissance scientifique et l’influence naturelle des animaux marins, poissons de mer, composé pour Asclépios, son disciple. Captado em: <http://remacle.org/bloodwolf/alchimie/cyranides/livre4.htm>. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

¹²⁸ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino*. Tomo I. Coimbra: No real collegio das artes da companhia de Jesu com todas as Licenças necessárias, 1713 p. 283.

¹²⁹ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino*. Letra H. Tomo IV. Coimbra: No real collegio das artes da companhia de Jesu com todas as Licenças necessárias, 1713, p. 23.

Explorando estas relações, os químicos recomendaram medicamentos como “o tártaro sódico potássico (sal de Rochelle), como laxativos; o sulfato sódico e o sulfato de amônio; o sulfato de potássio (sal policresto); o sulfato de magnésio; o carbonato de magnésio (pós do conde de Palma)”.¹³⁰ O hermetismo e a alquimia, apesar de não condizentes com os princípios da moderna mentalidade científica, serviram para formá-la e a marcaram decisivamente no campo da farmácia e da medicina.

A época abrigava ao mesmo tempo uma nova racionalidade e uma visão mágica do mundo. Durante o Renascimento Paracelso, chamado como Hermes de “divino” por seus seguidores, que viajava coletando remédios para propor uma farmacopeia distinta da acadêmica, como em seu *Labyrinthus medicorum errantium* (1538),¹³¹ queimou livros de Galeno em praça pública, em revolta contra o galenismo, o que não quer dizer que não tivessem nada em comum. Esta tradição fizera a síntese e fusão de diversas outras, de caráter místico e mágico, permitiu no contexto das transformações do pensamento médico moderno, abrir um caminho a mais para buscar a eficácia terapêutica e uma porta para a inserção de substâncias novas na farmacopeia, advindas das experiências dos alquimistas, farmacêuticos e viajantes.

Outros também defenderiam os princípios das curas por simpatias. A iatromecânica, dos seguidores de Descartes (1596-1650) e de Boerhaave (1668-1738), que via o corpo como uma máquina, convocava a química a resolver os problemas da fisiologia humana, mas a partir do mecanismo de movimento de corpúsculos – os remédios podiam ser “químicos”, mas sua ação interna era mecânica.¹³² As várias farmacopeias seguiram um modelo

¹³⁰ EDLER, Flavio Coelho. *Boticas e pharmacias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006, p. 37-38.

¹³¹ CAMPORESI, Piero. *Il pane selvaggio*. Milano: Garzanti, 2004, p. 207.

¹³² EDLER, Flavio Coelho. *Boticas e pharmacias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006, p.38.

semelhante até o século XVII, quando algumas obras romperam com os códigos do gênero e desafiaram as autoridades antigas, especialmente Galeno.

Em 1676, Moyse Charas, Doutor em Medicina e Química do Rei da Inglaterra, como nos informa sua obra, publicou em dois tomos sua *Pharmacopée royale galénique et chimique*, reeditada outras quatro vezes, uma das quais em latim, em 1684. Nesta farmacopeia, o autor reuniu no primeiro tomo a farmácia dos antigos, com o nome de “galênica” e no segundo a “farmácia química dos modernos”, que teria experimentado diversos sucessos.¹³³ Na parte dedicada aos antigos havia os medicamentos de uso interno: emulsões, poções, masticatórios, injeções, clisteres, vinhos e vinagres, confeitos, geleias, conservas, xaropes, mel, comprimidos, pós, opiáceos, trociscos ou pastilhas e pílulas; os de uso externo: óleos, bálsamos, emplastos, cataplasmas, fomentos, banhos, perfumes, loções e colírios. No tomo dos medicamentos químicos, estes estavam divididos entre vegetais: destilações, tinturas, elixires, extratos e sais; animais: crânio, sangue e urina humanas, víboras, chifre de veados, sapos, dentre outros; minerais e metais: pedras, pérolas, águas-ardentes, vitríolo, enxofre, arsênico, ouro, prata, ferro, mercúrio e antimônio. E concluía com remédios de “autores célebres”. O famoso químico, defensor das ideias de Descartes, Nicolas Lémery, publicou em 1697, a sua *Pharmacopée universelle*, reeditada cinco vezes, junto de um *Dictionnaire ou traité universel des drogues simples*, que pretendia conciliar as duas tradições, a galênica e a química, cada vez mais em voga. A farmacopeia dividia-se em três partes: preparações, compostos internos e compostos externos. Os remédios químicos foram assim classificados dentro das estruturas tradicionais. O Dicionário ainda recuperava a classificação alfabética do antigo antidotário de Nicolò de Salerno.

¹³³ COSTE, Joël. La médecine pratique et ses genres littéraires en France à l'époque moderne. Captado em: <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histmed/medica/medpratique.htm>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

Nesta nova forma do gênero das farmacopeias, outra obra, do princípio do século XVIII, foi o maior “banco de dados” farmacêutico de Henriques e a sexta mais referida pelo mesmo, citada dezoito vezes na *Âncora Medicinal: a Bibliotheca Pharmaceutico-medica seu rerum ad pharmaciam galenico-chymicam spectantium thesaurus refertissimus*, publicada pela primeira vez em 1703, em Geneva e em Colonia, pelo médico suíço Jean-Jacques Manget ou Johann Jacob Mangetus (1652-1742), médico Arquiatra daquele que se tornaria posteriormente o Rei da Prússia, Frederico III de Brandemburgo, depois Frederico I da Prússia. A obra em dois tomos, também utilizava a ordem alfabética e consistia num enorme compêndio de “Materia médica, explicada historicamente, fisicamente, quimicamente e anatomicamente”,¹³⁴ conciliando a perspectiva galênica com a química. O autor foi um grande compilador dos assuntos que mais interessavam à prática médica, tendo publicado outras “Bibliotecas”, uma anatômica, outra química, outra médico-prática, outra ainda cirúrgica, um tratado sobre a peste e um “teatro anatômico”.¹³⁵ Todas com muitas reimpressões.

Em ambiente lusitano, a principal obra pertencente a este mesmo ramo modernizado da farmácia foi a *Polyanthea Medicinal. Notícias Galenicis e Chymicas*, Lisboa, “na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade”, 1ª edição em 1697, de João Curvo Semedo, médico de câmara de Dom João V. A obra era dividida em três tratados, o primeiro era um tratado sobre os usos dos vomitórios. Segundo as edições posteriores, ampliadas pelo autor, o segundo era voltado para as virtudes do Antimonio, do Estibio (ou “vulgarmente” pós do Quintilio), formado de vários capítulos que abordavam inicialmente as virtudes e os defensores dos medicamentos em questão, depois dos seus modos de preparo, em seguida diversos capítulos sobre as aplicações dos remédios de acordo com as doenças e por último

¹³⁴ MANGETI, Johann Jacobi, medicinae doctoris, & serenissimi ac potentiss. Regis Prussiae Archiatri. *Bibliotheca Pharmaceutico-medica seu rerum ad pharmaciam galenico-chymicam spectantium thesaurus refertissimus*. In quo, Ordine Alphabetico non Omnis tantum, Materia Medica Historicè, Physicè, Chymicè ac Anatomicè explicata... Coloniae Allobrogum, Sumptibus Chouet, G. de Tournes, Cames, Perachon, Ritter, & S. de Tournes, 1703.

¹³⁵ STOLBERG, Michael. Die »Bibliothecae« des Jean-Jacques Manget (1652–1742). Captado em: http://www.haraldfischer Verlag.de/hfv/AEL/ael_3-20_einleitung.php. Último acesso em 29 de junho de 2014.

algumas recomendações para a longevidade e conservação da saúde. No terceiro tratado, o autor preparou poucos capítulos inteiramente dedicados à “bondade da Chymica”, destacando as autoridades que a utilizaram, comparações entre os antigos e os modernos ou entre os químicos e os galenistas, geralmente defendendo os modernos e concluindo com alguns remédios e “segredos” inventados pelo próprio autor.

A Química era para Semedo a “nobre e excellente” arte de abrir e decompor os corpos, purificando-os para fazer grandes remédios a partir de qualquer corpo natural, vegetais, animais, minerais ou metálicos. Esta seria tão necessária aos médicos quanto as armas aos soldados, o leme aos pilotos e as tintas aos pintores – estes deveriam saber purificar suas cores da mesma maneira que os médicos deveriam purificar os remédios. E ainda condenava a formação clássica universitária, que levava os médicos a estudarem a música, a poesia e a aritmética, disciplinas consideradas por ele sem importância para a profissão.¹³⁶

A rivalidade entre partidários do galenismo e partidários dos medicamentos químicos ou ainda de partidários da dietética, que prometia a conservação da saúde, e partidários das novas medicações, que prometiam mais poder de intervenção ao médico, segundo parâmetros mais modernos, não impediu que muitos médicos se envolvessem num esforço conciliatório, caracterizado por certo ecletismo teórico. Este é o caso de Henriques, que embora formado na escola galênica e partidário da dietética como maneira de conservar a saúde, reconhecia o valor dos novos remédios químicos (ainda que não o fizesse de maneira incondicional) e criticava aqueles galenistas que não se abriam para outras correntes médicas.

Em carta enviada a Semedo em 1698 e publicada nas edições seguintes da obra, Henriques parabenizava o médico pela *Polyanthea*, advertia-lhe das polêmicas, dizendo “não sey que antipathia querem ter à força com os Chymicos os Galenistas, que assim se publicão

¹³⁶ SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal: notícias galenicis, e chymicas*, Repartidas em tres Tratados... Por Joam Curvo Semmedo, Medico, Familiar do Santo Officio, & Cavalleyro professo da Ordem de Christo. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1697, p. 759-760.

odiosamente opostos, quando para mayor utilidade deviaõ estar conformemente unidos”, o que se desdobrava no fato de que o autor havia recebido diversos poemas como reconhecimento pela obra, mas “se não acha hum elogio de Professor Apollineo”, ou seja, dos médicos de profissão. O que demonstra possivelmente que a resistência em Portugal ainda era grande aos medicamentos químicos no âmbito dos médicos diplomados. Henriques ainda lhe afirmava que todos os tipos de públicos, haveriam de se beneficiar da obra, inclusive os galenistas que teriam seus horizontes terapêuticos expandidos pelas possibilidades abertas pela “espagírica seita” de Paracelso, assim como os Herméticos, seguidores do último, aos quais os melhores ensinamentos da seita de Galeno se aplicariam com muito proveito em suas próprias investigações:

Os Galenicos, pois lhe dilata a racional esfera de sua Escola Dogmatica pelos limites da Espagyrica seyta. Os Hermeticos, pois o melhor Sectaror de Galeno se applica com sedulidade nas investigações de Paracelso. Os Iatrologos, pois neste Medicinal Compendio se lhes propõem racionaes documentos canonizados com bem qualificadas experiências. Os Philologos, pois nas bem concinnadas clausulas, achaõ a mais bem collocada rhetorica. Os Philosophos, pois neste precioso thesouro tem a sua especulação jucundas curiosidades animadas com dulcíssima elegância. Os scientes, pois neste ingenioso volume acha a sua erudição hum promptuario de sentenciosos apophthegmas [remédios]. Os íncios [ignorantes], pois se lhes mostra hum directorio para sahirem das escuras trevas da ignorância às claras luzes da sabedoria. Os êmulos, pois sem as expressas increpações de hum bem merecido impropério, lucraõ, em tão solida doutrina, huma lição tão douda.¹³⁷

Se até então, apesar das pressões por maior eficácia, o médico bom era ainda aquele que se não conseguisse ajudar ao menos não deveria fazer mal, o aumento do poder terapêutico proporcionado pelos remédios químicos também significou aumento do poder para fazer mal. De fato, os remédios químicos suscitaram fortes polêmicas.¹³⁸ Estes recebiam a crítica de serem muito violentos e muito fortes ou muito quentes por médicos que, como

¹³⁷ Carta que o Doutor Francisco da Fonseca Henriques, Medico do Serenissimo Senhor Rey Dom Joaõ o V, mandou ao Doutor Joaõ Curvo Semmedo dandolhe os parabéns da Polyanthea que compoz. In: SEMMEDO, João Curvo. *Polyanthea Medicinal. Notícias Galenicis e Chymicas...* Terceyra vez impressas, & augmentadas. Lisboa, Na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1716.

¹³⁸ AUCANTE, Vincent. *La philosophie médicale de Descartes*. Paris: PUF, 2006, p. 59-60. Apud: PINHEIRO, Juliana da Silveira. *A anatomia das paixões: a concepção somatopsíquica de Descartes e sua relação com a medicina*. 2012. 216 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, p. 90.

Henriques, preferiam cuidar da conservação da saúde e não se submeter facilmente a remédios que poderiam fazer mais mal que curar. Alguns reconheciam o poder de cura dos remédios, mas ainda temiam seu poder maléfico e por esta razão recorriam à dietética, fator que contribuía para sustentar o galenismo, como principal fonte dos conhecimentos dietéticos. A esta crítica, Curvo Semedo respondia que tais medicamentos deveriam ser preparados “por Artifice perfeyto e scientifico” e que desta maneira seriam muito seguros e mesmo agradáveis. Nisto, o médico fundava sua justificativa na crença do poder da química de buscar a perfeição, pois “por meyo della se manifestaõ as virtudes que estaõ escondidas e reconcentradas nas hervas, plantas, metaes, e mineraes”.¹³⁹ Esta ciência tirava seu poder da manipulação de propriedades ocultas, que poderiam ser isoladas das impurezas e concentradas, pelo reconhecimento dos sinais destas propriedades deixados por Deus na natureza.

João Curvo Semedo criticava fortemente aquilo que considerava um descompasso entre a medicina portuguesa e a europeia. Sobre a cirurgia de retirada de cálculos na bexiga, por exemplo, já não haveria “parte do mundo (excepto Portugal) aonde deixem de fazer essa obra, para tirar pedras tamanhas como ovos de Gallinha”, sem as quais os doentes haveriam de morrer.¹⁴⁰ O alvo das críticas são justamente os galenistas, que dentre outras coisas resistiam a abandonar o princípio da cura pelos contrários (males quentes se curam com remédios frios), que tinham por “verdade Evangelica”, e adotar ao invés disso os remédios químicos. Para Semedo, as febres pioravam com água de neve e melhorariam com os sucos ácido-salinos e amargos em alto grau. Os mesmos gerariam fervores no sangue e consequentemente as febres do corpo, portanto a cura indicada era com remédios

¹³⁹ SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal: noticias galenicis, e chymicas*, Repartidas em tres Tratados... Por Joam Curvo Semmedo, Medico, Familiar do Santo Officio, & Cavalleyro professo da Ordem de Christo. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1697, p. 772.

¹⁴⁰ SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal: noticias galenicis, e chymicas*, Repartidas em tres Tratados... Por Joam Curvo Semmedo, Medico, Familiar do Santo Officio, & Cavalleyro professo da Ordem de Christo. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1697, p. 788.

“quentíssimos, como são a Quinaquina, a Genciana, a Centaurea menor”, o que testemunharia contra a cura dos contrários.¹⁴¹ Sua rivalidade com os galenistas o fazia enfrentar dificuldades em Portugal, mas ele próprio notava que nos últimos anos do século XVII estava aumentando a aceitação das terapias químicas:

Menos há de vinte e quatro annos, que querendo eu dar a hum Gallicado [sifilítico] hum pouco de Mercurio, chamado Calomelanos, que he o mais suave, e melhor de todos os Mercurios, sabendo outro Medico, que comigo curava, que o tal Mercurio era feyto de Solimaõ, lhe faltou pouco para me apedrejar, porque se persuadio a que era impossivel, que hum veneno tão presentaneo pudesse produzir hum remédio tão salutifero, e já hoje este mesmo Medico, desenganado com a experiência, e curas felicíssimas, que me vio fazer, he o que mais usa do tal remédio, e tem feyto com elles milagrosas curas.¹⁴²

Todos os “caroços e durezas” eram interpretados pelos grandes Químicos, como procedentes de “espíritos accidos” que coalhariam os humores, endurecendo-os e formando os caroços. Atribuía-se então à sífilis, uma característica ácida, pelos caroços que surgiam. Para Semedo, o mercúrio, sendo alcalino, seria penetrado pelos ácidos, retirando-os de circulação e interrompendo o endurecimento dos humores.¹⁴³ Também sobre a cura dos “Gallicados”, o médico indicava a introdução dificultosa dos “caldos de Cobra”, que seguiam o mesmo princípio de cura do veneno com outro veneno, e para estancar o sangue das artérias havia se popularizado durante os quarenta anos anteriores a Caparrosa de Chypre e a Agua Estipsica de Inglaterra, essências produzidas pelos químicos, que “qualquer Barbeyro” saberia utilizar. Assim também o Chocolate (quente e seco), que cinquenta anos antes era um completo

¹⁴¹ SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal: noticias galenicis, e chymicas*, Repartidas em tres Tratados... Por Joam Curvo Semmedo, Medico, Familiar do Santo Officio, & Cavalleyro professo da Ordem de Christo. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1697, p. 787.

¹⁴² SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal: noticias galenicis, e chymicas*, Repartidas em tres Tratados... Por Joam Curvo Semmedo, Medico, Familiar do Santo Officio, & Cavalleyro professo da Ordem de Christo. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1697, p. 780.

¹⁴³ SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal: noticias galenicis, e chymicas*, Repartidas em tres Tratados... Por Joam Curvo Semmedo, Medico, Familiar do Santo Officio, & Cavalleyro professo da Ordem de Christo. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1697, p. 764.

desconhecido, havia sido introduzido para “extinguir as febres que procedem de muyto trabalho”, contrariando novamente os princípios galênicos.¹⁴⁴

Em seu elenco de descobertas da fisiologia do século XVII (vasos linfáticos, a digestão pelos ácidos e pela saliva, as glândulas dos intestinos, o suco pancreático, os canais lacrimais e a circulação sanguínea, por exemplo), das inovações técnicas modernas (pólvora, bombas, microscópio ou “Selindro óptico”), encontramos alimentos como novos remédios. Indistintamente em meio ao Manná (“suco purgante, que se colhe congelado em as folhas de certas arvores de alguns paizes”);¹⁴⁵ o Senne (folha do oriente próximo, usada como purgante), o Agarico (fungo usado como purgante); a Canafistula (Cassia fistula); a Conrahyerva (“contra erva”, raiz contra venenos); a Quinaquina (quina do Peru), a raiz do Cipó e o sal Policresto; também o âmbar, o almíscar e o açúcar, “que tinhaõ excellentissimas virtudes, não só para a Medicina, mas para mil usos do gosto humano” (Henriques admitia os três últimos nos chocolates, junto à canela e à baunilha)¹⁴⁶ ou ainda, os Tamarindos; a Salsa parrilha; o Chá, o Chocolate e o Café.¹⁴⁷ Isto demonstra que a centralidade do gosto e da experiência olfativa, na cultura mantinha um canal de comunicação de maior proximidade entre o saber especializado e o saber popular ou ainda entre a cultura alimentar e as farmacopeias.

Ainda que Semedo fosse ardoroso defensor da farmácia química, ainda considerava merecer “grandes louvores” o ensinamento de Galeno de que os médicos devessem conhecer

¹⁴⁴ SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal: notícias galenicis, e chymicas*, Repartidas em tres Tratados... Por Joam Curvo Semmedo, Medico, Familiar do Santo Officio, & Cavalleyro professo da Ordem de Christo. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1697, p. 779-780.

¹⁴⁵ BLUTEAU, Rafael. *Dicionario da língua portugueza*, composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Tomo II, L-Z. Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 49.

¹⁴⁶ A receita era composta de baunilhas, canela e açúcar e poderia conter também o âmbar e o almíscar “ou quaisquer outros aromas”, desde que não se desse com estes ingredientes aos biliosos, quentes e adustos, pois a secura e o calor ficariam excessivos, fermentando mal os humores e o sangue, abrasando as entranhas e provocando então “febres, reumatismos e outros danos”. Ver: AM, 2004, p. 249-250.

¹⁴⁷ SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal: notícias galenicis, e chymicas*, Repartidas em tres Tratados... Por Joam Curvo Semmedo, Medico, Familiar do Santo Officio, & Cavalleyro professo da Ordem de Christo. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1697, p. 775-779.

todas as ervas e plantas, e o que mais he, que até da Arte de Cozinha (...). E verdadeiramente não sey eu, a quem tão propriamente pertença o conhecimento destas cousas, como aos Medicos, porque como elles são os que mandão fazer os Cordeaes, as Tisanas, os soros, as purgas, as apozimas, e outras muytas medicinas, he preciso saber em que tempo do cozimento se hão de deitar as raízes, quando as sementes, quando as flores, quando hão de cozer muyto, quando pouco, que ervas sofrem mais cozimento, e quaes menos.¹⁴⁸

É significativo que para Semedo na obtenção das substâncias ativas das ervas e também no preparo de xaropes, remédios sudoríficos, cordeais (para o coração) e no Bezoartico, o cozimento deveria ser preferido em relação à destilação. A primeira razão para isso encontra-se num critério culinário, que deposita no prazer/desprazer da experiência sensível a confiança para estabelecer o que é seguro ou inseguro à saúde: “as águas destiladas tem hum sabor, e cheyro desagradável, e conforme a boa razão, tudo o que pudermos fazer com agrado, e segurança, he melhor, que o que se faz com risco e aborrecimento”.¹⁴⁹ O segundo motivo seria que as boticas destilavam em alambiques de metal com águas provenientes de canos de chumbo que seriam responsáveis por causar diversos danos (camaras de sangue, estilicidios, alporcas) às pessoas saudáveis, que seriam maiores nas doentes e mais intensas pelo calor com que se destilam. Em terceiro lugar, Curvo dizia que a virtude das ervas se encontrava nas partes voláteis ou nas partes fixas e não nas inflamáveis. Para isolar as partes fixas a destilação não bastaria, porque seria necessário queimar as ervas, fazendo-as em cinzas para consumir as demais partes e restar somente o sal. Quando as virtudes estão na parte volátil, a violência do fogo acaba por consumir primeiro justamente a parte volátil. O último e mais eficaz motivo, relaciona-se novamente aos sabores, odores e às cores, pois as ervas são todas muito diferentes nestes aspectos, mas todas as águas destiladas ficariam com a mesma cor e sabor e muitas com o mesmo cheiro.

¹⁴⁸ SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal: noticias galenicis, e chymicas*, Repartidas em tres Tratados... Por Joam Curvo Semmedo, Medico, Familiar do Santo Officio, & Cavalleyro professo da Ordem de Christo. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1697, p. 760.

¹⁴⁹ SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas*. Repartidas em tres Tratados... por Joaõ Curvo Semmedo, Cavalleyro Professo da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, Medico da Casa Real. Terceyra vez impresas, e augmentadas. Lisboa, Na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1716, p. 675.

Esta verdade se prova pela seguinte experiência. Supponhamos que hum moço travesso entrou em huma botica, estando ausente o Boticario, e tirou os letreyros dos vidros, em que estão as águas destilladas, e os mudou para diferentes lugares: em que afflicção se veria o Boticario, quando viesse para casa, sem poder conhecer qual era a água de borragem, qual a de língua de vacca, qual a de almeyraõ, ou de papoulas? Porque como todas tem a mesma cor, o mesmo sabor, e o mesmo cheyro, não lhe ficava ao pobre Boticario sinal por onde as conhecesse. E isto he verdade, (como he) aonde estão as virtudes das hervas, se depois de destilladas lhes não ficaõ os diferentes sabores, nem as diferentes cores, nem os cheyros diferentes, que as hervas tinhaõ?¹⁵⁰

Disto tira sua conclusão que as águas destiladas seriam apenas uma fleuma “ou licor inútil”, que ao invés de isolar e concentrar aquelas virtudes que se encontram nas ervas, as diminuem ou eliminam a maior parte. No cozimento “em água natural” ou “água da fonte, que a nossa natureza recebe com mayor agrado, por nos crearmos com ella” isto não ocorreria, porque a água absorve em si “o sabor, a cor e o cheyro e [consequentemente] as virtudes das hervas”. Na água em que se cozem as flores de papoulas, esta fica vermelha, com sabor, cheiro e virtude de papoula. Quando estas são destiladas, a água fica branca, sem sabor, sem cheiro, sem virtude de papoula. O mesmo com as ginjas. O cardo santo e a losna deixam na água em que se cozem todo seu amargor, cor, odor e virtudes. Quando destilados o efeito é o contrário, a água fica doce ou insípida e sem as demais características das ervas.¹⁵¹ As virtudes são ainda informadas principalmente pelos sentidos ou podemos dizer mesmo que as virtudes terapêuticas são os próprios sabores, odores e cores das ervas, que só se preparam com segurança e eficácia através das simples práticas de cozinha.

Apesar dos intensos conflitos entre químicos e galenistas, a comunicação entre os estilos de pensamento era mantida aberta por um substrato cultural comum, que conferia um papel importante aos alimentos (ainda que medicamentosos), à experiência sensível e à

¹⁵⁰ SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas*. Repartidas em tres Tratados... por Joaõ Curvo Semmedo, Cavalleyro Professo da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, Medico da Casa Real. Terceyra vez impresas, e augmentadas. Lisboa, Na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1716, p. 676.

¹⁵¹ SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas*. Repartidas em tres Tratados... por Joaõ Curvo Semmedo, Cavalleyro Professo da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, Medico da Casa Real. Terceyra vez impresas, e augmentadas. Lisboa, Na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1716, p. 676.

culinária nas práticas de manutenção da vida humana no melhor e mais seguro estado possível. Esta cultura comum, suas simbologias e crenças permitiam retornar ao nível das práticas populares, para numa circularidade reelaborá-las (e justificá-las) teoricamente.

O século XVIII foi o período em que o galenismo entrou em decadência e em que as tentativas de conciliação tornaram-se mais difíceis, após a reforma da Universidade de Coimbra, de 1772, que deu mais espaço à medicina mecanicista ou iatromecânica, partidária dos remédios químicos em detrimento das regras particularizadas da dietética e da higiene ainda praticadas por médicos como Henriques.

Capítulo II: Curas mágicas

II. 1. Nada a desperdiçar

Médicos e curandeiros populares compartilhavam de várias práticas que podemos chamar de mágicas, mas que pertenciam à concepção de uma natureza interconectada. O sobrenatural fazia parte da natureza e ainda que a Igreja e procurasse controlá-lo, as práticas mágicas eram disseminadas por toda a sociedade. Estas empregavam os mais diversos ingredientes disponíveis na natureza.¹⁵² Os remédios originados do próprio corpo humano, longe de serem novidade na Idade Moderna, consistiam em traço da medicina popular, à qual podemos atribuir uma grande parte dos medicamentos e que podemos encontrar em diversos tratados. Segundo Edmund Leach, as secreções humanas são universalmente ambíguas. Sendo aquelas primeiras substâncias corporais que se devem descartar e distinguir do próprio corpo recai sobre as mesmas o sentimento de repulsa, mas também lhe conferem poder – a sujidade é aquilo que tem o poder de incomodar uma ordem de mundo, conseguindo provocar o sentimento de afastamento, repulsa, mas os seres humanos lhes reconhecem tanto o perigo quanto o poder e nela podem buscar com frequência associações férteis para poderes especiais de cura.¹⁵³ Sórdidas e poderosas, as secreções humanas “em todo o mundo são precisamente estas substâncias os ingredientes primários de ‘medicinas’ mágicas”.¹⁵⁴ Debitários desta ambiguidade recolhida em sentimentos profundos da religiosidade popular, estes tratados nos permitem abordar elementos das concepções de cura populares. Não seria possível separar claramente a cultura erudita da popular, à medida que as práticas populares constituem parte

¹⁵² Cf. ABREU, Jean Luiz Neves. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, p. 92-101.

¹⁵³ DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Trad. Mônica Siqueira Leite de Barros, Zilda Zakia Pinto. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010 (Debates ; 120), p. 54-56 e p. 117-118.

¹⁵⁴ LEACH, Edmund. Aspectos antropológicos del lenguaje: categorías animales e injuria verbal. In: LENNEBERG, Eric H. et al. *Nuevas direcciones en el estudio del lenguaje*. Madrid: Revista de Occidente, Ediciones Castilla, 1974. p. 54.

importante das fontes dos tratados. Embora as diferentes edições possam ter em vista distintos interlocutores diretos, consideramos estes tratados como fontes atravessadas por um conjunto de noções comuns, às quais servem de vetores de tráfego entre os diversos níveis de cultura.

A farmacopeia pertencia ao âmbito da cultura alimentar e desde muito tempo houve alusões nos textos médicos ao consumo de carne humana. Galeno no Livro III de seu *De alimentorum facultatibus* (Das propriedades dos alimentos), diz que em tempos passados “a semelhança, em sabor e odor, entre a carne do homem e a do porco foi observada quando algumas pessoas comeram sem saber a carne humana no lugar da carne de porco”.¹⁵⁵ Para o médico grego tratou-se de um crime feito por pessoas que teriam enganado outras, vendendo-lhes carne humana por carne de porco. Paulo Egineta, um médico bizantino, também reportou o consumo de carne humana. Francisco Henriques por sua vez faz referência a um caso semelhante, comentado por Zacuto Lusitano, a partir de outra obra galênica.¹⁵⁶ Outro texto ligado à farmacopeia popular foi consultado pelo médico português a respeito da virtude dos pulmões de porco, que poderiam ser comidos antes de beber vinho para prevenir-se da “temulência”, ou postos quentes sobre a testa para provocar o sono e ainda abaixo do nariz para acordar aos adormecidos em letargia. Trata-se do Zomista de Alessandro Venturini, publicado pela primeira vez em 1636, reeditado ao menos nove vezes até 1704, com diversos títulos, dentre os quais *Le medicine che da tutti gl'animali si può cavare a beneficio dell'uomo, altre volte intitolato il Zomista, e Secretario de gl'animali* (Os remédios que de todos os animais se podem tirar a benefício do homem, outras vezes intitulado o Zomista e Segretário dos animais). Sua obra compilou “de terceira mão” uma vasta quantidade de pequenos manuais de segredos, que tinham como fontes os bestiários, herbários, lapidários, enciclopédias, que misturavam autores ilustres e desconhecidos. O próprio Venturini

¹⁵⁵ GALENO. *Sulle proprietà dei cibi* – Libro III. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 163.

¹⁵⁶ Trata-se de *Historia pueri epileptici* e o comentário de Zacuto encontra-se em *Praxis Historiarum*, comentário 28. In: AM, 2004, p. 100.

misturava autoridades antigas como Aristóteles, Dioscórides, Galeno, Hipócrates, Plínio, Columella a médicos práticos dos séculos XVI e XVII e ainda outros desconhecidos completos. A maioria das edições tinha tamanho reduzido “de bolso”, o que demonstra sua orientação prática, feita para facilitar o uso, a difusão e o transporte. Entre uma edição e outra foram adicionados diversos “segredos”, revelando uma concepção cumulativa do conhecimento, embora algumas receitas mais claramente mágicas tenham sido eliminadas entre uma edição e outra.¹⁵⁷ No século XVIII, os conhecimentos de medicina animal já eram reunidos em livros especializados de “alveitaria” – o alveitar no âmbito português era o profissional especializado em estudar e curar os animais. De todo modo, os conhecimentos sobre medicina animal já faziam parte da cultura das sociedades agro-pastoris havia muitos séculos e se faziam presentes na literatura médica voltada para obter remédios a partir de animais.¹⁵⁸

Venturini era um cirurgião e herborista, portanto um prático e compilador. Se a princípio os principais autores de farmacopeias e compilações de segredos foram médicos diplomados, a partir de meados do século XVI até a metade do século seguinte, o grande aumento nas impressões e na divulgação deste tipo de obra foi dominado sobretudo por médicos práticos. A contribuir para isso teriam sido as pressões causadas pelos grandes contágios de peste, o surto de divulgação científica a partir das impressões dos manuais técnicos em geral, bem como de almanaques de conselhos e de vulgarização da ciência, mas também o afastamento da prática do ambiente universitário deste momento, fechando-o para as reelaborações feitas pela experiência dos práticos e do saber popular.

¹⁵⁷ CESCHI, Raffaello. *Nel labirinto delle valli: uomini e terre di una regione alpina: la svizzera italiana*. Bellinzona: Edizioni Casagrande, 1999, p. 243-245.

¹⁵⁸ MENESES, José Newton Coelho. *Uma história da veterinária: exercício e aprendizagem de ferradores, alveitares e veterinários em Minas Gerais e a Escola de Veterinária da UFMG – 80 anos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 29-33.

Os remédios do Zomista “se cavam de todos os animais”, sem exceção. O primeiro animal medicinal indicado pelo Zomista é justamente o “homem”, em segundo a “mulher”, seguida de cães, porcos, cavalos e demais animais terrestres, depois a gama variada de animais que se arrastam, como as serpentes e os caramujos, ou vivem sob a terra, como as toupeiras, entre a água e a terra, como os sapos, na água e por último os voadores, que reuniam pássaros e insetos, como moscas, pernilongos, abelhas e outros ainda como os “cervos voadores”.¹⁵⁹ A organização não seguia um critério terapêutico, mas uma hierarquia zoológica simples, razão pela qual pelo menos a partir da edição de 1674 já era possível encontrar um índice alternativo “de todas as enfermidades para encontrar os medicamentos que as resolvam”, facilitando o encontro dos remédios de acordo com as doenças, junto a alguns acréscimos “de importantes segredos”, feitos por outra pessoa.¹⁶⁰ Nada era desperdiçado no corpo humano, que era fonte de cerca de cento e quarenta remédios, feitos a partir de: sangue, carne seca das “múmias”, excrementos, urina, sujeira da orelha, muco do nariz, gordura, miolos de ossos mortos, menstruação, pelos, cabelos e até leite e “manteiga de mulher”.¹⁶¹

Dioscórides já trazia em sua *De materia medica* trinta e dois usos terapêuticos distintos para o excremento, além de quatro usos cosméticos, em treze formas de aplicação (emplastos, bebidas, unguentos etc.), originados de treze animais: ovelhas, cavalos, pombas, galinhas, humanos, burros, javalis, cegonhas, ratos, cães, crocodilos, abutres e cabras. O uso destes produtos não era restrito aos mais pobres, havia também produtos de elite, sobretudo os de uso cosmético. O esterco de crocodilo era muito valorizado como produto cosmético para as mulheres, pois se chegava a falsificá-lo no tempo de Dioscórides, “dando de comer arroz

¹⁵⁹ CESCHI, Raffaello. *Nel labirinto delle valli: uomini e terre di una regione alpina: la svizzera italiana*. Bellinzona: Edizioni Casagrande, 1999, p. 243.

¹⁶⁰ VENTURINI, Alessandro. *Le medicine Che da tutti gl'animali si può cavar à beneficio dell'Huomo; altre volte intitolato il Zomista, e Secretario degl'animali di Alessandro Venturini. Hora accresciuto d'importanti Secreti da Francesco Pignocatti. E di un'Indice di tutte le Infermità per trovar i medicamenti da risolverle*. Curti: Venetia, 1674.

¹⁶¹ CAMPORESI, Piero. *Il pane selvaggio*. Milano: Garzanti, 2004, p. 50-51.

aos estorninhos e vendendo seu excremento por semelhante”. Durante o período mais quente do verão, em que a constelação de cão maior estava visível, em correspondência astrológica, o esterco de cão seco bebido com água ou vinho era tido como ótimo para prender o ventre. O esterco humano fresco era recomendado como cataplasma para ajudar a cicatrização de feridas e mantê-las sem inflamação ou quando seco poderia ser misturado com mel e aplicado na laringe para combater as anginas.¹⁶²

A urina dispunha de menos variedades animais: cabra, humano, criança, lince, burro, javali, touro; trinta usos terapêuticos, dois cosméticos e poderia ser aplicada de sete maneiras distintas. A própria urina poderia ser bebida para picadas venenosas, hidropisias, em loção para a picada de ouriço de mar, aranha do mar e de cachorro. Poderia ser misturada ao natrão e utilizada como detergente contra lepras e pruridos. Era também empregada contra as afecções nas genitálias, dentre outras aplicações.

Para Piero Camporesi, a antropofagia foi uma prática mais presente do que imaginamos até o século XVIII, tanto por necessidade (nos casos em que as várias guerras impediam o abastecimento das cidades sitiadas por longos períodos, ou ainda nos casos das crises de carestias em locais densamente povoados, em que a disponibilidade de recursos nutricionais não era o bastante para suprir uma população numerosa) quanto por escolhas rituais, pela sua forte presença no imaginário popular e na literatura. Mas a censura sobre a mesma tornaria difícil medir essa prática – devemos ponderar que apesar dos inúmeros relatos trazidos pelo autor, as situações-limite que teriam levado a tais práticas não podem refletir um cotidiano alimentar,¹⁶³ uma regularidade, predominando, portanto, seu caráter ritual e farmacológico.

¹⁶² DIOSCÓRIDES. *Sobre los remedios medicinales* – manuscrito de Salamanca. Libro 2, Sección 80. Captado em: <http://dioscorides.usal.es/p2.php?numero=273>. Último acesso em 29 de junho de 2014.

¹⁶³ Falando sobre os casos de antropofagia por necessidade presentes na literatura da Alta Idade Média, Montanari ressalta tratar-se de “casos-limites”, que podem ser encontrados ocasionalmente também em outros períodos, sem refletir a “normalidade”, predominando o caráter ritual. Vale ponderar que a Alta Idade Média foi

De certo modo, as ligações do corpo microcosmo com o mundo macrocosmo, estendiam-se também ao mundo dos mortos. A morte no quadro de valores das comunidades agrárias tradicionais era vivida de maneira natural, que acreditava na proximidade da alma dos defuntos, na sua volta ao mundo dos vivos, motivo pelo qual se procuravam manter as “relações de sociabilidade” com as almas dos mortos. O culto aos antepassados e as manipulações mágicas das mesmas almas, por meio de invocações ou de “utilização ritual de certos elementos do cadáver” são sinais da atitude popular diante da morte, que fazem seus influxos dentro das tradições eruditas escritas. O que ocorre apesar do contraste com a atitude de dramatização da morte por parte da Igreja, que enfatiza o objetivo da salvação individual da alma e convoca a “meditação sobre a destruição do corpo como método de pedagogia moral”.¹⁶⁴

A intimidade com a morte revela que “na velha sociedade, o mundo dos vivos era ligado ao dos mortos por mil fios”¹⁶⁵ e estas ligações com os mortos eram mobilizadas pelo saber popular para curar os vivos. A ambiguidade morte/vida na cultura de sociedades agrárias estaria ligada à simbologia do “renascimento vegetal e da reprodução através das sementes/mortas”.¹⁶⁶ A relação terra e subsolo, fertilidade e esterilidade, vida e morte, seriam “o núcleo profundo” da religiosidade popular. Assim, os cemitérios eram espaços frequentados para diversos fins, tanto para lamentar os mortos como para mercado. As receitas não reconheciam limites entre a medicina popular e a erudita, que eram regidas por “simpatias”, “afinidades”, “antipatias” ou “repulsões” de caráter mágico entre as partes dos corpos dos vivos e as partes dos corpos dos mortos. O convívio com carnes secas de partes

um período de maior segurança alimentar que a Baixa Idade Média e a Idade Moderna e os casos de antropofagia por necessidade podem ter sido mais numerosos. MONTANARI, Massimo. *Strutture di produzione e sistemi alimentari nell’Alto Medioevo*. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell’alimentazione*. 4ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007, p. 224.

¹⁶⁴ BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feitiçeiros, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 148.

¹⁶⁵ CAMPORESI, Piero. *Il pane selvaggio*. Milano: Garzanti, 2004, p. 49

¹⁶⁶ CAMPORESI, Piero. *Il pane selvaggio*. Milano: Garzanti, 2004, p. 43

humanas era doméstico e se utilizavam pequenas partes misturadas a outros elementos para vários preparados. Trata-se de um sincretismo que mesclou as diversas tradições científicas, religiosas e populares para confluir na farmacopeia até a Idade Moderna,¹⁶⁷ fonte do saber especializado, de seitas como a dos seguidores do “‘divino’ Paracelso”, o que torna difícil dividir com clareza o que é de origem popular e o que é de origem erudita, mas torna evidente a circularidade cultural.

II. 1-1. Virtudes ocultas e farmacopeias humanas

Também Francisco Henriques insere-se em parte nesta tradição. Na *Medicina Lusitana e Soccorro Delphico aos clamores da Natureza humana, para total prostigação de seus males*, impressa em Amsterdam (em casa de Miguel Diaz) no ano de 1710 e reeditada em 1731, o médico português afirma o princípio das simpatias após contar alguns casos em que estas teriam se manifestado a distância. Este afirmava que “por sympathias occultas se tranplantam os males hum a outro corpo” e que apesar de aconselhar cuidado para não atribuir “qualquer absurdo (...) [ao] occulto magnetismo da natureza”, não se poderia negar seus efeitos:

há na natureza sympathias, magnetismos, occultas virtudes, e huma tacita penetração de ideas, de que so conhecemos os effeytos, os quays não negão os que são amantes da sabidoria, como disse Avicenna, porque muytos segredos tem como em sacrário a natureza, os quays não podem investigar os homens, como notou Seneca e Franco. (ML, 1710, p. 151)

Em seguida elenca uma série de atrações e repulsões presentes na natureza, entre animais, pedras, metais, alimentos etc.. A hesitação do leão frente ao galo, evidentemente mais fraco que o primeiro, ou o temor da águia em relação ao escaravelho, eram tidos como provas de repulsões ocultas entre opostos. Assim também a atração dos imãs ou a atração entre o ouro e o azougue (mercúrio). Reportando uma história lida na *Polyanthea* de Curvo

¹⁶⁷ CAMPORESI, Piero. *Il pane selvaggio*. Milano: Garzanti, 2004, p. 49-50.

Semedo, diz que uma mulher ao lançar cinzas e brasas sobre o excremento de um menino, provocara-lhe “grande dor, quentura, e proido na via excrementícia (...) que pella sympathia entre aquella parte, e os excrementos, parece que se offendia, como se nella mesma se lançaram as brasas”. O leite do peito das mulheres corria o risco de se secar pela aproximação com o fogo ou por se lançar uma porção deste leite ao fogo, medo amplamente difundido, segundo diz Henriques: “está na opinião das gentes este temor tão geralmente recebido, que supporta a sympathia, e antipathia das cousas, podemos considerar que por meyo dellas se secasse o leyte, e por isso não reprovamos toda a cautella que com elle se uza” (ML, 1710, p. 152). As razões pelas quais estes efeitos ocorriam eram ocultas porque “o engenho humano não as pode compreender”, mas talvez mais importante fosse não investigá-las, como afirmava Henriques citando Van Helmont, pois aí residia o seu poder mágico, no oculto sem o qual não havia poder de deslumbrar e de maravilhar.

Ainda que não se conhecessem as causas destas relações, seus efeitos poderiam ser manipulados com objetivos medicinais. A respeito da epilepsia, também conhecida como gota coral, Francisco Henriques aconselha dois remédios de sua autoria. O primeiro destes é uma mistura de

pós de raiz, e semente de peônia macho, arrancada em quarto minguante da Lua (...) de visco quercino, de craneo humano, que não fosse enterrado, excremento de pavão machos para os homens e femea para as mulheres (...) de sangue de doninhas (...) de pós de coral vermelho, e de aljôfar (...) Cada huma destas cousas se prepare a parte, e depoys se mistrem todas exactissimamente. (ML, 1710, p. 226)

A receita possuía suas quantidades precisas de ingredientes animais como o crânio humano que não tivesse sido enterrado, excremento de pavão e sangue de doninhas, misturados a ingredientes terrestres e marinhos. A epilepsia era desde a Antiguidade considerada um mal relacionado ao cérebro, mais particularmente às alterações nos fluxos dos humores corporais, causadas por choques e contrastes bruscos, que afetariam a cabeça. Sendo o cérebro o lugar da “fleuma”, o humor viscoso, estas alterações bruscas poderiam provocar

um excesso de fleuma no mesmo e forçar um derramamento do fluxo. Os movimentos bruscos durante uma crise eram explicados de forma semelhante, pois o excesso de fluxo espesso poderia impedir o trânsito correto do sangue e o ar ficaria preso nos membros, procurando sua saída “lançando-se para cima e para baixo”, provocaria então dor e espasmos.¹⁶⁸

O medo ou o susto poderia, sobretudo em crianças, gerar crises, gerando contrações no cérebro, estagnações sanguíneas e a separação da fleuma do sangue. As alterações bruscas também poderiam advir de causas ambientais, sobretudo modificações bruscas de temperatura, que atingiriam especialmente aos velhos.¹⁶⁹ A explicação de Henriques não era tão diferente, embora bem ajustada ao pensamento então em voga. As causas eram ligadas à perturbação na circulação do sangue que irritariam o cérebro e conturbariam os “espíritos animais” ou então ao espessamento ou congelamento da “lympha” (em parte, equivalente da antiga “fleuma”) que obstruiria “os ventrículos do cérebro” e provocaria “expulsão daquela materia obstruente” e conseqüentemente também os movimentos convulsivos (ML, 1710, p. 210-211). Outra possibilidade seria a de se elevarem vapores malignos ao cérebro, advindos de más fermentações via circulação ou pelos “comeatos do corpo” e dos órgãos (estômago, fígado, baço...) ou ainda “soros acres da cabeça”, sobretudo nas crianças, e excessos de vinho.

Além do medo, “a vista de fantasmas”, “as payxões da alma”, o calor do Sol e os raios da Lua (responsável por agitar os fluxos do corpo tal qual agita as águas dos mares e à qual correspondia a cabeça) também poderiam estar entre as causas deste mal, movendo “a causa material deste achaque” (ML, 1710, p. 212). Assim compreende-se a presença do crânio (que não tivesse sido enterrado – possivelmente não seria velho, ainda com umidade) na receita, por “simpatia” com a causa da doença. Lógica semelhante ainda fazia Henriques

¹⁶⁸ HIPÓCRATES. *Da doença sagrada*. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 70

¹⁶⁹ HIPÓCRATES. *Da doença sagrada*. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 72-73.

recomendar contra a insônia uma “caveyra humana metida de baiyxo do travesseyro em que o doente [insone] tiver a cabeça, sem que elle o sayba” (ML, 1710, p. 207), pois o sono era um fenômeno que ocorria na cabeça, justificando-se a simpatia com a caveira. O simbolismo agrário da Lua relacionava-se ao fato de esta regular o ritmo biológico com a sua periodicidade, nascimento e desaparecimento, vida e morte, sendo observada para determinar a hora certa de se arrancar plantas e estendendo-se para outros domínios (os ciclos menstruais, por exemplo, eram atribuídos à Lua, o que a ligava simbolicamente à geração e ao feminino).¹⁷⁰

A peônia¹⁷¹ era uma planta officinal e medicinal, muito utilizada na farmácia para ajustar sabores (sua raiz era tida como adstringente) e cheiros de medicamentos. O visco de quercino não possui raízes e se gruda a árvores, numa espécie de parasitismo, das quais suga sua nutrição, era outra planta medicinal e tinha, possivelmente por esta razão, propriedades absorventes (o que pode justificar sua presença no remédio de Henriques contra a epilepsia), como se encontra em Dioscórides.¹⁷²

O poder mágico e terapêutico do sangue possui um simbolismo antigo, muito forte na cultura popular do Antigo Regime,¹⁷³ e ligado ao quadro dos humores, em que o mesmo é o humor principal, de qualidades quentes e úmidas, associado à vida, à boa nutrição, à geração e à juventude (também quente e úmida), principalmente quando o sangue fosse novo ou de seres jovens e pequenos, especialmente os voadores leves, associados ao ar. Assim, Henriques e Manget receitavam o sangue de leitão, esquentado em banho-maria, contra a tísica (mal de

¹⁷⁰ Assunto tratado no já mencionado *O Non Plus Ultra do Lunário Perpétuo...* Lisboa, 1703.

¹⁷¹ O próprio nome da planta liga-se etimologicamente ao nome do deus da cura grego Peã, Pean, Peon ou Paian, que será depois identificado com Apolo. Ver nota 1 em: DIOSCÓRIDES. *Sobre los remedios medicinales* – manuscrito de Salamanca. Libro 3, Sección 140. Captado em: <http://dioscorides.usal.es/p2.php?numero=549>. Último acesso em 29 de junho de 2014; Ver também CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 238.

¹⁷² DIOSCÓRIDES. *Sobre los remedios medicinales* – manuscrito de Salamanca. Libro 3, Sección 89. Captado em: <http://dioscorides.usal.es/p2.php?numero=492>. Último acesso em 29 de junho de 2014.

¹⁷³ BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 140-141.

natureza fria) (AM, 2004, p. 101). Henriques receita ainda o sangue de adem sozinho como antídoto contra envenenamentos, pelo fato do pássaro ser considerado a ave mais quente e úmida dentre as aves domésticas (que já eram quentes e úmidas, por serem associadas ao elemento ar, de iguais qualidades) (AM, 2004, p. 118-119). O poder do sangue era tal que recomendava enterrar-se rapidamente o sangue retirado das sangrias, temendo que sua exposição pudesse resultar em algum dano ao corpo se algum animal “ou alguma outra causa” se lhe aproximasse e “pello occulto influxo da sympathia, ou mediante o espirito do mundo se possa comunicar” algum mal que afetasse o corpo de onde o sangue fosse retirado (ML, 1710, p. 152).

Em Dioscórides podemos encontrar a mesma associação terapêutica do sangue (só que de tartaruga terrestre) contra a epilepsia ou de ganso, cabrito e pato como antídoto. O sangue das aves era empregado nas lesões oculares e para melhorar a visão noturna. Em lógica de simpatia, beber o sangue do cão era recomendado aos que tivessem sido mordidos por cães raivosos ou em antipatia aos que tivessem bebido veneno. O sangue menstrual de mulheres em unguento poderia servir para as dores de gota ou para erisipela. O mesmo poderia servir para prevenir uma mulher de se engravidar, “se se passa encima dele”,¹⁷⁴ presume-se do homem ou do membro viril. Neste caso, a correspondência do sangue, com o quente, o impulso erótico (e a masculinidade) e a vida poderia ser anulado por antipatia pela correspondência do feminino com o frio. Nas práticas populares portuguesas da época moderna, o mesmo era utilizado para excitar o erotismo em “filtros de amor”.¹⁷⁵

O sangue menstrual, por estar ligado ao útero, também mantinha conexão por simpatia com a prole, portanto havia de se ter cuidado com o mesmo para que não comunicasse males ao útero ou à prole – o mesmo poderia ocorrer entre o pai e a prole. Entre

¹⁷⁴ DIOSCÓRIDES. *Sobre los remedios medicinales* – manuscrito de Salamanca. Libro 2, Sección 79. Captado em: <http://dioscorides.usal.es/p2.php?numero=272>. Último acesso em 29 de junho de 2014.

¹⁷⁵ BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feitiçarias, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 141.

o sangue menstrual já separado da mulher e a mesma haveria “huma occulta sympathia”, pela qual apenas um pingo de vinho jogado sobre o sangue seria capaz de comunicar à mulher a embriaguez. E ainda que a mulher bebesse um copo do mesmo e não se embebedasse isto seria efeito de outra virtude oculta e de “uma tacita sympathia, que alguns indiscretamente negaõ, attribuindo ao Demonio muytas vezes o que são obras admiraveys de Deos, porque a tenuidade do engenho humano as não pode comprehender” (ML, 1710, p. 152).

O excremento humano, principalmente se fosse de “menino são e robusto” era receitado para “gastar as nevoas” dos olhos. Outra simpatia, contra as “hidropezias anazarcas”, inchaços do corpo promovidos por retenções de líquidos, dentre outras causas, como “viver em cazas térreas, e em lugares bayxos, humidos, e nebulosos, e o respirar ares crassos, e humidos” (ML, 1710, p. 656), Henriques, retomando a *Polyanthea* de Curvo Semedo, recomenda a urina fresca de menino de dez anos, tomada durante dois ou três meses, em quantidade de meio quartilho, todas as manhãs (ML, 1710, p.660).

As contradições com a moral teológica tardaram a afetar aqueles costumes relativos ao uso de medicamentos-alimentos oriundos do ser humano. Por princípio ou dogma, o homem deveria se alimentar de seres inferiores na hierarquia física, segundo a ordem natural das coisas, de modo que as plantas se alimentariam dos sucos terrestres, os animais mais imperfeitos dos vegetais e os animais mais perfeitos dos animais inferiores, portanto não poderia ingerir partes de crânios, carne humana ou seus próprios excrementos. Havia o costume de roubar cadáveres nos cemitérios (tanto para experimentação médica quanto para outros usos) e era também bastante comum o esquartejamento dos corpos e sua fervura para destacar a carne dos ossos, facilitar o transporte e permitir dividir o enterro em diversos locais, segundo a vontade manifesta ainda em vida. Um papa chegou a combater este uso no fim do século XIII e é possível que por trás da proibição se tentasse atingir também usos antropofágicos. Se a ideia de cozinhar a carne humana para destacá-la dos ossos era uma

“moda”¹⁷⁶ na época, segundo diz Jacquart, então é possível que seus usos não se destinassem somente a facilitar os enterros. Rasis, traduzido nesta época, era uma das grandes autoridades em medicina que propunha a utilização de carne humana e de múmias, que possuíam sua carne temperada com especiarias e aromatizada com bálsamos.

O costume era difundido pela Europa ao menos até os séculos XVII e XVIII, Johann Schröder ou Iohannes Scroderus, médico e importante farmacologista alemão, que sintetizou o Arsênio em forma elemental no século XVII, em sua *Pharmacopoeia medico-chymica*, também recomendava o uso de cinco tipos de múmias, uma das quais deveria ser de cadáveres frescos.¹⁷⁷ Bluteau apontava que múmias eram encontradas normalmente nas boticas. A que se encontrava comumente a Múmia “nativa” era também conhecida pelo nome de “verdadeira múmia dos árabes” e era feita com um material chamado Pissasphalto. Segundo o padre, era prática originada entre os árabes, a mumificação com uma mistura de pez e betume amassada em pedaços e dessecada ao sol, resultando numa composição viscosa, semelhante a uma cera. Originalmente, este seria o método de mumificar entre os árabes, que se diferenciavam dos métodos egípcios, cujos ingredientes eram mais caros. A palavra múmia, segundo Bluteau, teria na palavra árabe “mum”, que significaria justamente “cera”, tal era a importância do Pissasphalto na mumificação. A múmia egípcia era mais difícil de se encontrar, mas era feita com bálsamo, mirra, aloe, açafraão e outras ervas aromáticas e ficava embebida em licor de carne humana. Outra múmia conhecida dos boticários era a múmia “branca”. Esta era produzida apenas pela ação do sol, vinda de cadáveres de naufragos ou de viajantes mortos em ambientes desérticos. As múmias brancas eram mais leves por ter perdido o “óleo, e sal volátil” e pouco estimadas medicinalmente pela mesma razão. Havia vários casos em que se produziam múmias não intencionalmente, como em alguns cemitérios que guardavam cal ou

¹⁷⁶ JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 295-6.

¹⁷⁷ CAMPORESI, Piero. *Il pane selvaggio*. Milano: Garzanti, 2004, p. 51-52.

outras substâncias que dessecavam o ambiente e assim, dessecaram os cadáveres. A prática das penas de morte por enforcamento ou outros suplícios também faziam parte do mercado de múmias. Alguns “embusteiros” colocavam estes cadáveres de molho em pez negro e os secavam ao forno, vendendo-os depois por múmia do Egito, a mais procurada. O licor do cedro, betume da Judéia também poderiam ser utilizados para fazer múmias de alto valor. O relato de Bluteau dá a impressão que o mercado deste tipo de carne possuía uma atividade considerável. As mais desejadas seriam as múmias de príncipes e senhores do Egito e da Síria, feitas com mirra, bálsamo, açafraão e aloe: “Esta momia quase nunca vem às nossas mãos, porque nem se vendem, nem facilmente se podem roubar corpos embalsamados de pessoas de qualidade, nem os Turcos permitem a translação das Momias para a Europa”.¹⁷⁸ Portanto de roubos e falsificações deveriam viver vários “embusteiros”. A nobreza do cadáver melhorava a virtude de sua carne, como se esta conservasse algo de sua antiga nobreza. Se os turcos não permitiam o traslado de múmias de alto prestígio social é possível que no Mediterrâneo fosse costumeiro o comércio daquelas de baixo prestígio.

II. 2. O corpo quebrantado: o fascinante e o fascinado

Nesta complexa rede de conexões que fazia parte da mentalidade popular, a doença poderia ser vivida como uma “agressão mágica”, um castigo divino, uma invasão de forças ocultas ou diabólicas. O corpo era vulnerável e exigia vigilância constante para protegê-lo nas batalhas entre as forças ocultas. A consciência dos poros criava uma ideia de um corpo perfurado, cheio de passagens, pelas quais as forças ocultas poderiam penetrar, por meio dos mil fios que conectavam o corpo e suas partes às várias correspondências externas, e ameaçar

¹⁷⁸ Verbete “Momia” In: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino...* autorizado com exemplos dos melhores exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos e offerecido a El Rey de Portugal Dom Joam V, pelo Padre D. Raphael Bluteau clérigo regular, doutor na sagrada theologia, Pregador da Rainha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, e Qualificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo V: K-N, Lisboa: na officina de Pascoal da Silva, impressor de Sua Magestade, 1716, p. 550.

a frágil ordem interna, portanto a saúde.¹⁷⁹ Até um simples “olho máo” tinha o poder de provocar o “quebrantamento do corpo”¹⁸⁰ – o quebranto ou mau-olhado lançado por outros era um dos motivos de grande vigilância. Henriques fazia a distinção do quebranto provocado pelo mal de olho, a “fascinação natural” (feita por pessoas comuns) da “fascinação Diabólica” provocada pelos feitiços e encantamentos (de bruxas ou feiticeiras), “com que por virtude de certas palavras ficão muytas pessoas ligadas, sem liberdade, nem juizo, secando-se extremosamente”. A “fascinação natural” poderia ser lançada por qualquer um e era “o mesmo que fazer mal, e offender com enveja (...) [e] pella vista da pessoa irada” ou ainda pelas vozes. A definição do mau-olhado com suas palavras:

Communicaçam, de huma occulta qualidade nocente, que pella vista, contacto, e evaporaçam da pessoa fascinante se introduz na pessoa fascinada, cujos humores altera, dissipando os espíritos, e causando huma universal extenuaçam do corpo. (ML, 1710, p. 157)

Mais adiante Henriques amplia os vetores possíveis, estendo-os ao hálito, respiração, contato e ainda “pellos occultos effluvios, que há de corpo a corpo”. A vista era tida como mais potente transmissora, mas era possível estabelecer uma “comunicação” (no sentido de condução) das qualidades “de corpo a corpo” através das diversas correspondências e “contrariedades” simbólicas disponíveis. As crianças eram particularmente vulneráveis, por serem fracas demais para resistir às invasões e porque as pessoas sem filhos costumavam invejá-las, ainda que não lhe lançassem uma “vista carrancuda”. As pessoas mais perigosas eram as que tivessem má constituição corporal, porque seus humores seriam corruptos e dos mesmos se exalaria “huma aura nocentissima”, que seria movida pelas paixões da alma, como a ira e a inveja, comunicada aos objetos das paixões, fazendo-lhes mal (ML, 1710, p. 158). As mulheres seriam as principais lançadoras de maus-olhados, sobretudo nos períodos da menstruação, marca de impureza e corrupção humoral, desta forma acreditava-se que nestas

¹⁷⁹ Cf. “A exposição da pele” em VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa: Fragmentos, 1985, p. 16-21.

¹⁸⁰ BLUTEAU, Rafael. *Dicionario da língua portugueza*, composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Tomo II, L-Z. Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 273.

épocas, as mulheres poderiam manchar (em analogia com a mancha do sangue) e contaminar os espelhos “em que põem os olhos”, o que para Henriques “a experiencia confirma”. As velhas também deveriam ser temidas, pois invejavam “qualquer fermosura”. As pessoas “de horrível aspecto e de má inclinação”, por sua constituição corporal feia e, portanto, viciosa emanariam a qualidade nocentíssima por meio do olhar com paixão ou com enfado. Não só aos humanos acometia o mau-olhado. Este era transmitido pelas “tacitas” ou “ocultas contrariedades” existentes na natureza, como entre a águia e o açor, o cavalo e o camelo, o gato e o rato (ML, 1710, p. 158).

Humanos “fascinadores” também seriam capazes de matar outros animais com o olhar ou a secar as árvores. Este poder seria tão forte que poderia matar uma ave de caça antes da espingarda de um fidalgo – neste caso, o dito “fidalgo empregara o tiro no homem, para que não fizesse em outros viventes a sua vista semelhantes estragos”. Diversos seriam os poderes dos olhos. Um homem de olhos muito claros e proeminentes conseguia fazer seu olhar atravessar roupas, sendo detido apenas pela opacidade da lã branca. Entretanto, nem todos possuíam a qualidade para dar quebranto em outros, que poderia ocorrer por virtude natural ou acidental. Os de virtude natural seriam aqueles que nos “primórdios da sua geração” as qualidades dos elementos e dos astros lhe tivessem influenciado, dando aos seus humores uma qualidade maligna. Estas pessoas podem dar quebranto a todos que olham e mesmo se olhassem com amor, a qualidade maligna e venenosa se comunicaria aos amados. Os de virtude acidental poderiam ter adquirido a qualidade venenosa “por viverem desordenadamente” ou por ter os humores corrompidos por alguma outra causa. Mesmo os de “bom temperamento” poderiam passar quebranto aos amados, mas apenas se a vista lhes fosse fixada com “intensíssimo amor”, com força para elevar vapores infectos e venenosos dos humores corruptos, comunicando assim o quebranto (ML, 1710, p. 159).

O corpo era dito quebrantado porque a “qualidade fascinante” se alojava no ventrículo esquerdo do coração, do qual se comunicava com os músculos da parte esquerda, que se encolhiam e levavam a um desordenamento do corpo. A penetração da qualidade maligna corrompe os seres vivos e lhes quebranta o corpo, “alterando-os morbosamente”. A ausência de simetria era considerada um sintoma do quebranto, se o doente tivesse a perna e os dedos da mão esquerdos mais curtos era sinal que a prostração se devesse a um possível mau-olhado (ML, 1710, p. 160). No vocabulário de Bluteau, as vozes “quebrantamento”, “quebrantar”, “quebranto” e “quebrar” tem sentido de quebra da ordem e estavam associadas tanto à ruptura “da Lei, das pazes, das tréguas, condições”, dos dias santos (sua não observância), quanto a uma rotura da carne, do corpo, a desunião das “partes de um corpo inteiro”, provocando abatimento ou desfalecimento do ânimo e das forças, por tristeza, desastre, pela velhice, “hum não sucesso” ou ainda pelo “olho mau”.¹⁸¹

De maneira geral, os sintomas apontados são de depressão, sobretudo em crianças que costumam ser brincalhonas e de repente perdem o ânimo, mas também acometem aos adultos, quando aparentemente sem motivo e de repente uma pessoa se entristece,

não podendo abrir os olhos, nem levantar a cabeça, dezejando muyto estar deytados, com muytas lassidões, bocejos, suspiros afflicçoens, e angustias do coraçam, dores por todo o corpo, fastio, náusea, suores, frio, outras vezes alguma quentura, (...) chorando sem causa manifesta lagrimas amargosas, mudando varias vezes a cor do rosto, tendo o sentido de ouvir muyto agudo; e reparando-se nos olhos, se verão diversas cores, totalmente dissemilhantes das dos olhos de outras pessoas (...)(ML, 1710, p. 160)

Além de dores de cabeça, febres, fastio, náusea e vômitos, pois o estômago estaria sempre disponível a reagir, por ter de digerir tudo que se ingere e portanto possuir sempre impuridades ou “cruezas”, que seriam afetadas e “movidias” pelo quebranto – para o caso de fastio ou enjoo provocado pelo quebranto, deveria se recorrer a caldos ou ervas laxativas ou ainda a vomitórios, que eram mais recomendados que as evacuações, que eram tidas como

¹⁸¹ BLUTEAU, Rafael. *Dicionario da língua portugueza* composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Tomo II – L-Z. Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 273.

mais enfraquecedoras, enquanto o vomitório seria uma purga para remover aquelas impurezas movidas pelo quebranto, que ainda não tivessem sido digeridas. O perigo do quebranto residia na vítima lembrar-se pouco do olhado lançado sobre si não dando tempo de acudir com o tratamento necessário. O perigo era maior para os bebês (sempre quentes) e as pessoas de compleição ou temperamento sanguíneo (quente e úmido) ou colérico (quente e seco), isto é, de temperamento quente, pois seu maior calor natural dilatava os poros, facilitando a passagem das qualidades do quebranto (ML, 1710, p. 160).

Cuspir para prevenir-se do mau-olhado e dizer “que Deus o guarde” e coisas semelhantes aos meninos que receberem mau-olhado era uma das práticas populares indicadas por Henriques, embora acreditasse que a imprecação a Deus, neste caso, não bastasse (ML, 1710, p. 162). Das diversas receitas indicadas para a cura do quebranto, os mais importantes depois de seus “pós para o quebranto”, cuja receita quis manter em segredo, são amuletos de azeviche, uma “pedra mineral, negra, luzidia, leve, e fragil”, mas teriam o poder de afugentar os demônios, “desata e desfaz o quebranto, ligaduras, encantamentos e todas as fantasmas tristes, e melancolias”.¹⁸² Esta era uma proteção que era indicada para prevenção do mau-olhado. O médico indica que havia o costume de se por diversas figuras de azeviche nos ombros, braços e na cabeça dos meninos para protegerem-se. Mas nesta luta constante era possível que a força do mau-olhado superasse a da proteção e as pedras se quebrassem (ML, 1710, p. 163). Isto era regra em geral para amuletos. Por ser frágil, a quebra deveria ocorrer com certa frequência para a pedra escolhida por Henriques, o que deveria contribuir a reforçar o medo do poder do olhado, dava possibilidades de justificar a falha da proteção e de manter a crença nas propriedades protetoras.

¹⁸² BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latino, e offerecido a El Rey de Portugal, D. João V pelo padre D. Raphael Bluteau clérigo regular, doutor na sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo I – A. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Anno de 1712, p. 694.

Com outras pedras também se faziam amuletos de proteção genérica: diamante, heliotrópio, pérolas, zafira, carbúnculo. Os corais que eram tidos com muitas virtudes mágicas poderiam ser “trazidos nos braços e pescoço” para preservar do olhado. Os alhos dependurados ao pescoço, junto com “coisas torpes” e desagradáveis que ajudassem a desviar o olhar. Em outros casos poderia se tomar emprestado a animais com virtudes especiais suas peles, o invólucro que os protegia, para ajudar na proteção do frágil invólucro humano, como é o caso do couro da testa da Hiena ou da mão da raposa dependurada ao pescoço. As palavras sagradas também poderiam ter suas virtudes para afastar o olhado, dizendo ao ouvido das crianças os nomes dos três Reis Magos ou ainda colocá-los escritos em papel ao pescoço ou em outros lugares. Ervas como a “pulicaria” ou “tagueda” e a “abelha” ou “testículo de cão”, poderiam ser postas nos berços para protegê-los ou ainda como a “rubia menor” ou “alyssó”, poderiam ser postas na casa para protegê-la. Os gestos, como as figas, também eram poderosos, mas não podendo fazê-los preventivamente a todos com os que se cruzasse, havia figas de azeviche para dar às crianças (ML, 1710, p. 162-163).

O processo de descoberta do quebranto por feitiço ou maldição geralmente era assim: a vítima sentia-se ameaçada por algo (uma falta contra alguém ou uma ameaça explícita de uma pessoa ou feiticeira) e sentia-se doente e logo relacionava a ameaça à doença. Disto procurava um curandeiro próximo que dava o diagnóstico de quebranto e identificava a feiticeira ou bruxa, autora do feitiço. As soluções poderiam passar por mandar fazer missas, pela tentativa de anulação do feitiço, pela utilização de remédios das farmacopeias receitados pelos médicos, pela busca de auxílio no poder da Inquisição ou ainda no pedido à própria feiticeira que desfizesse o feitiço.¹⁸³ A possibilidade de procurar pessoas com poderes para tirar o quebranto era altamente aconselhada por Henriques, sobretudo para não precisar recorrer a remédios, que na opinião do médico, às vezes poderiam fazer mais mal do que bem,

¹⁸³ BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 226-227.

embora não especifique se fala de feiticeiras ou curandeiros: “há pessoas que sabem tirar o quebranto, a ellas se recorrerá paraque o tirem (...) como estas curas não fazem dano, sempre se devem executar, principalmente nos meninos, cuja natureza sempre se offende com os remedios” (ML, 1710, p. 160-161). A busca pela identificação da pessoa responsável pelo mau-olhado poderia se dar também nos casos de “fascinaçam natural” e poderia abrir opções terapêuticas. Quando a pessoa fosse identificada, segundo diz Henriques, era possível proceder ao processo de cura, utilizando a urina da vítima, cordas utilizadas na castração de cavalos; da pessoa responsável pelo mal-olhado se utilizariam seus cabelos, unhas, sangue ou suas roupas; junto a outras simpatias, com banhos de ervas de cheiro (cardo corredor, orégano, hypericão ou erva de São João), infusões de outras ervas (arruda e urgebão ou urgevão), unções protetoras de manteiga e açafraão nas palmas das mãos, plantas dos pés e nas costas:

lavando o rosto do quebrantado com a sua ourina quente, e pondo ao pescosso as ligaduras com que se atasse o escroto de hum cavallo quando o castrassem e tomando pella boca e pela via excrementicia fumos dos cabelos da pessoa que deo o olhado, ou de hum bocado de pano da camisa que trouxesse, ou despisse, porque não há de ser lavada, ou os sumos do sangue, ou das unhas do mesmo fascinador, tomando despoys banhos de cosimento de cardos corredor, ouregaõs, e hypericaõ, bebendo agoa cosida com ruda [arruda], ou urgebam, untando as plantas dos pés, as palmas das mãos, e aos lombos com manteyga crua, misturada com pouco açafraão, (...) ao sair do banho, despoys de enxutos. (ML, 1710, p. 162)

A erva de São João, nome vulgar do hypericão, era recomendada pelo médico português contra o quebranto, mesmo no quebranto diabólico, por suas virtudes contra o demônio, motivo pelo qual era conhecida em latim como *fuga Daemonum* – o que havia conferido na leitura do livro nove da *Civitate Dei* (Cidade de Deus) de Santo Agostinho (séc. IV - V) e nas obras censuradas havia poucos anos pela Igreja, do exorcista Hieronymus Mengus (1529-1604). Em geral, a utilização de ervas, abundantes na farmacopeia popular, segue critérios olfativos, como neste caso, ou em outros casos podem servir para atribuir um sabor específico a um remédio, levando consigo propriedades terapêuticas. O hypericão deveria ser utilizado assim que se descobrisse o quebranto, para perfumar a vítima com seus

fumos diversas vezes. No lugar do hypericão poderiam ser empregados o azeviche (a pedra com virtudes contra o quebranto, quando posta às brasas, antes de queimar exala “fumo carregado e betuminoso”,¹⁸⁴ ou seja, um fumo e odor densos), a salva, a mangerona, o alecrim, a raiz de junça ou alfafôr, o pau-de-águila, a canela e o incenso. A roupa de cama também deveria ser perfumada com as mesmas ervas e a casa deveria ser perfumada jogando hypercão ou azeviche ou ainda alguma das outras ervas em brasas. A recomendação de purificar os ares das casas relaciona-se com uma concepção do ar, como aquilo que conecta, comunica qualidades e emanações (também chamadas de miasmas, na tradição grega), que poderiam trazer o adoecimento, a corrupção dos humores e as infecções.

II. 3. Aromas purificadores contra umidades perigosas

Os efeitos do ar sobre a saúde eram muito importantes. Todas as emanações pútridas e úmidas eram absorvidas pelo ar ambiente (diferente do ar elemental e uma das seis coisas não naturais), que desta forma comunicava “as graves e pestilentas enfermidades” (AM, 2004, p. 39). Com o ar se deveria ter muito cuidado, pois diversamente da comida, este era compartilhado por todos num dado ambiente, sem a possibilidade de ajustá-lo às diferentes naturezas de cada um. Além disso, segundo uma passagem importante de um texto hipocrático (*De sacro morbo* – Da doença sagrada – séc. V a.C.) e Alsário (*De quaesitis per epistolam in arte medica centuriae quatuor*, Veneza, 1622), mencionados por Henriques, a inspiração do ar o levava primeiramente ao cérebro e era responsável por conduzir-lhe tudo que for “concernente à consciência e possuir conhecimento”,¹⁸⁵ de modo que as doenças que

¹⁸⁴ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latino, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau clérigo regular, doutor na sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo I – A. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Anno de 1712, p. 694.

¹⁸⁵ CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 77.

afetassem a cabeça (como o quebranto, de graves efeitos psicológicos) ou os pulmões, deveriam chamar a atenção à modificação do ar inspirado, como o cuidado terapêutico de primeira importância (AM, 2004, p. 41). Isto somado à consciência dos poros, como entradas do corpo, reforçava a necessidade de vigilância permanente.

Em geral, as umidades eram tidas como perigosas e um ar ambiente saudável era identificado com o temperamento (moderação) nas qualidades básicas (secura/umidade e calor/frio), a pureza, a exposição ao sol, a leveza, a calma, ventos suaves e ausência de umidades, vapores, miasmas. Mas o ar estava sempre exposto às alterações dos ventos, do Sol, da Lua, dos astros, da terra e da água com vapores e névoas, sendo altamente corruptível. Para Henriques, quando o ar não fosse conveniente “suprir-se-á com arte o que negou a natureza, preparando o ar com coisas que o temperem” (AM, 2004, p. 41). Já faziam parte da cultura, práticas de purificação do ambiente, especialmente das casas. Quando se desejasse secar o ar, portanto livrá-lo das tantas umidades que o ameaçavam constantemente com impurezas, procedia-se com “fogo e fumos de coisas aromáticas secas, (...) como salva, alecrim, manjerona, pau-de-águila, canela e outras dessa classe” (AM, 2004, p. 41).

Quando o objetivo fosse temperar a secura ou calor excessivo deveriam se abrir as janelas para a entrada do ar frio, regar a casa com água e utilizar “plantas frescas (...) como violas, salgueiro, gólfãos, folhas de rosas”. Às ervas aromáticas empregadas contra o quebranto eram atribuídas as virtude quente e seca. A associação dos aromas com a virtude “seco” advinha do uso de se secar estas ervas para conservação e utilização na cozinha, onde entravam com propósitos dietéticos. A associação entre aromas-fogo-seco-puro se opõe à corrupção-úmido-impuro e justifica o poder da perfumação. Esta é uma característica da higiene do século XVII, que “seduz o olfato”, concede à água um papel bem reduzido e aos aromas e perfumes a virtude de confortar, purificar e proteger o corpo e de impedir o contágio por meio de “contra-odores”, o que ganha maior relevância quando se trata de males da

cabeça, pois a inspiração dos aromas exerceria influência direta sobre o cérebro e os “espíritos animais” – é nesta época que os hospitais franceses começam a ser povoados de “defumadores dia e noite” e a colocar flores e braseiras ao lado das camas.¹⁸⁶ Princípio semelhante fazia Henriques recomendar o uso moderado do tabaco nas asma e faltas de respiração, que seriam oriundas de um excesso de humores fleumáticos nos “bofes” (pulmões) (ML, 1710, p. 446) – seu fumo em cachimbo era tido como dessecante para os bofes e fortalecedor do cérebro, pois ambos os órgãos podiam ter excessos de umidades.

II. 4. Amuletos e correspondências mágicas

Os amuletos faziam parte da série de protetores mágicos, reunidos também pela tradição hermética do *Kyranides* e do *Corpus hermeticum* do Renascimento, que pretendiam criar um “cordão sanitário”¹⁸⁷ para fechar o corpo às invasões. Dioscórides também enumerava alguns amuletos, aproximadamente quarenta tipos distintos eram descritos, em sua maioria de origem vegetal, mas também alguns de origem mineral. Era bastante comum em Portugal, no século XVI, atribuir os males do corpo à ação de feiticeiras, bruxas, ao diabo ou pessoas que tivessem amaldiçoado o doente. Os curandeiros, saladores ou benzedeiros ou outras pessoas poderiam fabricar amuletos para proteger o corpo em geral ou de males específicos. Benzeduras feitas com azeite ou outros materiais e orações, rezas, gestos mágicos, banhos de caldas, pedras mágicas encontradas dentro de animais e objetos sagrados como o chifre de carneiro faziam parte das práticas de cura e proteção tradicionais.

Henriques recomendava que se fizesse um pente com o chifre do carneiro para curar as dores de cabeça, mas o ritual que tornava isto possível exigia que o corte ocorresse com o

¹⁸⁶ VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa: Fragmentos, 1985, p. 74.

¹⁸⁷ BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 74.

carneiro estando vivo. A noção da doença como desequilíbrio ou perda de simetria o fazia prescrever para as dores da parte direita o pente feito do chifre esquerdo e vice-versa (AM, 2004, p. 97). O chifre da cabra sob o travesseiro ajudava a combater a insônia (AM, 2004, p. 99). A pedra encontrada dentro da cabeça do peixe solha poderia servir de amuleto pendurado ao pescoço, para combater as dores de cabeça, mas se fosse feita em pó serviria para combater as pedras e areias nos rins e na bexiga (AM, 2004, p. 135). No *De medicamentis empiricis, physicis ac rationalibus* de Marcelo Empírico (IV-V séc. d.C.), Henriques encontra o amuleto feito com a “cabeça de um caracol cortada depois de haver pastado o rocio da manhã, trazida ao pescoço, cura as dores de cabeça” (AM, 2004, p. 156). A pedra feita retirada do coração do touro velho e silvestre, era amuleto para pendurar ao pescoço e ajudar nas dores de fígado (AM, 2004, p. 96), o que se explica por simpatia pelo fato do coração e do fígado serem ambos quentes e úmidos como o sangue. Já os dentes da lampreia “dependurados ao pescoço dos meninos lactentes, preservam-nos do trabalho da dentição, porque lhes saem os dentes sem tantas dores” (AM, 2004, p. 137).

No *Kyranide*, que Henriques encontra citado na obra de Aldrovandi, *De piscibus libri V* (Bolonha, 1638), recomendava-se o amuleto de dentes de sargo pendurados ao pescoço para prevenir as dores e “corrupção” de dentes (AM, 2004, p. 147). Já as sardinhas muito salgadas velhas “há experiência no povo” que postas nas solas dos pés curam as sezões (febres) (AM, 2004, p. 150). Os olhos do carangueijo pendurados ao pescoço tinham virtude contra as remelas dos olhos (AM, 2004, p. 153). As cotovias tinham reputação de serem boas contra as cólicas. Assim Henriques recomendava fazer um amuleto de coração de cotovia, arrancado quando ainda estivesse viva, e amarrado à perna esquerda para preservar das cólicas. A explicação era retirada da *Magia natural (Magiae naturalis sive de miraculis rerum naturalium*, 1558) de Giambattista della Porta (1535-1616). A “garrulice” deste pequeno pássaro, ou seja, o fato de cantar muito, lhe fazia eliminar “os flatos” responsáveis por causar

as cólicas. O mesmo ocorreria com os “homens muito loquazes” (AM, 2004, p. 124). Desta maneira, o amuleto do coração da cotovia viva, poderia “imprimir” sua qualidade no seu portador, eliminando assim as cólicas.

Quase todos os gêneros da literatura médica do período moderno traziam exemplos do tipo. As curas populares não parecem reconhecer os limites da erudição. Quando estas aparecem nos livros de práticos eruditos, médicos diplomados, ou mesmo de Arquiatras, podemos reconhecer nas mesmas um momento da circulação cultural de noções, num corte temporal específico. Se é possível perceber os ecos das teorias antigas e medievais nas práticas de cura populares, por outro lado, podemos perceber no trabalho dos diversos autores “científicos” os ecos destas mesmas práticas, noções, correspondências. O trabalho dos compiladores e enciclopedistas da “velha sociedade” nos oferece uma “selva de microteses (...) no complicado entrelaçamento das ‘simpatias’, das ‘repulsões’, das ‘afinidades’, desvela o caráter mágico de cada prática relativa ao *de conservada valetudine* [da conservação da saúde]”.¹⁸⁸ Estas microteses são fragmentos de visão de mundo e os compiladores os dispunham nem sempre de maneira orgânica. A lógica de um fragmento não é necessariamente a lógica do outro, embora haja conexões, não é possível encontrar alguma das teorias elaboradas pelos autores do mundo científico que dê conta do todo. Ainda assim, o trabalho de organização e mesmo de abarcar uma totalidade é enorme, como demonstrado pelas diversas “histórias naturais”, da época antiga e moderna.

Além das várias obras específicas de farmácia, como a *Bibliotheca Pharmaceutica* de Manget. As principais fontes de Henriques na *Âncora Medicinal*, para estas receitas vêm de enciclopedistas de história natural, como Ulisse Aldrovandi (1522-1605), o fundador do Horto Botânico de Bolonha, que ocupara o cargo de fiscalizador da composição dos medicamentos nas drogarias. Aldrovandi foi citado onze vezes, atrás apenas, neste gênero, de

¹⁸⁸ CAMPORESI, Piero. *Il pane selvaggio*. Milano: Garzanti, 2004, p. 50.

Plínio, “o velho”, considerado fundador do gênero das histórias naturais na Antiguidade, citado trinta e três vezes com sua *Historia naturalis* (séc. I d.C.).

Henriques, seguindo a obra de Aldrovandi, *De quadrupedibus bisulcis* (Dos quadrúpedes de cascos fendidos – publicado em Bolonha em 1621), recomendava como protetor mágico para as casas a pele, o pé e a mão direitos do veado, pregados em suas portas, que proibiriam a entrada de animais venenosos. O veado ou cervo era tido como um animal mágico de longevidade mítica. Seu uso estritamente alimentar era bastante restrito. Galeno considerava sua carne de difícil digestão.¹⁸⁹ Henriques a considerava dura e indigesta, sua digestão geraria “sangue melancólico”, ou seja, um sangue com as qualidades opostas (frio e seco) às das quais era considerado saudável (quente e úmido). Sua longevidade mítica fazia com que se tivesse sua carne por excessivamente seca (ao contrário das carnes mais bem recomendadas, como a do porco, por exemplo, que seria úmida), razão pela qual se esperava que gerasse sangue melancólico. Dessa forma, para Henriques seu consumo só poderia ser tido como aceitável no caso de veados muito novos e castrados. Ao contrário das virtudes como alimento, suas “virtudes medicinais” demonstram um grande repertório. A “pedra” (possivelmente, uma parte endurecida e seca do tecido) encontrada em seu coração serviria como simpatia para combater os “males e tremores do coração”. A longevidade mítica do animal era passada ao seu chifre, que tinha virtudes para a conservação, fortalecendo o “bálsamo humano” e ainda teria o poder de “corrigir a malignidade”. Sua associação com a secura lhe dava as virtudes de promover o suor e de combater os males dos olhos (advindos de excessos de umidades), como as “lágrimas involuntárias”. A cinza do pulmão era recomendada para as asma. A “parte pudenda”, ou seja, a genitália era diurética e excitante para relações sexuais. Em um elenco de diversas virtudes, encontramos até a lágrima acumulada no canto dos olhos dos veados, que possuíam virtude para secar, adstringente e

¹⁸⁹ GALENO. *Sulle proprietà dei cibi* – Libro III. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 163.

fortalecedora, sendo antídoto contra venenos e males contagiosos, além de ajudar com sua adstringência a facilitar o parto e a excluir o feto morto. Com o couro do veado se poderia fazer um cinto, como um amuleto, para proteger dos males do útero (AM, 2004, p. 102-104).

Com os pés da lebre e a cabeça do melro Henriques recomendava um amuleto que se amarrado ao braço esquerdo poderia conferir aos homens a audácia e capacidade para tratar de “grandes negócios” ou “negócios gravíssimos”. Características dos animais como o canto ou a velocidade (desde a Antiguidade a lebre era descrita como o animal mais veloz) poderiam conferir poderes especiais aos seus portadores para enfrentar as adversidades da vida em geral, não somente as da saúde.

Assim, a farmacopeia popular colocava a disposição da medicina erudita odores, amuletos, remédios tópicos ou ingeríveis, feitos a partir de seres humanos, animais, vegetais ou minerais. Médicos e curandeiros de então dispunham de tudo o que a natureza e o corpo humano poderiam oferecer para combater os sofrimentos físicos e psicológicos da humanidade.

Capítulo III – Natureza humana, medicina e cozinha

III. 1. Âncora Medicinal: a vida como navegação

Trata-se este livro das seis coisas não naturais com cujo reto uso e boa administração se conserva a saúde, e por isto lhe damos o título de Âncora Medicinal, porque, assim como as embarcações que navegam os mares com as âncoras se seguram nas procelosas fúrias de Netuno, assim o baixel da vida humana, que muitas vezes flutua na tempestade dos males, com este livro se pode preservar deles, observando a sua doutrina no tempo da saúde, para não vir a experimentar tormentas e assaltos das enfermidades.

Francisco da Fonseca Henriques (AM, 2004, p. 25-26)

A alusão à navegação e a escolha do título da obra não era por acaso. Na apresentação de *Âncora Medicinal* endereçada ao leitor, Francisco Henriques deixava perceber uma concepção da vida humana, da medicina, do paciente e do médico, informada por leituras de textos antigos, que não são citados explicitamente em outras partes do livro e deixa entrever sua visão da vida. A vida humana é tida como uma navegação instável, constantemente sujeita a males tempestuosos, que se podem evitar a duras custas, equilibrando-se corretamente na observância daqueles elementos que permitem, como uma âncora, evitar o naufrágio e buscar estabilidade. A medicina, mais especificamente, aquele ramo da mesma que se propõe a regular o modo de vida (como o modo de navegar), fornece as técnicas necessárias para garantir a navegação até aportar na inevitável morte, a única coisa que põe fim às tormentas. Enquanto a maioria das pessoas não sabe como enfrentar as tempestades, o médico seria neste caso o detentor daquele saber (a administração das seis coisas não naturais) que permite tornar tolerável a vida e amenizar suas turbulências.

Esta parece ser uma visão compartilhada na época também em âmbito religioso. Podemos percebê-la na opinião de Frei João da Veyga, censor do Santo Ofício, que concedeu licença à publicação da última obra de Henriques, o *Aquilégio Medicinal*, compêndio de caldas e fontes terapêuticas de Portugal, seis anos mais tarde em relação à *Âncora Medicinal*.

As licenças também apontavam a grande importância que a obra dietética de Henriques ganhou após sua publicação:

Agora poderá já o prudente amante da vida lançar no mar de tão proveytozas agoas a *Ancora Medicinal*, que forjada pelo mesmo talento, sahio a luz em outro bem proveytozo volume, paraque firmando a unha na tormenta de tanta enfermidade, se receba por emprestimo a morte, e preciozo termo da vida.¹⁹⁰

A comparação implícita é a do médico com o piloto dos navios, provavelmente retirada de leituras de Platão e de Hipócrates. Há um imbricamento entre filosofia e medicina que nos permite buscar nestas leituras parte dos fundamentos das noções de saúde, doença, vida e natureza humana. As doenças do corpo na fisiopatologia platônica, por exemplo, eram atribuídas ao desequilíbrio entre os elementos constitutivos do mesmo (fogo, água, ar, terra); à corrupção de seus tecidos, carne, nervos, sangue, ossos e medula; à influência do ar; através dos humores bile e fleuma. A diferença principal aqui diz respeito aos humores, que para Platão não seriam constitutivos básicos do corpo, mas produto nocivo da decomposição dos tecidos, o que exigiria sua eliminação.

Como se vê, a medicina havia ocupado um lugar de primeira importância como modelo de reflexão no pensamento de Sócrates e de Platão. Tanto a medicina quanto a arte do piloto dos navios são artes (*technai*) do salvamento, que é o que as torna comparáveis. O piloto assegura o salvamento dos passageiros, conduzindo-os, entre as tempestades, sãos e salvos ao porto. O médico assegura a passagem dos pacientes pela tempestade da doença e a recuperação da saúde.¹⁹¹ O texto ao qual Henriques tinha em mente é possivelmente *De legibus* ou *Leis* de Platão, citado duas ou três vezes na *Âncora Medicinal*. Neste texto platônico o médico, o piloto do navio e o estrategista são modelos de referência para o

¹⁹⁰ Frei João da Veyga. Licenças do Santo Officio. In: AL, 1727.

¹⁹¹ JOUANNA, J. La nascita dell'arte medica occidentale. In: GRMEK, Mirko D (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 63.

legislador. Platão havia descoberto na medicina um método racional para transpor e também “um tipo de relações humanas a imitar”.¹⁹²

No tratado hipocrático *Da antiga medicina*, anterior ao texto platônico, mas ausente das citações da *Âncora Medicinal*, já podemos encontrar a seguinte crítica:

a maior parte dos médicos se assemelha a maus pilotos, que quando reina a calma, suas falsas manobras não são notadas; mas vem uma tempestade violenta e um vento impetuoso, eles deixam perecer a tripulação, e não há pessoa que não reconheça, no desastre, sua imperícia e ignorância.¹⁹³

O médico deste tratado atribui o sucesso provisório dos charlatães ao fato de as doenças leves serem mais frequentes que as perigosas. Aproveitando-se deste fato, muitos fariam seu próprio renome. Mas ao se propor a cuidar de afecções graves e violentas, sua imperícia ficaria sempre evidente pelas desgraças que provoca, de modo que as punições às faltas do piloto e do médico se manifestam diligentemente.¹⁹⁴

III. 2. Ciência e empiria: médicos e cozinheiros

Estas concepções trabalhadas no ambiente socrático demonstram a comunicação que havia entre o pensamento hipocrático e a filosofia. Num diálogo de juventude, o *Górgias*, Platão inseriu a diferença entre ciência e empiria, que os médicos até então não conheciam. A medicina poderia ser considerada uma ciência, enquanto a cozinha estaria limitada à empiria e à rotina. Ambas estariam situadas no domínio do corpo, mas enquanto o médico possui o saber necessário a fazer o bem para o corpo, o cozinheiro detém apenas os meios de agradá-lo, adulá-lo. Neste caso, a medicina poderia curar através da manipulação dos alimentos, cujo conhecimento lhe pertence, promovendo aos doentes uma alimentação muitas vezes

¹⁹² JOUANNA, J. La nascita dell'arte medica occidentale. In: GRMEK, Mirko D (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 64-65.

¹⁹³ HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine* : 9. Captado em www.remacl.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

¹⁹⁴ HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine* : 9-10. Captado em www.remacl.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

desagradável, mas que promove o bem. Já a cozinha com o único propósito de agradar e satisfazer a fome, seria uma empiria vil e baixa, pois se passaria pela arte de cuidar da saúde através dos alimentos, quando na realidade não possui este conhecimento. No esquema apresentado no diálogo, o mesmo se passaria entre a ginástica e a cosmética. Esta seria apenas bajulação, enquanto a outra formaria junto com a medicina o par de artes destinadas ao bem do corpo. A mesma relação entre medicina e culinária se dá entre a justiça e a retórica no que diz respeito ao bem da alma.

há, portanto, duas maneiras de falar ao povo, uma delas é adulação e oratória da pior espécie; a outra é algo belo, porque se preocupa com deixar boa quanto possível a alma dos cidadãos, esforçando-se para dizer o que é melhor, quer agrade quer não agrade ao auditório. Porém nunca viste oratória dessa espécie; e se já encontraste algum orador com semelhantes características, por que não declaraste quem ele seja?¹⁹⁵

A forma superior de falar ao povo é aquela que se preocupa em inserir a justiça nos cidadãos, enquanto a retórica colocaria em primeiro lugar a adulação do povo. A segunda seria a máscara, o falso da primeira. E o mesmo ocorreria, respectivamente, entre a legislação e a sofística, que completam o quadro: “a indumentária [ou cosmética] está para a ginástica assim como a retórica está para a legislação; e também: a culinária está para a medicina como a retórica está para a justiça”.¹⁹⁶

As artes vis e ignóbeis teriam roubado a aparência das artes superiores, seduzindo pelo prazer e enganando os humanos que teriam passado a dar mais valor às artes inferiores. O corpo, ele próprio máscara da alma, sendo desprovido de pensamento não consegue distinguir as adulações das ciências.

De fato, se a alma não estivesse sobreposta ao corpo e este se governasse a si mesmo, e se aquela não tivesse discernimento e não separasse da medicina a culinária, e apenas o corpo tivesse de julgar, de acordo com os prazeres que pudesse auferir de cada uma delas (...) todas as coisas se

¹⁹⁵ PLATÃO. *Górgias*: LVIII. Trad. Carlos Alberto Nunes. Digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Captado em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Último acesso: 22 de junho de 2014.

¹⁹⁶ PLATÃO. *Górgias*: XX. Trad. Carlos Alberto Nunes. Digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Captado em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Último acesso: 22 de junho de 2014.

confundiriam sem que fosse possível distinguir a medicina, a saúde e a culinária.¹⁹⁷

A culinária teria se insinuado, desta maneira, na medicina e se houvesse um concurso, em que crianças fossem juízes, para decidir quem melhor entende das propriedades benéficas e maléficas dos alimentos, o cozinheiro ou o médico, venceria injustamente o cozinheiro, seduzindo as crianças ignorantes pelo prazer. Assim, a culinária não poderia ser considerada arte, pois seria adulação pura. “Não dou o nome de arte ao que carece de razão”.¹⁹⁸ Os políticos atenienses como Péricles e Temístocles teriam sido apenas retóricos da alma ou analogamente os cozinheiros da alma, o mesmo se passaria com os sofistas, como Górgias, enquanto Sócrates teria sido o único médico da alma. Este falava aos atenienses sem preocupar-se em agradá-los, dizendo a verdade e não importando em aplicar-lhes os remédios amargos para a alma, refreando-a em seus apetites, para estabelecer a justiça e tornar melhores os cidadãos, ainda que isto lhe valesse a reprovação dos ignorantes, assim como no exemplo do concurso entre o médico e o cozinheiro. O mesmo não se poderia dizer dos políticos e dos sofistas.¹⁹⁹

A medicina só trataria a doença após o estudo de sua natureza e de sua atuação, pois visa o bem, já a cozinha “que só visa ao prazer”, o faria de maneira irracional sem estudar a natureza do prazer, alcançando apenas vagas noções.²⁰⁰ Como resultado, esta medicina socrática prega a imposição de severas restrições e tratamentos dolorosos aos doentes como passar fome e sede, beber remédios amargos, deformações corporais, intervenções cirúrgicas, cauterizações etc.²⁰¹

¹⁹⁷ PLATÃO. *Górgias*: XIX. Trad. Carlos Alberto Nunes. Digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Captado em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Último acesso: 22 de junho de 2014.

¹⁹⁸ PLATÃO. *Górgias*: XIX. Trad. Carlos Alberto Nunes. Digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Captado em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Último acesso: 22 de junho de 2014.

¹⁹⁹ PLATÃO. *Górgias*: LVIII-LX. Trad. Carlos Alberto Nunes. Digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Captado em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Último acesso: 22 de junho de 2014.

²⁰⁰ PLATÃO. *Górgias*: LVI. Trad. Carlos Alberto Nunes. Digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Captado em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Último acesso: 22 de junho de 2014.

²⁰¹ PLATÃO. *Górgias*: LXXVII. Trad. Carlos Alberto Nunes. Digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Captado em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Último acesso: 22 de junho de 2014.

A justiça é nos diálogos platônicos, a *therapeia* da alma, conferindo à saúde da mesma um caráter ético. Platão coloca, na *República*, a filosofia como a medicina daquelas almas que buscam seu equilíbrio na justiça.²⁰² Fica nítida também a ligação da saúde à ordem, que se estende da ordem do cosmo à ordem política e à ordem do corpo, como já se pode ver no *Górgias*:

LIX — **Sócrates** — (...) Não é verdade que o homem correto só tem em mira o bem quando discursa, sem nunca falar ao acaso, mas com determinado fim? Comporta-se como os demais artesãos, que, sem perderem de vista o próprio trabalho, nunca reúnem por acaso o material de que se servem, mas sempre com a intenção de imprimir uma forma particular em tudo o que manipulam. É o que poderás ver nos pintores, nos arquitetos, nos construtores de navios e em qualquer outro trabalhador que entenderes, pois coloca no lugar preciso a peça de que lança mão e a obriga a justar-se e a ficar em harmonia com as mais próximas, até compor um todo bem feito e equilibrado. Isso se observa com todos os artesãos, particularmente com aqueles a quem há pouco nos referimos e que tratam do corpo. (...)

Sócrates — E não é também o que dizemos com relação ao nosso corpo?

Cálicles — Perfeitamente.

Sócrates — E a alma? Será boa quando nela predominar a desordem, ou quando estiver em ordem e harmonia?

(...)

Sócrates — A ordem e a harmonia da alma têm o nome de legalidade e lei, que é o que deixa os homens justos e ordeiros, e vem a ser, precisamente, justiça e temperança.

(...)

LX — **Sócrates** — Com isso em mira é que o orador honesto e competente deverá dirigir seus discursos à alma dos homens, sempre que lhes falar, e todos os seus atos; e quer lhes dê ou tire alguma coisa, deverá pensar e sempre no modo de fazer nascer a justiça na alma de seus concidadãos e de banir a injustiça, de implantar nela a temperança e de afastar a intemperança. Concordas comigo neste ponto, ou não?

Cálicles — Concordo.

Sócrates — De que serviria, Cálicles, dar a um corpo doente e em péssimas condições alimentos agradáveis em abundância, ou bebidas, ou seja o que for, que talvez nem lhe faça nenhum proveito, e que, pelo contrário, para falar com acerto, pode até prejudicá-lo? Não é isso mesmo?

Cálicles — É

Sócrates — Pois quer parecer-me que só há desvantagem para o homem viver com um corpo de condições tão miseráveis; forçosamente terá de levar também uma vida miserável, não é verdade?

Cálicles — É

Sócrates — E com o indivíduo são, não é certo permitirem geralmente os médicos satisfazer os apetites, tal como comer o que quiser e beber quando sentir sede, ao passo que com os doentes não os deixam nunca, por assim dizer, comer à vontade seja o que for? Estás também de acordo comigo neste ponto?

Cálicles — Perfeitamente.

²⁰² SIQUEIRA-BATISTA, R. e SCHRAMM, F. R. Platão e a medicina. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 11(3): 619-34, set.-dez. 2004, p. 628.

Sócrates — E com relação à alma, meu caro, não se passará a mesma coisa? Enquanto for má, por mostrar-se irracional, incontinente, injusta e ímpia, não será preciso refreá-la em seus apetites, sem nunca permitir que os favoreça, só consentindo fazer o que possa deixá-la melhor? (...)

Sócrates — E refreá-la nos seus apetites não será castigá-la?

Cálicles — Sim.

Sócrates — Pois o castigo é melhor para a alma do que a incontinência, como antes sustentavas.²⁰³

O bom médico deve assim zelar pela ordem do corpo, da mesma forma que arquitetos colocam cada peça em harmonia com a peça ao lado para que componham bem a ordem da casa. O mesmo dos construtores de navios em relação a seus navios. A prática médica precisa compreender o particular de cada doença e de cada indivíduo, mas sua cura é a busca pela harmonia das partes com o todo. O mesmo vale para os médicos da alma, os oradores honestos e competentes. Esta também é uma harmonia moral, deve ser obtida ainda que custe o castigo daqueles a quem se quer fazer o bem, pondo freios às vontades e impondo a temperança.

No *Fedro*, diálogo escrito na maturidade do filósofo, o orador deve ser um médico de almas, adaptando seu discurso para persuadir cada tipo de público, assim como o médico adapta as dietas e os remédios aos diferentes corpos. Aparece também a ambiguidade do *pharmakon*, remédio e veneno ao mesmo tempo, a depender do uso que se faz. “Nas mãos do sofista são um tóxico mortal; mas quando usadas pelo filósofo, podem constituir um profícuo bálsamo terapêutico”.²⁰⁴

A medicina austera, incompatível com o prazer do *Górgias* evoluiu em *Leis*, escrito da velhice, para a arte de temperar a amargura dos remédios com as boas comidas, reconciliando o prazer, como parte da cura. Agradar o paciente passa a fazer parte da arte do médico de manipular os alimentos e de prescrever as dietas corretas. No *Timeu*, outro texto da velhice, aparece a concepção de corpo como microcosmo do mundo macrocosmo, de forma

²⁰³ PLATÃO. *Górgias*: LIX-LX. Trad. Carlos Alberto Nunes. Digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Captado em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Último acesso: 22 de junho de 2014.

²⁰⁴ SIQUEIRA-BATISTA, R. e SCHRAMM, F. R. Platão e a medicina. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 11(3): 619-34, set.-dez. 2004, p. 628.

muito semelhante ao tratado hipocrático *Sobre o regime*. A centralidade da dieta também aumenta e desta vez os remédios são vistos como perigosos, pois por serem fortes poderiam promover o retorno da doença, riscos ausentes numa medicina natural e dietética.²⁰⁵

O corpo forma um todo, que encontra sua razão de ser na alma, mas é também parte de um todo, o cosmo, que também é vivo. Trata-se de buscar uma harmonia que atravessa a saúde das partes do corpo em relação ao mesmo, dos homens em relação à ordem da *polis* e à ordem natural do mundo. Cuidar da saúde do corpo como microcosmo do mundo é a busca pela manutenção desta ordem. No *Timeu* a busca pela saúde aparece como a imitação da ordem do universo, entre todas as partes de si.²⁰⁶ As doenças da alma eram tidas como doenças morais, em que a alma racional perderia o controle da alma mortal pelos excessos e intemperança. A alma racional seria imortal, a sede da vida e estaria localizada na cabeça, responsável por manter o corpo assim como a alma do mundo seria responsável por manter o macrocosmo. A alma mortal seria dividida entre irascível, localizada no tórax, responsável pela cólera e pela coragem; e na alma concupiscente ou apetitiva, localizada na região umbilical, responsável pelos apetites, desejos, prazeres e dores. A interpretação patológica das condutas moralmente condenáveis atribuía ao descontrole involuntário dos prazeres e dores dois tipos de adoecimento, a loucura e a ignorância. Nenhum dos dois seria voluntário.²⁰⁷

A loucura poderia ter origem somática, vinda de fleumas “agres e salgadas” e humores “amargos e biliosos” oriundos da decomposição de tecidos, cujas emanções se mesclariam aos movimentos da alma, “conduzidas às três sedes que a alma habita”, sendo responsáveis por doenças como a tristeza, audácia, covardia “e tornando o homem esquecido

²⁰⁵ JOUANNA, J. La nascita dell'arte medica occidentale. In: GRMEK, Mirko D (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 65.

²⁰⁶ PLATON. *Timée* (88c, 88d). Trad. Victor Cousin. Captado em: www.remacl.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

²⁰⁷ SIQUEIRA-BATISTA, R. e SCHRAMM, F. R. Platão e a medicina. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 11(3): 619-34, set.-dez. 2004, p. 622-623 e 625-626.

e estúpido”.²⁰⁸ Já a ignorância estaria ligada sobretudo à educação ruim, à constituição somática defeituosa ou a distúrbios na alma no momento do nascimento, quando esta ainda não estaria em estado anárquico. A origem “ambiental” ou social da ignorância (educação) também abre a possibilidade de superar as más constituições somáticas através da educação, para tornar os homens justos. A condenação aos excessos e a apologia à temperança estão relacionados ao vínculo entre medicina e moral.²⁰⁹

A importância da “história natural” de cada doença também é ressaltada por Platão. Este possui uma concepção determinista da evolução da doença e também da constituição humana. Tanto uns quanto outros estariam desde o nascimento determinados a viver um tempo preciso, dado pelo arranjo de sua composição básica, formada por triângulos – estes seriam a base dos quatro elementos constitutivos, ar, fogo, terra e água. Desta forma, o *Timeu* termina por limitar os procedimentos terapêuticos aos cuidados com a harmonia dos movimentos internos aos externos, pela dieta e pela ginástica, sem as intervenções fortes de remédios, a não ser para doenças graves.

A natureza das doenças tem algo em comum com a dos animais: ambos nascem com uma duração limitada, pois cada espécie e cada animal nasce para viver durante um tempo determinado, salvo os acidentes que podem ocorrer; porque os triângulos que constituem cada animal estão dispostos para durar um certo tempo, passado o qual o animal não pode mais viver. Ocorre o mesmo com as doenças; mas se nós as perturbamos antes do tempo fixado, pelo emprego de remédios, as pequenas se tornam grandes, e uma só chama várias outras. Deve-se conduzi-las por um regime, a medida que tivermos tempo disponível e não irritar o mal com remédios.²¹⁰

O regime ou a dieta servem apenas para conduzir a doença pelo seu caminho pré-determinado, não deixar que saiam do controle. As doenças não devem ser perturbadas pelos remédios, que ao invés de curar poderiam intensificar os males leves e torná-los graves ou ainda multiplicá-los. Na *República*, mesmo a dieta e a ginástica são condenadas se utilizadas

²⁰⁸ PLATON. *Timée* (86e). Trad. Victor Cousin. Captado em: www.remacle.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

²⁰⁹ SIQUEIRA-BATISTA, R. e SCHRAMM, F. R. Platão e a medicina. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 11(3): 619-34, set.-dez. 2004, p. 626-627.

²¹⁰ PLATON. *Timée* (89b, 89c, 89d). Trad. Victor Cousin. Captado em: www.remacle.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

para prolongar artificialmente a vida. O prolongamento da mesma em estado adoecido, sem no entanto poder curar-se, provocaria o tormento do doente e das pessoas a seu redor. A morte aparece nestes casos como redentora, libertando o homem das dificuldades provocadas pela doença.²¹¹

O significado destas reflexões não é dado apenas pelas leituras diretas feitas por Henriques, mas abordam conjuntos de questões outras vezes retomadas na cultura ocidental sobre a natureza humana e a saúde. A tentativa de separar a medicina da cozinha presente principalmente no *Górgias* revela a conexão que as unia – não seria tão importante tentar separar uma da outra se estas já estivessem de fato separadas. Por trás disso estaria a tese de que uma atividade inteiramente ligada à realidade sensível (e até guiada pelo prazer sensível) não poderia produzir nenhum tipo de conhecimento. É conhecida a tese platônica dos dois mundos, o sensível e o inteligível. A atividade que une teoria e prática seria aquela que, contemplando o modelo do mundo inteligível, conseguiria transpor as virtudes contidas em suas formas ideais à cópia física, e só assim poderia atingir um nível superior ao do artesão ou daquele que apenas trabalha com as mãos.²¹²

O mundo inteligível seria constituído por “Formas (ou Idéias) eternas e detentoras do *ser*, as quais são mo modelo – paradigma incorruptível – para o mundo sensível (cópia do primeiro), e que detém as ‘coisas’ sujeitas ao devir”.²¹³ Estas formas não se encontram nas coisas da natureza, mas na natureza das coisas. Ou seja, a experiência sensível não produz conhecimento da realidade. O conhecimento da realidade estaria na essência das coisas, conhecidas pela razão ou pela alma racional, que como vimos deveria manter o controle das

²¹¹ SIQUEIRA-BATISTA, R. e SCHRAMM, F. R. Platão e a medicina. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 11(3): 619-34, set.-dez. 2004, p. 629-630.

²¹² Ver nota 3 em: SIQUEIRA-BATISTA, R. e SCHRAMM, F. R. Platão e a medicina. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 11(3): 619-34, set.-dez. 2004, p. 632.

²¹³ Ver nota 3 em: SIQUEIRA-BATISTA, R. e SCHRAMM, F. R. Platão e a medicina. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 11(3): 619-34, set.-dez. 2004, p. 632.

outras duas dimensões da alma, que estavam ligadas à experiência sensível – uma porta para os excessos que descontrolariam a alma racional, provocando o seu adoecimento.

Além do conteúdo moral destas concepções, podemos compreender melhor a escolha do cozinheiro como modelo de “cópia falsa” da medicina, que a desvirtuaria por não possuir razão e por ser guiada pelo prazer, no *Górgias*. Mas esta visão idealista que marcou o ocidente com a desvalorização das atividades manuais não foi a única sobre o assunto. Os médicos desenvolveram concepções mais materialistas, o que pode ser percebido no *Corpus hippocraticum*. Os traços comuns estão principalmente conectados à centralidade da dieta na terapia, o alcance limitado das terapias dos remédios, a busca do equilíbrio (a *krasis*) como saúde, a doença como desequilíbrio, a concepção de uma vida humana cheia de adversidades e sofrimentos como vimos no modelo da navegação pelas tempestades e da comparação do médico com o piloto do navio.

III. 2-1. Escola da necessidade: cozinha e medicina

A leitura do tratado do *Corpus hippocraticum*, *Da medicina antiga* (fim do séc. V a.C.) nos sugere que, quanto à medicina e à cozinha, Platão tentava separar o inseparável – a cozinha esteve associada à atividade reflexiva, que num *continuum* teria fundado a própria medicina. Na opinião de Massimo Montanari, “a cumplicidade entre cozinha e dietética é um dado permanente e por assim dizer, originário da cultura alimentar”,²¹⁴ que pode ter principiado desde o momento em que o homem aprendeu a usar o fogo para cozinhar os alimentos. A prática cotidiana de preparação da comida esteve desde sempre permeada pela preocupação com a vida humana e seus sofrimentos, como podemos acompanhar no seguinte trecho que reproduzimos:

²¹⁴ MONTANARI, Massimo. *Il cibo come cultura*. 2ª ed. Economica Laterza, Roma-Bari, 2007, p. 63.

(...) a própria necessidade forçou os homens a procurar e inventar a arte médica (...) penso que o tipo de vida e de alimentação do qual, a saúde, que usamos em nossos dias, não teria sido descoberto se o homem, em seu beber e comer, pudesse ter se satisfeito com o que cabe ao boi, ao cavalo, e a todos os seres, exceto a humanidade, a saber: os simples produtos da terra, frutos, ervas e feno. Os animais se nutrem, crescem, vivem sem ser incomodados e sem ter necessidade de alguma outra alimentação. Sem dúvida, nos primeiros tempos o homem não teve alimentação diferente; e a que temos em nossos dias me parece uma invenção que se elaborou no longo curso dos anos. Mas de uma alimentação forte e agreste nasce uma multidão de sofrimentos violentos, tais que ainda provamos hoje em dia pela mesma causa; (...) [da ingestão] de matérias cruas, indigestas e cheias de atividade, sobrevêm intensas dores, as doenças e a morte súbita. Os homens de então sofriam menos sem dúvida, por estarem acostumados; ainda assim o mal era grande até para eles; e a maior parte, sobretudo os de constituição mais fraca, perecia; as naturezas mais vigorosas resistiam. É assim que em nossos dias, uns digerem com facilidade alimentos de grande força e outros não o conseguem sem muita pena e dor. Tal foi, a meu ver, a causa que engajou os homens a procurar uma nutrição em harmonia com a nossa natureza (...). Portanto, aprenderam a macerar, a picar, (...), a moer, a empastar os grãos, eles fabricaram com o trigo, o pão, com a cevada, a massa que trabalharam de mil maneiras. E ferveram, assaram, misturaram, e temperaram as substâncias fortes e intemperadas com aquelas mais fracas, conformando-as todas à natureza humana e ao poder do homem; as substâncias excessivamente fortes (...) se ingeridas produziriam sofrimentos, a doença e a morte; ao contrário, todas aquelas que seriam digeríveis contribuiriam à nutrição, ao crescimento e à saúde. A tais descobertas e a esta pesquisa qual nome mais justo ou mais adequado se poderia colocar, se não aquele de medicina?²¹⁵

Os sofrimentos da humanidade motivaram os antigos a indagar-se sobre as peculiaridades dos seres humanos. Estes provavam de necessidades que não conseguiam satisfazer naturalmente. Os animais, pelo contrário, se satisfaziam simplesmente do alimento que havia sido dado pela terra e assim “viviam tranquilamente”. A representação idílica dos mesmos é estabelecida em oposição a uma natureza humana frágil. O ser humano sofre e por isso precisou inventar a cozinha, para produzir um alimento próprio, capaz de satisfazer sua dura existência e colocar sob seu poder o mundo natural.

Impelidos, portanto, pela necessidade e pelo sofrimento, os humanos teriam iniciado, a duras penas, seu trabalho de conhecimento e domínio do mundo natural, bem como de sua própria natureza. As primeiras técnicas que teriam decorrido desta escola teriam sido as de preparo dos alimentos (moer, picar, ferver, assar, empastar os grãos, panificar e produzir

²¹⁵ HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*: 3. Captado em: www.remaacle.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

massas diversas), segundo uma sensibilidade específica que considerava alguns alimentos excessivamente fortes para serem equilibrados com outros, mais fracos. O correto modo de preparo e de mistura permitiria ao homem construir seu próprio alimento, tornando-o digerível e nutritivo e não mais comer como animais.

Às descobertas no domínio da natureza e da construção da comida, o autor propõe o nome de Medicina e significativamente, a saúde é identificada como “o tipo de vida e de alimentação”. Esta arqueologia da medicina contém também uma antropogonia, a medida que nos conta uma história da separação dos seres humanos do restante dos animais, preocupando-se com aqueles aspectos que estabeleceram numa origem esta distinção.

Segundo Miriam Peixoto, os elementos antropogônicos reunidos neste tratado lembram um relato de Demócrito, que fora transmitido pela *Biblioteca histórica* de Diodoro de Sicília, pela *Astronomia* de Hermipo e por um escólio a Hesíodo de Tzetzes. A ideia comum seria a de que “o desenvolvimento da comunidade humana e da linguagem, assim como a invenção e o desenvolvimento de técnicas, foi lento e teve por escola a necessidade”.²¹⁶ Demócrito concorda com a dificuldade e o sofrimento humano no desenvolvimento de sua própria alimentação, contida no tratado hipocrático. Para ele a linguagem, os alimentos, a invenção de instrumentos e a transformação do próprio homem, seriam importantes frutos desta escola da necessidade. Na comparação do ser humano com os animais, Demócrito sugere a fraqueza humana: “o animal que experimenta uma necessidade, sabe <exatamente> de que ele necessita, o homem que experimenta uma necessidade não o

²¹⁶ PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz. Kairos e metron: a saúde da alma na terapia do corpo. In: PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz (org.). *A Saúde dos Antigos: reflexões gregas e romanas*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 60-61.

sabe”.²¹⁷ Por não conhecer suas necessidades, este se lança em uma busca pela realização de sua natureza, que leva às invenções e ao aumento de seu poder sobre o mundo natural.

Ao mesmo tempo, esta busca não pode se tornar uma busca desenfreada, sob pena de sofrer com vários adoecimentos, e aparece novamente o elogio à temperança na vida, que se pode atingir através do cálculo da justa medida e do momento oportuno. Este cálculo deve ser feito pelo raciocínio, que poderá distinguir aquilo que está de acordo com a natureza de cada um, pois o que é bom para uns não é necessariamente bom para outros. Segundo a autora, a medida (*metron*) e o momento oportuno (*kairos*) estariam contidos nos diversos usos do termo *diata* (e no sentido de dietética), constituindo portanto os dois aspectos básicos, pelos quais se pode obter o bem-estar físico, psíquico e moral.²¹⁸

A importância da dimensão da medida ainda aparece na raiz indoeuropeia **med-*, da qual derivam diversos sentidos que, segundo Benveniste, poderiam ter esta definição aproximada: “tomar com autoridade as medidas que são apropriadas a uma dificuldade real; remeter à norma – por um meio consagrado – um problema definido”; o substantivo **medes* ou **modo*: “a medida comprovada que restabelece a ordem numa situação conturbada”.²¹⁹ A justa medida operava em diversos campos do saber no mundo grego antigo e fez seu influxo na medicina provavelmente através do universo da *polis*, que valorizava o meio, a partilha igualitária, o centro. Deste universo, segundo Cairus, a figura do médico teria se tornado “o

²¹⁷ Demócrito (68 B 198 DK), apud PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz. Kairos e metron: a saúde da alma na terapia do corpo. In: PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz (org.). *A Saúde dos Antigos: reflexões gregas e romanas*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 61.

²¹⁸ PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz. Kairos e metron: a saúde da alma na terapia do corpo. In: PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz (org.). *A Saúde dos Antigos: reflexões gregas e romanas*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 55.

²¹⁹ E. Benveniste, *O vocabulário das instituições indo-europeias*, trad. D. Bottmann, Campinas, Ed. Unicamp, 1995; v. II: Poder, direito, religião, 125-134: “*Med- e a noção de medida”, apud PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz. Kairos e metron: a saúde da alma na terapia do corpo. In: PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz (org.). *A Saúde dos Antigos: reflexões gregas e romanas*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 58.

mais característico ator do ideal da razoabilidade fundada exclusivamente sobre o *metron*, a medida” e a própria *polis* era percebida em alguns exemplos analogicamente como *soma*.²²⁰

Segundo o autor de *Da Medicina Antiga*, ninguém teria procurado inventar a medicina se o mesmo regime fosse adequado à doença e à saúde. Aqui a invenção da medicina e dos regimes diferenciados (no sentido da restrição aos prazeres) aparece também como sinal de civilidade: “os povos sem medicina e alguns dentre os gregos vivem doentes, como se estivessem bem, sem consultar nada além do próprio prazer, nem se abstendo de nada que lhes agrade, e não se submetendo a nenhuma restrição”.²²¹ Já aqueles que a descobriram, procederam nos casos de doença cortando algumas coisas de sua alimentação costumeira, passando a comer pouco. Este regime restrito serviu a alguns doentes, mas nem todos puderam tratar-se apenas com alguns cortes na alimentação. Em alguns casos, nem mesmo a menor quantidade possível era tolerada. Era necessário inventar algo mais fraco

foram inventados os cozidos, onde se mistura um pouco de substância a muita água, e se retira aquilo que a mesma possui de substancial pela mistura e pelo cozimento. Enfim, aos que não conseguiam digerir nem mesmo os cozidos, estes lhes foram retirados, e ficaram limitados a simples bebidas, devendo apenas ser reguladas na quantidade e no temperamento.²²²

A técnica de preparar alimentos cozidos em água aparece como uma técnica de enfraquecimento dos alimentos, inventada para possibilitar a alimentação dos doentes. As partes “substanciais” saem pelo cozimento e diluem-se na água, tornando-se menos concentradas e construindo assim um alimento fraco, segundo a medida de fraqueza necessária para cada nível de debilitação da saúde. Esta diluição levada ao máximo produziria “simples bebidas”, retiradas as partes sólidas. Há de se supor que não se tratem apenas de bebidas no sentido contemporâneo do termo, mas talvez de diversas gradações de densidade

²²⁰ CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 36.

²²¹ HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*: 5. Captado em: www.remacl.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

²²² HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*: 5. Captado em: www.remacl.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

das sopas até chegar às mais ralas. A regulação do temperamento é possivelmente na regulação dos sabores, visto que os mesmos eram assimilados às propriedades dos alimentos. E não só destes, pois a coincidência entre sabores e propriedades ou qualidades era tida como um dado da composição do próprio corpo.

“Dentro do corpo, de fato, se encontram o amargo, o salgado, o doce, o ácido, o acerbo, o insípido, e mil outros, do que as propriedades variam ao infinito pela quantidade e pela força”.²²³ São os sabores que se devem temperar um com o outro, pois o adoecimento aparece quando um se torna mais poderoso que a própria constituição humana e esta não pode “triumfar” sobre os mesmos. Estas mesmas qualidades são invisíveis enquanto misturadas e temperadas, mas se tornam visíveis apenas quando uma se separa da mistura, causando sofrimento e dor. Muitos alimentos possuem alguma qualidade destemperada e forte (amargo, salgado, ácido etc.) o que faz necessária a cozinha. Os mesmos sabores se encontravam no interior da terra, segundo outro tratado hipocrático, e constituíam a matéria da qual se nutriam as plantas cultivadas, que primeiro absorviam “a maior quantidade possível daquela substância que está mais de acordo com a sua natureza”²²⁴ e em seguida as demais, o que conferia propriedades/sabores distintos a cada planta – os remédios de purga deveriam funcionar de maneira análoga, removendo primeiro aquelas substâncias mais afins a suas naturezas.

Mas o médico destaca alguns “alimentos e bebidas habituais” que seriam privados de tais humores destemperados: “o pão, a massa de cevada e outras substâncias de semelhante natureza”. Por esta razão, estes tornam-se aceitáveis o preparo de pratos voltados para “lisonjear o paladar e a sensualidade”. Estes seriam “alimentos saudáveis”, que não

²²³ HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*: 14. Captado em: www.remacle.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

²²⁴ HIPÓCRATES. *Da Natureza do Homem*: 6. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 44-45.

produziriam a “desunião de qualidades escondidas na economia [do corpo]”,²²⁵ pelo contrário nutrindo muito bem, desde que tenham resultado em “misturas felizes”, temperadas, simples e atenuadas.

O preparo torna-se muito importante, portanto, para esta medicina. As massas alimentares, como o pão, revelam a busca pelo alimento perfeitamente equilibrado, próprio a um uso, se não universal, cotidiano, que não precisaria gerar preocupações a mais dentre os sãos. A cozinha é uma técnica da salvação e manutenção da vida e a complexa panificação de cereais é resultante da união de diversos elementos (reúnem cereais pertencentes à terra, o ar na fermentação, a água no empasto e o fogo na cocção) na busca do alimento universal ou ao menos perfeitamente temperado. O autor sabia que as preparações poderiam produzir alimentos diferentes: a farinha poderia ou não ser peneirada, o grão poderia ser mais ou menos moído, empastado com muito ou pouca água, muito ou pouco amassado, bem ou pouco cozido “e mil outras diversas preparações” – o mesmo valendo para a “massa de cevada”.²²⁶ O domínio da panificação era uma técnica particularmente valorizada, o que certamente motiva seu destaque neste tratado, que associa o preparo dos alimentos à humanidade; a mesma era utilizada na linguagem homérica como aquilo que diferenciava os homens dos animais, em que “comedores de pão” pode ser sinônimo de “homens”²²⁷ e fica claro o significado do pão como alimento de cultura em oposição à natureza bruta ou barbárie.

Os primeiros descobridores da cozinha teriam sido aqueles responsáveis por “na origem [mudar] o gênero de vida selvagem e brutal dos homens e os levou à alimentação que

²²⁵ HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*: 14. Captado em: www.remacle.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

²²⁶ HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*: 14. Captado em: www.remacle.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

²²⁷ MONTANARI, Massimo. Sistemi alimentari e modelli di civiltà. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell'alimentazione*. Editori Laterza, Roma-Bari, 2007, p. 75; SCHMITT-PANTEL, Pauline. I pasti greci, un rituale civico. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell'alimentazione*. Editori Laterza, Roma-Bari, 2007, p. 113.

é hoje em dia a nossa”.²²⁸ Estes civilizadores da humanidade teriam conduzido suas pesquisas pela eliminação daquelas qualidades de força superior à economia humana. A pesquisa que teria levado à medicina seria aquela que buscou a eliminação daquelas forças superiores à constituição humana por causa de estados de alteração acidentais. A segunda pesquisa não seria nada menos que a continuação do trabalho da primeira. Os médicos teriam apenas diversificado o trabalho de seus predecessores e levado sua pesquisa a um nível de maior engenhosidade. Ainda que a pesquisa destes primeiros civilizadores (os cozinheiros, presumimos) não pudesse ser chamada de arte e nem seus autores de artistas, o autor a considera “uma invenção importante e cheia de arte e de observação”. A ginástica aparece como uma destas invenções que desempenhavam ainda papel semelhante. A medicina, aperfeiçoamento desta invenção primeva, poderia então ser chamada de arte e seus médicos de verdadeiros artistas.²²⁹

Apesar da ênfase nas restrições em ambas as pesquisas (a eliminação dos excessos), o autor nos adverte que a “vacuidade” é tão perigosa quanto a “repleção” e não se deve conduzir cortes fora de medida para não provocar males de abstinência à economia humana. A cura se daria desta forma pelos contrários, na justa medida; se uma substância doce, por exemplo, se transforma espontaneamente em ácida, então esta deverá ser temperada por um suco doce, enquanto os ácidos deverão ser evitados.²³⁰

A medicina teria diversas faces e exigiria “uma precisão de mais de um tipo, deve-se fazer uma medida; mas essa medida, diz o autor, vocês não a encontrarão nem em um peso, nem em um nome, aos quais vocês possam relacionar e verificar vossas apreciações; ela

²²⁸ HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*: 7. Captado em: www.remacle.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

²²⁹ HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*: 4-5. Captado em: www.remacle.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

²³⁰ HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*: 24. Captado em: www.remacle.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

reside unicamente na sensação dos corpos”.²³¹ O sensível e o inteligível andam juntos. A medida correta não seria fornecida por uma matemática ou categoria ideal, mas esta só seria possível através dos sentidos. O próprio médico possui um corpo dotado de sensações, instrumento necessário para tirar conclusões a partir da observação das sensações dos corpos alheios.

O texto também apresenta os questionamentos recebidos pela medicina por parte de vertentes idealistas do pensamento: não seria possível conhecer a medicina sem antes conhecer a natureza humana. Este percurso especulativo é refutado pelo autor, que inverte a relação e assenta na própria medicina, a única forma pela qual se poderia chegar a alguns “conhecimentos positivos sobre a natureza humana”. Este seria até mesmo um percurso obrigatório pelos médicos: o estudo da natureza humana para “cumprir suas obrigações”, através da investigação “das relações do homem com seus alimentos, com suas bebidas, com todo seu gênero de vida, e quais influências cada coisa exerce sobre cada um”.²³² O conhecimento do particular seria o único caminho para conhecer o geral. O conhecimento através “do uso e da necessidade” engendra a possibilidade de sempre seguir adiante, aperfeiçoando com algo de novo, através do mesmo (seguro) método, o entendimento humano.

O corpo humano era uma luta entre diversas substâncias no seu interior, forças opostas entre si, cuja disputa interna seria influenciada por vários aspectos do mundo externo, gerando diversas oportunidades para que desequilíbrios ocorressem e uma destas substâncias prevalecesse temporariamente. Nestes momentos ocorria o sofrimento:

Eu, de minha parte, digo que, se o homem fosse uma unidade, nunca sofreria. Pois, sendo uma unidade, não haveria por que sofrer. Se realmente sofre, é necessário que haja também um único medicamento. Mas há

²³¹ HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*: 9. Captado em: www.remaclle.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

²³² HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*: 20. Captado em: www.remaclle.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

muitos, pois há muitas substâncias no corpo, as quais, quando, contra a natureza, mutuamente se esfriam e se esquentam, e se secam e se umedecem, geram doenças; de tal modo que muitas são as formas de doenças e seus tratamentos vários.²³³

A razão do sofrimento humano estava portanto localizada na sua constituição interna dividida em forças opostas. As diversas possibilidades de desequilíbrio multiplicariam as necessidades humanas. Na concepção sustentada em *Da natureza do homem*, que depois se tornaria predominante, estas substâncias internas seriam o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra. A perda da harmonia interna “em proporção, em propriedade e em quantidade”, provocaria o deslocamento de um dos humores, que se separaria da mistura. O adoecimento ocorreria então tanto no lugar de onde saiu, quanto no lugar onde transbordou. Quando um destes humores é evacuado além da quantidade em excesso, a mesma também causa sofrimento.²³⁴

III. 3. Cristianismo e natureza humana

Esta concepção da vida humana marcada pelo sofrimento e pela necessidade teve também sua versão cristã, acrescida pela noção do pecado. Segundo Marshall Sahlins, no mito antropológico da Queda, da maneira como fora interpretado pela tradição cristã canônica, o mal tem origem num evento que é fruto da vontade do ser humano. A transgressão original é responsabilizada por produzir “uma humanidade intrinsecamente corrompida”, corporalmente predisposta ao mal e condenada ao sofrimento: “a criação inteira geme e sofre em conjunto as dores do parto” (Romanos, 8:22).²³⁵ O ser humano foi expulso do Éden, aonde tinha tudo ao seu dispor e não conhecia necessidades e sofrimentos. A humanidade foi condenada ao trabalho, a produzir seus próprios alimentos, sujeita às intempéries das estações e às dores do

²³³ HIPÓCRATES. *Da Natureza do Homem*: 2. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 42.

²³⁴ HIPÓCRATES. *Da Natureza do Homem*: 4. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 43.

²³⁵ Apud SAHLINS, Marshall. A tristeza da doçura, ou A antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 563.

parto. Com a queda de Adão todos caíram em seguida, Eva, os animais e o restante do mundo. A vida humana tornou-se punível o mundo lhe ficou hostil. A vida se encheu de obstáculos, advindos do corpo humano ou do mundo amaldiçoado. A ignorância também fazia parte da condenação. “Estendeu-se um véu entre uma pessoa e outra, assim como entre a humanidade e o mundo”.²³⁶ Se antes do pecado, Adão havia sido convocado por Deus a nomear os animais, sabendo distingui-los de acordo com suas naturezas e diferenças, o que é um conhecimento quase divino sobre a natureza, após a Queda a humanidade perdeu este domínio, caiu na incompreensão e discórdia de Babel e ficou para sempre apartada da verdade divina.

Esta verdade disfarçada e escondida do mundo pós-Queda possuía um sentido neoplatônico: o acesso permitido através das impressões sensíveis “de coisas empíricas defeituosas” era inadequado para acessá-la verdadeiramente.²³⁷ O sensível, dominado pelo prazer, era concebido como par antagônico do inteligível, enquanto o eu verdadeiro só poderia ser encontrado na interioridade, afastado da realidade corpórea – a forma de conhecimento do Adão decaído era inferior àquela que podia realizar antes do pecado original, pois dependente de suas impressões sensíveis. A guerra interna continua porém entre a materialidade carnal, dos prazeres, da gula e da sexualidade; e a alma, dotada de razão, moral e imortalidade. A ordem encontra-se do lado oposto ao dos desejos. Só a morte poderia libertar os seres humanos desta existência sofrida, sobretudo em caso de doença – Platão, como vimos, também já havia sugerido que a morte poderia ter um aspecto redentor em doenças incuráveis, dispensando mesmo as tentativas se prolongar a vida (necessariamente sofrida para o doente e para quem está a seu redor) e Sahlins nos atenta que só o cristianismo teria produzido uma

²³⁶ SAHLINS, Marshall. A tristeza da doçura, ou A antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 564.

²³⁷ SAHLINS, Marshall. A tristeza da doçura, ou A antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 564.

visão da morte como descanso verdadeiro ou “libertação”²³⁸ (o que remete a uma existência cansativa e penosa).

A finitude humana era o defeito primordial. Para santo Agostinho, Deus não havia criado o mundo a partir de Si mesmo, pois vindo de Deus a criação teria sido forçosamente perfeita. Não era o caso, o mundo e o ser humano foram criados *ex nihilo*, do nada e “em contraste com a natureza imutável e perfeita de Deus, o homem era corruptível”.²³⁹ A finitude humana era expressão desta natureza imperfeita, corruptível através do livre arbítrio, “repleta de carências e necessidades”. A causa e o crime consistiam nesta natureza humana, que havia feito um ser suscetível a desejos que sempre superam seus poderes. A obediência aos próprios desejos foi desobediência a Deus e a partir daí, o ser humano “estava fadado a consumir seu corpo na tentativa de satisfazê-lo”.²⁴⁰ A corrupção da natureza também tornava mais difícil que a humanidade conseguisse obter da mesma a satisfação de suas necessidades. Esta busca passou a ser a servidão humana. Segundo santo Agostinho, as necessidades humanas se multiplicam tanto que não se encontra a única coisa realmente necessária, “uma natureza única e imutável”.²⁴¹

O Frei Boaventura de São Gião em sua licença em nome do Santo Ofício, concedida à publicação da *Âncora Medicinal*, produzida em 1720, expressa com clareza a interpretação cristã do papel da medicina para este ser humano pós-Queda:

É a ciência da Medicina a segunda árvore da vida que Deus plantou no mundo, depois que, pelo apetite de uma desobediência de Adão e pelo pecado de ambos, foram lançados do paraíso. E como toda aquela felicidade se converteu em miséria e à vida que havia de ser quase imortal sucedeu a sentença de morte, ao vigor do corpo, a fraqueza e à saúde, as

²³⁸ SAHLINS, Marshall. A tristeza da doçura, ou A antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 565.

²³⁹ AGOSTINHO, Santo. *De civitate Dei*, XII, 1, apud SAHLINS, Marshall. A tristeza da doçura, ou A antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 565.

²⁴⁰ SAHLINS, Marshall. A tristeza da doçura, ou A antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 565.

²⁴¹ DEANE, Herbert Andrew. *The political and social ideas of St. Augustine*. Nova Yourk: Columbia University Press, 1963, p.45 apud SAHLINS, Marshall. A tristeza da doçura, ou A antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 567.

enfermidades. Para remédio de tantos males, dispôs a divina providência revelar aos homens os naturais segredos e virtudes admiráveis que sua onipotência tinha depositado em todas as coisas criadas para universal remédio de todas as enfermidades. E sendo só Deus autor da vida do homem em sua criação, decretou não ser só autor da conservação da mesma vida, mas ele juntamente com o médico como instrumento e segunda causa.²⁴²

Deus castigou com o sofrimento, a fraqueza, a morte, deu as enfermidades, mas deu também a medicina e o médico. Ao expulsar a humanidade do Éden, Deus o protegeu com guardiães para evitar que a humanidade voltasse e comesse da “árvore da vida” que lá havia e que daria vida eterna a quem comesse seus frutos. Assim, a medicina era o correspondente pós-Queda da árvore da vida. O pecado de Adão aparece também marcado pelo desejo, o “apetite”, palavra não por acaso empregada, visto que o pecado havia sido o ato de comer o que não era devido, o desrespeito a uma interdição alimentar divina (a única interdição) – embora a interpretação oficial do pecado original o entenda como um pecado de soberba (o desejo de obter a sabedoria divina, comendo o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal) houve importantes interpretações que o compreenderam como pecado de gula, perigoso por abrir a porta aos prazeres sensíveis e primeiramente aos pecados sexuais, os mais temidos pecados da “carne”, como a narrativa deixa entrever na descoberta das “vergonhas”, “projeção mítica do medo do sexo”, que ocorre na narrativa logo após Eva compartilhar do fruto com Adão e antes da chegada da punição divina.²⁴³ Desde o princípio as necessidades oriundas da natureza imperfeita da humanidade se manifestaram como um desejo do corpo. As aflições humanas se manifestavam corporalmente e a busca pela sua resolução também se dava por uma via corpórea. Ficou a cargo da humanidade e particularmente dos médicos, descobrir “os naturais segredos e virtudes admiráveis” que a Providência divina havia deixado em “todas as coisas criadas para universal remédio de todas as enfermidades”.

²⁴² GIÃO, Frei Boaventura de são. Licenças do Santo Ofício. In: AM, 2004, p. 28.

²⁴³ A interpretação no caso é de Isidoro de Sevilha e teve importância na criação das regras alimentares cristãs, oriundas das reflexões do ambiente monástico. Cf. MONTANARI, Massimo. *Alimentazione e cultura nel Medioevo*. 11ª ed. Roma-Bari: 2008. p. 4.

Deus havia deixado na sua criação “vestígios sensíveis”, os sinais das coisas, à disposição do ser humano para que soubesse encontrar nos objetos da natureza as propriedades manipuláveis em seu benefício, o que não deixava de comportar uma valorização da experiência sensível, ainda que assumida como imperfeita.²⁴⁴ Entre as coisas visíveis e materiais havia uma conexão invisível e inteligível. Isto permitiria tornar aceitáveis, nos quadros do cristianismo, aquelas conexões simbólicas que conferiam poderes curativos aos amuletos e à alquimia e outras terapias, ainda que as mesmas possuíssem enraizamento profundo na religiosidade popular de origem pagã ou de todo modo, anterior ao cristianismo.²⁴⁵ As afinidades obscuras que depois encontramos na base do Hermetismo, comprovavam a ação da Providência invisível ou a obra do grande Arquiteto. Ainda assim, o cristianismo teria contribuído para certo desencantamento da natureza ao afastar Deus da mesma contra o “paganismo” que enxergava divindade e humanidade em outros seres do mundo, que não o ser humano – apesar do racionalismo e da laicização da medicina característicos dos textos hipocráticos, é significativa a solução encontrada num dos textos em que esta laicização é mais marcante, o *Da doença sagrada* (segunda metade do séc. V a.C.), em que o autor pretende afirmar que, no caso a epilepsia que muitos tinham por sagrada, a doença não poderia ser atribuída à ação divina, mas sim a elementos instáveis da natureza que influem sobre o homem:

Essa doença dita sagrada provém das mesmas motivações que as demais, ou seja, provém de coisas que se aproximam e se afastam, como o frio, o sol e os ventos que estão em mutação e nunca se estabilizam. Mas isso é divino; de sorte que em nada se distinga essa enfermidade como mais divina do que as outras enfermidades, mas elas todas são divinas e todas são humanas.²⁴⁶

²⁴⁴ Cf. SAHLINS, Marshall. A tristeza da doçura, ou A antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 590.

²⁴⁵ Cf. SAHLINS, Marshall. A tristeza da doçura, ou A antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 591.

²⁴⁶ HIPÓCRATES. *Da doença sagrada*. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 79.

A solução hipocrática não dessacraliza a natureza, nem por isso é menos racional ou secularizada, “o deus não é o causador de nada” e volta-se contra os “magos, purificadores, charlatães e impostores”, que “usam o divino para proteger-se da incapacidade de fazer valer o que ministram”.²⁴⁷ A cura centrada nos alimentos e no poder da dieta era considerada uma forma de “furtar” o poder ao divino e de refutação das curas mágicas. Ainda assim, o poder da arte (*tekné*) estava limitado por um naturalismo religioso de matriz indo-europeia, que divinizava a natureza.²⁴⁸ A divinização da natureza permaneceu como traço da religiosidade popular, que tendia a ver a divindade como um ser mais poderoso originado da mesma matéria do restante do mundo, o que os tornava mais próximos aos seres humanos.²⁴⁹ Na concepção idealista cristã, Deus existia antes da natureza, que é criada do nada, portanto não compartilhava da mesma substância divina. A natureza, na concepção que tem origem nesta religiosidade antiga, dotava de qualidades humanas e divinas a animais, plantas etc. e não poderia ser matéria pura, como o foi para o homem adâmico. Este, no cristianismo, era o único dotado de alma e razão, e contava com “todas as coisas” da natureza a sua disposição para a eterna busca a qual estava fadado.²⁵⁰

O Frei, censor do Santo Ofício, continuava seus elogios, que justificavam a publicação da obra, com uma imagem bucólica de tranquilidade que evocava o oposto da visão da turbulenta vida pós-Queda, dizendo que o livro poderia ser “Árvore da vida” para aqueles que quisessem deitar-se à sua sombra, encontrando entre suas folhas “suaves e deliciosos frutos para a conservação da vida”. E completa “*Âncora Medicinal* se intitula este

²⁴⁷ HIPÓCRATES. *Da doença sagrada*. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 62-63.

²⁴⁸ LAÍN ENTRALGO, Pedro. *La medicina hipocrática*. Madrid: Alianza Universidad, 1987, p. 57-58, apud CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 144.

²⁴⁹ Cf. a tradição cosmológica milenar materialista, herdada por Menocchio, atribui à mesma matéria a criação dos seres humanos, deuses e da natureza, o que nos permite pensar num forte enraizamento de fragmentos destas noções, que teriam chegado de geração em geração até a Idade Moderna. In: GINZBURG, Carlo. *Il formaggio e i vermi: il cosmo di un mugnaio del '500*. 3ª ed. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, p. 61-73.

²⁵⁰ SAHLINS, Marshall. A tristeza da doçura, ou A antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 596-600.

volume; quem, pois, se pegar e firmar nesta âncora pode ter esperança não só de livrar-se de naufrágios, mas de não se ver nos perigos que se experimentam nas tormentas das enfermidades”.²⁵¹

III. 3-1. Um corpo sem armadura

Francisco Henriques já havia publicado em 1710, também em português, um “socorro delphico” (alusão à Apolo) para socorrer a existência humana, sua *Medicina Lusitana, e Socorro Delphico aos clamores da Natureza humana, para total prostigação de seus males*. Para que se compreendesse bem do que se trata esta natureza, Henriques principiava explicando a vida humana antes do nascimento, desde a concepção até o parto, procurando interessar aos “Philosophos, Medicos, Theologos, Jurisperitos, e para os que forem curiosos de indagar as admiraveys obras da Natureza”. Em seguida Henriques passava à arte de criar e curar crianças e à terapêutica de diversos males, incluindo um tratado sobre febres e outro sobre os usos do mercúrio. Logo no “Prolemma” (prólogo), Henriques explica

A vida humana é uma guerra continua; porque apenas sai a luz o homem, lacerando com Herculeos movimentos as prizoens com que esta vinculado no materno útero: quando se acha vergonhosamente exposto; Á tirannia de tantos inimigos que o circundam, quantos sam os innumeraveys males, que tem principio com a sua vida. Para assiduamente lhe minarem a morte. Por isto quiçá se ouvem no seu natal aquelles fleveys [sic], lachrymosos gemidos, que muytos attribuiram ás hospitalidades do ambiente. E se em toda a vida está em continua guerra o Homem, já experimentando as inopinadas insidias dos males repentinos, já padecendo a innumerosa syndrome de serissimas enfermidades, com que tantas vezes collucta, até finalmente entregar a vida nos braços da morte: em nenhum tempo como desde que sahe a luz até passar a puerilidade hé tam perigoso o combate; porque em tão poucos annos nam pode haver industria para prepedir os insultos dos males, nem robustês para debellar as suas hostilidades; e fazendo-se estas insuperaveys ás forças da natureza. Triumfam de tantas innocentes vidas, com desprezo dos mays genuínos, decantados remédios.

(...) [o homem] bem necessita de uma Potina, que o defenda, ou de hum Apollo, que o socorra, offerecemos a seus clamores este Socorro Delphico (...). (ML, 1710, Prolemma s/p.)

²⁵¹ GIÃO, Frei Boaventura de são. Licenças do Santo Ofício. In: AM, 2004, p. 28.

Os seres humanos eram gerados “de princípios sórdidos (...) e impuros lugares”, desde o princípio amaldiçoados pela sexualidade e seus fluidos. A prisão do útero era vista como um lugar de impurezas, corrompido pelo sangue menstrual. O bebê vem ao mundo e

exclama contra a natureza, porque sahindo os outros viventes ao Mundo todos cubertos, e armados todos, para rezistir as injurias do tempo: so o Homem, nu, e inerme aparece no theatro do Universo, representando com lastimosos soluços o calamitoso papel da humana natureza. (ML, 1710, p. 5)

O choro dos bebês só poderia ser devido a uma existência tão calamitosa e seria uma forma da natureza comunicar aos homens “que os alegres natalícios com que festivamente se celebra, deviao ser tristes Nenias, com que mayas acertadamente se chorasse” (ML, 1710, p. 7). Enquanto todos os animais aprenderiam rapidamente suas operações, as aves voam e os quadrúpedes correm em poucos dias, por exemplo, os peixes nadam e os insetos já se movem sem outra professora que não a natureza. Só os humanos aprenderiam tardiamente e com dificuldade suas operações, “não falla sem lição, nada sabe sem doutrina; e primeyro se move como bruto” e só depois “anda como racional”. Até para andar e falar era necessário infundir a disciplina (ML, 1710, p. 6). A única coisa que sabem fazer os humanos sem precisar de lições é chorar. O autor nos dá diversos exemplos do pensamento ocidental que confirmam esta visão tenebrosa da vida, que parecem “dezejar a morte como alivio, o fin como remédio”: São Ambrosio teria suposto que a brevidade da vida seria uma decisão divina em favor da humanidade, para não padecer longos tempos com moléstias; Sêneca teria comparado o homem a um frágil vidro, que se quebraria com qualquer tempestade; Aristóteles teria dito que o ser humano é inconstante; Plínio o teria considerado suscetível ao vento; Hermes Trismegisto o havia chamado de “vínculo da corrupção, morte viva, sepulchro circumversível” (ML, 1710, p. 7); Santo Agostinho teria dito que a vida era cega, intumescida com os humores, extenua-se com as dores, seca-se com os ardores, corrompe-se com os ares, agrava-se com os alimentos, dissolve-se com “as jocosidades”, consome-se com a velhice e acaba-se com as enfermidades; Sêneca teria dito que o ser humano passa seus primeiro anos

em ignorância, a adolescência em vícios e a senilidade com queixas que conduzem à sepultura (ML, 1710, p. 6).

Em todas as idades humanas a vida seria “morbosa e miseravel” (ML, 1710, p. 5). A fragilidade humana era confirmada segundo Henriques pela elevada mortalidade infantil, que ocorria graças à falta de médicos: “nem sempre sam os meninos em seus males methodicamene auxiliados, de que rezulta, que a os inhumanos golpes de Cloto se façam irredimiveys escravos de Libitina” (ML, 1710, Prolemma s/p.) – Cloto era uma divindade antiga, a primeira das três parcas responsáveis por tecer o fio da vida, associada aos nascimentos. Libitina era uma divindade romana associada à morte. Bluteau nos informa que Libitina possuía um sincretismo com Venus, como *Dea libidinis*, do que tirava a conclusão que assim os romanos quisessem expressar “a inevitavel fragilidade da vida, cujo principio, e cujo fim dependia da [mesma] autoridade”.²⁵²

O nascimento era sem proteção, descoberto, sem armadura que ajudasse a resistir “as injurias do tempo”. Apenas os humanos nascem nus. A visão idealizada da vida animal lembra comparações como a que ocorre em *Da medicina antiga*, em que os animais fornecem um modelo idílico como seres de necessidades claras e limitadas, oposto à vida humana. Embora isto não fosse inteiramente condizente com a visão cristã da superioridade humana frente à natureza ou de sua menor imperfeição, que justificava o seu domínio sobre a mesma, esta imagem havia sobrevivido pelas leituras de textos da Antiguidade e servia mais para reforçar a visão negativa da vida humana.

²⁵² BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal Dom Joam V pelo Padre D. Raphael Bluteau clérigo regular, doutor na sagrada theologia, Pregador da Rainha de Inglaterra, Henriqueea Maria de França, e Qualificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Lisboa: na officina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, 1716, p. 115.

III. 4. Conhecimento do corpo, conhecimento do mundo

O corpo como microcosmo só poderia ser um corpo sem armadura, mesmo pelos poros poderiam entrar emanações maléficas e corromper os humores, como ocorria no caso do quebranto (Cap. II). Se a vida humana era tão difícil, por outro lado, não haveria “*mayor Philosophia, que o conhecimento do Homem*” (ML, 1710, p. 3). Nenhuma outra investigação seria tão nobre. O ser humano possuía analogias com tudo, pois a criação do mundo havia sido encerrada na criação dos homens. Conhecendo a si próprio, o ser humano “conheceria cientificamente” os Anjos, “porque com elles entende”, conheceria os brutos, “porque com elles sente”, conheceria as plantas, “porque com ellas vive e as pedras, porque existe com ellas” (ML, 1710, p. 3). Num sincretismo de visões herdadas do cristianismo, da religiosidade popular, do hermetismo e mesmo das novas teorias mecanicistas, Henriques contemplava no ser humano a inteira obra da criação divina:

Quando a Omnipotencia Divina creou a fermosa maquina do Universo, estando já em seu lugar os Elementos, a Terra com viventes, o Firmamento com luzes, e o Sol com rayos: para ultimar tão supremo opificio [artifício] da matéria mays humilde, formou a altiva, excelente fabrica do Homem, fazendo nelle húa preciosa imagem sua; animada com quase Angelica natureza, paraque fosse soberano Principe da sublunar Esphera. A este entregou a prezidencia das agoas, o governo dos ares, e o domínio da terra; cessando assim da creação do Mundo na creação do Homem (...)

E todos finalmente te chamarão ao Homem: Microcosmos (...), Mundo pequeno: porque hé tal a sua excellencia, que nelle, como em compendio, estão epilogadas todas as perfeções do amplíssimo Mundo grande (...)
(ML, 1710, p. 1-2)

Depois de abordar a miséria humana, Henriques não deixava de contemplar sua excelência e dignidade. A anatomia humana estava intimamente ligada à ordem do Universo, concebida por uma astrologia, que o Doutor Mirandela atribuía aos antigos egípcios, seguindo a tradição hermética. A divisão superior do Universo, também Angélica, seria o “trono das Inteligências”, que governava as outras duas; a média era a Celeste, “presidida” pelo Sol, “moderador dos Astros”. A inferior era a Sublunar à qual pertenciam animais e vegetais sob domínio do ser humano, “o Príncipe soberano da Sublunar esphera”. No Homem, explica o

médico, encontravam-se simulacros de cada parte da “maquina do Mundo”. A superior relacionava-se à cabeça, “fortaleza do entendimento”, do juízo, da razão, sabedoria, oficina da memória e centro da imaginação. A Celeste relacionava-se ao peito, pois o Sol iluminava o Universo, dando vida à terra e às plantas e árvores, da mesma maneira que o coração espalhava vida pelo corpo, por meio de seu “fogo” ou “calor vital”, favorecendo sua “economia natural”. O Sol era o coração do Mundo e o coração o Sol do Homem. Na parte Sublunar se encontrava tudo o que pudesse nutrir e servir ao Homem e por isto estava relacionada ao ventre ou região hypogástrica (diafragma, estômago e intestinos), encarregada da nutrição e “distribuição dos alimentos” para a “admirável fabrica do corpo humano” (ML, 1710, p. 2).

Esta divisão tripartida do macrocosmo correspondia no corpo humano às três sedes da alma da tradição platônica. A faculdade racional estava localizada no cérebro, “domicilio da Alma” e era ligada à divisão Superior ou Angélica do Universo. A parte média, a Celeste, onde reinava o Sol, correspondia à faculdade irascível, situada no coração. A parte Sublunar, onde reinava o ser humano sobre as coisas menos perfeitas, correspondia à faculdade concupiscível, com sede no fígado e no ventre em geral, (ML, 1710, p. 2 e p. 4) responsável pelos apetites de toda sorte: tanto a nutrição e distribuição dos alimentos como vimos, quanto aos apetites sexuais e corporais em geral.

Ao discutir a nomeação do “homem”, Henriques discute alguma de suas definições. A etimologia de Varrão conectava a palavra *humus*, “terra” a homem, pois o mesmo teria sido feito de terra. Outra etimologia ligava homem à palavra grega *omonia*, contendo o sentido de animal sociável e concorde. Outros haviam dado definições que encerravam aqueles aspectos considerados mais nobres da humanidade, onde também podemos ver algumas de suas referências: animal intelectual por S. Atanasio, intérprete dos Deuses por Teofrasto, mensura do mundo por Pitágoras, animal político e racional por Cícero, epítome e delicias do mundo

por Plínio, crédito da natureza por Zoroastro, excesso de toda admiração por Abdala, seminário da divindade por Laurencio e Luz por S. Gregorio de Nazianzeno (ML, 1710, p. 1-2).

A dignidade do homem crescia através da correspondência com os planetas e astros: a Lua correspondia ao cérebro, Vênus às genitálias, o Sol ao coração, Jupiter ao fígado; Saturno ao baço (que se relacionavam com a melancolia, daí o temperamento “saturnino” estar associado à mesma) e Marte ao receptáculo do fel (ML, 1710, p. 2). Os signos também possuíam suas correspondências: Áries à cabeça, Touro ao pescoço, Gêmeos aos braços, Cancro ao peito, Leão aos rins, Virgem às “partes ilíacas”, Libra às colunas, Escorpião às virilhas, Centauro às pernas até os joelhos, Aquário às tíbias e Peixes aos pés. Os traços deixados pelos meteoros correspondiam aos raios da vista, o som dos trovões e a fúria dos ventos correspondiam aos rumores da barriga, o orvalho às lágrimas, os terremotos correspondiam às palpitações e convulsões, as pedras das “concavidades terrenas” correspondiam às pedras que se formam no corpo. Os espíritos animais que circulavam no corpo, e se concentravam no cérebro, garantindo-lhe o funcionamento correto, eram correspondentes ao Céu, enquanto os humores correspondiam aos elementos. O Céu e os quatro elementos consistiam nos “cinco simples”, que faziam parte da fábrica do Homem, como se o céu consistisse num quinto elemento, junto às misturas perfeitas e imperfeitas dos humores (ML, 1710, p. 2).

O autor segue com diversos exemplos de relações ocultas, que ligam o corpo humano à ordem do Universo. O Homem, dizia Henriques, com todos os seus “duzentos ossos, mays de duzentas cartilagens, muytos mays ligamentos, innumeraveys artérias, membranas, e veas; nervos mays de trinta pares; mays de quatrocentos músculos” e ainda “havendo em todas estas partes peculiares uzos varias sympathias, e hua conspiração entre todas”, na verdade deveria tirar uma lição do “edificio do Microcosmo”. Não bastava apenas admirar sua

perfeição, pois “nelle temos também não menos, que aprender”, que em sua sublime postura ereta admirando o Céu, o Homem estaria sendo ensinado a lembrar-se de sua origem e ter “certeza de que só de Deos podemos esperar o mayor bem” (ML, 1710, p. 4). Ou seja, tudo isto deveria servir para que o Homem se lembrasse que fora criação Divina. Como bem observou Jean Luiz Neves Abreu, a anatomia para estes médicos, além de ajudar a compreender o corpo humano “era uma das maneiras de comprovar a existência e perfeição de Deus”,²⁵³ atendendo tanto aos desígnios da ciência quanto aos da religião.

Entretanto o macrocosmo já havia se tornado uma formosa máquina ou um opifício, palavra que significa artifício. A criação divina tinha se tornado a fabricação de uma máquina física e mental, em que tudo estava conectado com engenhosidade. O corpo também havia se tornado uma fábrica análoga ao grande mundo, mesmo que o autor não tenha como referência principal os teóricos do mecanicismo, os termos circulavam e foi possível por certo tempo conciliar as novidades da época com as demais tradições. A estrutura da “admirável fabrica do corpo”, por ser ereta, permitia ao ser humano de “elevar-se as altas contemplações de cousas sublimes, e celestes, desprezando as inferioridades da terra, em que outros viventes sempre trazem os olhos” (ML, 1710, p. 4), excedendo assim a todos os animais, sobretudo aos quadrúpedes, voltados para a inferioridade da terra com suas quatro patas sempre no chão. Esta estrutura lhe permitia ficar na nobre posição assentada, único animal capaz disso, com o fim de exercer “as mays preclaras, científicas artes”.

Deus também nomeado de “Iconista Supremo”, um fabricante de imagens que teria impresso a sua própria imagem e a do restante da máquina do mundo na fábrica do “Principe do Imperio Elementar” (ML, 1710, p. 3). O semblante resultante era tão poderoso que deveria aterrorizar os outros animais, a ele sujeitos. Em si próprio, o ser humano poderia encontrar os

²⁵³ ABREU, Jean Luiz Neves. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, p. 61.

sinais divinos de ensinamentos de conteúdo moral e político que poderiam lhe ajudar não somente a viver, mas também a exercer o domínio sobre a mundo que lhe pertence. As orelhas que já vinham abertas, ao contrário da boca, ensinavam que se deveria ouvir mais que falar. A língua “vinculada com dez músculos” e ligada com “hum vinculo” era uma advertência para que o juízo controlasse o que “houverem de proferir as vozes”. A localização tripartida das faculdades da alma ensinava que as paixões da ira e da concupiscência deveriam ser controladas pela parte superior, a razão. Dos ofícios das partes principais (da cabeça) se encontravam instruções “aos grandes para mandar” e nos ofícios das partes menos principais (como braços, por exemplo) se davam instruções “aos humildes para obedecer”. Todo o corpo deveria cooperar e obedecer para que funcionasse bem. O corpo dos soberanos também era visto como o microcosmo do corpo do país.²⁵⁴

Os Principes poderiam aprender com as funções do cérebro, que distribuía espíritos animais ao corpo para que este funcionasse, as distribuições de funções para governar. Com as funções do coração poderiam aprender a conservar e socorrer seus vassalos, pois este órgão conserva a vida do corpo com o calor natural e o alimenta através da circulação sanguínea. Nas partes menos nobres, pode-se aprender a obediência. É assim que cada área do corpo obedecia a um órgão: a cabeça ao cérebro, o peito ao coração, o ventre às entranhas. Baço, rins e “bexiga do fel” trabalham em cooperação para excluir as impurezas do corpo, resultantes das transformações (cocções) que ocorriam no seu interior. Por menos que alguma destas operações se desviassem do reto funcionamento a economia do corpo se arruinaria. A mecânica do corpo deveria ensinar a conservar “em perfeyta symmetria a Republica do Microcosmo” (ML, 1710, p. 4). Se o domínio do mundo material encerrava-se no domínio do corpo, a mecânica do mesmo também encerrava o funcionamento da ordem social.

²⁵⁴ “assim como he notorio às Nações estranhas, que logramos a fortuna de sermos dominados de huns Soberanos em cujas veas circula o mays illustre Sangue do Mundo, assim tambem se lhe faça patente, que possuimos a dita de habitar hum Paiz, e huma terra cujas veas circuladas mays prodigiozas agoas do Universo” em BOAVENTURA, Frei Manoel de S. Licenças do Santo Officio s/p. In: AL, 1727.

III. 5. Águas: Uma máquina a refrigerar

Só a água fria extingue brevemente a sede, tempera o estuante empireuma das entranhas, recreia a alma e é uma das grandes consolações desta vida, quando é remédio de uma grande sede

Francisco da Fonseca Henriques (AM, 2004, p. 225)

A vida encontrava consolo naquilo que pudesse satisfazer as necessidades, aliviando os sofrimentos, e nada melhor que a imagem da água fria saciando a grande sede para expressar esta busca. A novidade é que o corpo humano possuía algo de poderoso no seu interior e que produzia suas próprias energias, distinto do mero calor natural, uma voracidade que não se satisfazia facilmente e que precisava ser apaziguada “na força da calma” (AM, 2004, p. 228). A época começava a conceber a natureza humana cheia de necessidades, como a fonte de suas energias. Percebiam-se as energias disponíveis de um corpo que sofre, mas é senhor do mundo. Na função dos líquidos na fisiologia da digestão da *Âncora Medicinal*, encontramos a melhor incorporação das novidades teóricas oriundas dos preceitos da mecânica aplicados à medicina, mas também da química, sem eliminar os humores e as quatro qualidades básicas. Sobre a função da água no corpo, Henriques diz:

A água é fria e úmida, e, ainda que sendo pura não nutra, é muito necessária para a boa nutrição do corpo e para a bem ordenada economia da sua máquina, porque ajuda a distribuir o alimento depois de cozido no estômago, facilita a circulação do sangue e a depuração das impurezas excrementícias que a natureza continuamente elimina pelos ductos para este fim destinados; excita o apetite, conforta o estômago, laxa o ventre, modifica a ação com que o calor natural se emprega no úmido substantífico, tempera o excandescente empireuma das entranhas, rebate o furor da cólera, reprime o arqueu do estômago, deprime a exaltação do suco pancreático, mitiga a sede e parece que recreia a alma, quando, entre as ânsias de uma sede incomparável, acha na sua frialdade o refrigerio e o alívio. Tudo isto faz a água quando é boa; mas, quando é má, ofende o estômago, perverte o cozimento e, segundo as suas qualidades, assim excita os danos. (AM, 2004, p. 215)

A imagem do corpo-máquina, com seus dutos e seu funcionamento, predomina nesta passagem. Os humores ainda circulam nesta máquina. A água conduz os alimentos já digeridos e a lubrifica. Sua função tradicional era ser bebida para distribuir os alimentos e a facilitar a digestão quando surgisse a sede e somente quando esta surgisse, pois pairava certa desconfiança sobre a água. Henriques dizia que havia “gente tão supersticiosa, que antes se

deixará estalar de sede, do que beber um púcaro de água no tempo do cozimento” (AM, 2004, p. 223). Isto era um engano para o médico que recordava-se do princípio básico da medicina medieval, se a fome pede alimento, a sede pede água. Assim, havendo sede era necessário satisfazê-la, pois isto era um pedido do corpo para realizar sua digestão. Entretanto, a hora de se beber, segundo Galeno, era sete horas após a refeição, quando o cozimento estaria concluído e a água poderia ser levada ao restante do corpo, trata-se da *potus delativa* ou bebida delatora. A desconfiança da água fora destes momentos era tão grande que Avicena incluía entre os venenos a água em jejum. Também poderia ser empregada para temperar excessos de vinho ou de bebidas quentes (AM, 2004, p. 224). A nova fisiologia no entanto, iria reservar à água um papel maior e ajudar a retirar um pouco dos medos no seu emprego.

A linguagem da passagem acima é mecanicista, química e humoral. A máquina precisa ser refrigerada pela água que “tempera o excandescente empireuma das entranhas”, este um motor superaquecido de um corpo cheio de energia (fogo) que deve ser “temperado” com um elemento de qualidades opostas à essa energia (água). A cólera, gerada pelo fogo quente e seco do “excandescente empireuma”, é temperada pela frieza e umidade da água. O mesmo para o “arqueu”, reduzido a mera queimação estomacal, agora tido como resultante do superaquecimento da máquina, que, se não fosse resfriado, arriscaria consumir o próprio corpo. O calor da máquina era associado ao calor natural, que por sua vez era o índice de atividade estomacal. Por isto, as idades em fase de crescimento precisavam de mais alimentos, para aplacar a maior intensidade/calor da máquina do corpo. Quanto mais jovem, mais os alimentos deveriam ser “refrigerantes”. Embora isto não seja o suficiente para determinar uma nova visão da vida, pois as necessidades continuavam a determiná-la e o homem continuava a sua busca. Entretanto, a imagem do corpo na passagem acima é diferente daquela de um corpo penalizado e frágil, cheio de humores. Os riscos da eterna batalha interna continuavam existindo, tratava-se neste caso de refrigerá-lo e diminuir seus excessos de energia.

No século XVIII crescia a consciência das forças ativas que vinham de dentro do corpo²⁵⁵ (sem abandonar a existência das carências) e começou a se atentar também aos males surgidos das mesmas. Crescia também as preocupações com a saúde pública, em que ganhavam lugar as questões ligadas ao uso da água e do ar, assuntos relativos ao ambiente do ser humano, em detrimento da dietética que dava ênfase ao ajuste das terapias às compleições individuais.²⁵⁶

Da Baixa Idade Média até o século XVI as caldas ainda eram bastante utilizadas na Europa e os banhos eram bastante frequentes, sobretudo como locais de diversão e não ligados à limpeza. A promiscuidade e a prostituição que ocorria em alguns destes banhos foram motivo de condenação pelas autoridades da época moderna e a prática dos banhos públicos foi bastante reduzida. Durante o século XVII, as preocupações com a peste fizeram prevalecer as preocupações higiênicas que, tradicionalmente, estavam associadas às práticas de limpeza seca, pois as umidades estavam associadas às impurezas, o que fez multiplicar as preocupações com a purificação do ar, através dos aromas (“secos”), como vimos no capítulo II.²⁵⁷ Os poros eram vias de acesso e as águas poderiam para ameaçar o frágil equilíbrio interno dos humores, assim os banhos eram temidos pelos médicos e eram recomendados com muito cuidado, concentrando-se em práticas que davam valor à troca de roupas, perfumes e pós, pois o seco estava ligado ao limpo. Esta higiene seca ainda se fazia sentir nas recomendações de Henriques na *Âncora Medicinal*. Segundo Vigarello, o medo dos banhos teria sido dominante até meados do XVIII, quando as Luzes teriam se imposto, generalizando

²⁵⁵ Cf. “O frio e os novos vigores” em VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa: Fragmentos, 1985, p. 93-105.

²⁵⁶ Este processo é comumente associado ao espírito das Luzes e ao fim do século XVIII, como o faz Felismino, mas não se pode associar Henriques a este contexto, o que indica que, embora com uma perspectiva um pouco diferente, algo já deveria estar ocorrendo nos princípios do século ou mesmo no fim do século anterior, haja vista obras como a de Manget, produzidas a serviço de Príncipes e Reis, que buscavam valorizar estes elementos, possivelmente numa perspectiva de domínio dos recursos naturais de seus reinos. Cf. FELISMINO, David. Dieta e gosto na mesa régia. In BUESCU, Ana Isabel & FELISMINO, David (coord.) *A mesa dos reis de Portugal: ofícios, consumos, cerimônias e representações (séculos XIII-XVIII)*. Círculo de Leitores e Temas e Debates. 2011, pp. 350-380, p. 360.

²⁵⁷ Cf. VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa: Fragmentos, 1985, 209 pp.

a prática dos banhos frios. Antes de 1760, o interesse terapêutico pelo banho frio seria raro, endossado apenas por “terapeutas contrários à tradição”.²⁵⁸ Tanto na opinião de Vigarello quanto na de Felismino seria necessário aguardar as Luzes para imporem-se os banhos frios. Somente aí, o banho nos rios “até então reservado ao lazer ou a certas curas isoladas, é entendido (...) com instrumento de saúde”.²⁵⁹ Trata-se de buscar práticas de saúde e não de limpeza, através das mecânicas da água, que influenciariam a “máquina orgânica”, prometendo mais firmeza física contra as molezas dos corpos. Henriques havia despertado antes disso para tais propriedades, embora seja algo que apareça apenas ao final da vida, como demonstra no resumo abaixo dos efeitos benéficos e maléficos da água no corpo:

He certo, que no uso das agoas, ou bebidas, ou administradas em banhos, se observaõ cousas de grande admiraçaõ, e consequencia do corpo humano; e que assim como ca fora se fazem grandes, e diferentes effeytos, seguindo as suas diversas qualidades, com que humas endurecem o ferro, outras o abrandãõ, e o temperaõ: assim tambem dentro no corpo humas ajudaõ a dissolver, e a destribuir bem os alimentos; outras naõ so os naõ cosem, mas antes os endurecem, e os fazem indigestos. Humas temperaõ o orgasmico, e furioso movimento dos humores; outras os inquietãõ, e precipitaõ. Humas laxãõ os nervos e fibras crespas, e convulsas; outras as convellem, e as vigoraõ. Humas fazem os homens agudos, e engenhosos; outras os fazem rudes, e grosseyros. Finalmente, humas mataõ, outras daõ vida. (AL, Prologo s/p, 1727)

Era muito importante saber escolher as águas para evitar indigestões e outros danos.

Em resumo sua importância fisiológica era: ajudar a temperar os furiosos movimentos internos dos humores (que agora também ganhavam impulsos desta energia nova) e o calor do empireuma; dar vigor às fibras, concedendo-lhes firmeza; promover o engenho humano.

A motivação para publicar uma compêndio das águas medicinais de Portugal parece ser a de ampliar o domínio sobre os recursos materiais do Reino, tendo em vista a saúde pública, que estavam sendo pouco utilizados. O pedido teria vindo do próprio Rei, que fazia Henriques escrever “por impulso superior”. Para o médico português tratava-se de

²⁵⁸ VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa: Fragmentos, 1985, p. 95.

²⁵⁹ VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa: Fragmentos, 1985, p. 95.

aproveytar melhor deste beneficio do Creador do Mundo, se a gente conhecera o prestimo, a bondade, e a virtude de todas estas agoas; das quaes, ou por ignavia, ou por falta de noticia, esta sem uso a mayour parte. Por cuja causa (movendo-se a pena por superior impulso) tomamos por empresa fazer patente aos olhos de todos este precioso thesouro, com que a Divina Omnipotencia enriqueceo estes Reynos; para que facilmente se possa usar delle em beneficio da saude humana. (AL, Prologo s/p, 1727)

E na opinião do Frei Manoel de S. Boaventura, censor do Santo Officio, Henriques

revolveo a quantidade quazi immensa de agoas, com que se secundaõ, e regaõ os dous Reynos de Portugal, e Algarve: escrutando-lhe as naturezas, e propriedades como Filosofo insigne, e explorando-lhe as virutdes como Medico doutissimo, e zelozo das nossas saudes, e vidas, que tanto dependem das agoas, com que os individuos da natureza humana se alimentaõ, humedecem, e refrigeraõ.²⁶⁰

Neste sentido, o *Aquilégio Medicinal* (1726) trazia uma novidade, a grande quantidade de terapias com os banhos, sobretudo de água fria. O tratado trazia a notícia de 30 caldas (banhos quentes), 18 fontes de água quente, 221 fontes de água fria, 25 rios, 28 poços, 10 lagoas e 6 cisternas, com um capítulo para cada, totalizando sete capítulos. Destas, podemos considerar boa parte dos rios como pertencentes às águas frias e as caldas às águas quentes. É evidente a grande maioria de águas frias. Vale lembrar que este inventário foi selecionado por Henriques com o escopo de elencar as águas medicinais “ou em que haja alguma particularidade digna de admiração” do Reino de Portugal e Algarves (AL, 1727, p. 2). O tema das águas havia sido tradicionalmente abordado através do tratado hipocrático *Ares, águas e lugares*. Na *Âncora Medicinal* esta é a maior referência sobre o assunto. O tratado hipocrático trazia orientações sobre as escolhas das águas mais saudáveis, relacionada a considerações meteorológicas e geográficas. Além desta referência que continua a ter um grande peso, no *Aquilegio Medicinal*, Henriques havia se inspirado na grande obra de Manget, a *Bibliotheca Pharmaceutica*, que já mencionamos, onde se podiam ver diversas águas medicinais, além da também mencionada obra de Plínio, *Historia naturalis*. Segundo Henriques este tipo de produção estava em voga na época:

Obras semelhantes a esta se estamparaõ em varias Nações, decretando-o assim o seu governo para utilidade do publico; e por ellas sabemos das

²⁶⁰ BOAVENTURA, Frei Manoel de S. Licenças do Santo Officio s/p. In AL, 1727.

agoas medicinaes de Hespanha, de França, de Inglaterra, de Germania, de Hungria, de Transilvania, estas mays Regiões Septentrionaes; de Italia, de Toscana, de Sicilia, de Napoles, de Asia, de Africa, e da America (AL, 1727, Prologo s/p.)

Para produzir seu *Aquilegio*, Henriques conheceu diversas águas de Portugal, conversou com médicos locais, procurou conhecer os usos populares das águas e serviu-se da literatura sobre o assunto, particularmente a *Corographia portugueza* do padre e matemático António de Carvalho da Costa (1650-1715), publicada em três tomos (1706, 1712, 1718) e a obra do jesuíta alemão Athanasius Kircher (1602-1680), *Mundus subterraneus* (1665), em que mencionava brevemente águas portuguesas indiretamente (através da obra de um padre Antonio de Vasconcellos, uma “Descrição de Portugal”, escrita em latim). A tônica desta escrita é a mais prática de seus tratados. Em seu último trabalho, Henriques considerava desnecessário escrever sobre as definições de seu objeto (sobre estas, já havia escrito na *Âncora Medicinal*), pois aí “só tem lugar, o que pode ser util” (AL, 1727, p. 2-3).

A razão para a predominância das terapias de água fria demonstra que o autor estava em busca de soluções aos males de origem quente, que em grande medida se originavam do excesso de energia da máquina do corpo. O título do terceiro capítulo, voltado para as fontes de água fria é o único que vem “com virtudes medicinaes” – o que não significava que não se encontrassem virtudes terapêuticas nas águas quentes ou caldas, apenas procurava dar ênfase às propriedades das águas frias. As fontes de água fria são recomendadas para “recrear a alma, e curar o corpo, sem experimentar o desgosto, dos remedios pharmaceuticos, em que esta mays certo o enjoo, que a utilidade” (AL, 1727, p. 74). Henriques estava novamente em busca da eficácia que o poder dos remédios não havia sido capaz de fornecer e pelo contrário acabavam produzindo muitos danos:

E muytas vezes succede, que depoy de largas, e inuteys curas, se recobre a saude com o uso ordinario de alguma agoa, com que se accomode bem o estamago, e se ponha em boa forma o governo do corpo, perturbado, e pervertido com os achaques, que desprezaraõ os presidios da Arte. Por isto aconselhamos, que nos males chronicos, e fóra delles, procurem sempre as pessoas valetudinarias alguma agoa medicinal (...) (AL, 1727, p. 74)

As águas poderiam servir também para remediar os danos produzidos pela excessiva força dos remédios. As águas doces dos rios são recomendadas para banhos contra males de natureza quente e para temperar (moderar) o “*empyreuma excandecido*”, portanto útil para o “bom governo” da “máquina do corpo”. Neste caso, a terapia não buscava nada além do frio e da umidade:

Todos os rios de agoa doce são uteys na Medicina, tomando banhos nelles, para os males, que dependem de intemperanças quentes, que produzem efferecencias no sangue, estuação nos hipochondrios, espasmos, convulsões, e crispaturas nas partes solidas; prurigenas, e comichoens na contextura de pelle; e outros mays danos, que com os ditos banhos se remedeão; *sem que os rios tenhaõ mas virtude, que a da frialdade, e humidade da agoa, com que se tempera o empyreuma das partes excandecidas, e se laxaõ as fibras crespas, e convulsas; corroborando com a actual frialdade a parte exterior, e subcutanea do ambito do corpo; razaõ porque aproveytaõ mays estes banhos nos achaques da pelle, a que vulgar, e erradamente chamaõ do figado, do que os banhos de tina; ou sejaõ tomados com agoa tepida, que laxa; ou com agoa fria, que logo se aqueuta. Destes rios há muytos em Portugal; mas aqui so fallaremos daquelles, cujas agoas tem virtudes medicinaes.* (grifos nossos) (AL, 1727, p. 223-224)

Se Henriques tivesse optado por focar o mapeamento dos rios de água fria em que se pudesse fazer banhos, o tratado teria sido muito maior e pela passagem acima (“Destes rios há muytos em Portugal”), podemos supor que a prática não fosse tão rara. Sua preocupação principal ainda era com as virtudes medicinais e não apenas com o frio, no entanto sua busca pela virtude do frio é bastante evidente. O corpo não estava mais totalmente sem armadura. A pele, seu invólucro perfurado, poderia receber um reforço do frio, apertando os poros e reforçando as defesas.

Não era ainda a época em que o frio poderia ser utilizado sem precauções, como propriedade associada à acidez (vinagre era frio por exemplo, o sabor ácido era associado à fleuma) em excesso poderia provocar fortes corrosões, como a de uma fonte no termo de Mirandela: “ha hua fonte de agoa fria, de tal qualidade, que metendo nella hum quarto de carneyro, dentro de meya hora lhe gasta a carne toda, deyxandolhe só os ossos” (AL, 1727, p. 133).

Os banhos de caldas eram recomendados pela presença de minerais, na perspectiva do tratamento com partículas sulfúreas nitrosas, de azougue, entre outros. O destaque é para as Caldas da Rainha, aonde havia um Hospital, fundado no fim do século XV. Os males frios, que atacavam os nervos, as juntas, o estômago, o útero, a bexiga e a cabeça eram os mais tratados. Henriques se queixa de que os “Provedores do Hospital” aceitavam doentes de poucos casos presentes em seu catálogo de doenças, sobretudo de “estupores” (AL, 1727, p. 5-9). Para o médico se poderiam “ampliar as experiencias”, para se descobrir novas virtudes, como este havia descoberto buscando sete casos de hidróticos no livro do Hospital, que teriam se curado com as caldas, apesar da proibição (AL, 1727, p. 9-16). Algumas hidropisias que teriam origem na má digestão do estômago, por fraqueza, produzindo um sangue mal elaborado, com excessos de líquidos no corpo, poderiam se beneficiar das Caldas da Rainha, que com o seu calor, melhorariam a circulação do sangue. O calor neste caso era buscado para desinchar e poderia curar o estômago através de bebidas e banhos. O enxofre das caldas, por ser considerado quente, era apropriado para dissolver pedras e areias do corpo.

Os banhos quentes entre maio e outubro no Tejo eram considerados dessecantes, por serem ricos em enxofre e salitre, servindo para “consumir as humidades superfluas” se bebidas. Os moradores de Abrantes haviam contado a Henriques que o gado que pastavam às margens do Tejo e bebiam suas águas ficavam com as carnes menos gordurosas e mais leves que as do gado que vivia distante do rio. Disto, o médico conclui que suas águas serviriam para ajudar os fleumáticos e obesos a reduzir seus os líquidos.

III. 5-1. A escolha das águas

A hierarquia geral da escolha das águas saudáveis para uso cotidiano seguia grosso modo esta ordem: I – da Fonte; II – da Chuva ou Cisterna; III – de Poço; IV – de Rio; V – de

Lagoa; VI – Nevosa e Glacial. Seguindo *Ares, águas e lugares*, Henriques prefere as fontes frias no Verão e quentes no Inverno, pois as águas de fontes mais profundas seriam as mais puras e pelo princípio da antiperístase (aumento de força por se aumentar a força contrária) acreditava que se água estivesse fria no verão era prova de que vinha das profundezas da terra, onde haveria de estar frio: quando uma fonte já era fria em geral, “quando o calor he mayor, entãõ [sua água] he muyto mais fria” (AL, 1727, p. 87).

Sobre a água de cisterna, o autor recomenda que fosse coletada na primavera, portanto de qualidades temperadas (que não agissem alterando as qualidades da água pura) e de chuva calma. A água pluvial seria boa a princípio por ser gerada pela atração do sol, que separaria primeiro as partes mais leves, deixando as mais pesadas e impuras embaixo. Através dos ares e ventos esta voltaria se condensar e cair em forma de chuva, por isso os ventos deveriam ser calmos, para prevenir que misturassem a esta água as contaminações que costumeiramente poderiam se impregnar no ar. Sua maior preocupação é com a não alteração das qualidades das boas águas pluviais. Segundo Henriques, “a água da chuva, trazida à balança é a mais leve de todas” (AM, 2004, p. 217). A limpeza das cisternas e dos dutos que levavam as águas até as mesmas era a maior recomendação, mas sabendo das dificuldades em manter a água armazenada inalterada nestas condições, continua optando pela água da fonte como melhor opção. O movimento é sempre preferido em relação à estagnação, portanto as Lagoas geralmente são indesejadas, por serem de água parada e corrupta, “as piores de todas” (AM, 2004, p. 218). Da neve ou do gelo, estas águas seriam “péssimas”, pois o congelamento, sendo o oposto da evaporação e do movimento provocaria a perda das partes “leves”, permanecendo apenas as partes “crassas, turvas, pesadas, ásperas e duras” e deste modo, seguindo os princípios de *Ares, águas e lugares*, acreditava que teriam sua natureza alterada permanentemente.

Mas são ainda os “sentidos externos” os principais instrumentos para distinguir as águas boas das más: ausências de cheiro, sabor e cor (AM, 2004, p. 216). Em relação ao período do ano, nas estações quentes, em que abundavam males de origem quente, eram recomendadas águas frias. Do Poço de Abrantes diz:

He esta agoa muyto clara, muyto fria de Veraõ, e morna de Inverno, mas taõ salobra, que se naõ pode beber sem desagrado. Naõ cose legumes, por mays que com ella fervaõ. Naõ lava bem com sabaõ, nem misturado com ella levanta escuma; (...).(AL, 1727, p. 255)

Pela antiperístase, a água deveria ser boa, pois era fria no verão e morna no inverno então temos certeza que o que estragava águas como a do poço de Abrantes, descrita acima, é o indício de não ser apta a cozinhar legumes, não dissolver bem o sabão e ser desagradável, (Cf. AM, 2004, p. 216) possivelmente atribuído ao excesso de sal. Esta medicina ainda lidava com o prazer e o desprazer como fenômenos pelos quais era possível conhecer as afinidades e repulsas das coisas. Se o prazer satisfazia as necessidades do corpo e indicava afinidades de natureza, o desprazer só poderia comunicar a repulsa entre o corpo e o que se tomava ou comia, de modo que água ou comida desagradável em estado de saúde era o mesmo que ruim para o corpo (ainda que remédios não seguissem sempre esta lógica, pois feitos para momentos de ausência de saúde, podendo seguir o critério oposto, do amargo que cura etc.).

Quando a água perde sua pureza e bondade, “naõ só fica desagradavel para o gosto, mas tambem [e por isso mesmo, poderíamos dizer] nociva para a saude” (AL, 1727, p. 1-2). A felicidade era grande ao encontrar águas que se bebessem “com gosto” e usassem “com commodo” (AL, 1727, p. 74). O gosto era o principal meio para conhecer a nocividade ou as virtudes das águas. Em sua origem estas seriam sempre puras e boas, mas ficavam facilmente corrompidas. Neste caso, quando não houvesse outra opção, Henriques recomendava ferver a água antes de beber. Mesmo as águas das moringas deveriam ser deixadas paradas alguns dias para decantarem suas impurezas, em seguida coadas e fervidas, “porque o fogo de algum modo as purifica” – na Âncora acrescentava que este procedimento era necessário com

qualquer água de rio (AM, 2004, p. 218). Ferver a água era uma prática culinária, ainda que simples, o que demonstra a confiança nas técnicas oriundas da cultura alimentar para produzir aquilo que ajuda a conservar a saúde. A fervura como forma de purificar não era novidade e já era conhecida do autor do hipocrático *Ares, águas e lugares*: “Essas águas [pluviais] são as melhores conforme o que é normal; entretanto, deve-se fervê-las e livrá-las da putrefação; se não, têm um mau odor, e se instalam rouquidões, tosses e voz grave naqueles que as bebem”.²⁶¹ Qualquer água que fosse servir a propósitos terapêuticos também estava sujeita a fervura, segundo ensinava Galeno no *Commentaria in hippocratis epidemiarum librum VI* (Comentário às Epidemias VI de Hipócrates), citado por Henriques (AM, 2004, p. 226). Ainda segundo outro preceito de Galeno, retirado do *Methodo medendi* (Método terapêutico), a água que se fosse tomar fria deveria antes ser fervida, pois se esfriaria mais rapidamente depois disso. Onde não fosse possível obter água fria (esfriada com neve ou gelo) seria necessário colocá-la ao sereno ou em poços, tendo antes seguido o conselho galênico. A água no sereno poderia ser coberta com um pano de linho para livrá-la do pó, sem impedir que “se exale o vapor quente e se introduza o ar refrigerante” (AM, 2004, p. 229).

A leveza da água é outro critério importante de qualidade que só pode ser verificado através da culinária: Tanto na *Âncora* quanto no *Aquilégio*, o Mirandela repete “é necessario ver se se cozem os legumes nela com facilidade” (AM, 2004, p. 216). Águas boas para a saúde deveriam servir para cozinhar. Assim diz do rio Tamega: “A agoa deste rio he muy clara, leve, e delgada; coze bem os alimentos, ainda que sejaõ legumes; entende-se que tem virtude para queyxas nephriticas, como nos disseraõ algumas pessoas, que padeciaõ achaques de pedra, e areas, que usavaõ della” (AL, 1727, p. 246).

²⁶¹ HIPÓCRATES. *Ares, águas e lugares*. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 100.

Um dos maiores descompassos entre os critérios dietéticos estabelecidos pelo próprio Henriques e a suas recomendações culinárias encontra-se na utilização da neve. O princípio do gosto chocava-se com o princípio dietético e o temor da água parada. A neve no verão era bebida com “delícia e recreação para o gosto”. O prazer (moderado) corporal comunicava então que esta possuía propriedades benéficas. Durante o verão, pelo grande calor externo, o calor natural se dissolveria e o ar quente e seco também dissolveria a massa do sangue, liberando fluidos que poderiam provocar reumatismos, catarros ou tosses que demoravam a se encerrar. A água da neve com a sua frieza “vigora o calor natural que com a quentura do tempo se está exalando, e une a massa do sangue que com o ar quente e seco se está dissolvendo” (AM, 2004, p. 227). O corpo máquina possuía suas energias que quando provocadas reagiriam com a mesma força no sentido oposto, como vimos nas terapias dos banhos frios. Era possível então, utilizar a frieza da neve para provocar o calor natural, vigorando-o e evitar que este diminuísse além do necessário. Além disso, a dissolução causada pelo calor do ar que ferve o sangue seria interrompida com a sua frieza e se preveniria os fluidos de se destacarem da massa sanguínea. Nas febres ardentes, nos vômitos coléricos e nos tremores sua ação seria tão útil quanto “milagre”. Apenas em excesso, a frieza da água nevada seria prejudicial ao calor natural, diminuindo-o ao invés de provocá-lo.

A limonada nevada era outra delícia que seria condenada se não fossem as novas ideias. O ácido (ligado ao frio) do limão ajudaria a refrigerar e a unir a massa do sangue e junto com a neve serviriam para temperar a cólera. O sorvete, outra guloseima que seria condenada pela dietética tradicional, é liberado:

o sorvete (...) na força da calma nos serve de refrigério e de delícia, sendo que assim para extinguir a sede, como temperar o calor das entranhas e para os mais fins que se dão as bebidas nevadas, a melhor delas é a água e limonada e, em último lugar, o sorvete, porque este toma-se aos bocados como coisa sólida que é, pois está gelado, e a água e limonada são umas bebidas grandes e continuadas que entram melhor pelas entranhas e pelas veias, refrigerando mais intimamente o incêndio e fervor interno. (AM, 2004, p. 228)

A água nevada leva a melhor sobre o sorvete unicamente por sua consistência, que facilitaria a sua absorção, obtendo melhor eficácia no propósito de resfriar as inquietas energias no corpo. Na busca por acalmar as inquietudes, aplacar o sofrimento e pela satisfação dos desejos, as bebidas frias ou geladas e sorvetes tinham lugar de grande importância. Estas ganharam a medicina no gosto e no prazer e, justamente por isso, depois mereceram as justificativas teóricas que Henriques encontrava nos quadros que a fisiologia de então permitia. Suas utilidades eram tantas, que o médico desejava que as pessoas as utilizassem mais em saúde, para se acostumar às mesmas e as beberem “sem dano nas doenças” (AM, 2004, p. 227). Mas havia temores. O esforço exigia equilibrar-se entre legitimar a busca dos prazeres pela gula e manter os freios ao apetite exagerado que conduzia à corrupção e à danoção humana: as pessoas excessivamente frias, de estômago e de nervos fracos, “as mulheres que não forem bem regadas” e as que “parissem muitas vezes”, os velhos que não tivessem se criado com estas bebidas e sorvetes eram advertidos a não fazerem uso dos mesmos ou a tomar cuidado redobrado. O Criador ainda punia os destemperados que não contivessem seus apetites,

como sucedeu ao Cardeal Pompeu Colona, sendo Vice-Rei de Nápoles, do qual conta Paulo Jóvio nas Vidas dos varões ilustres que, entrando a comer figos nevados, logo com o primeiro deram subitamente tais convulsões por todo o corpo, que em pouco tempo rendeu a alma ao Criador dela. (AM, 2004, p. 229)

Capítulo IV – Alimentação na Âncora Medicinal

IV. 1. A escolha do alimento: um duplo julgamento

Henriques entendia que o alimento era necessário para repor os gastos de sangue e de espíritos. O primeiro teria a função de nutrir e o segundo a função de garantir as operações do corpo. Para isso era necessário a boa escolha dos alimentos e a boa digestão. Cada estômago teria um alimento mais apropriado e outro menos. Para que o alimento fosse bem recebido pelo órgão era necessário que tivesse “alguma analogia ou familiaridade” (AM, 2004, p. 45) com o mesmo, pois se houvesse “aversão e antipatia” o alimento entraria em conflito com o estômago: “aos alimentos o que os faz ser bons ou maus é a diversidade da natureza dos estômagos” (AM, 2004, p. 47). A hierarquia tradicional dos alimentos seguia uma ordem social, como era comum na dietética moderna. Esta era vivida como um dado assimilado à natureza dos corpos, de modo que alguns “estômagos tem analogia com alimentos que julgamos maus (...). Nós conhecemos algumas pessoas que cozem com mais facilidade a vaca dura que a galinha tenra, e outras que acham maior refeição em ervas e mariscos que em pombos e perdizes” (AM, 2004, p. 47).

Haveria dois julgamentos a fazer, a qualidade absoluta dos alimentos e sua qualidade relativa. Na qualidade absoluta predominava a hierarquia vertical tradicional: ervas e mariscos eram alimentos térreos e áqueos, portanto inferiores, umas eram acessíveis nas hortas a qualquer camponês e os outros aos pescadores; a vaca era um quadrúpede e como tal mais térreo que a galinha, uma ave. A carne endurecida era típica na mesa camponesa, pois o animal era necessário no campo como uma força de trabalho ou para fornecer leite e lã (no caso dos carneiros), sendo preferível abatê-los na velhice, de modo que a carne ficava mais seca e dura, seja pela idade, seja pelo trabalho. Desta maneira a carne tenra, mais fácil de digerir, era privilégio e, portanto, superior. Na qualidade relativa a cada estômago ou poderíamos dizer a seus donos, isto poderia se inverter, e a carne dura do animal velho que

havia trabalhado muito tinha mais afinidade com o “rústico” e “trabalhador”, portanto melhor para ele, enquanto o “ocioso” e “delicado” tinha afinidade com o animal jovem e ocioso, sendo pior para os rústicos. Esta qualidade relativa se misturava evidentemente à exigência de individualização do paciente. O melhor indício de se descobrir as afinidades era o prazer gustativo, pois o mesmo comunicava a realização de uma necessidade de sua natureza, quando esta “os apetece com ânsia e os recebe com gosto” (AM, 2004, p. 47). Ainda que a qualidade relativa do alimento fosse considerada boa, se o alimento fosse inferior nas qualidades continuaria sendo reprovável – não para a saúde do indivíduo, pois se tratava obviamente de uma reprovação social. “E por isto deve cada pessoa usar daqueles que melhor se acomodarem a sua natureza, sejam eles da classe que forem” (AM, 2004, p. 48).

IV. 1-1. O tabu da carne e as imagens de utopias alimentares

A natureza de cada pessoa não era um estado imutável. Por terem naturezas volúveis, os seres humanos estavam sujeitos a todo tipo de calamidades, mas por outro lado, isto abria a possibilidade para a construção desta mesma natureza, operando no nível do costume. O costume era o operador pelo qual se poderia interferir nas naturezas, modificando-as e era o princípio que tornava possível recorrer às dietas como meio de conservar a saúde ou de curar o indivíduo doente. O uso engendrava a familiaridade e a dieta era um meio de produzir um costume, que pudesse reconstruir o equilíbrio particular de um indivíduo e depois conservá-lo. Os “grandes poderes do costume (...) tem forças de natureza” (AM, 2004, p. 49), de modo que o mesmo poderia produzir afinidades e antipatias antes ausentes, conformando uma nova natureza, que estivesse o mais longe possível de necessitar de mudanças. Assim a dietética era a busca, através das forças do costume, por uma natureza estável. Justamente por estes poderes, as mudanças eram vistas com cautela. As mudanças de regime deveriam ocorrer somente em caso de doença ou mal-estar e as mesmas se deviam equilibrar entre a busca pelo

estado de saúde e o respeito ao costume, “de que sempre se lembra a natureza” (AM, 2004, p. 50), de modo que qualquer mudança deveria ser paulatina.

O excesso de alimentação era avaliado em sentido moral: “Nisto pecam ordinariamente os homens com gravíssimo dano seu” (AM, 2004, p. 51) e “são mais os que morrem com os excessos da gula que com os golpes da espada”. Esta seria uma condição do homem de seu tempo em decadência. O médico português idealizava os homens do passado distante, que teriam sido superiores aos do presente. A trajetória da humanidade era de decadência e as enfermidades eram consequência de sua corrupção: “Nos primeiros séculos, viviam os homens muito porque comiam pouco. Não excediam os limites da sobriedade, por isso morriam de velhos e não de enfermos” (AM, 2004, p. 53-54). Ao contrário do mito de *Da antiga medicina*, em que o homem teria se destacado do restante dos animais (de poucas necessidades) para escapar aos sofrimentos e enfermidades de uma alimentação que não condizia com sua natureza (de necessidades diversas), inventando as técnicas de cozinha para criar uma comida que tivesse afinidade com a mesma – uma natureza que, contida num alimento ainda por inventar, descobre-se a medida que se constrói a própria comida; Henriques cultivava o ideal da frugalidade projetada no passado e atribuía, como na Bíblia, aos homens mais antigos maior longevidade.

Trata-se de sobreposições. A frugalidade já era louvada na Antiguidade e dos textos antigos Henriques tira diversos exemplos de ideais alimentares. Enquanto o autor hipocrático idealizava a frugalidade dos animais para contrapor-la à natureza humana, o médico português projetava esta oposição nos próprios homens do passado e a inseria numa historicidade. A narrativa da Queda havia ensinado que os males da humanidade tinham origem num fato histórico (o pecado original) e eram devidos à sua própria corrupção. Desde a expulsão do Éden a trajetória era de decadência e a humanidade havia vivido menos desde então. Os primeiros homens, da linhagem adâmica superavam os novecentos anos de vida (Gênesis, 5).

Aqueles que vieram logo após o dilúvio viviam pouco mais de quatrocentos anos, os mais longevos e os menos longevos pouco mais de cem anos (Gênesis, 11). O homem não se continha em seus desejos, cedendo sempre a uma nova corrupção. Em poucas palavras, esta era a história que informava Henriques, quando este julgava que por não conseguir se conter nos desejos alimentares (gula), o homem havia se corrompido e multiplicado as doenças, que passaram a ceifar-lhe a vida antes da velhice. A decadência moral era também física e o tempo presente era sempre pior que os tempos passados. Assim, a Galeno, grande exemplo de moderação, era reputada uma vida de cento e quarenta anos, segundo citação do humanista Rodigínio ou Ludovico Ricchieri (1469-1525) em suas *Antiquae lectiones* (1ª ed. 1516): “Diz-se que Galeno, filósofo e médico singular, viveu cento e quarenta anos e guardou tanta abstinência de alimento e de bebida que nunca teria comido ou bebido até a saciedade; e assim, aquém de qualquer paixão, acabou na solidão da velhice” (Livro 3: Cap. 12 apud. AM, 2004, p. 54). Os essênios alcançavam frequentemente “a idade centenária”, segundo Flávio Josefo, “por causa da simplicidade da alimentação e da organização bem moderada em tudo” (*Sobre a Guerra Judaica*: 8: 10 apud. AM, 2004, p. 58).²⁶²

Nos exemplos da *Vida de São Paulo Eremita* de São Jerônimo (sécs. IV-V), Henriques havia lido que São Paulo teria vivido cento e quinze anos, sendo cem como eremita, dos quais quarenta sustentando-se somente de “tâmaras e bebendo água” e os outros sessenta “com meio pão que um corvo cada dia lhe levava”. Santo Antão teria vivido cento e cinco anos, dos quais noventa como eremita, comendo só pão e água e na velhice algumas ervas (AM, 2004, p. 54).

Os eremitas eram preocupados com a gula, pois dentre todos os vícios, era a única ligada a uma necessidade humana indispensável à manutenção da vida, portanto um perigo do

²⁶² Citado por Henriques como Livro 2, cap. 7.

qual nunca poderiam se livrar permanentemente.²⁶³ A busca do isolamento era a recusa de uma dimensão altamente significativa, a comensalidade. As regras monásticas medievais advertiam para evitar comer junto com mulheres. O compartilhamento de prazeres sensíveis com uma mulher era a porta aberta ao compartilhamento dos demais prazeres. A recusa da luxúria estava assim ligada à recusa da gula. A Idade Média foi a época em que os povos germânicos introduziram seu modelo alimentar na Europa. Este se mesclou ao modelo anterior, que era baseado principalmente na agricultura e situava a caça como atividade marginal, preservando em sua simbologia a tríade mediterrânica: trigo, parreira e oliveira.²⁶⁴ Já modelo germânico era o de povos que punham a caça, como atividade guerreira, ao centro de suas atividades e valorizavam o consumo de carne como signo da dominação social de sua nobreza, que afirmava seu domínio pela guerra e pela alimentação carnívora. Desta maneira, o consumo de carne passou por uma ascensão social durante a Idade Média, como alimento das novas elites germânicas vitoriosas. A carne era conhecida certamente do clero, que compartilhavam do mesmo sistema de valores e pertenciam também à elite social. Assim devemos entender a recusa da carne nos textos dos eremitas, como a renúncia do próprio mundo,²⁶⁵ e dos prazeres que o conectavam ao mesmo e não como simples reprodução dos ideais de frugalidade antiga.

Estes exemplos de abstinência da carne (em todos os sentidos), da materialidade e do mundo, fornecidos pelo ideal de vida monástica, que buscavam na recusa da corporalidade alcançar a pureza espiritual, eram postos por Henriques ao lado dos exemplos da “era de ouro” do passado, idealizada pelos antigos:

Mas aquela época antiga, a que chamamos dourada,

²⁶³ MONTANARI, Massimo. *Alimentazione e cultura nel Medioevo*. 11ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2008, p. 4-7.

²⁶⁴ Cf. MONTANARI, Massimo. *La fame e l'abbondanza: Storia dell'alimentazione in Europa*. 6ª ed. Roma-Bari: Economica Laterza, 2006, p. 24-30.

²⁶⁵ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol. 1: Uma História dos Costumes. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p. 125.

Pelos produtos arbóreos e pelas plantas que o solo produz,
Foi afortunada e não sujou as bocas de sangue;
Naquele tempo, tanto as aves seguras moveram as penas pelos ares,
Como a lebre sem medo errou no meio das planícies,
Nem a credulidade havia suspenso o peixe pelo anzol.
(Ovídio. *Metamorphose*, Livro II: Phaeton) (AM, 2004, p. 54)

Se a abstinência de carne entre os cristãos era um sacrifício ligado à recusa do mundo sensível e valorização da vida espiritual, entre os antigos o consumo de carne era visto de outra maneira. O modelo alimentar mediterrânico, baseado em culturas cerealíferas, no pão, na agricultura como atividade civilizadora, via a caça e a alimentação carnívora, como signos do comportamento econômico e alimentar dos chamados “bárbaros” – assim que na linguagem homérica, “comedores de pão” poderia ser sinônimo de “homens” e que os alimentos que forneciam a qualificação de seres humanos tenham sido o vinho e os cereais.²⁶⁶ A ideia da frugalidade na Antiguidade greco-romana era muito recorrente, porém como valorização do próprio modelo de civilização. Além desta espécie de “orgulho cívico”,²⁶⁷ a religiosidade antiga conheceu um tabu em relação ao consumo de carne. A morte dos animais era uma culpa a ser espiada mediante o ritual do sacrifício,²⁶⁸ oferecendo sua fumaça em brasas aos deuses e dividindo-a com os comensais.²⁶⁹ A antiguidade produziu assim, muitas imagens como a da poesia acima de Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.), ligadas à recusa do sacrifício cruento, visto como forma cruel de “mascarar uma pura vontade de comer carne” por parte de seitas como a dos seguidores de Pitágoras, que seguiam um regime vegetariano.²⁷⁰ O trecho recuperava estas imagens e colocava-as na “época dourada”, vista como o ideal de uma

²⁶⁶ MONTANARI, Massimo. Sistemi alimentari e modelli di civiltà. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell'alimentazione*. 4ª ed. Editori Laterza, Roma-Bari, 2007. p. 75; SCHMITT-PANTEL, Pauline. I pasti greci, un rituale civico. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell'alimentazione*. 4ª ed. Editori Laterza, Roma-Bari, 2007. p. 113.

²⁶⁷ Jovens atenienses, como ritual de passagem à idade adulta, eram conduzidos a jurar lealdade à “pátria” em um santuário, aonde se referiam à mesma como a terra em que “crescem o trigo, a parreira e a oliveira”. MONTANARI, Massimo. Sistemi alimentari e modelli di civiltà. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell'alimentazione*. 4ª ed. Editori Laterza, Roma-Bari, 2007, p. 77.

²⁶⁸ MONTANARI, Massimo. Sistemi alimentari e modelli di civiltà. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell'alimentazione*. 4ª ed. Editori Laterza, Roma-Bari, 2007, p. 77.

²⁶⁹ GROTTANELLI, Cristiano. La carne e i suoi riti. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell'alimentazione*. 4ª ed. Editori Laterza, Roma-Bari, 2007, p. 85-88.

²⁷⁰ GROTTANELLI, Cristiano. La carne e i suoi riti. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell'alimentazione*. 4ª ed. Editori Laterza, Roma-Bari, 2007, p. 88-91.

sociedade que teria vivido segundo seus melhores valores civilizatórios e sem precisar espiar nenhuma culpa pela morte de animais. Lembrando-se do regime de Pitágoras, Henriques cita novamente Ovídio:

Cessai, ó mortais, de envenenar com banquetes nefandos
Os vossos corpos; existem os produtos da terra, os frutos que vergam
Os ramos com o seu peso e as uvas intumescidas nas videiras.
Existem plantas agradáveis, existem os que podem tornar-se tenros
E serem amolecidos pela chama; e não é tirado de vós o leite,
Nem o hidromel do tomilho, com a flor de melhor perfume.
Riquezas e alimento tenro fornece a terra pródiga,
E oferece uma refeição sem abate e sem sangue
(OVÍDIO. *Metamorphose* XV, Pitágoras: 75-82) (AM, 2004, p. 54-55).

O trecho é citado indiretamente, através de alguma obra de Cítésio (Franciscus Citois, médico francês, séc. XVI-XVII), o que nos leva a crer que estes fossem temas assaz recorrentes na literatura médica de então e demonstram o caráter moral de seus ensinamentos.

E séculos houve em que não passavam os homens comendo mais que os frutos das árvores e das plantas, com que viviam idades muito largas, livres dos achaques e doenças que hoje experimentam os que desordenada e vorazmente se enchem de alimentos mais crassos e mais nutritivos. (AM, 2004, p. 54)

Mas se isto havia sido possível nos primeiros tempos, isso se devia ao “vigor e valentia da natureza [humana]”, pelo fato de não ter se corrompido como em seu tempo, quando as naturezas já se encontravam debilitadas, necessitando “de mais pronta reparação”, portanto “é necessário comer carne e alimentos de boa substância, usando-os com tal moderação que não agravem a natureza e não excitem algum dano” (AM, 2004, p. 55).

Como o costume tem forças de natureza e mudanças deveriam ser evitadas ou ao menos feitas com muito cuidado e vagar, conclui-se que os costumes pecaminosos e degenerados já haviam produzido uma natureza degenerada e ainda mais fraca, no decorrer dos séculos, e não havia mais o que fazer a respeito. As referências à vida utópica vegetariana do passado, de santos, filósofos e outros grandes homens cumpria pura função moral – tratava-se de admirá-los com respeito e procurar através dos mesmos infundir a moral da

temperança e da busca por uma vida que não fosse ideal (ou abstinência), mas não se deixasse desregrar pelo excesso de prazeres da carne.

O médico chega a condenar aqueles que querem imitar tais exemplos para estender a vida. Apenas àqueles de temperamento frio e úmido, que fossem convalescentes, o médico permitia que fizessem este tipo de dieta, principalmente se fossem sedentários, pois precisariam de menos reposição de energias. Aos biliosos ou quentes e secos estas dietas eram extremamente prejudiciais, pois estes demandam mais nutrientes, que pelo excesso de calor muitas vezes se queimam em seus corpos, sem que os absorvam todos, restando desta forma mais magros e necessitando de mais reposições. Aos sãos, público que pretendia atingir com suas regras para a conservação da saúde, era contraindicado comer pouco, pois era “contra o costume”, diminuindo o estômago de modo que este perdesse capacidade de comer além do pouco com que se acostumou, sob pena de ter de se alargar novamente provocando “ânsias, aflições, dores, náuseas e vômitos” (AM, 2004, p. 56). Os tipos de alimentos eram divididos em três: tênues, medíocres e plenos. Os primeiros diminuía as forças e eram os destinados aos doentes, pois nutrir corpos impuros era como nutrir a impureza, fazendo mal aos corpos. Os segundos conservavam as forças e eram próprios dos adultos. Os últimos as aumentavam e eram próprios dos meninos, cujo maior calor inato consumia mais alimento.

O cristianismo também havia contribuído para retirar alguns tabus antigos sobre o consumo de carne ao empenhar-se na luta contra os sacrifícios e afirmar o valor do que deveria ser o único e último sacrifício, o de Jesus, revivido em comunidade nos rituais da eucaristia. Os cristãos recusavam o sacrifício também pelo fato de serem “oferecidos a figuras más: aos demônios”. Estes seres invadiam os corpos humanos, causando doenças, como forma de obrigá-los a oferecer-lhes sacrifícios, para satisfazer seus desejos de sangue e

fumaça.²⁷¹ A dimensão ritual do sacrifício foi encerrada na eucaristia e nas penitências regulares, destinadas a purificar periodicamente os cristãos de seus prazeres corpóreos, mas retirando-lhes a culpa da morte do animal. O calendário alimentar religioso previa assim os dias gordos, com consumo de carne livre, e os dias magros, de recusa penitencial do corpo.²⁷² Além disso, a cosmogonia cristã fazia do homem senhor de todos os seres da terra e separava Deus da natureza (rompendo, ao menos oficialmente, com o naturalismo religioso antigo), colocando-o num plano puramente espiritual, oposto a uma terra puramente material – isto facilitava o caminho para dispensar rituais para o consumo de carne animal. Henriques citava o Gênesis, 9: “Omne quod movetur et vivit erit vobis in cibum” ou “Tudo o que se move e vive nos servirá de alimento” (AM, 2004, p. 57).

Sem o peso dos tabus sobre a carne, as elites em dias gordos teriam encontrado a via livre para os deleites alimentares. Os “magnatas” possuíam hábitos alimentares altamente reprováveis, forçando os limites da natureza com seus costumes, de modo que adoeceriam mais e viveriam menos que os “rústicos”, que viveriam com alimentos simples e seriam tão “robustos (...) [que] se sustentam com o seu trabalho”. Somente o rico pode idealizar a vida do pobre. Assim, a idealização da escassez e da simplicidade demonstra mais a qual ambiente pertencia Henriques. Neste caso, os rústicos apareciam apenas como exemplo ideal moralizante.

²⁷¹ GROTTANELLI, Cristiano. La carne e i suoi riti. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell'alimentazione*. 4ª ed. Editori Laterza, Roma-Bari, 2007, p. 91.

²⁷² Cf. ALGRANTI, Leila Mezan. “Dias gordos” e “dias magros”: calendário religioso e práticas alimentares católicas em São Paulo e no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). In: FEITLER, Bruno e SOUZA, Evergton Sales (org.). *A Igreja no Brasil: normas e práticas durante a Vigência das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2011, PP. 269-288.

IV. 2. A mesa dos “rústicos” e a dos “cavalheiros”

Seguindo ainda a narrativa da decadência, Henriques sustenta que nem as mesas dos rústicos se sustentavam mais como nos melhores séculos, com apenas um alimento. Pão, vinho, queijo, leite, legumes (grãos que não se panificam) eram o básico da mesas populares. Couves com toucinho representavam o “regalo” destas mesmas mesas. A carne permanecia signo do privilégio social. Dos animais, os camponeses preferiam retirar sua força de trabalho e os laticínios. O vinho para Henriques era próprio dos que trabalhavam muito, pois repunha rapidamente os espíritos gastos nas operações do corpo (AM, 2004, p. 238). O pão continuava sendo o alimento básico da população portuguesa (poderia ser de trigo ou de cereais inferiores, mais acessíveis) e os grãos que não eram destinados à panificação (legumes) eram menos requisitados pela voracidade dos mercados citadinos, restando em abundância entre os pobres: “costumam ser o alimento mais comum da gente rústica” (AM, 2004, p. 159). A definição antiga tornava evidente a importância da panificação, aqueles grãos que não se conseguia panificar, mas eram bons para comer foram agrupados numa categoria de valor inferior – as escolhas econômicas que vieram disso deixaram boa parte destes legumes dentre as primeiras opções da alimentação dos pobres. Ainda assim, Henriques lhes reconhecia “graça” no sabor, o que lhes permitiria subir às mesas nobres.

Pela dietética tradicional, o frio e o seco estavam associados ao térreo, como eram classificados em geral os alimentos “pobres”, das hortas, bulbos, raízes, legumes, verduras e cereais inferiores. Apesar disto, temos uma amostra maior de legumes quentes. Neste caso, Henriques separava boa parte das qualidades dos seus respectivos elementos na dietética tradicional. A razão para isso estava em considerar mais marcante o fato de serem inferiores, os mais comuns dentre as mesas populares não poderiam ser considerados outra coisa que não térreos. Os alimentos secos são de modo geral considerados inferiores socialmente e pelo quadro depreende-se que era comum que se fizesse este tipo de procedimento de conservação

com os grãos, o que reforçava seu caráter socialmente inferior – as favas secas, por exemplo, “não passam de alimentar a gente de baixa sorte”, já as verdes “frequentam muito as mesas lautas” e eram tidas como as mais nobres dentre os legumes para os antigos (AM, 2004, p. 159).

Quadro V: Legumes

	Qualidades		Valor social	OBS:
	Favas verdes	Frias	Umidas	superior
Favas secas	Frias	Secas	inferior	
Ervilhas verdes	Frias	Umidas		
Ervilhas secas	Frias	Secas		menos nocivas
Grão (de bico) branco	Quentes	Secos		
Grão (de bico) negro	Quentes (+)	Secos		menos flatulência
Lentilhas	Frias	Secas	pior de todos	Adstringentes
Feijões vermelhos	Quentes (+)	Secos		Nutrem muito, digerem mal
Feijões brancos	Quentes	Secos		
Chícharos	Quentes	Secos	mais próprio aos bois	Aperitivo, abstergente
Tremoços	Quentes	Secos		Pior em nutrição, não é flatulento, balsâmico
Arroz	Quente	Seco (+)	O melhor de todos; Dá aos pobres em grande quantidade; Aos ricos enobrece as mesas	Só o trigo nutre mais que ele
Gergelim	Quente	Umido		Em talhadas com mel é melhor (corrige oleosidade); Coberto com açúcar.

O arroz é mais explicitamente recomendado às mesas altas, como alimento nobre, mas também servia às mesas pobres. A diferença está na quantidade e nas combinações. Nos pratos populares este já começava a ser alimento abundante, a sua “cópia”, ou seja, alta produtividade “o facilita”, ou seja, o torna barato “para as mesas baixas” (AM, 2004, p. 163). Nestes casos ele seria o protagonista, como indica a observação de que somente o trigo seria mais nutritivo – um cereal central no sistema alimentar e nos valores desta sociedade, do que podemos supor que nas mesas baixas, o arroz já estivesse fazendo as vezes do trigo, substituindo os pães e demais cereais. Nas mesas “lautas” do século XVIII o arroz já aparecia

como alimento cotidiano,²⁷³ mas pouco antes no fim do século XVII este servia sobretudo de acompanhante ou como doce. É o caso do Caril de Domingos Rodrigues, o arroz cozido em água e sal aparecia como acompanhante de postas de peixe ou de carne, com o dito caril por cima – um molho feito com cebolas picadas e refogadas em manteiga de vaca e leite de amêndoas (com camarão no caso do peixe) e temperadas com adubos (pimenta, cravo, noz-moscada, canela, açafrão e coentro seco – temperos, quentes e secos). Nos doces aparecia como “arroz-doce”, cozido em leite, açúcar e água-de-flor, com canela por cima; ou na torta de arroz, cozido em água e açúcar, misturado com gemas de ovos, água-de-flor e canela, em massa folheada.²⁷⁴

Os legumes eram todos térreos, crassos, melancólicos e flatulentos. No Quadro V acima colocamos apenas aquelas qualidades mais diretamente associadas aos usos como alimentos não medicinais. Sendo assim era necessário que, de modo geral, fossem corrigidos com condimentos que eliminassem os “maus sucos” que deles se geravam (em geral, quentes e secos) e cebola (quente e seca; acre e mordaz) para diminuir estas características. Esta, também pertencia à mais baixa categoria de alimentos, nutrindo pouquíssimo, funcionando quase sempre como um corretivo daqueles alimentos que possuíam características opostas. Seu uso em excesso era tido como perturbador do sono, pois a cabeça era úmida e corria o risco de se dessecar, pela mesma razão afetariam os olhos e as gengivas. As piores (qualidade excessivamente seca) eram as longas, rubras e secas (desidratadas), as melhores eram as brancas, redondas e verdes. Como alimento pouco nutritivo e com qualidades extremadas, que poderiam fazer mal, sua lista de virtudes medicinais é elevada e seu uso culinário está associado à capacidade de temperar, sobretudo alimentos frios e/ou úmidos. Sua mordacidade

²⁷³ ALGRANTI, Leila Mezan. Notas sobre a mesa da casa real portuguesa no reinado de D. José I. In: SÁ, Isabel dos Guimarães & GARCIA FERNÁNDEZ, Máximo (dir.). *Portas adentro: comer, vestir, habitar* (ss. XVI-XIX). Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010, p. 112.

²⁷⁴ RODRIGUES, Domingos. *Arte de cozinha* (1680). Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2008, p. 130 e p. 145, respectivamente.

a fazia incidente, atenuante e aperiente, virtudes ligadas à desobstrução de humores, portanto poderia ajudar a mover aqueles humores que se estagnavam por alguma razão, como as menstruações, o catarro no peito e na garganta, a urina, dissolve as pedras e areias.

Quadro VI: Das Cebolas

	Longas	Redondas
Branças	+Acre +Mordaz	Acre Mordaz
Rubras	++Acre ++Mordaz	+Acre +Mordaz

O pão de trigo é o primeiro alimento descrito por Henriques e possui um capítulo separado dos demais pães. Este é considerado o mais comum alimento da humanidade, sendo ao mesmo tempo o que mais nutre e “corretivo para todos os alimentos com que se mistura” – é alimento e triaga ao mesmo tempo. Sem pão qualquer mesa é “defeituosa” para o médico. O trigo seria moderado no calor e temperado no restante, de modo que forneceria o alimento mais adequado a se misturar com os demais. Esta posição intermediária lhe daria a propriedade de deslocar ao meio qualquer alimento, sendo por isto considerado por Henriques como corretivo para todos os alimentos. Esta parte diz respeito ao pão das mesas altas, siligíneo ou branco, feito da flor da farinha de trigo, limpa “bem fermentado, bem cozido, leve, esponjoso, amassado com sal moderado e cozido de vinte e quatro horas”. A fermentação lhe introduziria partes aéreas, dando-lhe a leveza e a esponjosidade do miolo, sua parte mais nutriente. A casca quando queimada poderia ser prejudicial à saúde gerando humores adustos ou queimados (excessivamente secos) como a cólera e a melancolia. Este deveria ser comido frio, pois sairia do forno com o “empireuma” que aumenta indevidamente o calor natural. O cheiro do pão quente tinha poderes de “roborar o coração, principalmente se borrifado com vinho” (AM, 2004, p. 86).

Os pães mais comuns nas mesas baixas de Portugal e Galiza eram os de centeio, segundo Henriques. O centeio era muito mais produtivo que o trigo e segundo o mesmo, seu

nome derivava do castelhano e queria dizer que para cada grão semeado rendia outro cento. Era de qualidades fria e seca, resultando num alimento mais pesado e de digestão difícil (AM, 2004, p. 89). No entanto, quanto os alimentos mais sólidos e de difícil digestão eram considerados mais nutrientes, segundo princípios de Galeno, que opunham a natureza estável à instável. A estabilidade estava associada à terra e à capacidade de conservar a própria natureza no tempo (como era o caso dos grãos) e, neste caso, ficava oposta à instabilidade da umidade, que apodrecia facilmente. Assim os alimentos térreos, secos e sólidos eram considerados nutrientes, enquanto os úmidos eram menos nutrientes, mais digeríveis, passavam rápido pelo corpo e eram perecíveis.²⁷⁵ As frutas eram o modelo desta comparação – os antigos desconfiavam muito destas e Galeno considerava bons sobretudo figos e uvas, enquanto diversas outras eram tidas por maléficas. As piores eram consideradas por Henriques frias e úmidas, altamente corruptíveis, ainda que fosse possível temperá-las com açúcar (quente e seco), tornando-as próprias ao consumo. A umidade, entretanto, não pode ser associada à não-nutrição. Na realidade, em boa parte dos casos a substância que nutre é considerada um suco (tratava-se de distinguir os bons dos maus), a “umidade substantifica”. O mais importante nesta comparação é a densidade e consistência, pelo que os densos possuíam mais substância concentrada e estável, em oposição aos pouco densos, que por outro lado, se não houvesse sucos pravos, seriam mais fáceis de digerir, pois seria necessário menos calor ou acidez para cozer ou transmutar a substância nutritiva no estômago. O outro modelo da comparação era o trigo, cujo grão duro se conservava por longo tempo sem alterar-se e fornecia muita nutrição. Dessa maneira o pão de difícil cozimento era mais nutriente e adequado aos estômagos de “homens rústicos e trabalhadores, que usam dele sem ofensa, o que não sucederia a pessoas de vida sedentária e ociosa”, cujo complemento era: “Este pão não entra em mesas nobres, para as quais sempre se procura o trigo” (AM, 2004, p. 89).

²⁷⁵ GALENO. *Sulle proprietà dei cibi* – Libro II. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 119-120.

O milho grosso era o segundo da lista dos cereais inferiores, também frio e seco, menos nutriente que o de centeio e “sustenta quase toda a província de Entre Douro e Minho”. Nestas pessoas, que se criaram com o milho, o uso havia criado naturezas afins à natureza do cereal, o que o tornaria muito adequado às mesmas – como a dizer que se não houvesse familiaridade não era recomendado. “Na falta destes pães” havia aquele feito de cevada, “de que só a pobreza usa”, porque não é “de bom gosto, nem de boa nutrição”. Por ser tão ruim como alimento, este poderia ser utilizado como alimento medicamentoso. Sendo frio, seco e medicinal, este era abstergente, bom para purgas, sobretudo as cascas, sempre mais secas. Caldos de cevada pilada, com gemas e açúcar eram nutrientes e recomendados a pessoas de natureza quente e seca, com males de calor. Sem a casca e cozida em água com amêndoas doces amassadas e açúcar se fazia o *hordeato*, aplicado em tosses quentes e secas. O menos substancioso e nutriente dos pães era o de aveia, de qualidade moderadamente quente, da qual se fazia o *avenato*, utilizada para curar as pedras e areias, como diurético (AM, 2004, p. 90).

O leite era considerado um alimento misturado, composto daquilo que se podia tirar dele, manteiga, soro e queijo, basicamente. Por ser o primeiro alimento que se conhece, tinha grande familiaridade de natureza e era considerado um dos melhores alimentos, motivo pelo qual era em geral tido como temperado e úmido:

Quadro VII: Leite em geral

Partes de todo Leite	Calor/Frio e Umidade/Secura	Funções	Qualidades	Consistência
Caseosa e densa (Queijo)	Frias e Secas	Nutre		Crassa
Serosa (Soro)	Frias e Úmidas	Tempera	Abstergente (limpa, purga)	Tênu
Butirosa (Manteiga)	Quentes e Úmidas em baixo grau	Nutre e abranda	Anódina (abranda dores)	

O resultado da mistura resultava num alimento frio e úmido, ao contrário do que comumente se dizia. Ainda assim era um dos poucos alimentos que nos são se digeriam bem, distribuía bem pelo corpo e gerava sangue bem temperado, ou seja, nutria muito bem. Ainda se prestava ordinariamente a temperar a acrimônia e mordacidade da urina. O bom leite era

reconhecido através dos sentidos, devia ser branco, límpido e puro, doce e sem amargor, nem acrimônia, azedume ou salsugem (humor salgado), de bom odor, de textura moderada, resultante do equilíbrio entre suas partes, nem muito tênue e seroso, nem crasso e caseoso demais. O quadro abaixo representa a diferenciação entre os leites segundo os animais dos quais era ordenhado (AM, 2004, p. 111-113):

Quadro VIII: Leites segundo o animal

	Consistência	Nutrição	Composição	Cozimento (Digestão)	Distribuição	Sãos	Recomendações médicas	Perigos
Leite de vaca	O mais crasso	O que mais nutre	Mais butiroso	Devagar	Lenta	O melhor aos saos	Para males de humores cálidos e tênues, estilicídios serosos, diarreias biliosas, tosses secas e convulsivas.	Coalha-se se o estômago não for limpo de azedumes, causando obstruções, ânsias, cólicas e efeitos de veneno.
Leite de ovelha	Segundo mais crasso	Nutre muito	Muito queijo e pouca manteiga	Devagar			Para as queixas de urina, como a disuria (ardor) e a urina com sangue.	Idem
Leite de cabra	Mediana	Moderada		Bom			O que comumente se tira o soro para os usos medicinais	Idem
Leite de burra	O mais seroso e delgado					Não serve para os saos. Próprio a naturezas quentes e endurecidas de ventre.	Para os ardores de urina, tosses secas e convulsivas, tísica, cólicas biliosas e ictéricas; males quentes, acres, mordazes e nefríticos	A prática vulgar proíbe os leites aos nefríticos pelas coagulações, mas Henriques o recomenda, a depender dos estômagos, pois o leite não coalha a si próprio.

Apesar de serem particularmente nutritivos, os leites eram cheios de perigos e objeto de muitas atenções. Misturar as viscosidades do estômago humano com o leite era impuro e exigia que o estômago estivesse “limpo” para recebê-lo. Henriques deixa a entender que a prática popular temia a coagulação do leite dentro do corpo. Se o leite se coagulava externamente na feitura dos queijos, dentro de estômagos de outros animais, o mesmo deveria ocorrer dentro do estômago humano. Henriques atribuía assim, à mistura do leite com o estômago humano a possibilidade de coalhar-se. Se o processo externamente produzia um alimento importante, o queijo, feito a partir do estômago humano gerava repulsa. O quadro dos laticínios está representado abaixo (AM, 2004, p. 113-114):

Quadro IX: Laticínios

	Calor/Frio e Umidade/Secura	Nutrição	Preparo ou consumo	Cozimento (digestão)	Distribuição	Próprio para	Precauções	Perigos
Manteiga	Quente e úmida (mais úmida que quente)	Muito	Crua é menos quente. Cozida possui partes ígneas introduzidas pelo fogo	Abranda o ventre		Remédio nas tosses e catarros frios e secos, com óleo de amêndoas doces tirado sem fogo e com uns pós de açúcar-cande	Evitar aos fracos e úmidos de estômago nem aos de temperament o muito quente	Em demasia ofende o estômago, dissolvendo o vigor das fibras: náuseas e fastios.
Nata (espuma do leite)	Como a manteiga. Quando azeda é fria, seca e adstringente	Pouco		Mal		Curar as diarréias, sobretudo biliosas e outros fluxos.		
Soro	Frio e Úmido	Pouco ou nada				Somente como remédio para temperar as entranhas quentes e a massa do sangue estuante		
Requeijão	Frio e Úmido		Retirado do Soro			Semelhante ao queijo fresco; modera a sede; concilia o sono e útil nas defluxões quentes.	Não se deve usar nos que têm o estômago frio, nem nos achaques frios de nervos	
Requeijão velho e duro		Pouco		Mal				Sede, dificultam a evacuação do ventre e geram muitos flatos.
Queijo fresco e mole	Frio e Úmido	Bem e engorda o corpo		Mal	Difícultosa		Não se deve dar aos que têm pedras, areias e obstruções	Flatulento
Queijo velho	Quente e seco	Pouco	O sal o conserva e muda a natureza; Comer depois da carne para ajudar o cozimento ainda que mais vagaroso; Comer em pouca quantidade		Difícultosa			Quanto mais velho: mais acre e quente; gera pedras e areias, sangue de natureza ruim, constipa o ventre e converte-se em cólera adusta.
Queijo fechado e cego		Gordo e butiroso: Nutre mais						Ofende menos
Queijo de vaca		Muito: o mais crasso		Mal				
Queijo de ovelha		Bem		Menos mal				
Queijo de cabra	Mais seco	Pouco		Indigesto				

O mais propício a usos medicinais é um leite mais soroso, o de cabra. O soro era considerado um não alimento e somente medicamento. Sua função era a de temperar a mistura e a ele era atribuído o poder de purgar, seu estado líquido lhe facilitava a digestão, tornando-o particularmente propício a medicamentos. O leite de burra, como o mais seroso chegava a perder a qualidade de alimento. A manteiga e o queijo eram responsáveis pela nutrição dos leites. O leite de vaca, por ter mais partes de manteiga, era tido como mais nutriente que o leite de ovelha (mais partes de queijo), porque segundo Hipócrates, as qualidades “doces, gordas e oleosas” estavam associadas à satisfação e nutrição.

As mesas dos “que vivem com melhor fortuna e se tratam modestamente” viviam de sopas, assados, olha de vaca, presunto e arroz. Os ricos “por crédito da magnificência, ou por lisonja do palato” se fartavam de todos os tipos de comidas, como massas, guisados, fricassês etc.. Nos dias de magro substituíam-se as carnes pelos peixes (AM, 2004, p. 58). Desta maneira, os ricos estavam em piores condições de saúde, pois não tinham freios à gula, degenerando-se mais rápido. A variedade era negativa, pois cada alimento teria sua duração de digestão, de modo que grandes misturas tendiam a gerar complicações. Misturar animais da mesma categoria, “graduação ou qualidades quase semelhantes” não produziria maiores alterações, pois seriam recebidos da mesma maneira pelo estômago; já os que diferiam em qualidades e natureza, como vaca e leite, presunto e peixe, estes não poderiam ser comidos juntos, pois só poderiam provocar danos. Mesmo repetindo seus louvores à frugalidade, Henriques concedia por fim aos “príncipes e cavaleiros” de continuar a comer suas diversas iguarias de “bom gosto”, pois tendo sido criados neste costume haviam conformado suas naturezas a ele, o que não poderia valer ao restante das pessoas (AM, 2004, p. 59).

Ainda assim, mais adiante o autor se contradiz, adotando a moderna teoria da digestão, que dizia segundo Plêmpio (1601-1671): “Pensaria se, porventura, nada entre eles, nem antes deles seja devorado, pois todos se confundem e se misturam no ventre, enquanto se

digere e se faz o quilo deles” (*Fundamenta seu institutiones medicinae*, Liber 3 De Hygieine Tractans: Caput 4 Quid Cibus) ou ainda Ettmüller (1644-1683): “Tudo a um tempo se agita pela fermentação e se confunde: portanto, rigorosamente, não considero que se deva observar ordem certa de comer os alimentos” (*Institutiones Medicae*, Caput De Chylificatione apud AM, 2004, p. 62-63).

Desta maneira, Henriques mobilizava suas referências da dietética tradicional para fixar regras de cunho mais moralizante, voltado a garantir o princípio da temperança também em relação aos prazeres (que poderiam se tornar perigosos em sua mentalidade cristã), enquanto mobilizava suas referências modernas para sustentar novas concepções estritamente ligadas à saúde.

IV. 3. Misturas impuras

O problema em misturar o presunto e o peixe era misturar aquelas categorias que não poderiam ser misturadas e que pelo contrário pretendia-se separar, sob pena de ameaçar uma ordenação importante: a que opunha os prazeres da carne à penitência, os dias gordos aos dias magros e assim por diante. Como nos ensina Mary Douglas, a impureza é sempre relativa a algum sistema e deve ser compreendida sob o prisma da proteção a uma ordem: “a ordem implica em rejeitar elementos inapropriados” e “se impureza é um assunto inoportuno, devemos investigá-lo através da ordem”.²⁷⁶ Aquilo que se interdita é o inoportuno. Isto previne a confusão entre categorias que não podem ser confundidas. Assim, o presunto e o peixe eram impuros um em relação ao outro, não podendo frequentar a mesma mesa, não por motivos de contenção de apetite, mas por preservação de uma distinção ordenadora muito importante.

²⁷⁶ DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Trad. Mônica Siqueira Leite de Barros, Zilda Zakia Pinto. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010 (Debates), p. 50 e p. 55, respectivamente.

Quanto à proibição de se misturar o leite com a vaca, encontrar uma resposta é mais difícil. A ausência de explicações demonstra que havia uma concordância tácita em relação a isso. Tanto o leite quanto o sangue, junto aos tutanos (quentes e úmidos, cozidos e usados em pastéis) e aos laticínios fazem parte, para Henriques, da categoria das “partes líquidas dos quadrúpedes que servem de alimento” (AM, 2004, p. 111) e as secreções em geral são objeto de tabus.²⁷⁷ O leite, segundo Bluteau, “misturado com outras comidas, facilmente se corrompe no estomago”.²⁷⁸ Com o vinho o leite era considerado mortal. Leite e carne gerava mau sangue, segundo o padre. A fisiologia da época considerava que a digestão produziria o quilo (líquido nutriente), que por sua vez se misturaria ao sangue, sendo por ele assimilado para se tornar então sangue, uma substância mais perfeita que o quilo. O leite era produzido pelas mamas que filtravam aquelas partes quilosas que acompanhavam o sangue, mas ainda não tinham sido assimiladas ao mesmo, de modo que o leite era equivalente ao quilo. Deste modo, o leite deveria permanecer apartado do sangue. A proibição de misturar o leite com a carne era a proibição de se misturar o leite com o sangue do animal morto. O sangue também era ambíguo, ora perfeito ora impuro.²⁷⁹ Havia uma longa tradição que atribuía impurezas ao sangue do animal morto. Pode ser que a fisiologia da época estivesse apenas justificando uma interdição alimentar de origens mais antigas, que remonta à proibição do velho testamento, de se comer o cordeiro no seu leite. Ainda que incipiente, a tentativa de fornecer uma explicação ao menos demonstra que qualquer que fosse a explicação para este tabu alimentar, a fisiologia de então o havia assimilado.

²⁷⁷ LEACH, Edmund. Aspectos antropológicos del lenguaje: categorías animales e injuria verbal. In: LENNEBERG, Eric H. et al. *Nuevas direcciones en el estudio del lenguaje*. Madrid: Revista de Occidente, Ediciones Castilla, 1974. p. 54.

²⁷⁸ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino...* autorizado com exemplos dos melhores exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos e offerecido a El Rey de Portugal Dom Joam V, pelo Padre D. Raphael Bluteau clérigo regular, doutor na sagrada theologia, Pregador da Rainha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, e Qualificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo V: K-N, Lisboa: na officina de Pascoal da Silva, impressor de Sua Magestade, 1716, p. 78.

²⁷⁹ Leach nos ensina que os tabus recaem justamente sobre as ambiguidades, para manter alguma distinção importante. LEACH, Edmund. Aspectos antropológicos del lenguaje: categorías animales e injuria verbal. In: LENNEBERG, Eric H. et al. *Nuevas direcciones en el estudio del lenguaje*. Madrid: Revista de Occidente, Ediciones Castilla, 1974. p. 37-82.

Assim, aquilo que não representasse os desejos desenfreados ou algum tipo de tabu alimentar, como [presunto/dias gordos/prazer da carne/impureza + peixe/dias magros/jejum da carne/purificação] poderia ser misturado a vontade, pois a digestão consistia justamente em reduzir coisas qualitativamente heterogêneas a suas unidades qualitativas básicas, tornando possível sua fusão no quilo.

IV. 4. O tempo da comida

As horas das refeições também possuíam recomendações dietéticas. Como de regra, Henriques opunha os “brutos” aos “cavalheiros”. Os primeiros “de dia e de noite estão comendo” e não haveria para eles uma regra, pois possuem uma natureza mais agreste e suportam tais irregularidades. Este comportamento “multívoro” era próprio de “irracionais”, que “todo quanto alimento se lhe oferece, de noite e de dia, [e] devoram-no” (AM, 2004, p. 65). O racional, portanto, sabe escolher o alimento e a hora da refeição. Geralmente havia o almoço e o jantar “e é o que basta” para repor o sangue e espíritos gastos no dia-a-dia. Alguns também faziam outras duas refeições menores, o desjejum e a merenda. O almoço era de 11h às 12h e o jantar das 9h as 10h da noite. Os horários podiam variar com a estação do ano. Avicena recomendava buscar as horas mais frias para comer durante o verão e Henriques aconselhava então almoçar mais cedo, principalmente em locais quentes, pois o calor poderia acabar com o apetite e com a digestão. Os cavalheiros deviam ter uma vida noturna, pois Henriques dizia que “sempre amanhece[m] mais tarde”. Estes faziam o desjejum enquanto outros almoçavam, pelas 11h, almoçavam pelas 2h da tarde, merendavam provavelmente quando os outros jantavam e faziam sua janta pela meia-noite. Sendo acostumados a essa rotina, os cavalheiros passavam bem, pois “são grandes os privilégios da criação e os poderes do costume” (AM, 2004, p. 65). Já os rústicos, que tinham uma rotina de muito trabalho e

exercício deveriam comer e beber muito nas quatro refeições do dia, sem o que não conseguiriam trabalhar tanto.

Avicena recomendava que não se comesse “senão depois do desejo” e este só poderia vir quando o estômago estivesse livre de alimentos (a menos que não se tratasse de gula), portanto quando a digestão da última refeição se tivesse concluído o que ocorria após cerca de sete ou oito horas, segundo a intensidade do ácido e a qualidade dos alimentos (AM, 2004, p. 66-67). Assim, este deveria ser o intervalo entre as refeições importantes. Em geral era recomendado jantar muito quando se havia almoçado pouco ou jantar pouco quando o almoço tinha sido mais abundante (AM, 2004, p. 71). O costume português da época mandava fazer jantares mais leves nas quantidades, segundo Henriques com peixe e salada, para não perturbar o sono, ainda que não reprove as carnes, desde que em baixa quantia.

Seguindo a oposição dureza/ mais nutrição X moleza/ menos nutrição, os assados eram tidos como mais nutrientes, porém por ser mais duros, menos digeríveis em relação aos cozidos, que por sua vez eram menos nutrientes. Para os sãos os assados eram preferidos, pois a nutrição era o fim mais importante e não importava ter de digerir uma hora a mais para obter o melhor alimento. Os cozidos em água, assim como vimos no hipocrático *Da antiga medicina*, se enfraqueciam, pois deixavam sua “umidade substancial”, aquela responsável pela nutrição, na água, diminuindo sua concentração na mesma. Curiosamente, isto faz Henriques concluir que os alimentos cozidos são mais secos que os assados, pois estes fazem uma pequena crosta por fora que protege a umidade substancial interna (nutriente) de sair. Por estarem atenuados, os cozidos eram alimentos indicados aos doentes, pois sua umidade substancial, além de diluída era enfraquecida pela evaporação de “partes tênues e espirituosas que o fogo dissipa” (AM, 2004, p. 75-76). Henriques recomenda os caldos dos alimentos cozidos e mesmo a desprezar a carne que ficou nela dentro àqueles que passassem fome.

A idade e os temperamentos recebiam atenção particular na escolha dos alimentos. Eram quatro idades principais: a puerícia, subdividida em outras quatro fases, infância, puerícia, puberdade e adolescência; a segunda idade era a juvenil; a terceira a consistência e a quarta a senilidade. “Todas estas idades devem ter alimento diferente e particular” (AM, 2004, p. 77), diz o médico. De maneira geral, a regra é: os humanos quanto mais novos, são mais quentes e úmidos e quanto mais velhos, mais frios e secos, exigindo, salvo exceções que veremos abaixo, alimentos de oposta natureza. A regra valia também para os animais, que apesar disto possuíam cada um uma natureza mais propensa a humores específicos, segundo seu ambiente e outras variáveis de um esquema classificatório. Abaixo o quadro das idades (AM, 2004, p. 77-79):

QUADRO X – IDADES, ESTÔMAGOS E ALIMENTOS

Qualidades		Idades		Subdivisão		Estômago		Alimentos	
Q/F	U/S					Calor Natural	Robustez	Qualidades	Qtde
QQ	UU	I ^a 0-25	Puerícia	0-5/7	Infância	+++++	-	F, U, L, M.	+++
				5/7-14	Puerícia	++++		+++	
				14-18	Puberdade	+++		++	
				18-25	Adolescência	++		++	
Q	S	II ^a 25-35/40	Juvenil			+	++	F, U, S, D.	+
F	S	III ^a 35/40-45/50	Consistência			-		Q, U.	-
F	S	IV ^a 50-	Senilidade			-		Q, U.	-

Legendas: Qtde = Quantidade; Q = Quente; F = Frio; U = Úmido; L = Líquido; M = Mole; S = Sólido; D = Duro; + e - são indicadores relativos de intesidade, tanto nas quantidades, quanto nas qualidades respectivas.

O calor natural era um índice de atividade do estômago, pelo que as idades do crescimento requeriam mais alimentos, sob risco de consumir o corpo. As crianças possuíam maior calor inato e atividade do ácido estomacal, o que lhes ajudava (e exigia) a digerir facilmente alimentos a qualquer hora do dia. Para aplacar o calor excessivo, quanto mais jovem, mais os alimentos deveriam ser “refrigerantes”. As exigências do crescimento pediam,

além de abundância, alimentos úmidos, mesmo que se tratasse das idades mais úmidas, como a puerícia. Mesmo as febres de natureza quente e seca não seriam capazes de suspender as exigências de umidade dos meninos. Pela delicadeza do corpo e do estômago dos mais novos, estes requeriam alimentos líquidos e moles, que facilitassem a digestão. No entanto, com o ganho de robustez do estômago no seu ápice durante a juventude, os alimentos deveriam ser mais sólidos e duros, pois estes eram mais nutritivos e os estômagos já conseguiriam digerí-los. O vinho (quente e seco) era perigoso nas crianças e nos jovens, exacerbando os males de natureza quente. Ainda na segunda idade, pelo aumento de *secura*, o vinho poderia atizar a cólera, humor quente e seco, provocando a ira. O autor também adverte contra os efeitos “libidinosos” (quentes) do vinho sobre os “mancebos” que o tomassem (AM, 2004, p. 77-79). Um dos efeitos perniciosos da *secura* seria a inibição do crescimento, o que fazia ressaltar a necessidade da umidade nestas idades, segundo o *Canon* de Avicena “dar de beber vinho aos meninos é, na verdade, o mesmo que acrescentar fogo ao fogo em lenha leve” (apud AM, 2004, p. 238).

As idades frias e secas tinham por consequência recomendações opostas à dos novos. Os alimentos continuavam úmidos, pois embora não houvesse mais a necessidade de crescer, os estômagos tinham se tornado secos e aumentavam os males deste tipo. O menor calor natural era tido como menor necessidade/capacidade de digerir, de modo que o excesso de alimentos poderia provocar mesmo a extinção do calor que restava na velhice. Esta consideração baseava-se na concepção do calor inato que o próprio Henriques já havia rejeitado em outros momentos, mas não abandonava por considerar válidos princípios dietéticos que faziam sentido dentro deste quadro teórico. É assim que sobrepõe à ideia do calor natural aquela dos ácidos digestivos, moderna. Um acompanha e traduz o outro. Na velhice os ácidos da digestão estariam mais fracos, tolerando menor quantidade de alimentos (AM, 2004, p. 78).

O vinho era tido pelos antigos como quente e úmido, possivelmente por analogia com o sangue e por creditarem-lhe qualidades semelhantes. Segundo Henriques, Aristóteles o considerava nutritivo, assim como o sangue é responsável por nutrir o corpo. Galeno dizia “todos estão de acordo que o vinho é nutriente”, mas que apesar disso este era o “único a criar problemas” para as categorias dos médicos, pois fazendo parte das bebidas, “que logicamente são distintas das comidas” preferiam não considerá-lo como um alimento. Galeno ainda notava que os vinhos vermelhos e densos eram “os mais adequados à produção de sangue, pois precisam de poucos processos para serem transformados em sangue”, seguidos em pelos escuros, doces e densos, depois vermelhos escuros, viscosos e pungentes. Em seguida entravam os vinhos brancos, densos e pungentes e por último os brancos, fluidos e aquosos.²⁸⁰ Os critérios sensíveis que orientavam a atribuição da qualidade nutriente, isto é, a qualidade do sangue, eram a cor vermelha e a maior densidade, oposta à cor branca e à menor densidade. O vinho, como líquido vermelho e denso, estava muito próximo da natureza do sangue e requeria pouco trabalho para se transformar nele, logo era nutriente e conflitava com a oposição sólido-líquido, que marcava o sólido como alimento e o líquido como bebidas, geralmente medicamentosas.

Mas as recomendações médicas (Galeno e Hipócrates) recomendavam utilizá-lo mais como medicamento que como alimento. Desta forma Henriques refutava os antigos que creditaram umidade ao vinho: “o vinho tirado de uvas maduras, depois de bem fermentado e cozido nas pipas não tem mais umidade que a atual, que é a que tem toda coisa fluida, porém esta não faz qualidade que constitua temperamento” (AM, 2004, p. 231). O úmido e o seco em Henriques já eram categorias mais destacadas da percepção sensível e acusava os antigos de não terem realizado no mesmo nível o destacamento entre fluido e úmido – um pouco já havia sido feito ao considerar a existência de humores (fluidos) secos, como as diferentes

²⁸⁰ GALENO. *Sulle proprietà dei cibi* – Libro III. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 194.

biles. O passo de Henriques ia adiante nesta separação, o úmido como propriedade constitutiva era retirado através do processo de fermentação do vinho, resultando num fluido seco. Isto também tinha a vantagem de resolver o problema de classificação notado por Galeno, pois considerá-lo quente e seco ajudava a manter-lhe na categoria de bebida medicinal, como já preferiam os médicos, que temiam dentre outras coisas o excesso das bebidas – a maior parte dos alimentos medicamentosos são quentes e secos, em Henriques, outros são frios e secos, pois era mais frequente a necessidade de se temperar as temidas viscosidades dos alimentos, enquanto a maioria dos quentes e úmidos era nutriente. Considerá-lo seco também ajudava na função que tinha na culinária e na medicina popular, de temperar as frutas frias e úmidas, como as peras que ficavam “mais medicinais para os estômagos fracos” (AM, 2004, p. 190), os pêssegos que mergulhados no mesmo por algumas horas eram “corretos da pravidade que neles consideram (...) se emenda a sua flatulência e evita-se o dano que se teme da sua muita umidade” (AM, 2004, p. 191). Ainda assim, o vinho permanecia com as virtudes terapêuticas antigas, ajustadas a aplicá-lo como primeiro remédio contra a melancolia (fria e seca), típica da velhice (frios e secos), sendo considerado “o leite dos velhos” (AM, 2004, p. 78). Citando Platão, o autor chega a considerar a bebida, um auxílio médico divino “contra a austeridade da velhice, para que pareçam que estejam rejuvenescendo e para que o esquecimento da tristeza nos domine” e torne mais tratáveis (AM, 2004, p. 79).

As idades ou quadras do ano também eram quatro, como as idades do ser humano e eram outro elemento na escolha da alimentação de cada indivíduo (AM, 2004, p. 81-82):

QUADRO XI - ESTAÇÕES

Quadras do ano		Qualidades	Calor do Estômago	Sono	Alimentos	
					Qualidades	Quantidade
I	Inverno	Frio e Úmido	++	Longo	Quentes e Secos	++
II	Primavera	Temperado	+	Longo	Temperados	+
III	Estio	Quente e Seco	-		Frios e Úmidos	moderado
IV	Outono	Frio e Seco			Quentes e Úmidos	
					Quentes e Secos	

O inverno (europeu), por ser frio e úmido, gerava muitos humores de iguais qualidades. As fleumas, frias e úmidas, eram serosas e deveriam ser eliminadas – assim se explicava a coriza por exemplo. Para evitá-las, as bebidas deveriam ser reduzidas, preferindo as quentes e secas, como o vinho, chocolate, café, chá e a aguardente. O corpo reagia ao clima de maneira análoga à terra (antiperístase), no que diz respeito ao calor, ainda que por fora estivesse frio, por dentro o calor aumentaria para se contrapor. O calor natural opunha-se ao clima, sendo influenciado pelo mesmo de maneira inversa, ou seja, quanto mais frio o ar, maior o calor natural. Os corpos reagem (nem sempre suficientemente) para restabelecer o equilíbrio ideal. Às vezes a reação do corpo era exacerbada, assim recomendava aumentar a quantidade de alimentos nas estações mais frias, para evitar que o calor natural consumisse o próprio corpo. Mesmo na primavera, em que o ar era temperado, era recomendada maior abundância, pois mesmo nestas condições, os estômagos possuíam algum calor natural. Aqui Henriques atualiza a concepção tradicional do calor natural e da digestão por meio deste, sobrepondo-lhe de forma harmoniosa a concepção moderna do corpo-máquina “cheio de energia”.

O estio (verão) era a estação que recebia maiores preocupações médico-dietéticas. Os alimentos deveriam ser frios e úmidos para contrabalancear o grande calor e secura, e neste sentido as frutas eram consideradas importantes dádivas divinas. Estas apareciam justamente

quando mais se necessitava delas – as que amadureciam no verão tinham ainda mais umidade, pois não teria havido tempo suficiente para o sol cozer parte da mesma, o que chegava a ser perigoso em alguns casos. As bebidas recomendadas no inverno, no estio eram muito danosas e vice-versa. Nesta estação eram recomendadas “limonadas nevadas”, “águas de neves” e sorvetes. A quantidade de alimentos deveria ser menor devido à reduzida capacidade do estômago em digerir. Lembrando-se dos ácidos fermentativos, critica os que usavam do vinho para aumentar o calor estomacal e com isso, a capacidade digestiva neste período. Bastaria utilizar um pouco de vinagre, que por ser bebida fria e ácida, revigoraria “a valentia do ácido fermentativo”, sem provocar os danos do vinho, bebida quente, que ao invés de aumentar a capacidade de digerir, terminava por “esturrar” e queimar os alimentos, incitando o humor colérico e os males que deste podiam advir: diarreias, cólicas quentes e “dores icterícias” (AM, 2004, p. 82). A oposição mais marcada deste sistema era a que havia entre o estio e o inverno e pela importância da primavera, pois o outono era a quadra menos marcada, ao ponto de se subdividir em uma fase fria e seca, com alimentos quente e úmidos e outra que não diferia do inverno.

IV. 5. Carnívoros

As carnes eram muito apreciadas na alimentação e muito frequentes nas mesas mais abastadas. As carnes preferidas apenas do ponto de vista nutricional (sem levar em conta aspectos sociais por exemplo) eram as de porco, vaca e carneiro, nesta ordem. Quanto mais sólida a carne, mais substância nutritiva e mais difícil e demorado o cozimento. Assim, as carnes de porco e de vaca eram as mais demoradas. No quadro abaixo reproduzimos os critérios gerais de avaliação das carnes (AM, 2004, p. 91-93):

Quadro XII: Carnes dos Animais

		Calor/ Frio	Umidade/ Secura	Contextura	Excrementos	Cozimento (Digestão)	Nutrição	Alimento	Causam	Recomendações
Idade	Novos		Úmida	Mole/ Mucosa	Excrementosa					
	Nem novos nem velhos					Melhor	Melhor			
	Velhos e decrépitos		Seca	Dura/ Nervosa		Indigestas	Pior	Crasso, Melancólico e Seco	Cólicas, obstruções e hipocondrias	
Pastos	Domésticos		Úmida	Mole	Excrementícia					
	Silvestres			Seca				Melhor Gosto (exceto o porco)		
Terras	Úmidas e Paludosas		Muito úmida		Muitas superfluidades excrementícias					
	Secas e Montanhosas				Poucos excrementos	Fácil	Bom			
Sexo	Machos	Mais calor/ agilidade/ trabalho			Menos excrementícia	Melhor	Mais			Castração
	Fêmeas									
Magreza/ Gordura	Magras, duras e secas		Sem umidade substancial			Indigestas	Pouco (sem a substância úmida básica)			
	Intermediária					Melhor	Boa	Sabor suave		
	Gordas e pingues					Mal			Fastio, náuseas, azias, relaxa o estômago e lhe é infensa	
Macho	Inteiro									
	Castrado			Tenra		Facilidade	Melhor			
Cor do animal	Negros	Mais calor			Limpas de partes excrementícias	Melhor	Melhor	Melhor gosto		
	Branco									
Modo de Preparo	Assadas		Umidas no interior (substância) e Secas no exterior			Devagar	Nutre mais			Boas aos de ventre solto, hidrópicos e fleumáticos
	Cozidas		Secas no interior							
	Fritas e torradas		Muito secas	Duras		Indigestas	Pouco			
	Salgadas e duras		Secas	Duras		Indigestas			Obstruções e hipocondrias	
	Conserva em vinhos e alhos			Muito tenras			Boa nutrição	Bom gosto		
	Comidas no mesmo dia em que se matam			Duras		Indigestas				Comer no dia seguinte

Grosso modo, a melhor carne era do animal que não fosse nem novo nem velho, silvestre (de caça – exceto o porco), vindo de terras secas e/ou montanhosas, machos castrados, nem gordos nem magros, de cor negra, comidos no dia seguinte após a morte e preparadas assadas. Podemos dizer que o grau de comestibilidade dos animais mantém uma

relação inversa com o grau de humanidade (ou de proximidade com o ser humano) que se confere a cada um deles, desde que a distância não supere o limite daqueles animais conhecidos ou sujeitos ao poder do ser humano. Seguindo a sugestão de Leach para determinar a comestibilidade dos animais, aqueles animais domésticos mais próximos do ser humano são tidos como incomedíveis, pois isto os confere um “grau” de humanidade e proximidade. Aqueles que são domesticados com a função de trabalhar, fornecer peles, lãs, ovos, leite ou algo do tipo e ficam em granjas, celeiros (não são caseiros) são comestíveis, geralmente mediante alguns critérios que os tornam mais apropriados a isto. Os animais do campo, “de caça”, estão mais afastados, mas sob o poder do ser humano, mantendo com ele uma relação alternada, ambígua, “amigos ou inimigos”, e geralmente são abatidos em alguma época ou estação do ano apropriada para tal. Já os que estão no outro extremo, isto é, totalmente afastados da humanidade, não estão sujeitos ao controle humano e não são comestíveis.²⁸¹ O quadro acima sugere justamente que o animal considerado mais próprio a se tornar comida é o de caça, vindo de terras um pouco afastadas, mas não selvagens.

Para Henriques, o animal castrado tem gosto melhor e (consequentemente) se digere melhor que o do animal inteiro. Os carneiros, moderadamente quentes e úmidos, eram muito bem reputados, independente do status social, mas deveriam abater-se aos dois anos de idade e castrados, caso contrário provocariam diversos males: indigestão, cólicas, febres, adoecem os sãos e impedem a cura dos convalescentes. Henriques acusa os açougues lisboetas de cortar carneiros inteiros, provocando todos os males acima, ao contrário do que era feito no interior do Reino e em outros países, onde se respeitava a prescrição. Os cordeiros eram considerados mucosos e deveria se esperar que se tornassem adultos (carneiros) para comê-los. O cabrito poderia ser comido, enquanto o bode somente se castrado. O veado, os gamos e corças devem

²⁸¹ Segundo Leach, não há nenhuma consequência em termos de maciez da carne após a castração de animais. LEACH, Edmund. Aspectos antropológicos del lenguaje: categorías animales e injuria verbal. In: LENNEBERG, Eric H. et al. *Nuevas direcciones en el estudio del lenguaje*. Madrid: Revista de Occidente, Ediciones Castilla, 1974, p. 58-67.

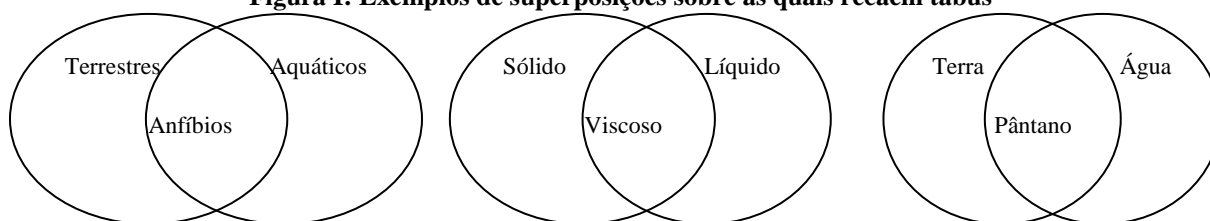
ser abatidos até os dois anos e castrados. As lebres devem ser novas e os coelhos devem ser silvestres. A castração era o meio (ritual) pelo qual se tornavam comestíveis diversos animais. Esta operava sobre aqueles animais que estão entre a caça e o animal doméstico não-caseiro ou entre o sagrado e o comestível.

A oposição dos espaços doméstico-silvestre pode ser comparada à que ocorre entre fêmea-macho. De um lado a intimidade, o sedentarismo, úmido (mais gordura), a moleza e do outro o trabalho ou atividade e o calor (menos gordura), a consistência (nutrição) e o ambiente externo. A ovelha era tida como “viscosa” e “excrementícia”, sendo “reprovada para alimento”. A cabra era considerada indigesta “e justamente esquecida para alimento”. Os machos trabalham mais, têm menos umidades excrementícias, que se secam com o calor de sua atividade, de modo que se digerem melhor e dão mais nutrimento. A obesidade estava associada aos temperamentos frios e úmidos (fêmeas tendiam a ser mais frias e úmidas), de modo que as carnes das fêmeas estavam associadas à gordura, assim como a dos animais domésticos em geral. As carnes desejáveis deveriam ser nem muito gordas nem muito magras. A proximidade do ambiente doméstico é que tornava suas umidades “excrementícias”. Não havia nada de “objetivo” que pudesse garantir que a moleza e gordura das carnes domésticas e das fêmeas fossem devidas a umidades impuras e não a umidades “substantíficas”, como podia ocorrer em muitos outros casos, em que se reprovava a falta de umidade. Afinal de contas, a mesma maciez e umidade eram concebidas no sentido substantífico (nutritivo) na oposição carne dura/pobre-macia/rica. Assim, o animal doméstico não-caseiro era preferido quando macho, porém preferencialmente castrado.

A distinção entre terras úmidas e secas é importante para determinar a impureza e a repulsa. As terras com águas estagnadas eram consideradas perigosíssimas por suas emanções contagiosas, os miasmas. Os pântanos não configuravam uma terra bem enquadrada no espaço econômico. Por séculos estes foram drenados, empurrados para fora

das margens deste espaço, de modo que estes eram um ambiente fora do controle humano. Animais vindos deste tipo de terra não eram sempre considerados comestíveis. A maioria dos animais peçonhentos, como o sapo ao qual se creditavam diversos poderes especiais de cura,²⁸² de fato são os que proliferam nestes tipos de espaços, como os demais anfíbios, uma categoria que carrega a ambiguidade no próprio nome, como já constava no dicionário de Bluteau, aquáticos e terrestres.²⁸³ Estes animais não eram necessariamente objeto de interdição alimentar. A ambiguidade é propícia tanto à repulsa, quanto à atribuição de poderes mágicos e à criação de critérios rituais de comestibilidade no nível da “limpeza” ou de retirada das impurezas, que demonstram a existência do tabu. Os tabus, estas expressões silenciadas, recaem sobre este tipo de interseção, para efeito geral:²⁸⁴

Figura I: Exemplos de superposições sobre as quais recaem tabus



De fato, os animais peçonhentos mal aparecem na *Âncora Medicinal*. Sua divisão organiza os animais entre: quadrúpedes, aves e peixes. Suas interseções são silenciadas para preservar as diferenciações. Assim, não bastava para Henriques omiti-los quase todos de suas classificações dentre os animais comestíveis (nutricional ou medicinalmente), era necessário prevenir o leitor das terras pantanosas e lacustres, onde se encontram estes animais. A

²⁸² Pó e a coxa de sapo, para como antídoto contra feitiços que haviam deixado magro: ABREU, Jean Luiz Neves. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, p. 99; Utilização do sapo e salamandra em curas mágicas: BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feitiçarias, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 49.

²⁸³“Derivase do Grego *Amphi*, que Val o mesmo, que *em huma*, & *outra parte*, & *Bios*, que quer dizer *Vida*, & se diz dos animaes, q vivem em hum, & outro elemento, na terra, & na agoa”. Verbete Amphibio In: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular, doutor na sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo I – A. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1712, p. 352.

²⁸⁴ Ver o diagrama de Leach para efeito geral: LEACH, Edmund. Aspectos antropológicos del lenguaje: categorías animales e injuria verbal. In: LENNEBERG, Eric H. et al. *Nuevas direcciones en el estudio del lenguaje*. Madrid: Revista de Occidente, Ediciones Castilla, 1974, p. 52.

impureza destas categorias tabuadas contamina suas terras e poderia contaminar também os animais que, embora classificados como comestíveis, vivessem nas mesmas, alimentando-se e bebendo nelas. Estes não chegavam a ficar incomestíveis, mas ficavam cheios de “superfluidades excrementícias”, que deveriam ser depois corrigidas mediante algum preparo que retirasse delas as impurezas. A segura e a altura estavam no oposto da categoria de terras consideradas impuras, assim os terrenos secos e montanhosos, além de atenderem aos critérios destas noções de higiene, pureza e impureza, ainda se encaixavam naquelas áreas dominadas pelo homem, mas afastadas o suficiente dele.

Significativamente, os patos que são considerados anfíbios por Bluteau, por frequentarem terra e água, são os únicos dentre os “voadores” que Henriques considera “crassos e excrementosos”. Segundo o médico “gera-se deles sangue crasso, que facilmente apodrece”, os velhos não são capazes de nutrir e geram “sangue crasso e melancólico”, os novos “cozem-se [digerem-se] mal e nutrem bem”, eram preferidos os intermediários. Os domésticos eram considerados mais impuros que os selvagens (AM, 2004, p. 119). Efetivamente, os patos além de serem animais um pouco estranhos entre os “voadores”, pois vivem na água e ainda eram tidos como “anfíbios”, também eram cevados com o propósito único de se encher-lhes os fígados e matá-los, não davam leite nem trabalhavam como os quadrúpedes. Não havia nenhum outro motivo para criar este animal estranho a não ser para se alimentar dele. Supomos que daí possa vir o sentimento de impureza da prática de se alimentar de patos domésticos, o que não nos permite dizer que isto não ocorresse, apenas que o médico em questão demonstra compartilhar algum grau de tabu sobre estes animais. Os pombos eram os outros voadores que geravam “sangue crasso e melancólico”. Estando associados ao espírito santo era esperado que houvesse algum tipo de sujidade na prática de se alimentar deles. Desta maneira, os pombos velhos eram vetados por muito secos e indigestos, preferindo-se os pombos novos, que já voassem e fossem silvestres, pois os domésticos

novamente teriam carne mais “excrementosa”. Este animal não poderia ser comido com suas cabeças e pescoços, sob pena de dar dores de cabeça. Uma espécie era associada aos “usos de Vênus” e outras ao impedimento dos mesmos. Na ambiguidade mora a impureza e também os poderes. As pombas possuíam diversos atributos de cura, como por carne de pombas sobre a mordida de animal venenoso, pois esta atrairia o veneno ou a prática popular de pô-los nas solas dos pés ou vivos no ânus, ajuntando o ânus do pombo com o do doente para repelir venenos, “e é remédio em que o povo tem grande crença” (AM, 2004, p. 117-118).

O animal de cor negra é considerado mais quente que o de cor branca (efetivamente uma cor fria, associada à fleuma e à água) e desta maneira, como os machos em relação às fêmeas, ficam com as carnes mais “limpas de partes excrementícias”. O critério que orienta as escolhas é em geral orientado pela busca do maior grau de limpeza/pureza, segundo uma certa classificação, que está associada à produção do melhor gosto (e portanto da digestão) e conseqüentemente à manutenção de uma ordem/saúde. A cor negra estava associada à adustão e portanto podia ser vista como oposta à umidade. Por outro lado, a escolha pode estar associada ao fato de que boa parte dos animais brancos domésticos, aves, não trabalhavam, enquanto os escuros, bois e cavalos, eram aproveitados como força de trabalho.

O modo de preparo não revela surpresas. Os assados são os preferidos do paladar das altas mesas, estes eram trinchados por profissionais especializados e “compunham a parte central de qualquer refeição” ocorrida sobre as mesas da corte.²⁸⁵ Os assados concentram mais sabor, justamente por perder umidades. Sua parte externa ficava seca e a interna suculenta, o oposto dos cozidos, que soltavam suas umidades para fora e ficavam secos internamente, mas eram preferidos dos pobres para evitar desperdiçar qualquer parte do alimento. As fritas e

²⁸⁵ ALGRANTI, Leila Mezan. Notas sobre a mesa da casa real portuguesa no reinado de D. José I. In: SÁ, Isabel dos Guimarães & GARCIA FERNÁNDEZ, Máximo (dir.). *Portas adentro: comer, vestir, habitar* (ss. XVI-XIX). Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010, p. 109.

torradas estavam no extremo da secura e eram consideradas pouco nutritivas. A modalidade mais recomendada aos doentes era a galinha cozida e depois assada, de modo que se secavam as umidades substanciais todas, obtendo o máximo do enfraquecimento da carne. Porcos e vitelas eram preferidos assados, pois eram carnes de consumo em saúde, enquanto carneiros poderiam ser guisados,²⁸⁶ pois estes eram empregados com frequência aos doentes, o que requeria alimento mais fraco. As carnes salgadas e duras eram aquelas a que os pobres tinham mais acesso, refutadas em geral da mesa dos ricos. O sal e a secura eram considerados excessivos, resultando em carnes indigestas ao público preferencial de Henriques, podendo causar inflamações nos hipocôndrios, o ventre. A carne em conserva mais valorizada era feita em vinhos e alhos, pois não secavam suas umidades substanciais e permaneciam tenras.

A carne da vaca era tida como fria e seca, “o mais comum alimento dos que usam os homens” era apropriada pela dureza, aos que trabalhavam muito. Já as pessoas “mimosas” e “que vivem sem trabalho” prefeririam as vitelas, frias e úmidas, conservadas em vinho e alhos, que ficavam muito tenras, mas vetava as vitelas lactantes (AM, 2004, p. 95-96). Já o porco era o único dentre os animais, cujo exemplar doméstico era superior ao de caça. Havia uma longa tradição que conferia ao porco o status de carne mais afim à natureza humana, portanto a mais própria a alimentá-lo. Sua criação era barata e dele tudo se aproveitava. Os melhores também eram os mais novos, que era “um dos principais alimentos que Deus criou” (AM, 2004, p. 100-101). Ainda assim, era um animal cevado unicamente para ser comido, não trabalha como os demais quadrúpedes domesticados e sua afinidade com a natureza humana certamente lhe fazia recair alguma ambiguidade. O porco está efetivamente associado à impureza e à sujidade a ponto de seu próprio nome estar ligado a injúrias deste tipo. Em Bluteau, porco já significa “sujo, imundo”, porcaria é “immundicia, sugidade” e “coisa mal

²⁸⁶ ALGRANTI, Leila Mezan. Notas sobre a mesa da casa real portuguesa no reinado de D. José I. In: SÁ, Isabel dos Guimarães & GARCIA FERNÁNDEZ, Máximo (dir.). *Portas adentro: comer, vestir, habitar* (ss. XVI-XIX). Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010, p. 108.

feita”. E constam já as injúrias “homem porco” e “obra porca”.²⁸⁷ Em outra parte diz “Animal domestico, immundo, que se ceva para engordar, que em vida não tem préstimo algum e so presta depois de morto (...). O aborrecimento que os Mahometanos tem a este animal, tem alguma razão natural (...)”.²⁸⁸ Criado e explorado por razões econômicas unicamente ligadas à sua morte para a alimentação, altamente domesticado, alimentado muitas vezes com sobras da alimentação humana (por isso mesmo muito econômico) e entre os quadrúpedes o mais próximo aos seres humanos, o porco torna evidente a existência de tabus associados a matar para comer um animal tão próximo.²⁸⁹

As entranhas e extremidades dos quadrúpedes eram aproveitadas na alimentação e na medicina. Alguns de seus órgãos guardam as mesmas qualidades fundamentais que encontramos entre os órgãos dos seres humanos, como cérebro frio e úmido. Em alguns casos, utilizam-se outras palavras para designar os órgãos dos animais, diferenciando-os dos nomes dos órgãos humanos (miolos ao invés de cérebro, tripas ao invés de intestinos) (AM, 2004, p. 107-109):

²⁸⁷ BLUTEAU, Rafael. *Dicionario da língua portugueza*, composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Tomo II, L-Z. Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 219.

²⁸⁸ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latino, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau clérigo regular, doutor na sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo VI – O-P. Lisboa: Na Officina de Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade. 1720, p. 618.

²⁸⁹ Sobre as injúrias animais e especificamente sobre a tão comum injúria relacionada aos porcos veja-se novamente o artigo de Leach: LEACH, Edmund. Aspectos antropológicos del lenguaje: categorías animales e injuria verbal. In: LENNEBERG, Eric H. et al. *Nuevas direcciones en el estudio del lenguaje*. Madrid: Revista de Occidente, Ediciones Castilla, 1974, p. 68-69.

Quadro XIII: Entranhas e Extremidades dos Animais

	Calor/ Frio	Úmido/ Seco	Contextura	Cozimento (Digestão)	Distribuição	Nutrição	Alimento	Causam	Modos de preparo	Recomendação
Miolos	Frios	Úmidos	Crassos, Densos, Glutinosos (pegajosos)	Mal	Má			Náuseas e humores crassos	Sal e Pimenta para corrigir a lentura. (Melhores: carneiro e depois vitela)	Temperamentos quentes e secos (biliosos ou coléricos): tempera o acre e quebra os espículos dos humores acres e mordazes
Línguas	Frias	Úmidas		Fácil (menos a vaca - crassa e indigesta)		Boa	Bom alimento	Bom sangue	Se salgadas e defumadas, devem ser cozidas depois, senão ficam duras e de difícil cozimento	
Orelhas	Frias	Secas	Nervosas	Mal	Má	Pouco	Crasso		Quando secas e salgadas ficam ainda mais duras e piores	
Beijos	Frias	Secas	Nervosas	Mal	Má	Pouco	Crasso		Quando secos e salgados ficam ainda mais duros e piores	
Estômagos	Frios	Secos	Duros, Glutinosos (pegajosos)	Mal				Humores fleumáticos, Obstruções, Afecções hipocondríacas, muitos danos		Não servem aos delicados e ociosos, apenas a trabalhadores e robustos
Tripas	Frios	Secos	Duros, Glutinosos (pegajosos) (de animais novos, são mais moles)	Mal (se de animais novos, cozem melhor)					Sendo de animais novos são mais moles e cozem-se melhor	
Fígados (Quadrú- pedes)	Quentes "como o sangue"	Úmidos "como o sangue"		Com dificuldade (Piores: vaca; Melhores: Porco, depois cabrito e vitela)		Depois de cozidos nutrem bem	Crasso	Obstruções nas primeiras vias	Cozidos	Senerto adverte que "estas entranhas se acham muitas vezes infectas com algum vício". Reparar direito "antes que se reduzam a alimento".
Fígados (Aves Domésticas)				Bem			Bom alimento	Não fazem mal		
Baços	Frios	Secos		Indigestos (exceto porco)		Muito mal (exceto porco)		Sangue crasso e melancólico; Causa de melancolias e hipocondrias (exceto porco)		
Pulmões	Quentes	Úmidos	Mais rarefeita e mole que fígado e baço	Cozem melhor que fígados e baços		Nutrem menos que fígados e baços	Bom alimento			
Coração	Quentes	Úmidos (menos)	Fibrosa, sólida, dura	Mal		Se cozidos não nutrem mal	Crasso		Cozidos	
Rins	Quentes	Secos	Sólidos, duros, fibrosos	Com dificuldade	Má	Pouco	Crasso	Obstruções		
Testículos	Quentes	Úmidos		Difícilmente (Melhores: mais novos)	Má	Mais novos: nutrem muito	Mais novos: melhor gosto			
Gorduras	Quentes	Úmidas				Pouco		"Ofendem muito": relaxam/ "dissolvem teor das fibras" dos estômagos: fastios, náuseas	"Condimento dos manjares"	Evitar em coléricos, pois se inflamam como manteiga no fogo, e viram cólora.

Glândulas	Frias	Úmidas	Tenras e friáveis (pulverizam)	Facilidade		Muita	Bom gosto (melhor: peitos)	Melhores: dos peitos. Pulverizam-se facilmente	
Pés e Mãos			Viscosos e lentos (moles)	Difícil		Pouca (Novos: nutrem melhor)		Cozidos com arroz ou cuscuz	Para os de ventre solto; estilicídios; fluxos de sangue
Pés e Mãos (porcos)	Frios	Secos (Novos: menos)					Bom gosto	Idem; São os melhores: têm mais umidade e ossos, que gastam partes crassas e feculentas do sangue, restando as tênues e suaves na carne, de onde vem o bom gosto	Idem e Galeno os usou nos febricitantes

Entre as entranhas dos animais, pode-se dizer que as que frequentavam as mesas altas eram os miolos, frios e úmidos, de carneiro, de vitela ou porco corrigidos com sal e pimenta (quentes e secos) ou como sugere Domingos Rodrigues, fritos em manteiga e coalhados com ovos, pimenta e limão.²⁹⁰ A acidez do limão era corretiva da consistência crassa, a fritura na manteiga e a pimenta temperavam suas qualidades. As línguas de vaca, apesar de condenadas por Henriques, eram feitas segundo Rodrigues cozidas e depois refogadas com toucinho derretido, vinho, vinagre e os adubos (pimenta, cravo, noz-moscada, canela, açafraão e coentro seco), depois farinha torrada e açúcar (quente e seco).²⁹¹ Os fígados de porco, as mãos de vitela, porco, cabrito e carneiro completam o quadro dos alimentos que subiam as mesas altas, segundo as receitas de Rodrigues.²⁹² Os demais eram possivelmente de uso popular.

Os peixes e mariscos vinham depois dos quadrúpedes e voadores na preferência de Henriques. A sua corrupção era a mais temida e por serem muito frios e úmidos estavam sujeitos a ela mais facilmente. Sua digestão por outro lado, era sempre mais fácil. Segundo Henriques “todos nutrem pouco, por isso a Igreja os concedeu nos dias em que, para castigo da natureza humana, proibiu a carne”, portanto próprios para função penitencial e jejum (AM,

²⁹⁰ RODRIGUES, Domingos. *Arte de cozinha* (1680). Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2008, p. 112.

²⁹¹ RODRIGUES, Domingos. *Arte de cozinha* (1680). Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2008, p. 100.

²⁹² RODRIGUES, Domingos. *Arte de cozinha* (1680). Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2008, p. 97, p. 101, p. 112, p. 94.

2004, p. 129). No quadro abaixo reproduzimos em síntese as características gerais dos peixes e mariscos (AM, 2004, p. 129-131):

Quadro XIV: dos Peixes

			Nutrição	Constituição	Gera	Cozimento	
Marinhos	Mar alto	Melhores			Sangue crasso e ténue; moderado	Difícil	
	Litoral	Impuros					
Fluviais	Rios Grandes	Saxáteis (areias e pedras - água limpa)	Melhores	Suficiente	Mais duros	Sangue moderado	Fácil
	Rios pequenos	Correm por lugares saxosos e águas claras	Menos bons (Trutas de Galiza e Trás-os-Montes quase tão boas quanto o salmão)	Médio	Mais duros e menos úmidos		Bem
	Rios lodosos e impuros		Piores que todos				
Lagos ou Lagoas							
Testáceos, Crustáceos			Piores			Alimento crasso e mau suco	
Escamados			Melhores		Tenos e friáveis, menos úmidos, superfluidades eliminadas pelas escamas ou transformadas nas mesmas		
Pele					Víscidos e glutinosos, mais úmidos e excrementícios, de pele dura, transpiram mal	Pior	
Peixe seco e salgado (conseva)	Em geral		Menos nocivo				mais dificuldade que o fresco, mas conclui-se em poucas horas
	Salgado de muito tempo			Pouco	Muito seco e muito duro		Difícil
Preparação	Secos ao vento		Melhores (como o Bacalhau)				
	Ao muito sal e defumados				Partes fuliginosas que não se separam bem do peixe		
	Assados		Pouco nocivos		Conservam em parte as partes excrementícias		
	Cozidos (ou guisados)		Menos nocivos		Deixam no cozimento as partes excrementícias		
Fritos			Mais nocivos		Conservam com a lentura do azeite e da manteiga, as partes víscidas e glutinosas		
	Ensoçados						
Ovas			Todas más (Piores: Barbos e bogas)			Perturbam o ventre e causam cólicas	Mal

A preferência por águas movimentadas e o temor das estagnadas fazia preferir os peixes de mar alto e conferir o atributo de impuros aos do litoral: “os mares nas praias são menos agitados e mais impuros” (AM, 2004, p. 130). Entre os fluviais ocorre o mesmo, os rios grandes e movimentados fornecem peixes melhores e as lagoas e rios lodosos forneciam os impuros. Entre os rios pequenos eram preferidos aqueles de águas claras e que passassem por pedras.

A viscosidade é condenada como impura, desta forma os peixes de pele são condenados por serem “víscidos, glutinosos [pegajosos], muito mais úmidos e cheios de partes excrementícias”. A pele lisa era considerada um invólucro fechado pelo qual os peixes de pele não conseguiriam eliminar suas impurezas, ao contrário dos peixes de escamas, que “transpiram melhor” e cujas impurezas ou eram eliminadas “ou se convertem em escamas”. Deste modo os peixes lisos eram mais corruptíveis e impuros (AM, 2004, p. 131). A condenação da viscosidade animal, pode ser atribuída, em parte, ao fato de confundir sensorialmente as categorias do sólido e o líquido. A distinção feita por Galeno entre a estabilidade e a instabilidade conecta-se a um tipo semelhante de repulsa, à instabilidade dos alimentos que deveriam ser sólidos (comida x bebida) e dos que mudam facilmente sua natureza, corrompendo-se, em oposição aos que se conservam e permanecem comestíveis (frutas x grãos), mas os sentidos não comunicam inteiramente esta qualidade, misturando-a ambigualmente com as sensações do líquido e evocando a corrupção. Além disso, torna-se desagradável que um ser animado deixe um registro sensorial ambíguo, pegajoso e aderente, que confunde a fronteira entre o ser tocado e o que toca. A distinção de Henriques também coincide com o texto do Levítico, que estabelece como normais apenas os peixes com escamas e barbatanas, enquanto os demais são abomináveis.²⁹³ É possível que como médico, Henriques estivesse buscando justificativas fisiológicas a noções de normalidade e anomalia (ambiguidade)²⁹⁴ consolidadas culturalmente.

A categoria dos animais aquáticos estava cheia de ambiguidades, classes que se sobrepõem e a ultrapassam. Os testáceos e crustáceos eram compostos de astacos ou logabantes e também de mariscos. Estes eram em geral os piores “peixes”, com algumas exceções. Os caramujos por exemplo eram considerados mariscos, os caracóis testáceos. Estes

²⁹³ DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Trad. Mônica Siqueira Leite de Barros, Zilda Zakia Pinto. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010 (Debates), p. 72.

²⁹⁴ DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Trad. Mônica Siqueira Leite de Barros, Zilda Zakia Pinto. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010 (Debates), p. 52-53.

confundiam as classificações, “uns são aquáticos, outros terrestres, e daqueles, uns são marinhos, outros fluviais”. Os fluviais eram considerados os piores. Destes animais costumavam se fazer amuletos (ver capítulo II) e tinham diversas propriedades medicinais.

O melhor preparo para os animais aquáticos era na forma dos guisados ou cozidos, pois ajudavam a eliminar as partes impuras. O objetivo era secar o peixe, por isso os peixes secos, salgados, em conserva eram tidos como “menos nocivos”, de modo que diferiam da valoração dos preparos da carne, para as quais procurava-se preservar as umidades, pois não eram consideradas tão impuras e estavam mais próximas da noção de comestibilidade – a “umidade substantifica” quase não aparece entre os peixes, dando lugar às “excrementícias”.

IV. 6. Temperar a vida

O mundo em transformação da Idade Moderna foi em busca de produtos exóticos aos quais se atribuíam poderes para satisfazer tais necessidades. Nestes valores simbólicos, atribuídos por uma crescente consciência corporal das aflições humanas, residia o fundamento do alto valor pecuniário das especiarias que moveram boa parte da expansão comercial do período e por conseguinte, da colonização, fornecendo o lastro de inserção de vários dos produtos da América, e da Ásia na cultura alimentar e médica do ocidente.

Como vimos, as especiarias chamadas de adubos (pimenta, cravo, noz-moscada, canela, açafraão e coentro seco) eram frequentemente convocadas a cozer as fleumas dos alimentos muito víscidos, aquosos, fleumáticos ou frios demais. Eram por essa razão, empregadas em muitas receitas. Segundo a teoria da digestão pela cocção estas se faziam ainda mais importantes, pois as fleumas ácidas do estômago eram tidas como perturbadoras da digestão. Ainda que Henriques atribuísse a digestão aos ácidos digestivos, segundo a concepção moderna, ainda recomendava o uso de especiarias para temperar o excesso de

umidades de muitos alimentos, sobretudo as excrementícias, e poderiam ser recomendadas em terapias específicas, mas em geral estavam vetadas aos doentes, que deveriam comer alimentos mais fracos, sobretudo os que tivessem febres quentes ou outros males de natureza quente ou seca, que seriam potencializados pelas pimentas. Sua atribuição quente era dada pelo fato de terem crescido nos climas quentes do oriente, aos quais se atribuíam propriedades de cura. Os ocidentais passaram a buscar substâncias como estas no oriente, para abastecer seus mercados cada vez mais ávidos por estas substâncias. O sabor picante das pimentas ganhou sentido de distinção social e enquanto estas não eram produzidas em solo europeu permaneceram em alta nos livros de cozinha. A partir do século XVII estas começam a diminuir e principalmente no XVIII são reduzidas drasticamente. Podemos atribuir este processo à perda de prestígio social das pimentas, com a sua maior difusão e cultivo em solo europeu, mas as modernas teorias da digestão pelos ácidos também tiveram um papel nisto. Vemos no quadro abaixo a organização dada às pimentas por parte de Henriques (AM, 2004, p. 210):

Quadro XV: Pimentas			
	Longa (“grãos tenros amassados”)	Branca (verde)	Negra (madura)
“1ª qualidade”	+++ Quente	++++ Quente	+++ Quente
“2ª qualidade”	+/- Seca ou +/- Úmida	+++ Seca	+++ Seca
Demais qualidades	Cariosa (por ter “alguma umidade”)	+ Acre (ácido, áspero) e + Mordaz (pungente, corrosivo)	Medicinais: contra maus de causa fria e úmida.
Modo de usar	-	-	Laçada inteira nos alimentos que temperar (logo, frios e/ou úmidos), grãos tomados inteiros ou c/ mel.
Em pó	Excede em “acrimônia”, causando males de causa acre, como o soluço.		

O calor ou *secura* “em sumo grau” era rejeitado por Henriques como de propriedades destrutivas e doloras, seguindo uma tradição que estabelecia quatro graus para cada qualidade, considerando o quarto grau sempre prejudicial – ainda que o médico português não mencionasse a numeração dos graus. Percebe-se que a única passível de utilização em alimentos era a pimenta negra, nos máximos graus toleráveis de calor e *secura*, que a legitimavam como medicamento contra diversos males, situando-a no melhor lugar para temperar o frio e o úmido. Em excesso, o calor e a *secura* provocavam: febres de causa quente, sede, dores de estômago, dores de ventre, comichões e “tenesmos” (movimentos esforçados para evacuar ou urinar, sem resultado). Isto tornava as pimentas particularmente perigosas àqueles indivíduos de natureza quente e/ou seca, como os biliosos e os coléricos. Mas as pimentas pertenciam ao conjunto dos “aromas”, aquelas substâncias socialmente mais valorizadas para secar e purificar na cozinha:

Quadro XVI: Aromas				
	1ª qualidade	2ª qualidade	outras qualidades	Modos de uso
Canela (<i>cinamomum</i>)	++Quente	++Seca	adstringente	Clareta: licor c/ água ardente e água rosada; nos alimentos.
Pimenta negra (<i>piper</i>)	+++Quente	+++Seca		Inteira nos alimentos; grãos engolidos inteiros; c/ mel.
Cravo (<i>cariophyllum</i>)	++Quente	++Seco		
Gengibre (<i>zinziber</i>)	++Quente	+/- Seco ou +/- Úmido *	“carioso e carcomido”	
Açafrão (<i>crocus</i>)	++Quente	++Seco	+ adstringente; ++ penetrativo; confortante: contra venenos	Na palma da mão, cheirado ou em vinho doce.
Mostarda (<i>sinapi</i>)	+++Quente	+++Seca	abstergente; “excita o apetite”	Em alimentos; cheirada em pó, “como tabaco”; sementes pisadas com vinho branco.

* Tanto o Gengibre quanto a Pimenta Longa são tidos como pouco secos “porque querem muitos que tenha alguma umidade, que é causa de se fazer cariosa”.

A hierarquia dos “aromas”, aqueles que melhor “servem para tempero dos alimentos e bom condimento deles”, apresentada coloca a Canela em primeiro lugar, seguida pelas Pimentas, Cravo, Gengibre, Açafrão e pela Mostarda. A virtude principal era temperar, ajudar no cozimento estomacal e desobstruir (ou mover), portanto, ajudava na “distribuição” adequada dos alimentos pelo corpo; nos batimentos cardíacos e na circulação sanguínea; nos partos e na menstruação; na urina e nos “usos de Vênus”; “gastar flatos”, tidos como “de causa fria”; aclarar a vista; provocar a urina e o parto; melhorar as cólicas de causa fria; nas asma e tosses de causa fleumática, em que se recomendava aplicar a pimenta junto ao mel (quente e seco). A adstringência era uma qualidade relacionada à *secura* e associada ao movimento do ventre e poderia constipá-lo (AM, 2004, p. 168), mas não impedia que em alguns casos fosse laxativa (AM, 2004, p. 233).

“Confortante” era a virtude que combatia os venenos e a podridão, mas a diferença entre o veneno e o remédio é a quantidade e mesmo o açafrão, “inimigo dos venenos e da podridão (...) em grandíssima quantidade, mata como veneno” (AM, 2004, p. 211) – uma mulher teria feito uso excessivo de açafrão para purgar sua menstruação e após perder um grande fluxo de sangue durante três dias teria morrido. Outros casos contavam que o excesso de açafrão tomado em vinho causava um “riso morboso”, com o que matava em alegria. O açafrão poderia ser inspirado em pó, atuando sobre os espíritos da cabeça, melhorando a disposição da alma, mas se em excesso causariam dores de cabeça, sonolência, poderiam ainda ter efeitos psicológicos, causar tristeza e perturbar o entendimento. O fato de ser muito penetrativo lhe garantia grande eficácia mesmo quando posto apenas sobre a mão, por onde poderia penetrar (as qualidades atravessavam os poros) e alcançar as artérias, chegando ao coração (AM, 2004, p. 211).

De maneira geral, as virtudes muito secas eram tidas como responsáveis por purgar o corpo de suas umidades excessivas; úteis em tosses; para fazer a urina sair; para fazer circular

o sangue, enrubescendo o rosto e fazendo descer “os lóquios”, ou seja a menstruação; para retirar as umidades do cérebro, que escorriam pelo nariz, ajudando em suas funções, como a memória. As qualidades quentes e secas destes condimentos faziam os humores do corpo circularem, permanecendo assim associados ao funcionamento do cérebro, coração, pulmões, estômago, intestino, útero, rins, bexiga e órgãos genitais – podendo ajudá-los, mas também prejudicá-los fortemente. Os de virtude abstergente tinham ênfase na purgação e na limpeza de humores mais nefastos, ajudando a expulsá-los e consumi-los, no corpo.

O escorbuto por exemplo, era uma doença da podridão, assim, a mostarda tinha a virtude especial de curar o escorbuto. Esta doença impura era associada a estados de grande fome e de “muita imundície que aborrece a natureza”, segundo o padre Pierre Mervault (1605-?) contava em sua *Histoire du dernier siège de la Rochelle ou se voit plusieurs chose remarquables qui se sont passez en iceluy* (1648). A história do cerco à cidade de La Rochelle,²⁹⁵ que durou pouco mais de um ano (1627-1628) continha casos dos males provocados pelas escassas provisões alimentares. A podridão havia começado a matar muita gente até que um médico chamado Mathias Goyer encontrou nos fossos da cidade uma quantidade de mostarda, com a qual fez um remédio pilando suas sementes misturadas com vinho branco, que curou em oito ou dez dias as pessoas e livrou-as do mal. Sabia-se que a doença era causada por falta de frutas e verduras frescas²⁹⁶ – a laranja-da-china era a outra cura indicada para o escorbuto, além de “alimentação de longa duração com frutos frescos”.²⁹⁷

Além dos “aromas” mais valorizados por Henriques, o médico ainda colocava entre os produtos das hortas que se cultivavam algumas ervas, como a salsa das hortas, a hortelã, os coentros (mencionado entre os adubos de Domingos Rodrigues), o cerefólio e o perrexil. Suas

²⁹⁵ A cidade era o bastião dos huguenotes, os protestantes franceses, que foram derrotados neste cerco pelas tropas realistas francesas. O caso encontra-se em MERVAULT, Pierre. *Histoire du dernier siege de la Rochelle ou se voit plusieurs chose remarquables qui se sont passez em iceluy*. Par Pierre Mervault Rochelois. A Rouen: Jean Berthelin et Jacques Caillove, dans la Court du Palais. 1648, p. 184-185.

²⁹⁶ De fato, a semente de mostarda contém diversas vitaminas, dentre as quais a vitamina C.

²⁹⁷ Ambas as curas constavam na *Bibliotheca Pharmaceutica* de Manget, segundo Henriques.

propriedades eram semelhantes às dos aromas, mas o que orientava sua distinção era o mercado, ou seja, ervas das hortas por serem cultivadas eram acessíveis a todos, enquanto as especiarias de origem oriental eram mais escassas e embora tivessem usos semelhantes entravam em outras categorias, mais nobres.²⁹⁸ As ervas aromáticas eram quentes e secas, não eram consideradas alimento e apenas condimento. A hortelã possuía mais virtudes medicinais, contra as dores de cólica, estômago, útero e cabeça (órgãos úmidos), “provoca atos libidinosos”, seu sumo com vinagre mata lombrigas, suspende a eliminação de sangue pela boca, como emplastro na barriga combate a falta de apetite e ainda “se usássemos da hortelã, como se usa do chá, é certo que não acharíamos nela menos utilidades”, ajuda os cozimentos, conforta o estômago e a cabeça, cura as vertigens e gasta flatos. Seu cheiro teria o poder de confortar o cérebro, conservar e aumentar a memória (AM, 2004, p. 171). Aos coentros, geralmente utilizados nas saladas segundo o médico, se atribuía virtude narcótica, causando sono e combatendo as vertigens e epilepsias, também eram empregados no combate aos flatos e na melhora da digestão e como emplastro era indicado para problemas de pele como apostemas [abscessos] ou nos inchaços de glândulas (excesso de umidade), as alporcas, mas seu sumo em grandes quantidades era considerado mortal. O cerefólio era o equivalente culinário do coentro para os franceses e italianos dizia Henriques, também tinha efeitos para o sono, a digestão e a circulação do sangue e era utilizado como emplastro contra cólicas (AM, 2004, p. 171-172).

O alho e também as cebolas, das quais já falamos, frequentava as mesas dos pobres com função de tempero. Este era quente e seco e servia “mais de tempero e condimento, que de alimento”. O alho era chamado de “triaga dos rústicos”, indicando seu vasto uso medicinal entre os pobres. A água em que se fervia, bebida quente era empregada nas pedras e areias dos

²⁹⁸ ALGRANTI, Leila Mezan. Notas sobre a mesa da casa real portuguesa no reinado de D. José I. In: SÁ, Isabel dos Guimarães & GARCIA FERNÁNDEZ, Máximo (dir.). *Portas adentro: comer, vestir, habitar* (ss. XVI-XIX). Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010, p. 110-111.

rins, servindo para “mover a purgação do mêsruo”, desobstruir as entranhas, matar as lombrigas, aclarar a voz, limpar os pulmões, fortalecer os estômagos debilitados quando se cozinha com ele ou mesmo tomando-o “como se fossem pílulas”. Médicos práticos haviam assinalado sua virtude como alimento durante a peste, combatendo a podridão causada pelas umidades (que se acreditava que fossem responsáveis pelo contágio) (AM, 2004, p. 175-176).

O médico ainda dedicava um capítulo aos “condimentos”, que cumpriam função semelhante à dos “aromas”. O quadro abaixo resume suas qualidades e propriedades medicinais (AM, 2004, p. 205-208):

Quadro XVII: Condimentos					
Azeite (<i>Oleum commune</i>)	Vinagre (<i>Acetum</i>)	Sal (<i>Sal</i>)	Mel (<i>Mel</i>)	Açúcar (<i>Saccharum</i>)	Aguardente do Açúcar
+/- Quente	+ Frio	+ Quente	++ Quente	+ Quente	+ Quente
+ Úmido	+ Seco	+ Seco	++ Seco	+ Seco	+ Seco
Conservante	Penetrativo	Conservante	Conservante	Conservante	Vigora os espíritos, coze as fleumas do estômago e cérebro, gasta os flatos
Antídoto geral contra venenos, resiste a eles e mata as lombrigas	Adstringente	Abstergente	Abstergente	Abstergente	
	Faz “repercutir”, excita o apetite, mata as lombrigas, desperta do sono.	Digestivo Adstringente	Alimento, aguça os sentidos e distinguir o bom do mal; mundifica chagas e cura tosses e rouquidões	Laxa o ventre e “desopila” as fleumas do estômago e peito	

O azeite era o condimento nobre por excelência. Oriundo de uma das três plantas (oliveira, trigo e parreira) que eram o símbolo da cultura mediterrânea, de matriz greco-romana, era louvado por suas virtudes para conservar o que nele se põe “sem dano nem corrupção. Nele não se cria nenhum inseto, mas antes, em lhe chegando, logo morrem”, dizia Henriques. Era utilizado como antídoto contra todo tipo de venenos e contra as lombrigas. Além disso, era empregado em vomitórios e laxativos, prática muito usual de expurgar os maus humores do corpo. Havia também azeites inferiores. O azeite podia ser onfacino, frio e adstringente (seco), com o qual se faziam unguentos para a pele. Juntamente com o mel era o único que não possuía advertências sobre propriedades negativas no uso extremado.

A qualidade “penetrativa” relacionava-se à capacidade do condimento de penetrar nos outros alimentos, decompondo-os, num processo análogo ao do ácido estomacal, portanto ajudava muito na digestão, no apetite e na distribuição no corpo, dos nutrientes que compõem cada alimento. O indício sensível desta qualidade era o fato de ser “agudo”: “penetra porque é agudo” (AM, 2004, p. 205), em outras palavras arde na língua.²⁹⁹ Assim, o vinagre tinha amplo uso segundo as novas concepções digestivas e dietéticas ao lado dos tradicionais adubos em diversas receitas. Sua virtude de “repercutir” era a de fazer os humores voltarem por onde vieram, tendo por essas razões uso em diversos fármacos. Assim como quase todos os alimentos, se usado em excesso provocava diversos males. A mesma qualidade que penetrava os alimentos para decompô-los e facilitar a digestão, em demasia destruía os alimentos, impedindo a nutrição do corpo e era “causa para não engordar”. Seus excessos eram responsáveis por azias e a acidez em demasia era vista como danosa aos nervos, pois poderia corroê-los, assim também poderia (por analogia) piorar ardores de urina. Aqueles de temperamento melancólico (frio e seco) deveriam evitá-lo, pois o vinagre intensificaria suas características, por coincidirem em natureza humoral.

O sal era o ingrediente mais necessário aos alimentos, por sua virtude conservante. Apesar de indicar as propriedades conservantes do mel e do açúcar, mais nobres que o sal, este era o conservante historicamente mais acessível e conferia o sabor característico das mesas baixas, de modo que o doce havia se tornado um sabor distintivo do privilégio social.³⁰⁰ Na cozinha popular o gosto salgado havia se tornado quase sinônimo de comida, dada a importância da conservação. Mesmo os cozinheiros das mesas lutas eram de origem popular, pois a cozinha era um ofício mecânico e não seria exercida por mãos nobres. Desta maneira, estes cozinheiros carregavam consigo usos, conhecimentos e gostos de seu meio

²⁹⁹ ALGRANTI, Leila Mezan. “Saberes culinários e a botica doméstica: beberagens, elixires e mezinhas no Império Português (séculos XVI-XVIII)”. In: *SÆculum - REVISTA DE HISTÓRIA* [27]; João Pessoa, jul./ dez. 2012, p. 28.

³⁰⁰ MONTANARI. *Il cibo come cultura*. 2ª ed, Economica Laterza, Roma-Bari, 2007, p. 20-21.

social. Este sentido do sal como ingrediente quase universal dos alimentos foi incorporado pelos demais estratos da sociedade e também ingressou na dietética. Segundo Henriques, “O sal é quente, seco e *é muito necessário nos alimentos*, porque os preserva de que se corrompam; *excita o apetite e dá graça a toda comida*, ajuda o cozimento do estômago e estimula o ventre para a expulsão dos excrementos” (grifos nossos) (AM, 2004, p. 206). É como se dissesse que comida sem sal não é comida, pois é ele que dá o gosto da comida, o salgado, que evidentemente era misturado a diversos outros sabores e odores, quanto mais as mesas se enobreciam. Enquanto na baixa cozinha este era um elemento indispensável para a conservação, na alta cozinha era combinado a diversos outros condimentos e aplicado a carnes, aves e outros alimentos nobres. Desta maneira, o gosto somente salgado era o que distinguia as cozinhas pobres das ricas. Talvez seja este o motivo para Henriques preferir a conservação dos peixes, como o bacalhau, secos “ao vento”, ao invés de ser “só à força de muito sal”, como também de reprovar partes como beiços e orelhas de animais secos ao sal. A esta virtude conservativa do sal se relacionavam todas as outras, a abstergência (purificação), a adstringência (da *secura* e portanto, da conservação) e a digestiva. A dietética continuava atribuindo à cozinha o principal papel de tornar digeríveis (e portanto comestíveis) os alimentos. Se Henriques condena conservas salgadas de partes não nobres dos animais, como os beiços e as orelhas, também podemos dizer que era justamente este sal que as tornava simbolicamente comestíveis, ultrapassando o sentido de conservante.

Também é notável que Henriques recomende de bom grado a produção de conservas de peixes em sal, mas recomende por outro lado evitar “os peixes salgados de muito tempo” (AM, 2004, p. 131). As boas conservas de peixe em sal eram as conservas jovens. Mas é justamente para permitir o transporte e fazer chegar peixes a vários lugares, onde seriam vendidos aos pobres (provavelmente para consumo nos dias magros), que se produziam as conservas em sal. Ao retirar este sentido utilitário do uso do sal, as conservas jovens (portanto

feitas sem *necessidade*, mas por *opção*) tornavam-se aceitáveis simbolicamente nas mesas mais privilegiadas. O que orientava o emprego de conservas em sal no caso dos peixes era ainda um segundo elemento, por meio do sal se retirava a viscosidade repulsiva de diversos animais aquáticos, secando-os e conferindo-lhes ao mesmo tempo, o gosto básico de *toda comida*. Salgar era em casos como estes, um meio pelo qual se tornavam comestíveis diversos animais ou partes de animais que possuíam alguma ambiguidade perigosa.

A aguardente do açúcar é um elemento do Novo Mundo, que “os bárbaros chamam de rum”. Seu uso era o mesmo das aguardentes tradicionais, poderia ser tomada com moderação para cozer os humores frios e úmidos daqueles estômagos e cérebros que o necessitassem, dando vigor aos “espíritos”. Mas em excesso causava inúmeros males de causa quente e seca, fervendo o sangue, como vertigens, cólicas, convulsões das fibras estomacais e do ventre, sede etc (AM, 2004, p. 208).

O açúcar, apesar de ser descrito como quente e seco, poderia ser úmido quando fresco, secando-se “depois de velho”. Por ser tido como abstergente, era recomendado em purificações de todo o tipo, desde feridas externas às pedras nos rins e às “névoas dos olhos”. A capacidade de laxar o ventre era associada à purificação, portanto a abstergência podia ser laxativa, à medida que facilitava as excreções. Assim se explica a utilização do açúcar em preparados para excretar os catarros em tosses e rouquidões, que o condimento ajudaria a excretar. Seus excessos também eram condenados, sendo nocivos, não somente àqueles de “estômagos quentes”, aos de natureza colérica e biliosa, como a todos os que se excediam, nos quais padeciam de males de causa quente e seca, como icterícias, azias, dores de ventre, cáries, febres e até “exulcerações escorbúticas”. Seu licor seria corrosivo até para “metais duríssimos”. Alguns autores chegavam a reprová-los por completo nos doces. Ainda assim, Henriques reconhecia o doce como privilégio social, seus temerosos danos não ofenderiam aquelas “pessoas que com eles se criaram, porque já o costume os tem feito familiares à sua

natureza, a qual se acomoda bem e recreia com eles”. O uso culinário mais referido é o das conservas de frutas, que gozavam de grande tradição na doçaria portuguesa e de grande utilidade no verão, quando os frutos estragavam mais rapidamente (AM, 2004, p. 207). Os únicos que poderiam ter se acostumado desta maneira com os doces eram os privilegiados, deste modo Henriques deixava apenas aos pobres a necessidade de se precaver de seu consumo.

Apesar de terem vencido boa parte da resistência da dietética tradicional em relação às frutas, a corrupção das mesmas ainda era muito temida. Segundo Henriques, todos os dietários vetavam as frutas aos doentes e Galeno teria se livrado para sempre de doenças, abstendo-se das mesmas. Seus excessos de umidade poderiam causar excessos em todas as partes do corpo, como reumatismos, diarreias, inchaços e corrupção do estômago (AM, 2004, p. 181-182). Os frutos de outono possuíam mais tempo de exposição ao sol, sendo considerados menos úmidos e mais seguros. Os frutos de verão, mais úmidos, poderiam ser conservados e comidos com açúcar, prevenindo-se dos males.

O mel, como o pão era um dos poucos que poderia ser considerado “alimento e medicamento”, tinha as mesmas virtudes do açúcar, porém mais valorizado. O autor retoma utopias alimentares antigas. Plínio o teria chamado de “néctar divino” e que teria o poder de aumentar a longevidade. Segundo as *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* (Livro 8, Cap. 1: Pitágoras) de Diógenes Laércio (séc. III d.C.), Pitágoras, exemplo de frugalidade, teria vivido noventa anos alimentando-se por muito tempo apenas de mel. O médico Santo Antíoco, que foi martirizado pelos romanos no fim do séc. III “comia todas as tarde pão e mel ático e viveu mais de oitenta anos”. O gramático Télefo teria vido cem anos, comendo mel, segundo *De sanitate tuenda* de Galeno (AM, 2004, p. 206).

Como o sabor doce na dietética tradicional estava associado ao nutrimento (o sangue era “doce”, por exemplo), o mel era considerado “puro nutrimento” tanto para o corpo, quanto

para a alma. Isto era comprovado com uma citação bíblica sobre a alimentação de São João Batista, baseada em manteiga e mel: “Butyrum et mel comedet, ut sciat eligere bonum et reprovare malum” ou “Comerá manteiga e mel, para que saiba eleger o bom e reprovado o mal”. Henriques legitimava o argumento cientificamente, “a razão natural” seria de que do bom nutrimento geravam-se bons humores e espíritos, que garantiam o bom funcionamento do corpo e do cérebro, aclarando “o engenho e o entendimento, cuja operação consiste no verdadeiro conhecimento do bom e do mau” (AM, 2004, p. 207). O sabor aparece como forma de saber, de distinguir, de conhecer, e conhecer através do “néctar divino” proporcionava um saber igualmente elevado.

IV. 7. Novas bebidas para adoçar a vida: um mundo em transformação

Segundo Flandrin, no princípio da Europa Moderna, dois terços dos alimentos para os doentes eram temperados com açúcar, “o mais temperado dos alimentos”.³⁰¹ A princípio o açúcar da cana só era utilizado como remédio e era encontrado apenas nas farmácias ou “drogarias”. Mas a cozinha se servia das regras dietéticas e assim como as especiarias, as propriedades médicas de um produto acabavam determinando sua inserção na cultura alimentar, ocupando o lugar criado para isso, o dos condimentos, temperos, aromas, adubos. Inicialmente utilizados para contrabalancear, corrigir aquelas qualidades consideradas excessivas ou indesejadas nos alimentos, para gerar as condições adequadas à digestão, acabaram sendo conhecidos e apreciados pelo gosto. Ajudava também, os médicos considerarem muito importante a capacidade do alimento de apetecer e de ser recebido com gosto pelos paladares. Apesar das regras dietéticas, no período de Henriques, estas já passam

³⁰¹ FLANDRIN, Jean-Louis. Condimenti, cucina e dietetica tra XIV e XVI secolo. In: FLANDRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo (dir.) *Storia dell'Alimentazione*. 4ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007, p. 392.

por um afrouxamento e a gula vai ganhando espaço, como vimos com a tolerância do médico a respeito dos excessos com açúcar por parte das elites.

De certo modo, estas propriedades simbólicas dos produtos do oriente e em seguida da América quente, prepararam a sorte do açúcar na consolidação de novas bebidas, chegadas à Europa e difundidas pelo mundo, com a expansão mercantil-colonial daqueles séculos: o chá, o chocolate e o café, nenhuma originalmente adoçada em seus países de origem e mais do que isso, deu-lhes um significado importantíssimo, que as tornou passíveis de serem incorporadas com tamanho sucesso no sistema cultural do Ocidente.

Henriques apontava que o vinho estava cedendo espaço a estas novas bebidas nas mesas altas, enquanto os pobres permaneciam com o mesmo:

os cavalheiros, os príncipes, os homens ricos, que põem uma mesa de alimentos sólidos e muito nutrientes, escusam de beber vinho, principalmente quando frequentam as bebidas de chocolate, chá e café, com que se ajuda o calor do estômago para boa dissolução dos alimentos e dissipação dos flatos que resultam das cocções. (AM, 2004, p. 238)

Nesta passagem, estas ocupam o mesmo lugar destinado tradicionalmente às especiarias e a tudo aquilo que é chamado de condimento e tempero, ou seja, a de fortalecer o calor estomacal para melhorar a digestão dos alimentos. Na mescla de concepções tradicionais com aquelas oriundas da fisiologia da época, Henriques utiliza o vocábulo dissolução para expressar o processo digestivo em termos químicos. Ora, pela digestão química são os ácidos, como o vinagre, que por sua vez estavam associados ao frio e seco, que corroboravam a digestão e não o calor. Ainda assim, fortalecer o calor estomacal permanece em Henriques como um processo complementar e neste sentido, as novas bebidas quentes e secas (como as especiarias, os condimentos, adubos e como o sal, o vinho e o açúcar) na moda entre as elites, cumprem o mesmo papel no processo digestivo que era atribuído às especiarias. Este pode ter sido o “lugar” que facilitou inicialmente sua introdução e aceitação, ao menos para os médicos, na cultura alimentar. Os estudiosos apontam que a determinar o sucesso do chá, do

café e do chocolate foi o fato destas serem açucaradas no ocidente, enquanto em seu país de origem isto não ocorria. A combinação teria servido para difundir ainda mais o açúcar.³⁰²

O fato de virem do oriente era importante para pessoas que viam os seres humanos como criaturas imperfeitas, do desejo e da necessidade, “cuja existência terrena pode ser reduzida à busca do prazer corporal e da anulação da dor”, crença que segundo Sahlins se tornou dominante no século XVII e é atestada pela voracidade com que os mercados europeus desejaram os “alimentos-droga” nos anos seguintes. Para o antropólogo, no século XVIII

a Ásia entrou na consciência da Europa como uma cura. Terra de especiarias e de drogas, dos preservadores dos alimentos e da vida, O Oriente, como disse Dermigny, apresentou à Europa não só um espetáculo deslumbrante para os olhos, mas uma presença que insinuava no corpo todo. ‘O que ele proporcionou a uma Europa adoecida e pecaminosa – adoecida, sem dúvida, por ser pecaminosa – foram meios de restaurar a saúde: remédios’.³⁰³

Na verdade o ocidente esteve em busca do oriente para lhe fornecer aqueles produtos que deveriam satisfazer suas necessidades infinitas desde a busca pelas especiarias. Havia um lugar aonde buscar novidades poderosas para curar a humanidade e com a descoberta do Novo Mundo, havia também um local a ocidente propício a cumprir papel semelhante. Os locais de terra quente produziam alimentos-droga de qualidade quente e como vimos isto lhes conferia um lugar nas crenças dietéticas e na cultura alimentar.

Henriques dedicou estas bebidas nos capítulos XI, XII e XIII da Seção IV, destinada à água, ao vinho e a “outras bebidas alimentares e medicamentosas que no presente século se frequentam”. O chocolate, tido como “melhor bebida inventada pelos castelhanos” aparece preparado necessariamente com baunilhas, canela, açúcar, cacau e água. Sendo os três primeiros quentes e os dois últimos frios, o médico adverte que suas qualidades serão sempre

³⁰² LEMPS, Alain Huetz de. Bevande coloniali e diffusione dello zucchero. Trad. Cristiana Maria Carbone. In: FLANDRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo (dir.) *Storia dell'Alimentazione*. 4ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007, p. 492 ; FLANDRIN, Jean-Louis. I tempi moderni. Trad. Laura Gras. In: FLANDRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo (dir.) *Storia dell'Alimentazione*. 4ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007, p. 436-437 ; SAHLINS, Marshall. A tristeza da doçura, ou A antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004, pp. 561-617.

³⁰³ SAHLINS, Marshall. Cosmologias do Capitalismo: o setor transpácífico do “sistema mundial”. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004, p. 485.

quente e seco, mas que pode ser preparado com combinações distintas modificando a intensidade destas qualidades. Havia ainda aqueles de outra opinião, que consideravam o chocolate temperado. Entre os astecas e maias, o chocolate era uma bebida amarga e sagrada com diversos atributos sociais, médicos e religiosos.³⁰⁴ Os preparados nativos podiam utilizar ingredientes como o chili e o milho. Os espanhóis se interessaram pela bebida altamente valorizada entre os indígenas, provavelmente atraídos pelas suas propriedades, mas acharam a bebida muito amarga³⁰⁵ e passaram a prepará-la com açúcar, pimenta e canela, ingredientes das índias orientais e ocidentais. Henriques aconselhava cautela na utilização de outros “aromas” comumente utilizadas em seu tempo, como âmbar e almíscar para não tornar excessiva a qualidade quente.

Além de favorecer a digestão cozendo “as cruezas e fleumas do estômago” Henriques o considerava nutritivo, bom para os espíritos, para o sangue, para os genitais, para o sistema nervoso (também atingido por males de causa fria), para as cólicas frias, febres oriundas de excesso de sexo ou de indigestões, vertigens, boa para a cabeça, para o útero, nos catarros frios, facilita a evacuação da urina e das menstruações, boa “nas síncope e na debilidade essencial; porque corrobora o calor natural, gera sangue espirituoso (...) restaura forças, vigora as entranhas e alenta o corpo todo” (AM, 2004, p. 249). Seus excessos poderiam provocar males de causa quente, como a queima dos alimentos, a inquietação dos espíritos, febres, indigestões, cólicas, tremores, insônias. Em tempos de afrouxamento das regras dietéticas, o chocolate era indicado a qualquer época do ano e hora do dia, antes ou depois de comer, observando somente a moderação. Era mais recomendado aos gordos e fleumáticos que aos adustos e coléricos. As mulheres eram particularmente recomendadas a

³⁰⁴ ALGRANTI, Leila Mezan. Bebida dos deuses: técnicas de fabricação e utilidades do chocolate no império português (séculos XVI-XIX). In: ALGRANTI, Leila Mezan & MEGIANI, Ana Paula Torres (org.). *O império por escrito*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 403.

³⁰⁵ LEMPS, Alain Huetz de. Bevande coloniali e diffusione dello zucchero. Trad. Cristiana Maria Carbone. In: FLANDRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo (dir.) *Storia dell'Alimentazione*. 4ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007, p. 492.

tomar o chocolate, pois o útero era úmido e poderia necessitar de secura; os velhos poderiam encontrar um reforço no calor natural. Assim como em relação ao vinho, os meninos estavam vetados de tomar a bebida.

O chá, “uma erva que vem do Japão e da China” aparece também como quente e seco, com muitas virtudes medicinais (AM, 2004, p. 251). A prática do chá tinha origem muito antiga, possivelmente por volta de 2700 a.C., quando começou a se utilizar as folhas jovens dos pequenos arbustos da *Thea sinensis* das montanhas do sul da China. A infusão era utilizada em âmbito religioso e só no período dos Tang (618-907) começaram a se difundir as casas de chá. Já no século VIII o chá havia sido introduzido no Japão e em todos os vizinhos do oriente e da Ásia central. Durante as expedições marítimas portuguesas estes entraram em contato com a bebida e os lisboetas foram possivelmente os primeiros europeus a bebê-la ainda no século XVI. No século seguinte a bebida é difundida pela Companhia das Índias orientais dos holandeses, que viam nela uma excelente droga. O século seguinte foi o da grande popularização do chá, contribuindo para isso a vontade de substituir o consumo de álcool pelo de chá.³⁰⁶ Mas quando Henriques escrevia era ainda moda entre as elites.

Henriques acreditava que no oriente não deveriam existir a gota e “o achaque de pedra” pelo emprego do chá e que entre os japoneses o mesmo tivesse propriedades contra os males da vista. A bebida também é considerada estimulante e serve em geral a combater os mesmos males que o chocolate, além de ser indicado para males como a epilepsia, estupores, excesso de sono, dificuldade de ouvir e ainda no escorbuto. Como estimulante a bebida era tida como um antídoto contra a embriaguez do vinho. Seus preparos eram infusão em pó em água quente ou leite, com ou sem açúcar. O amargor e a adstringência da bebida eram atribuídos a presença de “partículas absorventes” que ajudavam o estômago (AM, 2004, p.

³⁰⁶ LEMPS, Alain Huetz de. Bevande coloniali e diffusione dello zucchero. Trad. Cristiana Maria Carbone. In: FLANDRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo (dir.) *Storia dell'Alimentazione*. 4ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007, p. 497.

251). Sem açúcar era a maneira como se preparava o chá como os portugueses haviam experimentado inicialmente, em seu país de origem. O amargor da erva, ainda que não fosse agradável, era considerado dono de propriedades medicinais, portanto Henriques não poderia rejeitá-lo, mas já indica a adição de substâncias altamente significativas. O leite lhe conferia sentido nutritivo e o açúcar, curativo. Ambos serviam para temperar o amargor original. O médico ainda deixa a entender que havia várias outras formas de prepará-lo, pois estes eram apenas os modos mais “ordinários”. O melhor tempo para colher as “folhas miúdas e inteiras” era na primavera. Os sãos poderiam tomá-lo a qualquer hora, pois o chá não lhes poderia fazer dano algum. Os que o tomassem por remédio deveriam saber quando tomá-lo. Para ajudar a digestão deve ser tomado logo após comer. Para não dormir se toma quando se quer estar acordado. Para as dores de cabeça, toma-se após o almoço e o jantar. Para a prevenir-se de outros males, toma-se às seis horas da tarde, em jejum. O chá se encaixava em quase todas as situações e poderia ser tomado a qualquer hora do dia que serviria para satisfazer alguma necessidade (AM, 2004, p. 252-253). Era como tomar “uma dose clara de satisfação”.³⁰⁷

“O café, que hoje tanto se frequenta”, diz Henriques, “é um fruto de certas árvores da Arábia a que os naturais chamam *Bon* e *Bonchu*” (AM, 2004, p. 255). A bebida poderia ter origens árabes, mas no que diz respeito à planta, esta tinha origem nas montanhas da Etiópia e foi introduzida no Yemen em algum momento da Idade Média. Na Etiópia seu consumo era em forma de pasta misturada com manteiga e só no sul da península arábica é que as sementes da fruta são torradas, feitas em pós e jogadas na água fervente para produzir uma bebida. Os sufis a utilizaram com o objetivo de permanecer acordados durante a noite nas vigílias de oração. No século XV já havia locais na Mecca, onde se tomava café por degustação e no XVI a bebida conquista o Cairo, Constantinopla e todo o oriente médio. Pelo comércio entre

³⁰⁷ REPPLIER, Agnes. *To think of Tea!* Boston: Houghton Mifflin, 1932, p. 40 apud SAHLINS, Marshall. *Cosmologias do Capitalismo: o setor transpacífico do “sistema mundial”*. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004, p. 498-499, ver nota 55.

turcos e venezianos o café chegou às cidades italianas já no fim do século e se difundiu no princípio do XVII. O fundo queimado do café turco não agradou aos italianos, que inventaram o filtro para coá-lo e a partir daí surgem os “cafés” como locais de convívio. Em seguida, estes locais se difundem pela França e pelo restante do continente europeu. No fim do século XVII já havia surgido uma cafeteira para filtrar o pó da bebida. As plantas se difundiram a partir dos interesses comerciais holandeses e franceses. No princípio do século XVIII, o jardim botânico de Amsterdam conseguiu plantar com sucesso uma variedade vinda de Java, que depois foi plantada no Jardim de plantas de Luís XIV e em seguida difundida pelas colônias, particularmente Santo Domingo. Os ingleses a introduziram na Jamaica e os holandeses no Suriname. Em 1723 uma planta da Guiana francesa foi transportada para o Pará, dando início às plantações brasileiras. Os ocidentais literalmente moveram mundos para aumentar sua produção. Já na época em que Henriques escrevia, milhares de toneladas de café se consumiam a cada ano.³⁰⁸

Esta bebida também era quente e seca, altamente em voga e útil em diversos males (os mesmos do chá, diz o autor), mas particularmente eficaz na cabeça, para afugentar o sono, vigorar “os espíritos animais e conservando-os sem ofensa em todo o tempo da vigília” (AM, 2004, p. 255). No Egito, as mulheres faziam uso do mesmo durante as menstruações para garantir abundantes purgações, segundo dizia o professor de botânica de Padova, Prospero Alpino (1553-1616), em seu *De medicina aegyptorum* (1591) (AM, 2004, p. 255). Seu forte aroma era tido como “balsâmico” e portanto, poderia desobstruir as vias, tanto as da cabeça e do sangue, quanto as da digestão e do útero. Na virtude de desobstruir, que ajudava a eliminar os flatos, a manter acordado e vigorar os espíritos animais, o café era considerado superior ao chá. Seu modo de preparo não havia incorporado o uso de filtros ou coadores: “torrando-o e

³⁰⁸ LEMPS, Alain Huetz de. Bevande coloniali e diffusione dello zucchero. Trad. Cristiana Maria Carbone. In: FLANDRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo (dir.) *Storia dell'Alimentazione*. 4ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007, p. 494-496.

fazendo-o em pós, de que se lançará uma colher em dez onças de água que esteja a ferver, revolvendo os pós com uma colher, até tirar-se bem a tintura do café, e, estando assim, bebesse a água, deixando ficar os pós” (AM, 2004, p. 256).

A adição de leite de vaca, cabra ou ovelha, era aconselhada para que se temperasse o café para as pessoas sãs que fossem de temperamento quente, ou seja, que fossem “vigilantes, espertos e orgulhosos” ou “pessoas magras e secas”. Nestas pessoas o excesso de café poderia agravar a *secura*, causando paralisias, estupores e “impotência nos usos de Vênus”, segundo advertências do médico inglês, Thomas Willis (1621-1675), que em sua *Farmacêutica racional* ou *Pharmaceutice rationalis sive diatriba de medicamentorum operationibus in humano corpore* (1674), recomendava o café somente aos obesos e carnosos ou que tivessem o sangue “insípido, aquoso, crasso e pouco balsâmico”, pois o café teria partes oleosas (balsâmicas e quentes) e voláteis que serviria a facilitar a circulação sanguínea, combatendo os “humores crassos e víscidos” que a perturbariam. A quantidade receitada por Henriques era de apenas uma xícara por vez, tomada de pela manhã, em jejum, e a tarde “três ou quatro horas depois de almoçar” (AM, 2004, p. 256).

A ascensão destas bebidas ocorreu também sobre o espaço anteriormente ocupado pelo vinho, pela cerveja, pela sidra, pelo hidromel e outras bebidas. Os ibéricos já conheciam diversas outras, que eram produzidas com açúcar ou mel. Segundo Henriques, “os castelhanos (...) são famosos pocionários” e faziam uma bebida chamada “aloja” que era feita com água, mel ou açúcar, “em porção bastante para ficar com moderada doçura”, com canela ou cravo “e algumas vezes sumo de limão azedo”. A bebida era agradável e tomada “com grande frequência” em tavernas públicas, muitas vezes nevada, contribuindo para refrigerar as entranhas no verão e sem ofensa ao corpo “pela mistura dos aromas e mel com que se prepara” (AM, 2004, p. 230). Já havia os ambientes propícios à experimentar em convívio as novas bebidas açucaradas, assim como ocorria nos outros países. Também se faziam bebidas

“muito agradáveis ao gosto e confortantes” com o sumo das “ginjas doces e azedas e das romãs”, sempre misturando açúcar e neste caso também vinho vermelho.

Em Henriques vemos a peculiaridade das novas bebidas não estarem associadas obrigatoriamente ao açúcar, exceto o chocolate. O médico português preferia temperar o amargor do chá e do café com o leite. Bluteau também não coloca o açúcar como ingrediente obrigatório no chá e café, dá a mesma receita de Henriques a respeito do chocolate (cacau, açúcar, baunilha, canela e possivelmente âmbar e almíscar),³⁰⁹ faz algumas ressalvas ao café e considera este junto ao chocolate bebidas mais da moda que o chá: “Alguns annos há, que o Chá era muito usado em França; hoje as bebidas gabadas são o Caffé, & Chocolate”. Isto pode significar uma particularidade portuguesa sob influência dos costumes franceses. Mas Montanari considera que na Espanha e na Itália, as elites clericais e aristocráticas teriam se afeiçoado mais ao chocolate. A Igreja autorizou seu uso nos dias magros, o que provocou uma grande difusão nos ambientes religiosos. Nestes países, o chocolate tornou-se “um simbolo da moleza e ociosidade aristocrática, polemicamente contrapostas à atividade e à lúcida racionalidade das camadas burguesas”. De fato as outras bebidas mais estimulantes teriam se difundido com mais intensidade já no tempo de Henriques onde a cultura racionalista e burguesa era mais forte, como o chá na Inglaterra e na Holanda, e o café entre os *philosophes* franceses. O chocolate é efetivamente o mais louvado dentre as bebidas e Henriques já percebia no café uma propriedade mais intensa para vigorar os espíritos e a disposição para a atividade.

³⁰⁹ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latino, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau clérigo regular, doutor na sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo II – B-C. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu. 1712, do café p. 36, do chocolate p. 296 e do chá p. 265

A difusão mercantil destas bebidas dependeu da criação de novas necessidades e novos desejos por “drogas novas e mais fortes; de energia de euforia”.³¹⁰ Havia se criado uma disposição corporal para sentir as diversas necessidades cotidianas “como dores fisiológicas, como privações similares à fome e à sede”,³¹¹ uma somatização se poderia dizer. A função de adoçar bebidas amargas era, segundo Sahlins, a de produzir no registro do gosto a cura que se desejava para a existência. Estas também tinham claramente um sentido moral, o de substituir as bebidas alcoólicas, a ponto de serem todas consideradas antídoto contra o vinho e suas “temulências”. Efetivas para os males da alma, curas fáceis para quase todo tipo de mal, satisfações moralmente corretas dos desejos humanos, corretivos morais contra os vícios do álcool, estimulantes, e quase livres de restrições dietéticas, estas bebidas faziam parte da busca por uma cura doce para a natureza mutável e a vida amarga, através de um gozo livre de culpas.

³¹⁰ MONTANARI. *La fame e l'abbondanza. Storia dell'alimentazione in Europa*. 6ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2006, p. 151-159.

³¹¹ SAHLINS, Marshall. A tristeza da doçura, ou A antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004, p. 574.

Capítulo V – Os antigos e os modernos segundo Francisco Henriques

Próximo de publicar sua *Medicina Lusitana*, em 1710, Francisco Henriques tinha vinte e quatro anos de atuação como médico, quarenta e três anos de idade (ML, 1710, Prolemma s/p.), dos quais doze havia passado escrevendo esta obra (ML, 1710, p. 122), segundo ele próprio. A escrita do livro havia começado ainda em Mirandella e sido concluída em Lisboa, para onde se mudara naqueles anos com o propósito de servir ao Rei, Dom João V. Até aquele momento, o autor havia publicado apenas sua *Pleuricologia* (1701), obra terapêutica, “filha da Eschola de Galeno” e escrita em latim. Escrever em latim era necessário para obter prestígio e autoridade. Após publicar sua primeira obra nesta língua, Henriques se colocou a trabalhar num grande projeto em português, visando alcançar mais pessoas e “tendo por escopo a utilidade publica”, como repetia diversas vezes. Julgava-se satisfeito profissionalmente por ter concluído esta que considerava sua obra magna até o momento, a *Medicina Lusitana*, em que afirmava não seguir nenhuma seita ou escola específica do pensamento médico, além da “razão”. Ao mesmo tempo trabalhou um tomo de Observações latinas, que já estava no prelo e foi publicado no ano seguinte com o título de *Apiario Medico-Chymico, Chyurgico, e Pharmaceutico* (1711) e o *Tratado do uso do azougue nos casos em proibidos*, publicado juntamente com a *Medicina Lusitana*.

O tomo latino deveria ser apenas o primeiro de uma série, o que depois não se verificou e Henriques deixou a língua latina de lado para adotar apenas o português. Em mais de uma ocasião, o médico explicava que já tinha escrito a sua primeira obra em latim para correr riscos de ter sua autoridade questionada de sua autoridade no assunto quando fosse escrever em língua vernácula. Além disso, a insistência com que se justificava por escrever em sua língua materna, defendendo que isto não seria algo desmerecedor, dá a entender que talvez não fosse mesmo de seu real interesse adotar o latim e que, quando o fazia, era apenas

para atender aos protocolos particulares de uma comunidade de pensamento, numa época em que estes perdiam força, mas ainda tinham sua importância.

O médico português tinha queixas em relação ao seu tempo. A medicina teria perdido prestígio junto com o aumento do poder curativo dos médicos. Quando só havia algumas ervas, os médicos eram “Varoens doutos”, enquanto em seu tempo, após o triunfo da medicina química, abundavam de remédios, com os quais muitos enganadores utilizariam mal seus poderes, tirando a vida de homens e “fazendo perder créditos à Ciência”. Além destes “idiotas” e “ignorantes”, os barbeiros, cirurgiões, químicos, boticários, estrangeiros e estrangeirados e ainda “toda a pessoa que se resolveo a curar, sem mays estudo, que o seu atrevimento, nem mays ciencia que a sua resoluçaõ” eram os responsáveis por tais desastres. Ao contrário do que ocorria com os ofícios mecânicos, em que cada corporação controlava o ingresso de novos profissionais, o mesmo não ocorria com a “Arte científica de curar”, esta era exercitada por qualquer ignorante (ML, 1710, p. 117). Esta situação que Henriques condenava fortemente o motivava a escrever em português, pois “o ofício andava tão vulgar”, que tinha se feito necessário engajar-se na vulgarizarização da arte para tentar minimizar os estragos.

Ainda que preferisse escrever em português, se dissesse seguidor apenas da razão e de nenhuma outra escola e proclamasse os valores da divulgação científica, Henriques se mostrava corporativista em suas críticas. Reclamava de um rebaixamento da medicina ao nível das artes mecânicas ou melhor, dos homens que as exerciam. As pressões sociais que a profissão recebia, por maior eficácia terapêutica, eram atribuídas aos insucessos dos charlatães e de todos os que praticavam da arte sem o prestígio necessário para tal. O Doutor Mirandela havia se criado na “Eschola de Galeno”, segundo ele próprio, que era reinante na Universidade de Coimbra de então, fechada aos desenvolvimentos modernos da medicina, que ocorreram fundamentalmente fora do âmbito universitário, justamente dentre aqueles práticos

que Henriques parecia condenar. Ainda assim, não podemos confundi-lo com um conservador inveterado. Este havia aprendido a distinguir aqueles práticos em que se podia confiar e tecia muitos elogios e reconhecimentos aos modernos. Na realidade havia lido e acompanhava com curiosidade as experiências dos práticos, como a de Sanctorio que havia medido com uma cadeira especial o peso do suor perdido num dia e o comparado ao peso das evacuações pelo ventre, em sua *Ars de statica medicina* (Leiden, David Lopes de Haro, 1642) (AM, 2004, p. 280).

Após sair da Universidade “soltamos as velas da curiosidade pelo mar imenso de volumes, e de Authores com que está opulentissima a Arte de Apollo” (ML, 1710, p. 118). Uma boa parte do conhecimento adquirido teve de ser revisto e procurou um posicionamento mais distanciado, nem os antigos nem os modernos deveriam ser seguidos com rigor. Seu ecletismo teórico era justificado quando diversas vezes proclamava seguir apenas “a seita da razão”, como o próprio Galeno havia feito a seu tempo. De fato, a orientação do tratado *Sobre as seitas* era a de avaliar as teorias das diversas correntes, no sentido de realizar uma síntese própria. Henriques criticava então o mestre, tendo como base o próprio mestre.

O Doutor Mirandela nos fornecia uma visão própria do que depois se chamou Revolução científica no campo médico. Os principais responsáveis por descobrir os muitos erros de Galeno teriam sido “os peritos Anatomicos modernos” (ML, 1710, p. 118). As principais descobertas são enumeradas em forma de perguntas que demonstravam um por um os erros de Galeno a respeito da anatomia e também da fisiologia – boa parte versa sobre a digestão: as chamadas “veias lácteas”, por onde passa o quilo após sair do estômago, produto líquido da digestão estomacal, descobertas por Gaspar Asellio (1622), médico italiano; o duto torácico ou receptáculo do quilo, descoberto por João Pecqueto (1651), médico francês; a circulação do sangue que foi descoberta por em 1628 por William Harvey ou “Guilherme Harveo, médico do pulso dos Reys Britannicos”; os vasos linfáticos, descobertos pelo sueco

Olao Rudbakio e pelo dinamarquês Thomas Bartholino (1650-1651); o duto pancreático e o “seu líquido azedo”, por João Jorge Wirfungio, médico bávaro (1642); os dutos salivais inferiores por Thomas Warthono (1655), médico inglês; os dutos salivais superiores pelo dinamarquês Nicolao Estenono (1661); a “artéria bronchial”, que passa pelos bofes ou pulmões, pelo anatomista de Amsterdam, Ruych (1655); a teoria de que os homens se gerariam como os ovíparos, “dos ovos que tem o sexo feminino”, sustentada por Regnero de Graaf e outros diversos anatomistas; as “glândulas mucilaginosas”, responsáveis pela lubrificação, defendidas por Cloptão Havers e Manget (ML, 1710, p. 118).

Mais adiante Henriques enumerava alguns dos princípios terapêuticos dos galenistas que considerava equivocados, como a proibição de se sangrar meninos até os quatorze anos de idade e as recomendações de se sangrar até ao desmaio aquelas pessoas que sofressem de dores agudas, inflamações ou febres ardentes, nas quais preferia utilizar as purgas (vomitórios) para reestabelecer o equilíbrio e eliminar impurezas. Protesta contra o fato de muitos médicos sangrarem “até acabar com a febre ou com o doente” (ML, 1710, p. 119-120), protegendo-se indignamente atrás da autoridade de Galeno e defende que as purgas possam substituir as sangrias principalmente no princípio das febres, pois a maioria seria oriunda de humores excrementícios localizados no estômago, que em excesso por causa da alimentação, produziriam vapores que afetariam a cabeça. Desta maneira as purgas poderiam ajudar ao eliminar alguns destes humores quando ainda não tivessem contaminado o sangue. Neste caso, com excesso de matéria misturada no sangue, as sangrias poderiam ajudar a minorá-las, permitindo à natureza vencer por sua conta as forças da matéria responsável pela febre. Remédios como os “cordeays solutivos” de João Curvo Semedo também poderiam ser utilizados quando os humores fossem “incoctíveis” (tanto a digestão quanto outros processos de transformação interna no corpo possuíam a analogia com o cozimento do alimento: a doença em estado cru deveria ser cozida pela natureza para se curar), à medida que afetariam

o coração (cordiais), aumentando o calor e dissolvendo os mesmos, que seria eliminada pelo suor (ML, 1710, p. 120-121).

Após fazer o elenco das “descobertas” que haviam modificado permanentemente a medicina no século XVII, atacando princípios básicos da anatomia galênica, de sua fisiologia e em menor parte de sua terapêutica, o Doutor Mirandela critica também o ensino da Universidade que se fazia alheio a estas descobertas: “E a lastima hé, que haja ainda hoje Mestres que da cadeyra estejam ensinando, que o hé o fígado officina do sangue, e que na mesma acção de sanguificar gera o sangue, a fleuma, a cholera, e a melancholia” (ML, 1710, p. 118). O sangue, no galenismo, era gerado no fígado após a digestão que ocorria no estômago e daí se distribuía pelo corpo, sendo consumido pelas carnes. A circulação como a concebeu Harvey, havia demonstrado a função do coração de centro da circulação, ainda que para muitos como Descartes, esta circulação se desse em função do calor vital, enquanto para outros, como Plêmpio, esta circulação ocorria em função do bombeamento mecânico produzido pelo coração. De todo modo, a descoberta da circulação do sangue e de outros fluidos, o suco pancreático e a linfa, tornavam difícil manter a ideia dos quatro humores intacta. No galenismo, fleuma, sangue, cólera e melancolia existiriam em mistura perfeita nas veias, portanto o que corre nas mesmas não era somente sangue. Um desequilíbrio provocaria a separação de parte destes humores da mistura, tornando-o visível. Assim as sangrias poderiam ajudar a manter o equilíbrio eliminando excessos. Estas no entanto não estavam ameaçadas pelas novas descobertas, uma vez que predominava no fundo ainda a ideia do equilíbrio.

Desta forma, Henriques concilia o galenismo: o sangue seria o único humor que corre nas veias, mas poderia ter a característica mais fleumática, colérica ou melancólica. Para os efeitos práticos preservava-se o instrumental do galenismo, que permitia ainda abordar os temperamentos a partir da perspectiva humoral e contribuir fundamentalmente à

individualização do paciente, bem como à definição de processos terapêuticos específicos e a importância dada à definição do regime, como meio de se conduzir a doença ao término da melhor forma possível.

Entretanto, a digestão havia de mudar, de fato a descoberta das glândulas que lançavam o “ácido fermentativo” ajudava a digerir aquilo que o simples calor da cocção não poderia fazer. A analogia com o cozimento, do estômago como uma panela natural, não escapou ilesa. O calor ainda tinha uma função e a palavra cozimento continuava sendo utilizada, mas reconhecia-se que o que ocorria dentro do corpo era uma transformação de caráter químico, sem a qual não seria possível produzir um líquido homogêneo a partir da ingestão de substâncias tão distintas: se apenas o calor atuasse, “a vacca havia de ficar vacca, a perdiz havia de ficar perdiz”. Mas a analogia explicativa da vez não escapava ao âmbito alimentar, saía a panela e entrava a panificação: o ácido era chamado de fermentativo em analogia com o processo de levitação do pão, os alimentos eram levedados “como o fermento azedo do pão fermenta, e leveda a massa” (ML, 1710, p. 119).

Dentre as consequências desta digestão moderna, estava a diminuição da recomendação das especiarias, “condimentos” e “aromas” de virtude quente e seca, tradicionalmente utilizados para facilitar a digestão, uma vez que o foco mudava da busca do calor para a busca da acidez. Ganhavam espaço como digestivos os vinagres fortes ou licores azedos após as refeições – ainda que os vinagres não fossem exatamente uma novidade, pois Galeno já os considerava particularmente digestivos, ao lado do vinho, do gengibre e da pimenta.³¹² Na doutrina alquímica de Paracelso, o responsável por este processo era o *archeus*, “uma entidade, uma espécie de alquimista”, que realizava a primeira separação da

³¹² GALENO. *Sulle proprietà dei cibi* – Libro III. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 179.

comida, eliminando as partes impuras e assimilando as puras, que depois seguiriam para novas digestões até comporem o corpo.³¹³

Assim como não era mais possível seguir integralmente a doutrina galênica, também não considerava conveniente seguir indiscriminadamente os modernos. Condena acima de tudo o excesso de paixão na crítica com que muitos pretendiam destruir as autoridades antigas, pois como havia aprendido de Platão, a paixão irascível poderia turvar a razão, quando a alma racional deveria se sobrepor para permitir qualquer conhecimento. Assim, critica aqueles dentre os modernos que se propuseram a destruir Galeno, como se tivesse sido “infiel expositor de Hipócrates, a quem sobre todos veneram” – refutar a autoridade de Hipócrates, como primeiro pai fundador era mais difícil e muitos lembravam-se de uma passagem confusa, pela qual procuravam dizer que este já teria desconfiado da circulação sanguínea: *Crassae venae sibi mutuo alimentum subministrant, internae externis, vicissimae external internis* ou “Vão, porém, das veias grossas, internas e externas, ao ventre e ao resto do corpo, e intercambiam-se mutuamente, as de dentro com as de fora, e as de fora com as de dentro”.³¹⁴

O médico português proclamava que nenhum autor poderia reduzir os outros a “escravos de sua doutrina”. Após reconhecer a historicidade do conhecimento, Henriques também reconhece a traducibilidade entre aquilo que chamamos de estilo de pensamento e outro estilo, o que também seria o mesmo que dizer que seria possível traduzir a experiência que se comunicou em uma época de uma maneira à linguagem utilizada em outra época, associada por sua vez a outra experiência e estado do saber. A maneira que Henriques encontrou de conciliar a disputa entre partidários dos antigos e partidários dos modernos foi reconhecendo o caráter estilístico de cada pensamento (inclusive do próprio) e atentar ao

³¹³ COUTO, Cristiana. *Arte de cozinha: alimentação e dietética em Portugal e no Brasil (séculos XVII-XIX)*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007, p. 58.

³¹⁴ HIPÓCRATES. *Da natureza do homem*: 11. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 48; Cf. ML, 1731, p. 842.

léxico. Se utiliza as vozes dos modernos é principalmente com fins pedagógicos, de facilitar a introdução de suas doutrinas entre os portugueses, os quais presume-se estivessem acostumados com a linguagem das doutrinas antigas e precisariam se acostumar ao novo léxico hegemônico. Neste ímpeto diz que muitas das doutrinas que se passam por novas “não diferem das antigas mais que nas vozes com que se proferem, e nas palavras, e termos com que se exprimem”. Dito isto, o médico propõe um breve vocabulário pelo qual traduz as noções antigas às modernas:

Quadro XVIII: Traduções de termos Antigos aos Modernos segundo Henriques

Antigos	Modernos
Fleuma	Lympha
Fleuma crassa	Lympha viscosa
Fleuma salgada	Humor salival
Fleuma azeda	Lympha ácida
Melancholia	Ácido austero, Succo pancreatico, Particulas crassas, tartareas, feculentas, impregnadas de muyto sal acido fixo corrosivo.
Cholera	Humor sulfúreo, salino, com particulas lixiviosas e alcalinas
Cholera tenue e sutil	Alcali volatil
Cholera crassa	Alcali lixivioso fixo
Cacochymia melancholica	Ácido austero estitico
Vapores	Particulas elasticas sulphureo-nitrosas, Ácido volátil, Gás silvestre.
Espíritos animais	Succo nervoso
Espíritos vitais	Particulas do sangue sulphureo salino-volateys
Natureza	Archeu
Obstrucçoens	Coagulaçoens
Qualidades occultas	(efeitos) Says peregrinos e específicos

Tudo que os galenistas explicavam por meio de humores, qualidades, temperamentos e faculdades do corpo, os modernos se dividiam entre as explicações dos movimentos corpusculares da filosofia cartesiana, por meio de diversas partículas; outros ainda seguiam os princípios químicos de Willis, Sylvio Deleboe, de Van Helmont e Takenio, que procuravam explicar tudo pelo “Archeu”, de que já falamos, pela fermentação, sais, partículas sulfúreo-nitrosas, elásticas e alcalinas. O quadro acima expressa sobretudo a correspondência entre os termos galenistas e químicos. Apesar da perspicácia em perceber que as rupturas não eram tão

grandes quanto se proclamavam e que os estilos de pensamento eram comensuráveis, Henriques exagerava na possibilidade de traduzir sem perda de sentido. Era possível perceber que, apesar de considerar que tecnicamente o único humor (no sentido antigo) seria o sangue (e possivelmente o quilo como irá propor pouco depois), percebe-se pelo quadro, que a cólera, a melancolia e a fleuma continuavam agindo por meio dos humores sulfúreos, salinos, alcálicos, ácidos e da linfa, que haviam herdado suas propriedades. Ainda assim, a multiplicação de termos no lado químico, demonstrava a dificuldade de realizar traduções perfeitas, pois os termos haviam se especializado para explicar fenômenos distintos, ainda que se estendessem sobre um campo comum. Assim, seria difícil reduzir o sentido de Natureza ao do Arqueu, embora houvesse sobreposições, já o caso da fleuma e da linfa é o que melhor se comuta. Por um lado os termos químicos eram mais especializados e expressavam um conteúdo que carregava a marca dos novos experimentos, bem como do léxico introduzido a partir dos herméticos, por outro lado esta mesma especialização era acompanhada de uma perda de plasticidade em relação à terminologia mais ampla do galenismo, que com humor melancólico ou fleumático poderia expressar uma quantidade enorme de fenômenos e ajustá-los a uma maior diversidade de experiências, ainda que com menor precisão.

Apesar deste esforço em reduzir as diferenças e traduzir a terminologia, Henriques acreditava seria melhor poder dispensar esta grande quantidade de nomes modernos, que acabariam confundindo “a quem não sabe a sua significação” (seu público português, ainda não acostumado às novas teorias – o que nos diz do amplo compartilhamento na sociedade das categorias da velha doutrina). Os termos antigos eram, sem dúvida, mais fáceis e teria sido melhor continuar a utilizá-los, dizia, “mas visto que não pareceo assim a os Modernos, hé preciso usar das suas palavras, para as fazer domesticas, e correntes, e para facilitar a liçam destes Authores” (ML, 1710, p. 122). O que Henriques percebia é que com a mudança e multiplicação dos termos científicos, ocorria também um distanciamento nos níveis de cultura

que haviam facilitado a comunicação até então. Enquanto expressar-se em termos de quente, frio, seco úmido, ou de cólera e melancolia, ou ainda de, consistências, cores, sabores e odores, certamente evocava significados amplamente compartilhados, as partículas lixiviosas ou as partículas elásticas sulphureo-nitrosas não evocariam facilmente os mesmos sentidos.

O grau de comunicação era muito importante para o Dr. Mirandela, pois se servia dele também para beber nas fontes das “pessoas do vulgo”. Em sua obra utilizou muitos remédios vindos dos práticos e também

da noticia de algumas pessoas do vulgo, que muytas vezes nos inculcaram remedios de grande utilidade; e nós temos tão pouca preunção, que nada desprezamos, porque sabemos, que na virtude de hum remedio vil, e a o parecer ridiculo, esta muytas vezes a saude do doente, que com os remedios mays preciosos se não póde recobrar. Por isto Hipocrates e Galeno faziaõ grande cazo dos remedios que lhe inculcava qualquer pessoa do vulgo, ainda que fosse huma velha ignorante, ou hum rustico sem doutrina (...) (ML, 1710, p. 122)

Afinal, a atitude de Henriques não parece tão conservadora, quanto dá a ver nas críticas aos não diplomados. Este foi capaz de reconhecer o débito da ciência especializada de seu tempo em relação ao saber popular e também às práticas de cura. Assim como diversos outros médicos célebres e não, Henriques não dispensava a utilização de remédios da farmacopeia popular, preferindo “parecer ridículo” aos doutos e rebaixar-se a utilizar “hum remédio vil” de “hum rustico sem doutrina” ou “huma velha ignorante” do que correr o risco de não utilizar o que houvesse a disposição para salvar um paciente. Procurou assimilar as contribuições dos práticos, louvou suas obras, foi profundamente influenciado por elas e suas próprias obras podem ser, grande parte, inseridas nas tradições práticas. Chegou a organizar uma edição póstuma e ilustrada de uma prática do médico seiscentista Duarte Madeira. Podemos considerar que as críticas mais pesadas aos práticos tivessem caráter protocolar e respondessem muito mais às pressões sociais por eficácia terapêutica, que procurava encontrar responsáveis pelos insucessos médicos.

V. 1. Digestão e fisiologia moderna

Na segunda edição da *Medicina Lusitana*, de 1731, ano de sua morte, Francisco Henriques publicou junto ao livro sua *Dissertação dos humores naturais do corpo humano*, primeiramente publicada em 1715, no *Madeira ilustrado*. Esta pequena dissertação chama a atenção pela tentativa de criar uma síntese própria a respeito da fisiologia do corpo humano. Numa época de tantas novidades e críticas à fisiologia humoral galênica, a impressão do progresso da ciência também dava a impressão de que as certezas em geral não são tão certas. Henriques demonstrava as dúvidas para reforçar a dificuldade da capacidade humana de conhecer as obras de Deus. Não importava o quanto a indagassem os humanos, nunca poderiam compreendê-las definitivamente. Sabia-se dos Céus, mas duvidava-se de seu número e natureza, sabia-se da terra, mas não se investigavam as “qualidades de suas produções”, via-se a água, mas não se conhecia os motivos de seu movimento e mesmo no corpo humano não se sabia ao certo de que era composto e de quais humores se nutria. A essência da grande máquina do Universo era inalcançável. A única certeza era de que no corpo havia humores, mas todo o mais estava em dúvida e havia grandes controvérsias (ML, 1731, p. 833).

Sua definição de humor a conecta à mesma etimologia de homem. *Humus*, terra em latim, pois na mesma se achariam águas e humores. Estes seriam tudo que fosse fluido e úmido. Mas a forma como o termo havia se especializado no campo médico lhe conferia o sentido de humores naturais do corpo humano, ou aqueles fluidos dos quais depende a boa nutrição, reta economia e simetria do mesmo. Os demais fluidos eram chamados de licores.

A descoberta responsável por acabar com a teoria dos quatro humores foi a da circulação sanguínea, pois havia retirado do fígado a função de produzir o sangue. Este era o

humor responsável por nutrir o corpo para suas funções vitais. Fazia-se necessário explicar novamente a digestão. A obra de Jean Pecquet (1622-1674) dava referências importantes, *Experimenta nova anatomica, quibus in cognitum hactenus Chyli Receptaculum, & ab eo per Thoracem in ramos usque subclavos Vasa Lactea deteguntur* (1651 – mais tarde junto com *De Circulatione Sanguinis et Chyli Motu e De Thoracicis Lacteis*, 1653), mas também as obras já mencionadas de Plêmpio e de Etmulder, a já citada *Bibliotheca anatomica* de Manget e os *Fundamentos Physiologicos* ou *Fundamente medicinae physiologicae* (Frankfurt, 1678) de Moebio ou Gornorn Moebius. O alimento sofreria cozimento ou comutação (o termo galênico e o termo químico, respectivamente) no estômago, daí prosseguiria pelas veias lácteas ao duto torácico, descoberto no experimento de Pecquet, também chamado de receptáculo do quilo. Daí prosseguiria para as veias onde se misturaria ao sangue, do que resultaria uma nova “fermentação” que o transformaria em sangue. Mas este fluido seria apenas um e não a mistura de quatro humores, como queriam os galenistas. Segundo Henriques, esta opinião já estaria consolidada no momento em que escrevia. Henriques propõe a existência de seis humores: Quilo, Sangue, Linfa, Cólera, Suco pancreático, Suco nervoso (ML, 1731, p. 835-836).

O Quilo é o humor crasso e mais branco que o leite, no qual os alimentos se transformam após a transmutação e homogeneização que ocorre no estômago. O processo se dá como na química da época, o ácido estomacal se encontra com as partes alcalinas dos alimentos, penetrando-as e produzindo a “fermentação”. As partes pingues (oleosas) e sulfúreas se separam, produzindo a cor branca do fluido. A quilificação poderia durar de quatro a sete horas, a depender da quantidade e qualidade dos alimentos e do vigor ou fraqueza dos ácidos fermentativos. Seu sabor também poderia variar se a acidez do estômago fosse maior que a salinidade do humor bilioso do intestino duodeno, para onde o quilo vai após o estômago. Após a quilificação o humor entra em movimento para as veias lácteas até o

duto de Pecquet, aonde receberia linfa serosa para então misturar-se com o sangue (ML, 1731, p. 836-837).

O sangue é o que “alimenta toda a família de Microcosmo”, que fertilizaria todas as partes do corpo a partir do coração, em circulação. Henriques tece uma série de elogios ao sangue. Este humor “alimentício” seria vermelho, doce no sabor, quente nas qualidades de consistência mediana. Estas seriam suas características ideais, mas poderiam variar segundo a alimentação (ML, 1731, p. 837-838). O sabor doce do sangue explica-se pelo sentido que o doce possuía tradicionalmente, como o sabor do que nutre. Consistência, qualidades, sabor e cor são características presentes na tradição galênica.

Nem todos eram partidários das mesmas ideias. Alguns, seguindo Descartes, acreditavam na formação do sangue por meio de elixação (cozimento em líquido) ocorrida no coração através do calor vital. O próprio Henriques havia sido partidário desta ideia, tendo-a defendido em algumas obras, mas havia decidido reprová-la. Para isso, levantava a dúvida de muitos a respeito da existência do calor vital e do coração e de seu papel. Plêmpio já havia polemizado a este respeito com Descartes, defendendo que a função do coração seria mecânica, de bombeamento. Além disso, a química tão em voga sustentava que as transformações qualitativas como a que ocorriam na formação do sangue não poderiam ocorrer apenas pela via do calor. Alguns haviam formulado a hipótese conciliatória, de que ocorreria fermentação no ventrículo esquerdo do coração, o que Henriques também refutava (ML, 1731, p. 838).

O sangue era o humor mais perfeito e no pensamento cristão substâncias perfeitas só poderiam ser geradas por substâncias perfeitas. Dito isto fazia-se necessário compreender de onde viria o primeiro sangue. Este seria originário da fecundação dos ovos no útero materno, que “eleva” um espírito vital, dos princípios seminais e inseridos nos ovos. Só o sangue teria a virtude de “sanguificar”. Esta seria “acção verdadeiramente similar”, ou seja, o sangue

conformaria o quilo em sua própria forma e natureza, um processo de assimilar ou de tornar semelhante o humor distinto e imperfeito. Este “espírito vital” do sangue seria o agente principal da transmutação do quilo, a fermentação seria apenas o meio utilizado pelo mesmo para realizá-la. Vale lembrar que o ar já era o elemento associado ao sangue na teoria humoral, e cumpriria papel de conferir leveza ao sangue, volatilizando-o e dissolvendo suas partes oleosas, ajudando a prolongar a fermentação e a produção do sangue, por meio de suas “partes nitrosas e espíritos nitro-aereos” que ajudariam na mistura (ML, 1731, p. 838-839).

A gênese do sangue é anterior a quase tudo no corpo. Haveria, no entanto, um “licor vital” branco no princípio. Este repete a conexão cromática do quilo/branco-sangue/vermelho, como licor vital/branco-sangue/vermelho. As veias também teriam suas antepassadas em ramificações produzidas pelo mesmo licor. Estas se encontrariam num mesmo ponto, onde se formaria o coração. Aqui, Henriques retoma o poder do calor e da cocção. O branco se tornaria vermelho porque tudo o que se coze se faz vermelho, assim o licor branco do espírito vital, ao entrar em movimento de circulação, seria cozido pelo calor, transformando-se em vermelho/sangue:

assim observamos que os marmellos muy cozidos se fazem vermelhos; o pão muyto cozido toma huma cor rubra; as maçans, & mays frutas assadas, com o calor se fazem exteriormente rubicundas, & até as carnes assadas estão mays rubicundas nas partes externas, que nas internas. E ainda que isto não aconteça em todas as cousas, principalmente liquidas, poys sabemos que as aguas por mays que fervaõ, se não fazem rubras: com tudo aquellas cousas que abundaõ com muyto succo alimenticio, & nutriente, tomaõ cor vermelha quando se cozem. (ML, 1731, p. 839)

A cor é muito importante nas descrições, carrega propriedades determinantes em relação ao próprio humor. É da cor vermelha do sangue que Henriques faz sair a dissolução das partes sulfúreas, oleosas e voláteis que tingem o quilo de vermelho. Tingir de vermelho, neste caso, é sinônimo de produzir sangue. Esta cor era produzida pela dissolução ajudada pela cólera do duodeno e pelas partes nitrosas do ar inspirado. Experimentos haviam sido feitos para comprovar que o nitro soluto intensificaria a cor do sangue “em uma tintura

coccínea e intensamente rubra” (ML, 1731, p. 840) – a cocção, como analogia explicativa, custava a se afastar do pensamento médico.

O sangue seria utilizado pelo corpo para nutri-lo e em seguida produzir linfa, saliva, cólera, suco pancreático, licor gástrico e suco nervoso. Os espíritos (tênués, voláteis e elásticos) eram renovados pelo próprio sangue a partir da alimentação. Por fome, se morreria antes do fim do sangue, por causa do fim de seus espíritos. Além disso, o sangue seria utilizado pelo corpo para produzir o restante de seus humores: linfa, saliva, cólera, suco pancreático, licor gástrico e suco nervoso (ML, 1731, p. 841).

A Cólera correspondia à bile amarela, como na fisiologia humoral. Na química, esta era um humor oleoso, salino, amarelo, amargo no sabor, quente e seco nas qualidades e de uso balsâmico. Sua função seria a de purificar o quilo, fermentar a “massa sanguinária” e com sua virtude balsâmica preservar o sangue da corrupção. Suas partes salinas e oleosas seriam responsáveis por “temperar” e dissolver o quilo e o sangue. Além disso, teria função abstergente, como “licor saponario”, ou seja, limpa os intestinos das fezes; ajuda a formar a cor púrpura do sangue, pois sendo de cor flava, quente, ajudaria o branco a se tornar vermelho, outra cor quente. As qualidades galênicas se misturam às químicas. Temperar e dissolver: temperar era a produção do equilíbrio, a atenuação das qualidades extremadas no galenismo; dissolver era o sentido que se dava à digestão na dietética moderna, entendida como a dissolução das qualidades dos alimentos até o nível dos partículas sulfúreas, salinas e voláteis. O humor continuava quente e seco e preservava sua função “antiga”, de “humor excrementício”, abstergente que facilitava a eliminação das fezes; também adquiria a função “moderna” (tratava-se na verdade, de Van Helmont), de preservação, balsâmica. Por preservar as qualidades quente e seca e ser associado ao fogo na fisiologia humoral, este era “traduzido” à linguagem química como oriundo de partes sulfúreas, aquelas responsáveis pela inflamação. O humor colérico seria produzido nas veas, a partir das partes citadas, junto às partes oleosas,

passando ao fígado pelos “póros biliares, e passa à bexiga do fel, e aos intestinos” (ML, 1731, p. 843).

Outra referência considerava a cólera originada de partes oleosas (sulfúreas) e salinas, que se queimavam e se fundiam na fermentação intestinal do sangue com o calor vital. A adustão, resultante da queimação intensa estava associada à produção do sabor amargo – típico de comida queimada –, ligado à cólera na fisiologia humoral. Os primeiros exemplos vinham novamente da experiência culinária:

O leyte queymado amarga; o oleo de amendoas doces, & a manteyga crua, postos a o fogo, fazem-se rancidos, & amargos. O mesmo se observa no alcaçuz, & nas carnes, que queymadas amargao, porque com o fogo perderão os espiritos doces, & ficarão amargos. Por esta razão he amargosa a cholera, porque na adustão das partes oleosas, & salinas do sangue, dissipam-se os seus espiritos doces. & reluz melhor o amargor que o fogo nellas produz. (ML, 1731, p. 844)

Um experimento químico de destilação da cólera comprovava que a mesma era produzida por muitas partes sulfúreas e oleosas, sal volátil e alguma porção de linfa, que só conseguiria se unir à mistura atraída pelas partes salinas, visto que a linfa correspondia à fleuma, que por sua vez correspondia à água. Nem a água era capaz de se misturar com o óleo, nem o fogo (da cólera) poderia fazê-lo com a água.

A cólera cumpria diversas funções fisiológicas: depurar o quilo no fim do intestino duodeno; “temperar e corrigir” (outro termo da culinária) o azedume do quilo com suas partes alcalinas, o que correspondia à segunda digestão; facilitar a tintura do quilo nas veias, que precisaria das partes oleosas e sulfúreas (quentes como a cor vermelha e a amarela) para isso – segundo Henriques, a cor rubra ficaria “escondida” no quilo, pois mistura-se com os ácidos do estômago (associado à fleuma e portanto, frio e brancos) e o suco pancreático (associado à melancolia, portanto frio e de cor fria). A luta entre opostos havia se transferido para o domínio das cores. Se enxofre misturado ao sal tártaro produzia uma cor rubra, “as coisas sulphúreas” misturadas às “alcalicas” (os sais voláteis) deveriam produzir o mesmo resultado.

Os licores vermelhos também esbranqueciam misturados aos ácidos. Os ácidos estavam ligados ao frio, portanto esfriavam as cores, ainda que não esfriassem necessariamente a temperatura (ML, 1731, p. 845). O excesso de frio chegava a ser corrosivo: “ha hua fonte de agoa fria, de tal qualidade, que metendo nella hum quarto de carneyro, dentro de meya hora lhe gasta a carne toda, deyxandolhe só os ossos” (AL, 1727, p. 133).

A cólera ainda tinha a função de preservar o quilo e o sangue. O amargo estava associado à virtude balsâmica, de conservação dos corpos mortos (múmias) de substâncias como a mirra, o azevre (sumo da babosa ou aloe amarga, usada em purgas) e a losna, todos compostos amargos. As múmias eram conhecidas dos médicos como pertencentes às farmacopeias até o século XVIII, como vimos no Capítulo II. Neste sentido o sabor amargo permitia concluir que a substância estava associada à conservação. A cólera ainda acumulava a função que os antigos davam ao fígado de “vigorar, volatilizar e espiritualizar a massa sanguinária”, prevenindo que o sangue ficasse frio e mal feito, o que poderia provocar as caquexias, debilitações por falta de sangue ou de seu nutrimento. A função de facilitar as evacuações líquidas e sólidas era atribuída, no novo quadro teórico, à sua capacidade de irritar as fibras da bexiga e dos intestinos (ML, 1731, p. 845).

A Linfa era palavra utilizada para designar água (vinho temperado com água era vinho linfado) e por isso também poderia designar a fleuma. No novo quadro a linfa conservava as suas características antigas e era acrescida da descoberta dos vasos linfáticos e de novas funções. Esta era um fluido espirituoso, branco, ténue, azedo e frio. Tinha função de prover “fluxibilidade” ao sangue e ao quilo. Outra descoberta importante era a das glândulas, divididas em conglobadas e conglomeradas. Os antigos teriam dispensado às mesmas somente a função de umedecer os excrementos. As primeiras teriam apenas um globo e as segundas seriam formadas por agrupamentos de globos e são esponjosas e moles, como as glândulas mamárias, que atraem para si as partes mais crassas e quilosas do sangue e da linfa, separando

a linfa láctea ou quilosa, depois excretadas pelos mamilos. Os testículos seriam outro exemplo, estes atrairiam o sangue arterial, do qual separariam “o licor semilacteo que se anima na reuniao de espíritos e se ejacula”. As glândulas da parte superior da garganta fariam o mesmo para soltar linfa na boca e no esôfago e lubrificá-los com a saliva.

Assim havia diversas linfas. As glândulas conglomeradas absorviam a parte serosa do sangue, produzindo a linfa salival, gástrica, pancreática e lacrimal. As glândulas conglobadas utilizariam as mesmas partes do sangue para produzir a linfa clara, sub-acida, sutil, azeda e volátil, animada com espíritos animais (nome tradicional) conduzidos pelos sucos nervosos (nome novo). Esta linfa é conduzida então pelos vasos linfáticos até o duto torácico ou cisterna do quilo, onde se funde com a massa sanguínea, ajudando sua fermentação. Do duto entrava na “veia axillar esquerda” conduzindo consigo os espíritos animais necessários a animar e restaurar o sangue no coração (ML, 1731, p. 846-847).

O fato de circular por todo o corpo podia promover estagnações, que provocariam as hidropisias, com vazamentos na cabeça ou no ventre principalmente, de onde viriam os espirros (“estilicidios”), catarros, tosses, reumatismos, intumescências. Os antigos atribuíam os espirros e defluxos pelas narinas a um processo semelhante de estagnações ocorrido na cabeça e oriundo originalmente de vapores que subiam do estômago. Para efeitos práticos não havia alterações substanciais nas explicações e soluções aos males de estagnações de linfa. As sangrias eram recomendadas nestes casos para diminuir o sangue e com isso a linfa. Como o estômago era o órgão associado à mesma desde a fisiologia humoral, este poderia ser tido como o responsável “remoto” dos distúrbios de excessos de linfa ou de linfa viciada. A conexão fleuma-estômago-acidez permanecia válida. A linfa gástrica era responsável pelos ácidos estomacais que dissolviam e digeriam os alimentos (ML, 1731, p. 847). Neste assunto, as fleumas eram parte da solução entre os modernos, o que representava alteração significativa em relação aos antigos, para os quais estas faziam parte do problema, o que

demandava temperar a comida com ingredientes quentes e secos para ajudar a cozer as fleumas do estômago e evitar que “cruzas” produzissem indigestão.

Os vasos salivais carregavam uma novidade neste campo. Além de ajudar a evitar a sede, mastigar, deglutir e “proferir as vozes”, havia sido descoberta a digestão salival. A qualificação começa na saliva “atenuando, partindo e penetrando os alimentos com suas partes acidas e voláteis”. Disto se retiravam recomendações médicas para a mastigação correta e não engolir precipitadamente os alimentos. A linfa lacrimal lubrificava os olhos para garantir o movimento das pálpebras (ML, 1731, p. 848).

O suco pancreático é um tipo de linfa, então embora Henriques considere em sua teoria a existência de seis humores naturais do corpo humano. Este é apenas um subtipo da linfa. Ele é destacado pela sua importância fisiológica, mas não por se originar do sangue, como o restante (ou dos alimentos, no caso do quilo). O pâncreas possui glândulas conglomeradas e produz um suco. Antigos e modernos teriam se equivocado na maior parte das vezes a respeito de sua função: barreira para as vértebras não machucarem os estômagos cheios, distribuir vasos e nervos, conduzir as umidades excrementícias do sangue e do quilo ao intestino, retirar a cólera do baço, dar passagem ao quilo dos intestinos ao fígado e baço, receber os “recrementos” (as partes mal elaboradas, que devem ser eliminadas) dos nervos e expurgá-los pelos intestinos (ML, 1731, p. 848-849).

Sua função para Henriques seria a de receber as partes aquosas do sangue, produzindo a linfa como nas outras glândulas, misturá-la aos espíritos animais recebidos dos nervos. Estes carregariam uma propriedade doce “temperando” e “dulcificando” as partes salino-voláteis (azedas) do suco pancreático, ficando assim o humor “temperadamente azedo”. Dos vários dutos, o líquido passa ao duto maior e em seguida chega aos intestinos, onde depura os alimentos e contribui com sua acidez moderada na fermentação. Se for lento e crasso acaba obstruindo as veias lácteas e não ajudando a prosseguir a digestão, mas se for

ácido demais acaba viciando a fermentação, causando dores nos intestinos, estômagos e juntas (ML, 1731, p. 849).

O suco nervoso é o humor aquoso, tênue e claro, que nutre as partes nervosas. Se as partes rubras (carnes) se nutrem do suco rubro, as partes claras se nutrem de um suco claro. Na massa sanguínea haveria somente sangue perfeito e partes quílosas, cuja digestão ainda não estaria concluída. Uma parte deste quilo que não se torna sangue, antes de se comunicar à massa sanguínea fornece matéria para a produção do suco nervoso. Como o quilo só se torna sangue pela assimilação por parte do mesmo, aquele que não encontra sangue e nutre alguma parte, torna-se um suco claro. Estas partes seriam os nervos de todo tipo. O suco nervoso escorreria pelas fibras e filamentos fibrosos dos nervos, conduzindo espíritos animais que por serem muito velozes precisariam da viscosidade deste suco para não se perderem facilmente (ML, 1731, p. 850).

Um resumo da fisiologia digestiva de Henriques aparece na *Âncora Medicinal*, em que podemos ver operando o conjunto dos humores elencados na *Dissertação*:

porque nos alimentos há sais voláteis e alcalinos, excitados estes com as partes ácidas do fermento, nasce entre eles um *movimento* ou fermentação intestinal, com que o alimento, já feito quilo [branco], se volatiliza e se vai *aperfeiçoando*, o que se acaba de fazer quando passa do estômago ao intestino duodeno, onde, com a presença do *suco pancreático*, azedo, e do *humor bilioso*, alcalino, se excita uma nova fermentação em que o quilo se depura precipitando-se aos intestinos as partes crassas e impuras, para se expelirem pelo ventre, ficando o quilo tão líquido e tão tênue que possa permear pelas angustíssimas [estreitas] veias lácteas a confundir-se com o *sangue* nas veias até tomar a sua forma e natureza, levando consigo, do intestino duodeno, alguma porção de *cólera*, que conduz muito para mais facilmente receber a tintura do *sangue*. (grifos nossos) (AM, 2004, p. 46)

Conclusão: Estilo de pensamento

O sistema harmonioso do galenismo, que envolvia uma consciência corporal fundada nos humores, esteve apto a incluir diversos fatos científicos introduzidos pelos estudos anatômicos e pela revalorização da prática (como a circulação sanguínea e os ácidos digestivos, dentre outros que veremos abaixo, no séc. XVII). Sua plasticidade que o tornou próximo da cultura popular permitia um intercâmbio contínuo e uma abertura à incorporação do novo. No entanto, cada novo fato gerava tensões neste sistema que o questionaram tanto no período renascentista, quanto durante e após o século XVII, no influxo da Revolução Científica. Para Fleck

um saber desenvolvido, elaborado na forma de um sistema harmonioso, possui a característica de cada fato novo alterar todos os anteriores, por menor que seja essa alteração. Nesse caso, cada descoberta é, na verdade, a recriação do mundo inteiro de um coletivo de pensamento.³¹⁵

Aos poucos o sistema de opiniões que sustentava o galenismo moderno sofreu a erosão de muitas de suas concepções básicas, no processo mesmo de incorporação de novos fatos científicos que muitos tentaram realizar sem ameaçar as bases das autoridades antigas. Desde o primeiro momento, quando de sua formação, a época das recepções baixo medievais dos textos antigos houve polêmicas, como a disputa para legitimar a medicina no campo universitário, que acabou contribuindo para alojá-la naquela instituição de onde muitos iriam ter de se afastar para conseguir renová-la. O próprio Henriques precisou sair da Universidade para “soltar as velas da curiosidade pelo mar” da medicina.

O processo de vulgarização intensificado pela imprensa no Renascimento permitiu a consolidação de diversas noções num nível cultural mais internalizado. Muitas destas eram oriundas de diversas outras fontes, que encontravam ecos antigos no saber e na religiosidade

³¹⁵ FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Trad. Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010, p. 153.

popular, pois fundadas nas categorias sensíveis dos sabores, odores, cores do cotidiano alimentar, das sensações do quente, seco, frio e úmido, cujas experiências são socialmente transversais (e culturalmente comunicáveis). Estas categorias eram orientadas em pares de opostos por fazerem parte de uma vida humana concebida como eterna guerra interna e às vezes externa. Outros elementos marcantes são: a consciência ameaçadora da porosidade dos corpos; o temor das emanções cadavéricas dos ares, os miasmas contagiosos, que exigiam a purificação dos ares através dos aromas, uma atenção redobrada ao ambiente próximo; a busca do equilíbrio corporal, moral e psicológico; o confronto, coexistência e sincretismo entre visões mágicas da natureza e visões que procuravam nela um mundo material de propriedades (às vezes mágicas) a manipular em proveito do ser humano; a procura de uma armadura que a natureza não tinha provido, mas que os amuletos prometiam dar; a disposição em mobilizar tudo o que estivesse a disposição para “prover com a arte o que a natureza negou”; a intimidade com a morte e sua simbologia ambígua; a visão da vida como a busca da satisfação de necessidades em tensão com a culpa pela satisfação das mesmas, mediada pelos antigos princípios da temperança; a crescente consciência das energias internas do corpo e a necessidade de refrigerá-las; a introdução das categorias químicas junto às descobertas da fisiologia e a mescla das duas principais concepções de digestão, com a assimilação do novo ao velho e do velho ao novo; o afrouxamento das regras dietéticas, terreno sobre o qual os médicos tinham construído sua autoridade sobre a vida cotidiana.

Confluem em Henriques recortes das distintas tradições. Como apontam Flávio Coelho Edler e Ricardo Cabral de Freitas³¹⁶ ocorriam amálgamas entre correntes mecanicistas, neo-hipocratistas, vitalistas e outros, promovidos por um ecletismo teórico, que caracterizava boa parte da produção lusitana do século XVIII, época de aceleração das transformações, queda do galenismo e consolidação do mecanicismo. Segundo Abreu,

³¹⁶ EDLER, Flávio Coelho e FREITAS, Ricardo Cabral de. O “imperscrutável vínculo”, corpo e alma na medicina lusitana setecentista. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 29, nº 50, p. 435-452, mai/ago 2013, p. 443.

cinquenta anos depois da *Medicina Lusitana* (1710) vários autores, como Manoel de Moraes Soares, em seu *Memorial Crítico-Médico-Histórico-Físico Oferecido a Favor da Faculdade de Medicina e de seus Alunos* (1760) ainda propunham um ecletismo semelhante ao da cosmologia da dita obra de Francisco Henriques: conciliar novidades do mecanicismo com a Criação, ao exaltar a máquina humana como criação de Deus, microcosmo da máquina do Universo consistindo, portanto, em motivo de devoção religiosa, admiração da obra divina e não de desencantamento do mundo.³¹⁷

As palavras circulam e precisam fazer sentido no interior de cada estilo de pensamento. A frieza da máquina como analogia para o corpo não foi suficiente para carregar consigo seu sentido mais desencantado. Henriques assimilou-a de modo a colocar-lhe os humores a circular e as entidades químicas a animá-la com o calor de seu arqueu e de seu empireuma incandescente. O arqueu originalmente uma entidade poderosa, na fisiologia de Henriques era tratado diversas vezes como a fonte do calor natural. Este por sua vez foi tornado equivalente ou quase aos ácidos digestivos, à medida do que foi possível. Os ácidos faziam a digestão e não mais (apenas) o calor como vulgarmente se dizia, mas as pimentas não deixaram de ajudar na digestão dos alimentos. De protagonista o calor passara a coadjuvante da digestão, mas não desapareceu. As várias substâncias quentes e secas continuaram tendo papel fundamental para cozer as fleumas do estômago, responsáveis pela má digestão e distribuição dos nutrientes, ao lado dos ácidos e do estímulo do vinagre. A visão do corpo máquina, com sua fonte de calor interno e a adoção do princípio da antiperístase, que determinava uma reação oposta do calor natural em relação ao clima, permitia utilizar medicinalmente as energias do próprio corpo, provocando-as com algo de efeito contrário ao que se queria produzir. Assim, ganharam lugar as terapias de banhos frios,

³¹⁷ ABREU, Jean Luiz Neves. *Nos Domínios do Corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 220 p., p. 66.

as águas frias, as bebidas nevadas e sorvetes de fruta todos com o objetivo de vigorar o calor corporal.

O esforço de Henriques em acompanhar os desenvolvimentos do pensamento médico de seu tempo, nos conduziu a perceber as transformações em seu estilo de pensamento e a forma como o próprio decidiu encarar as polêmicas de então. Mesmo tendo se formado no galenismo, Henriques utilizou do próprio sistema fornecido pelo galenismo para prover de significado às novas palavras em trânsito pela comunidade médica do ocidente. Seria um erro considerá-lo a parte destas mudanças ou mesmo considerar o predomínio das referências à fisiologia humoral e os textos antigos como um obstáculo à compreensão do novo. Fleck nos ensina que o conhecimento se produz no tráfego de pensamento. Qualquer tráfego “traz consigo um deslocamento ou uma alteração nos valores de pensamento”.³¹⁸ Mas o que circula são as palavras e como vimos, Henriques atentou particularmente bem a este aspecto. “A palavra como tal representa um bem intercoletivo peculiar”, pois este bem é alterado a cada ingresso numa nova atmosfera. Na realidade trata-se de uma comunicação de vivências cujo sentido é compartilhado no coletivo de pensamento e tornado geral, mas feita através de palavras, que podem no receptor produzir correspondências distintas com a própria vivência.

Neste sentido, as palavras circulam, são absorvidas, mas as ideias se desenvolvem a partir do encontro de categorias gerais formuladas a partir de vivências distintas (o universal) com a especialização das mesmas para significar as vivências do receptor (particular).³¹⁹ Isto significa que não é através da abstração, que Henriques alcança o debate que está ocorrendo entre os coletivos de pensamento dos médicos europeus. Será através da conexão do universal (generalização de vivências) trazido pelas novas ideias, com o particular (sua própria vivência). Neste sentido, não será possível avaliá-lo sob o prisma da adequação ao

³¹⁸ FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Trad. Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010, p. 161.

³¹⁹ FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Trad. Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010, p. 68-69.

conhecimento produzido em outros locais, preferindo buscar alguns dos elementos que fizeram esta conexão com a vivência, desenvolvendo aí suas ideias neste tráfego de palavras.

Henriques havia praticado sua profissão num contexto em que a autoridade do médico na vida das pessoas se dava através da individualização do paciente e da prescrição de regimes e orientações sobre o modo de vida, especialmente em caso de doenças. O instrumental do galenismo permitia abordar a individualização do paciente através dos temperamentos, o que consistia num recurso essencial na perspectiva da terapia e da conservação da saúde, que só perderá prestígio pela difusão das preocupações com a saúde coletiva, no século XVIII. Assim, Henriques tinha seus propósitos para não abandonar esta perspectiva, que prometia ainda alguma eficácia e era mais segura que os remédios químicos.

O médico criticava duramente aqueles que abusavam desta autoridade, fazendo prescrições de regimes às pessoas sãs, quando só seria necessário buscar alterações em caso de doença. Também advertia aos pacientes que não fizessem isso e procurava ensiná-los os preceitos da dietética para poderem se orientar na sofrida navegação da vida. Apesar da crescente moda dos remédios químicos e da sua aceitação das terapias químicas, Henriques permanecia apegado às terapias mais leves e sobretudo às práticas de prevenção. Sua preocupação com a saúde o havia feito perceber que o aumento do poder oriundo da farmácia química não era sempre bom, pois o poder também tinha aumentado para prejudicar o paciente. Com critérios que considerava confiáveis, o médico receitava alguns destes remédios, mas em suas últimas duas obras, a preocupação é com a dietética e a terapia ou prevenção com as águas. Mesmo na *Medicina Lusitana*, o médico dedica boa parte da obra a recomendar dietas em casos de doenças, dá indicações a respeito da educação das crianças, além das demais recomendações terapêuticas e discussões filosóficas, o que demonstra sua preocupação com métodos menos agressivos de tratamento e sua opção pela prevenção e conservação.

Evidentemente, a maior parte de sua experiência, como devia ser a de muitos outros médicos, ainda estava ligada ao mundo da culinária. Vimos diversas imagens deste universo sendo mobilizadas como analogias explicativas para os novos e velhos processos da medicina. A experiência e observação comum tem papel fundamental na medicina tradicional. Isto era válido para as demais ciências em geral até o predomínio das concepções mecânicas de matematização da experiência. Como nos diz Koyré

(...) a observação ou a experiência, no sentido da experiência espontânea do senso comum, não desempenhou um papel capital – ou, se desempenhou, foi um papel negativo de obstáculo – na fundação da ciência moderna. A física de Aristóteles, e mais ainda a dos nominalistas parisienses, de Buridan e Nicolau Oresme, encontrava-se muito mais próxima, segundo Tannery e Duhem, da experiência do senso comum do que a de Galileu ou de Descartes. Não foi a “experiência” mas a “experimentação” (...). [Esta] consiste em interrogar metodicamente a natureza; esta interrogação pressupõe e implica uma *linguagem* com a qual formulemos as questões, bem como um dicionário que nos permita ler e interpretar as respostas. Para Galileu, sabemo-lo bem, era em curvas, círculos e triângulos, em linguagem matemática, ou, mais precisamente, em *linguagem geométrica* (...), que deveríamos falar à natureza e receber as suas respostas.³²⁰

Embora a afirmação tenha em mente as querelas entre a física aristotélica e a física mecânica de Galileu, consideramos a mesma relevante. A anatomia e a fisiologia experimental do século XVII pode não ter matematizado sua experimentação em espaços euclidianos da maneira como a concebia Galileu, mas representou um passo na direção da experimentação ou experiência direcionada afastada do senso comum, ou que buscava o descolamento da percepção comum. Se a física aristotélica estava mais conectada com a experiência cotidiana, o mesmo vale para a medicina galênica (aparentada com esta física). Esta se expressava na linguagem dos sentidos e nesta percepção depositava sua confiança. Não iríamos tão longe a ponto de dizer que isto teria constituído um obstáculo à consolidação da ciência moderna no campo da medicina, mas parece possível afirmar que este colamento à

³²⁰ KOYRÉ, Alexandre. *Galileu e Platão e Do Mundo do “mais ou menos” ao Universo da Precisão*. Trad. Maria Teresa Brito Curado. Lisboa: Gradiva, 1986. (Panfletos Gradiva), p. 15-16.

experiência sensível tenha sido um fator de “permanência do estilo de pensamento”,³²¹ ao menos para o nosso caso. Ainda que as novas teorias almejassem um percurso científico mais distanciado, com categorias mais especializadas e precisas, elas precisavam ganhar sentido num estilo de pensamento pré-existente, muito próximo de uma ciência popular, com mais plasticidade e menos precisão.

Lembramos um dos princípios fundadores da medicina hipocrática, que atribuía à medida tarefa fundamental na terapia do corpo. O médico deveria buscar a precisão nas suas medidas para saber indicar a dieta adequada a cada paciente, para reestabelecer-lhe o equilíbrio: “deve-se fazer uma medida; mas essa medida, vocês não a encontrarão nem em um peso, nem em um nome, aos quais vocês possam relacionar e verificar vossas apreciações; ela reside unicamente na sensação dos corpos”.³²² A medida sempre foi um fator importante na terapia hipocrática e galênica, pois o tratamento não era só um equilíbrio qualitativo, mas para não errar na temperança era necessário dominar o aspecto quantitativo. O aparente paradoxo na passagem hipocrática acima é o distanciamento da noção de ‘medida precisa’ da possibilidade de medi-la com números (o peso) e a sua associação ao único instrumento da sensação corporal. Tal era a confiança nos sentidos. Lévi-Strauss considerava que este modo de observação e reflexão fazia parte do ‘pensamento selvagem’ e sustentava-se na organização e “exploração especulativa do mundo sensível em termos de sensível”.³²³ O antropólogo entendia que haveria dois caminhos diferentes para toda ciência, “um muito próximo da intuição sensível e outro mais distanciado”.³²⁴ Evidentemente, falamos aqui do primeiro tipo. O que orientaria esta ‘ciência do concreto’ seria o princípio do “direito de seguir”, ou seja de postular que características sensíveis “sejam o índice de propriedades

³²¹ FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Trad. Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010, p. 69-81.

³²² HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*: 9. Captado em: www.remacl.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

³²³ LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Papyrus Editora, Campinas, 12ª edição, 2011. p. 32-33.

³²⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Papyrus Editora, Campinas, 12ª edição, 2011. p. 29-31.

igualmente singulares porém ocultas” –³²⁵ a percepção indica que há conexões entre os dados sensíveis e outras propriedades (sabores, odores e cores para distinguir venenos de alimentos, por exemplo) e embora não se possa sempre generalizar as conexões percebidas, a partir daí gera-se uma sensibilidade particular, afeita a ‘seguir’ certos sinais e elaborar assim sua própria organização do mundo (sensível). O outro caminho seria o da ciência moderna. Entre um caminho e outro acreditamos que possa haver matizes diferentes, como os iatroquímicos do século XVII estariam um pouco mais próximos do caminho moderno que os galenistas “puros” (se é que houve algum).

Segundo Koyré, nesta exploração do mundo mais próxima dos sentidos, não se sentia a necessidade de ultrapassar a imprecisão da vida através da matemática para dar-lhe exatidão. Vivia-se no “mundo do mais ou menos” ou do aproximadamente. A mudança que ocorreu na mentalidade durante o período moderno que possibilitou o surgimento do mecanicismo foi justamente a passagem “do mundo do ‘mais ou menos’ ao universo da precisão”. Mesmo os renovadores da medicina pela via da alquimia não estavam em grado de operar esta modificação de forma profunda. Ainda segundo Koyré

As descrições das operações alquímicas nada têm de comum com as fórmulas dos nossos laboratórios; são receitas de cozinha, tão imprecisas, tão aproximativas e qualitativas como aquelas (...). Não é o termômetro que lhe falta, é a ideia de que o calor seja susceptível de medida exacta. Assim, contenta-se com os termos do senso comum: fogo vivo, fogo lento, etc., e não se serve, ou quase nunca, da balança. E, todavia, a balança existe; ela própria – a dos ourives e joalheiros - relativamente precisa. É justamente por isso que o alquimista a não usa. Se a usasse, seria um químico. Mais: para que se lembrasse de a usar teria sido necessário que já o fosse (grifos nossos).³²⁶

Faltava a ideia de que as coisas pudessem ter medida exata e a imagem da imprecisão é justamente a da cozinha. A única experiência com balanças mencionada por Henriques é a da medida da água da chuva, que “trazida à balança é a mais leve de todas” (AM, 2004, p. 217). Nenhuma necessidade de precisão matemática. Não faltam os utensílios, mas estes eram

³²⁵ LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Papirus Editora, Campinas, 12ª edição, 2011. p. 32.

³²⁶ KOYRÉ, Alexandre. *Galileu e Platão e Do Mundo do “mais ou menos” ao Universo da Precisão*. Trad. Maria Teresa Brito Curado. Lisboa: Gradiva, 1986. (Panfletos Gradiva), p. 72.

vistos apenas como um prolongamento e reforço à ação dos membros e à percepção dos sentidos comuns. Faltava transformá-los em instrumentos submetidos à teoria e ao propósito do pensamento matematizado, que tornassem possível ultrapassar os sentidos.³²⁷

O químico que Koyré menciona não é o químico do fim do século XVII e princípio do XVIII. Partidário da chamada farmácia galênico-química, João Curvo Semedo declarava explicitamente que todos os médicos deveriam conhecer

todas as hervas e plantas, e (...) [a] Arte de Cozinha (...). (...) não sey eu, a quem tão propriamente pertença o conhecimento destas cousas, como aos Medicos, porque como elles são os que mandão fazer os Cordeaes, as Tisanas, os soros, as purgas, as apozimas, e outras muytas medicinas, he preciso saber em que tempo do cozimento se hão de deitar as raízes, quando as sementes, quando as flores, quando hão de cozer muyto, quando pouco, que hervas sofrem mais cozimento, e quaes menos.³²⁸

Para obter as substâncias ativas das ervas e no preparo de remédios vários, Semedo preferia a cozinha em detrimento da própria destilação. Afinal as águas destiladas tinham “hum sabor, e cheyro desagradável, e conforme a boa razão, tudo o que pudermos fazer com agrado, e segurança, he melhor”,³²⁹ além de ficarem todas com os mesmos odores e sabores indistintamente. Agrado ao paladar é sinônimo de segurança. Koyré tinha razão quanto à importância da cozinha para os alquimistas. Estes podiam utilizar diversas categorias afastadas da experiência sensível, mas não tinham feito ainda o divórcio com a cozinha e com o princípio da dietética tradicional, de orientar-se pelo gosto para conhecer o que faz bem e o que faz mal ao corpo.

Na fisiologia da digestão de Henriques, são ainda as categorias do sensível que dão a ‘medida’ do bom sangue ou do humor saudável: consistência, sabor, cor e as qualidades

³²⁷ KOYRÉ, Alexandre. *Galileu e Platão e Do Mundo do “mais ou menos” ao Universo da Precisão*. Trad. Maria Teresa Brito Curado. Lisboa: Gradiva, 1986. (Panfletos Gradiva), p. 75.

³²⁸ SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal: notícias galenicis, e chymicas*, Repartidas em tres Tratados... Por Joam Curvo Semmedo, Medico, Familiar do Santo Officio, & Cavalleyro professo da Ordem de Christo. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1697, p. 760.

³²⁹ SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas*. Repartidas em tres Tratados... por Joaõ Curvo Semmedo, Cavalleyro Professo da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, Medico da Casa Real. Terceyra vez impresas, e augmentadas. Lisboa, Na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1716, p. 675.

quente, frio, seco, úmido. O gosto era importante ainda para determinar as qualidades dos humores. A cólera era amarga porque era considerada extremamente quente e seca, e tudo que se queimava na cozinha ficava como gosto amargo: o leite, o óleo de amêndoas, a carne etc. O primeiro sangue haveria de vir de um licor branco do espírito vital, ainda no óvulo, pois marmelos, maçãs e carnes depois de assados se tornariam vermelhos. A cocção da panela não estava mais disponível como analogia para a digestão do estômago e a palavra ‘cozimento’ permanecia em uso para que os leitores não se confundissem. A nova analogia da digestão se dava com o processo de panificação.

O empireuma era a palavra que designava tanto o bom e saudável odor do pão quando este saía do forno, quanto o seu grande calor após o preparo. Henriques a emprega ainda para designar a fonte de energias internas da máquina do corpo, que deveria ser refrigerada para evitar seus excessos. Se o corpo era uma máquina, sua fonte de calor deveria ser entendida como um potente forno para preparar os pães. De fato, não só o empireuma interno era perigoso e precisava ser refrigerado, como o empireuma do pão recém-saído do forno também era perigoso e seu consumo era aconselhado somente após o seu esfriamento. Ainda assim, o seu cheiro, uma versão atenuada de tanta energia tinha grandes poderes para “roborar o coração” (AM, 2004, p. 86) (a sede do calor vital, segundo o mecanicismo cartesiano).

Entre antigos e modernos, Henriques preferiu seguir o exemplo de Galeno, fazer um balanço das correntes de pensamento de sua época e produzir sua própria síntese. Os humores se tornaram característica do sangue em estado alterado: sangue colérico, sangue melancólico, sangue fleumático ou aquoso. O médico não só traduzia, mas mesclava de modo a comportar ambas as categorias. É assim que os espíritos animais são traduzidos como suco nervoso, mas este mesmo suco teria a função fisiológica de conduzir os espíritos animais e de impedir que estes se perdessem. A descoberta da digestão salival e da digestão pelos ácidos fez com que a

saliva fosse considerada uma fleuma salgada, pois as fleumas estavam associadas ao frio e aos ácidos digestivos. Henriques assumia não investigar sempre as causas dos fenômenos, assumindo que houvesse o fosse interessante apenas seus efeitos. Assim, a explicação das doenças por meio das qualidades ocultas, muitas vezes adotada pelo médico, diante dos questionamentos dos modernos preferiu assumir que não conhecia suas causas, mas conhecia os efeitos, de modo que se mantivesse boa parte das prescrições terapêuticas. Na realidade, boa parte da nomenclatura antiga permaneceu associada aos seus efeitos, pois possuíam mais simplicidade e plasticidade para ajudar na compreensão das particularidades dos pacientes e de suas necessidades em termos de regime ou outras terapias. As explicações mais especializadas dos químicos, pouco adiantavam na perspectiva de médicos como Henriques que eram mais voltados à conservação da saúde que aos remédios fortes. Assim, vemos que a melancolia é traduzida com alguns termos diferentes, dentre os quais o suco pancreático. Como esta era associada ao sabor ácido, seus efeitos antigos ficaram por conta de alguns conjuntos de ácidos. Os vapores eram sulphureo-nitrosos, por serem compostos de partículas nitrosas do ar. A cólera é considerada básica e quente, portanto a ela se assimilam diversos tipos de bases, sais e humores sulfurados. A mesma representação tradicional das cores permanece associada aos novos humores. Estas tornam-se tão importantes que fornecem o ‘motivo’ da descrição da produção do sangue, um tingimento.

A razão para afirmação de um mecanicismo atenuado pela religião e pelas demais teorias não se deve ao fato de se ler Galeno na Universidade, pois como Henriques mesmo disse, após formar-se soltavam-se as velas da curiosidade pelos livros. Ele mesmo havia escrito apenas um livro filho desta escola. O mecanicismo pressupunha não só um desencantamento do mundo, como a sua matematização. A confiança que ainda se tinha na exploração do mundo sensível em termos de sensível constituía um fator que dificultava uma visão de corpo como um sistema de engrenagens, visualizado num espaço euclidiano e

expresso em linguagem matemática. As novas imagens mobilizadas para dar luz à nova consciência corporal, como vimos, continuavam cheias de cheiros, sabores, sensações táteis e térmicas, associando processos culinários externos a processos fisiológicos internos (a digestão, a formação do sangue, da cólera). Mesmo a busca da medida e da precisão havia sido concebida inicialmente para ser obtida através das sensações corporais. O fato do médico também ter um corpo e sentir dores, prazeres, cheiros, gostos, texturas etc. aproximava suas vivências das vivências alheias, de modo que teorizar sobre isso significava produzir uma ciência com critérios estilísticos abertos à comunicação e apropriação fácil por parte dos círculos não-especializados do saber, onde ganhavam novos sentidos sempre ancorados na imprecisão da experiência sensível – justamente aquilo que o mecanicismo pretendia superar, para ingressar no ‘mundo da precisão’.

Fontes

DIOSCÓRIDES. *Sobre los remedios medicinales* – manuscrito de Salamanca. Captado em: <http://dioscorides.usal.es/p2.php?numero=273>. Último acesso em 29 de junho de 2014

GALENO (Pseudo). *Sugli umori*. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 26-30.

GALENO. *Sulla bile nera*. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 31-47.

GALENO. *Sulle cause delle malattie*. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 57-71.

GALENO. *Sulle proprietà dei cibi* – Libro I. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 78-117.

GALENO. *Sulle proprietà dei cibi* – Libro II. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 118-161.

GALENO. *Sulle proprietà dei cibi* – Libro III. In: GRANT, Mark. *La dieta de Galeno: l'alimentazione degli antichi romani*. Trad. Alessio Rosoldi. Roma: Edizioni Mediterranee, 2005, p. 162-196.

HENRIQUES, Francisco da Fonseca. *Aquilegio Medicinal*, em que se dá noticia das agoas de Caldas, de Fontes, Rios, Poços, Lagoas, e Cisternas, do Reyno de Portugal, e dos Algarves, que ou pelas virtudes medicinaes, que tem, ou por outra alguma singularidade, são dignas de particular memória. Escrito pelo Doutor Francisco da Fonseca Henriques, Natural de Mirandella, Medico do Augustissimo Rey de Portugal D. João V. Impresso por ordem do Excellentissimo Senhor Marquez de Abrantes, Conde de Penaguião, &c. Lisboa Occidental, Na Officina da Musica, 1726.

HENRIQUES, Francisco da Fonseca. *Medicina Lusitana e Socorro Delphico aos clamores da Natureza humana, para total prostigação de seus males*. Pello Doutor Francisco da Fonseca Henriquez, Trans-Montano, natural de Mirandella, Medico do Serenissimo Rey de Portugal D. João o V. Obra absolutíssima. Dividida em tres partes. A Primeyra trata da Vida do Homem antes de nacer; Dando por problemas, e questoens dignas da mays sedula especulação, noticia de sua concepção, formação, alimonia, e mays operações que dentro no útero exerce desde que se concebe, até que naturalmente se exclue; e por isto obra útil para os Philosophos, Medicos Theologos, Jurisperitos, e para os que forem curiosos de indagar as admiraveys obras da Natureza. A Segunda contem a Arte de criar, e curar meninos Desde que nadem até serem adultos; e o verdadeyro Methodo Racional, De curar a mayor parte dos males que padecem os homens em qualquer idade, composto pelos preceytos dos Antigos, e ajustado às doutrinas dos Modernos, sem mays seytras que a da rezaão. A Terceyra inclue hum Tratado de Febres, No qual se mostra que a febre não hé calor, como cuydou a Antiguidade; e se expõem com distinção, e clareza o methodo com que se devem tratar nos meninos, e em pessoas adultas. Com hum Tratado do uso, e administraçam do Azougue nos casos em que hé prohibido. Em Amsterdam, Em Casa de Miguel Diaz, 1710.

HENRIQUES, Francisco da Fonseca. *Medicina Lusitana, Socorro Delphico, aos clamores da Natureza humana, para total prostigação de seus males*; pelo Doutor Francisco da Fonseca Henriques, Transmontano, natural de Mirandella, Medico do Augustissimo Rey de

Portugal D. João V. Obra Tripartida, na primeyra parte se trata da Vida do Homem antes de Nacer, na segunda da Arte de criar, e curar mininos, desde que nacerem até serem adultos, e do Methodo Racional para curar a mayor parte dos males, que padecem os homens, a terceyra parte inclue hum tratado de febres. Segunda Impressão, correcta, e aumentada pelo seu Author, Dedicada ao Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Nuno da Cunha, Cardeal Presbytero da S. I. R. do titulo de S. Anastacia, Inquizidor Geral dos Reynos, e Senhorios de Portugal, do Concelho de Estado de S. Magestade, &c. Com hum Tratado do uso, e administração do azougue nos casos em que hé prohibido. E com huma Dissertação dos humores naturaes do corpo humano. Em Amsterdam: em Caza de Miguel Diaz, Anno 1731.

HENRIQUEZ, Francisco da Fonseca. *Âncora Medicinal: para conservar a vida com saúde*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2004.

HIPÓCRATES. *Ares, Águas e Lugares*. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 91-129 (Coleção História e Saúde).

HIPÓCRATES. *Da doença sagrada*. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 61-90 (Coleção História e Saúde).

HIPÓCRATES. *Da natureza do homem*. In: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 39-59 (Coleção História e Saúde).

HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*. Captado em www.remacle.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

Le Cyranides. Des oiseaux: Livre médical sommaire d'Hermès Trimégiste de la connaissance scientifique et de l'influence physique des animaux, composé pour son élève Asclépios. Troisième Cyranide. Captado em: <http://remacle.org/bloodwolf/alchimie/cyranides/livre3.htm>. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

Le Cyranides. Des poissons. Livre d'Hermès Trismégiste sur la connaissance scientifique et l'influence naturelle des animaux marins, poissons de mer, composé pour Asclépios, son disciple. Captado em: <http://remacle.org/bloodwolf/alchimie/cyranides/livre4.htm>. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

Le Cyranides. Le livre de Cyranides. Première Cyranide. Prologue. Captado em: <http://remacle.org/bloodwolf/alchimie/cyranides/livre1.htm>. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

Le Cyranides. Livre d'Hermès Trismégiste sur l'étude, la connaissance, l'influence naturelle des quadrupèdes, composé pour son disciple Asclépios. Deuxième Cyranide. Captado em: <http://remacle.org/bloodwolf/alchimie/cyranides/livre2.htm>. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

MANGETI, Johann Jacobi, medicinae doctoris, & serenissimi ac potentiss. Regis Prussiae Archiatri. *Bibliotheca Pharmaceutico-medica seu rerum ad pharmaciā galenico-chymicā spectantium thesaurus refertissimus*. In quo, Ordine Alphabetico non Omnis tantum, Materia Medica Historicè, Physicè, Chymicè ac Anatomicè explicata... Coloniae Allobrogum, Sumptibus Chouet, G. de Tournes, Crames, Perachon, Ritter, & S. de Tournes, 1703.

MERVAULT, Pierre. *Histoire du dernier siege de la Rochelle ou se voit plusieurs chose remarquables qui se sont passez em iceluy*. Par Pierre Mervault Rochelois. A Rouen: Jean Berthelin et Jacques Caillove, dans la Court du Palais. 1648.

PLATÃO. *Górgias*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Captado em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Último acesso: 22 de junho de 2014.

PLATON. *Timée*. Trad. Victor Cousin. Captado em: www.remaele.org. Último acesso: 22 de junho de 2014.

PLEMPII, Vopisci Fortunati. *Fundamentorum Medicinae*. Liber Tertius: De Hygieine Tractans: Quae consistit in recto usu rerum non naturalium. Editio Tertia Iterùm Recognita, Interpolata, Aucta. Accedit Danielis Vermostij breve apologema pro autore Adversus dicitaria & ineptias cujusdam (sic) item Doctorum aliquot in Academia Lovaniensi Virorum Iudicia De Pholosophia Cartesiana. Lovanii, Typis Hieronymi Nempaeua, 1653.

RODRIGUES, Domingos. *Arte de cozinha* (1680). Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2008.

SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas*. Repartidas em tres Tratados; dedicadas ao illustrissimo, e reverendíssimo senhor Luis de Sousa, Arcebispo de Lisboa, Cappellao Mor de Sua Magestade, & seu Conselheyro de Estado, Por Joam Curvo Semmedo, Medico, Familiar do Santo Officio, & Cavalleyro professo da Ordem de Christo. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1697.

SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal: noticias galenicis, e chymicas*, Repartidas em tres Tratados... por Joaõ Curvo Semmedo, Cavalleyro Professo da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, Medico da Casa Real. Terceyra vez impresas, e augmentadas. Lisboa, Na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1716.

VENTURINI, Alessandro. *Le medicine Che da tutti gl'animali si può cavar à beneficio dell'Huomo; altre volte intotilato il Zomista, e Secretario degl'animali di Alessandro Venturini. Hora accresciuto d'importanti Secreti da Francesco Pignocatti. E di un'Indice di tutte le Infermità per trovar i medicamenti da risolverle*. Curti: Venetia, 1674.

VILLANOVA, Arnaldus. *The Conservation of Youth and Defense of Age: De conservacione juventutis et retardatione senectutis*. Trad. Dr. Jonas Drummond. Edited by Charles L. Dana. Vermont: The Elm Press Woodstock, 1912.

Dicionários

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular, doutor na sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo I – A. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1712.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino*. Tomo I. Coimbra: No real collegio das artes da companhia de Jesu com todas as Licenças necessárias, 1713.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino*. Letra H. Tomo IV. Coimbra: No real collegio das artes da companhia de Jesu com todas as Licenças necessárias, 1713.

BLUTEAU, Rafael. *Dicionario da língua portugueza*, composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Tomo II, L-Z. Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino...* autorizado com exemplos dos melhores exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos e offerecido a El Rey de Portugal Dom Joam V, pelo Padre D. Raphael Bluteau clérigo regular, doutor na sagrada theologia, Pregador da Rainha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, e Qualificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo V: K-N, Lisboa: na officina de Pascoal da Silva, impressor de Sua Magestade, 1716.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latino, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau clérigo regular, doutor na sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo VI – O-P. Lisboa: Na Officina de Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade. 1720.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latino, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau clérigo regular, doutor na sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Tomo II – B-C. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu. 1712.

Bibliografia

ABREU, Jean Luiz Neves. Higiene e conservação da saúde no pensamento médico luso-brasileiro do século XVIII. *Asclepio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, 2010, vol. LXII, nº 1, enero-junio, p. 225-250.

ABREU, Jean Luiz Neves. Ilustração, experimentalismo e mecanicismo: aspectos das transformações do saber médico em Portugal no século XVIII. *Topoi*, v. 8, n. 15, jul.-dez. 2007, p. 80-104.

ABREU, Jean Luiz Neves. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

ABREU, Jean Luiz Neves. Tratados e construção do saber médico: alguns aspectos dos paratextos nos impressos de medicina luso-brasileiros – século XVIII. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 6, n. 2, jul.-dez., 2013, p. 22-34.

ALGRANTI, Leila Mezan. “Dias gordos” e “dias magros”: calendário religioso e práticas alimentares católicas em São Paulo e no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). In: FEITLER, Bruno e SOUZA, Evergton Sales (org.). *A Igreja no Brasil: normas e práticas durante a Vigência das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2011, p. 269-288.

ALGRANTI, Leila Mezan. Bebida dos deuses: técnicas de fabricação e utilidades do chocolate no império português (séculos XVI-XIX). In: ALGRANTI, Leila Mezan &

MEGIANI, Ana Paula Torres (org.). *O império por escrito*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 403-426.

ALGRANTI, Leila Mezan. Notas sobre a mesa da casa real portuguesa no reinado de D. José I. In: SÁ, Isabel dos Guimarães & GARCIA FERNÁNDEZ, Máximo (dir.). *Portas adentro: comer, vestir, habitar* (ss. XVI-XIX). Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010, p. 87-113.

ALGRANTI, Leila Mezan. Saberes culinários e a botica doméstica: beberagens, elixires e mezinhas no Império Português (séculos XVI-XVIII). In: *SÆculum - REVISTA DE HISTÓRIA* [27]; João Pessoa, jul./ dez. 2012, p. 13-30.

ARIKHA, Noga. *Passions and Tempers: A History of the Humours*. Harper Collins e-books. Mobipocket Reader November 2008, pp. 377.

AVICENNA xiii. The influence of Avicenna on medical studies in the West. Captado em: Encyclopaedia Iranica <http://www.iranicaonline.org/articles/avicenna-xiii>. Último acesso em 29 de Junho de 2014.

BARTHES, Roland. Pour une psycho-sociologie de l'alimentation contemporaine. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, Année 1961, Volume 16, Numéro 5. p. 977-986.

BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BUESCU, Ana Isabel. À mesa do rei. Cultura alimentar e consumo no século XVI. In: SÁ, Isabel dos Guimarães & GARCIA FERNÁNDEZ, Máximo (dir.). *Portas adentro: comer, vestir, habitar* (ss. XVI-XIX). Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010, p. 19-45.

CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, 252 p. (Coleção História e Saúde)

CAMPORESI, Piero. *Il pane selvaggio*. Milano: Garzanti, 2004.

CESCHI, Raffaello. *Nel labirinto delle valli: uomini e terre di una regione alpina: la svizzera italiana*. Bellinzona: Edizioni Casagrande, 1999.

COSTE, Joël. Guillaume de Baillou. Captado em: <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/baillou.htm>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

COSTE, Joël. La médecine pratique et ses genres littéraires en France à l'époque moderne. Captado em: <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histmed/medica/medpratique.htm>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

COUTO, Cristiana. *Arte de cozinha: alimentação e dietética em Portugal e no Brasil (séculos XVII-XIX)*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOUGLAS, Mary. Deciphering a meal. In: BUCHLI, Victor. *Material Culture: Critical Concepts in the Social Sciences*. Vol. 1. Part 1. London and New York: Routledge, 2004. p. 243-264.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Trad. Mônica Siqueira Leite de Barros, Zilda Zakia Pinto. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010 (Debates ; 120).

EDLER, Flávio Coelho e FREITAS, Ricardo Cabral de. O “imperscrutável vínculo”, corpo e alma na medicina lusitana setecentista. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 29, nº 50, mai/ago 2013, p. 435-452.

EDLER, Flávio Coelho. *Boticas e farmacias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

El manuscrito 2659 de la Biblioteca de la Universidad de Salamanca: el Dioscórides de Salamanca. Captado em <http://dioscorides.eusal.es/dioscoridesInteractivo.php>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol. 1: Uma História dos Costumes. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FELISMINO, David. Dieta e gosto na mesa régia. In: BUESCU, Ana Isabel & FELISMINO, David (coord.) *A mesa dos reis de Portugal: ofícios, consumos, cerimônias e representações (séculos XIII-XVIII)*. Círculo de Leitores e Temas e Debates. 2011, p. 350-380

FLANDRIN, Jean-Louis. Condimenti, cucina e dietetica tra XIV e XVI secolo. In: FLANDRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo (dir.) *Storia dell'Alimentazione*. 4ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007, p. 381-395.

FLANDRIN, Jean-Louis. Dalla dietetica alla gastronomia, o la liberazione della gola. In: FLANDRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo (dir.) *Storia dell'Alimentazione*. 4ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007, p. 534-551.

FLANDRIN, Jean-Louis. I tempi moderni. Trad. Laura Gras. In: FLANDRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo (dir.) *Storia dell'Alimentazione*. 4ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007, p. 427-448.

FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Trad. Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010, 224 p. (Série: Ciência, Tecnologia e Sociedade).

FURTADO, Júnia Ferreira. A medicina na época moderna. In: STARLING, Heloísa Maria Murgel; GERMANO, Lígia Beatriz de Paula; MARQUES, Rita de Cássia (Org.). *Medicina história em exame*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2011. p. 21-81.

FURTADO, Júnia Ferreira. A Medicina no império marítimo português. In: STARLING, Heloísa Maria Murgel; GERMANO, Lígia Beatriz de Paula; MARQUES, Rita de Cássia (Org.). *Medicina história em exame*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2011. p. 83-119.

FURTADO, Júnia Ferreira. Boticários e boticas nas Minas do ouro. In: STARLING, Heloísa Maria Murgel; GERMANO, Lígia Beatriz de Paula; SCHMIDT, Paulo. *Farmácia: ofício & história*. Belo Horizonte: Conselho Regional de Farmácia do Estado de Minas Gerais, 2005, p. 15-61.

GINZBURG, Carlo. *Il formaggio e i vermi: il cosmo di un mugnaio del '500*. 3ª ed. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi.

GOLDSTEIN, Bernard R. Abrahams Zacut's Signature: A Mystery Solved. *Aleph: Historical Studies in Science and Judaism*, Volume 11, Number 1, 2011, p. 159-167

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. 5ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 107-116.

GRMEK, Mirko. Il concetto di malattia. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 323-348.

GROTTANELLI, Cristiano. La carne e i suoi riti. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell'alimentazione*. 4ª ed. Editori Laterza, Roma-Bari, 2007, p. 83-96.

HĀWI, AL-. Captado em: Encyclopaedia Iranica <http://www.iranicaonline.org/articles/hawi-medical-book> Último acesso em 29 de Junho de 2014.

JACQUART, Danielle. La scolastica medica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 261-322.

JOUANNA, Jacques. La nascita dell'arte medica occidentale. In: GRMEK, Mirko D (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 3-72.

JOUANNA, Jacques. *Hippocrates*. Trad. M. B. DeBevoise. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1999.

LEACH, Edmund. Aspectos antropológicos del lenguaje: categorías animales e injuria verbal. In: LENNEBERG, Eric H. et al. *Nuevas direcciones en el estudio del lenguaje*. Madrid: Revista de Occidente, Ediciones Castilla, 1974. p. 37-82.

LEMPS, Alain Huetz de. Bevande coloniali e diffusione dello zucchero. Trad. Cristiana Maria Carbone. In: FLANDRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo (dir.) *Storia dell'Alimentazione*. 4ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007, p. 490-500.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Le triangle culinaire. *Le Nouvel observateur, hors-série*. Novembre-décembre, 2009. p. 14-17.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. 12ª ed. Campinas: Papirus Editora, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O totemismo hoje. In: *Claude Lévi-Strauss. Os Pensadores*. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1976.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. Instruir para fazer a ciência chegar ao povo no Setecentos. *Varia história*, nº 32, Julho, 2004, p. 37-47.

MENESES, José Newton Coelho. *Uma história da veterinária: exercício e aprendizagem de ferradores, alveitares e veterinários em Minas Gerais e a Escola de Veterinária da UFMG – 80 anos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

MONTANARI, Massimo. *Alimentazione e cultura nel Medioevo*. 11ª ed. Roma-Bari: 2008.

MONTANARI, Massimo. *Il cibo come cultura*. 2ª ed. Economica Laterza, Roma-Bari, 2007.

MONTANARI, Massimo. *Il formaggio con le pere*. 2ª ed. Roma-Bari: Gius. Laterza & Figli, 2009.

MONTANARI, Massimo. Sistemi alimentari e modelli di civiltà. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell'alimentazione*. Editori Laterza, Roma-Bari, 2007, p. 73-82.

MONTANARI, Massimo. Strutture di produzione e sistemi alimentari nell'Alto Medioevo. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell'alimentazione*. 4ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007, p. 217-225.

MONTANARI, Massimo. *La fame e l'abbondanza: storia dell'alimentazione in Europa*. 6ª ed. Roma-Bari: Economica Laterza, 2006.

- MONTELEONE, Joana. Sobre reis, livros e cozinheiros: notas para uma pequena história dos tratados de cozinha em português. In: ALGRANTI, Leila Mezan & MEGIANI, Ana Paula Torres (org.). *O império por escrito*. São Paulo, Alameda, 2009. p.427-438.
- MORAND, Anne-France. Mistura das qualidades e determinação da saúde em Galeno: aspectos químicos e cósmicos. In: PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz (org.). *Saúde dos antigos*. Loyola, São Paulo, 2009, p. 203-216.
- OSSWALD, Cristina. Hábitos alimentares dos jesuítas em Portugal, na Índia e no Brasil. In: SÁ, Isabel dos Guimarães & GARCIA FERNÁNDEZ, Máximo (dir.). *Portas adentro: comer, vestir, habitar* (ss. XVI-XIX). Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010, p. 69-85.
- PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz. Kairos e metron: a saúde da alma na terapia do corpo. In: PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz (org.). *Saude dos antigos*. Loyola, São Paulo, 2009, p.55-66.
- Pequeña introducción sobre el tratado *De materia médica (Sobre los remedios medicinales)* de Dioscórides. Captado em <http://dioscorides.eusal.es/dioscoridesInteractivo.php>. Último acesso em: 29 de Junho de 2014.
- PINHEIRO, Juliana da Silveira. *A anatomia das paixões: a concepção somatopsíquica de Descartes e sua relação com a medicina*. 2012. 216 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
- PORTER, Roy. *Das tripas coração: uma breve história da medicina*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2004.
- RODRIGUES, Jaime. Um sepulcro grande, amplo e fundo: saúde alimentar no Atlântico, séculos XVI ao XVIII. In: *Revista de História*. São Paulo, n. 168, p. 325-350, janeiro/junho 2013.
- RODRIGUES, Lisbeth de Oliveira. Os consumos alimentares de um hospital quinhentista. In: SÁ, Isabel dos Guimarães & GARCIA FERNÁNDEZ, Máximo (dir.). *Portas adentro: comer, vestir, habitar* (ss. XVI-XIX). Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010, p. 47-67.
- ROSSI, Paulo. *I filosofi e le macchine 1400-1700*. Milano: Feltrinelli, 2ª Ed., 2007.
- SAHLINS, Marshall. A tristeza da doçura, ou A antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004, p. 561-617.
- SAHLINS, Marshall. Cosmologias do Capitalismo: o setor transpacífico do “sistema mundial”. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004, p. 443-499.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 3ª ed. 1997.
- SAHLINS, Marshall. La pensée bourgeoise: a sociedade ocidental enquanto cultura. In: *Cultura e razão prática*. Trad. Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 166-203.
- SCHMITT-PANTEL, Pauline. I pasti greci, un rituale civico. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (org.). *Storia dell'alimentazione*. Editori Laterza, Roma-Bari, 2007, p. 112-123.
- SILVA, J. Martins. Anotações sobre a história do ensino da medicina em Lisboa, desde a criação da Universidade Portuguesa até 1911 – 1ª parte. RFML 2002; Série III; 7 (5): p. 237-249.

SIQUEIRA-BATISTA, R. e SCHRAMM, F. R. Platão e a medicina. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 11(3): set.-dez. 2004, p. 619-634.

SOTRES, P. Gil. Le regole della salute. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 399-438.

STOLBERG, Michael. Die »Bibliothecae« des Jean-Jacques Manget (1652–1742). Captado em: http://www.haraldfischerverlag.de/hfv/AEL/ael_3-20_einleitung.php. Último acesso em 29 de junho de 2014.

STROHMAIER, Gotthard. La ricezione e La tradizione: La medicina nel mondo bizantino e arabo. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 167-216.

TANNERY, Paul. Introduction: Cyranides. Captado em: <http://remacle.org/bloodwolf/alchimie/cyranides/intro.htm>. Último acesso em: 29 de junho de 2014.

TOUWAIDE, Alain. Strategie terapeutiche: i farmaci. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 349-370.

TRICOT, Jean-Pierre. Vopiscus Fortunatus Plempius. *Vesalius*. VI, 1, 2000, p. 11-19.

VEGETTI, Mario. Galeno. In: GAZZANIGA, Valentina (a cura di). *Corpo e salute nel mondo antico* (Collana di Storia della Scienza). E-book Treccani. Istituto della Enciclopedia Italiana, 2012, s/p.

VEGETTI, Mario. Tra il sapere e la pratica: la medicina ellenistica. In: GRMEK, Mirko D. (org.). *Storia del pensiero medico occidentale*. V. 1 Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1993, p. 73-120.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa: Fragmentos, 1985.

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala, o que se lê: língua, instrução, leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. Vol 1. São Paulo. Cia. Das Letras. 1997, p. 331-385.

VONS, Jacqueline. Les “Anatomies” d’André Vésale (1514-1564). Captado em: http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/vesale.htm#_ftnref18. Último acesso em 29 de junho de 2014.

ÍNDICE dos ANEXOS

Anexo	Página
I – Obras Antiguidade/Gênero/Citações/Seção Âncora Medicinal	278
II – Obras Idade Média/Gênero/Citações/Seção Âncora Medicinal	282
III – Obras Renascimento/Gênero/Citações/Seção Âncora Medicinal	283
IV – Obras Idade Moderna/Gênero/Citações/Seção Âncora Medicinal	285
V – Total Obras/Gênero/Seção Âncora Medicinal (Por nº citações)	287
VI – Lista Antiguidade Autores/Citações/Seção Âncora Medicinal	297
VII – Lista Idade Média Autores/Citações/Seção Âncora Medicinal	301
VIII – Lista Renascimento Autores/Citações/Seção Âncora Medicinal	302
IX – Lista Idade Moderna Autores/Citações/Seção Âncora Medicinal	305
X – Total Autores/Seção Âncora Medicinal (Por nº citações)	308

Anexo I – Obras Antiguidade/Gênero/Citações/Seção Âncora Medicinal

Obras	Gênero	Época	Citações	Seção
AÉCIO DE AMIDA. Tetrabiblos; Edição provável de Lyon, 1549 [Originalmente 16 livros de Medicina, reeditados no Renascimento em 4.]	Enciclopédia médica	Antiguidade Tardia (Império Bizantino)	5	III ; IV
ALEXANDRE DE TRALLES. Alexandri Yatros Practica [Doze Livros de Medicina]	Enciclopédia Médica	Antiguidade Tardia (Império Bizantino)	10	III
APIANO. De bello Parthico [Apêndice perdido do Livro 11, Syriaca ou Guerras Sírias, de sua História Romana, em 24 livros, dos quais boa parte está perdida.]	História	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	III
ARISTÓTELES (PSEUDO). Problemata [Problemas: Seção 1, Questões médicas; Seção 3, do uso do vinho e da intoxicação; Seção 6, Efeitos da posição do corpo e de seus costumes; Seção 14, Da influência da temperatura; Tem origens no Peripato do séc. III a.C., mas sua composição é do Séc. II d.C.]	Questões de Filosofia, Medicina, Ética	Antiguidade (Helenismo - Império Romano)	5	I ; II ; IV ; V
ARQUESTRATO. Fragmento de 334 versos, com vários nomes: Gastronomia, Gastrologia, Opsopoiia, Deipnologia, Hedupatheia; possivelmente acessado nos Deipnosofistas de Ateneu.	Poema épico de Cozinha	Antiguidade Grega (Período Helenístico)	1	III
ATENEU. Deipnosophistarum libri quindecim; Livro 7	Diálogos de Filosofia	Antiguidade (Império Romano)	5	III
AULO GÉLIO. Noctes Atticae. [Noites Áticas, 20 livros: compilação de mais de duzentos autores]	Diversos (enorme compêndio de diversos autores)	Antiguidade (Império Romano)	3	IV ; V
AURELIUS VICTOR. De Vita et Moribus Imperatorum Romanorum excerpta ex Libris Sex., XII: Cocceius Nerva [Vida e Morte dos Imperadores Romanos, XII: Nerva]	Biografias "Vidas" e História	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	V
AUSÔNIO. De Mosella	Poesia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	4	III
BÍBLIA.	Livro Sagrado	Antiguidade	6	II ; III ; V
CELSO. De Medicina libri VIII	Enciclopédia médica (Dietética, Farmácia, Cirurgia)	Antiguidade (Império Romano)	6	I ; II ; III ; IV ; V
CÍCERO. De Natura Deorum [Sobre a natureza dos Deuses, Livro 2 - 45 ou 44 a.C.]	Filosofia e Teologia	Antiguidade (Império Romano)	1	I
CLEARCO. Sobre as animais aquáticos. [Séc. IV-III a.C.; talvez via Deipnosofistas de Ateneu.]	História Natural (peixes)	Antiguidade Grega (Período Helenístico)	1	III
COLUMELLA. De re rustica [em 12 livros; Livro 1]	Agronomia	Antiguidade (Império Romano)	1	I
DÉCIMO JUVENAL. Satirae XI [Sátira XI; 16 Sátiras em 5 livros; escritos entre 100 e 127 d.C.; tom moralista, "mina de citações" e modelo para o Cândido de Voltaire]	Poema satírico (exâmetros)	Antiguidade (Império Romano)	1	III
DIOCLES DE CARISTO. Fragmenta.	Dietética	Antiguidade Grega (Clássica-Helenística)	1	III

DIÓGENES LAÉRCIO. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres, 10 livros, Livro 1: (Cap. 3 Quilo)	Biografias e Doxografia de Filósofos gregos	Antiguidade Tardia (Império Romano)	4	III ; V
DIOSCÓRIDES. De materia medica, 5 livros. [Livro 2: Animais e ervas; Livro 5: parreira, vinho e minerais]	Farmácia, Botânica	Antiguidade (Império Romano)	8	III ; IV
ELIANO. De Animalium natura libri XVII, Livro 12.	Enciclopédia História Natural	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	III
GALENO. Ad glauconem methodo medendi [Terapêutica a Glauco]	Terapêutica	Antiguidade Tardia (Império Romano)	3	III ; IV
GALENO. Commentarii in Hippocratis Aphorismorum [Comentários a HIPPOCRATES. Aforismos]	Comentários de Medicina	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	II
GALENO. Commentarii In Hippocratis De Victus Ratione in Morbis Acutis [Comentários a HIPPOCRATES. Do Regime das Doenças Agudas]	Comentários de Medicina	Antiguidade Tardia (Império Romano)	6	II ; IV
GALENO. Commentarii in Hippocratis Epidemiarum librum VI [Comentário ao livro 6 das Epidemias de HIPPOCRATES.]	Comentários da medicina	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	IV
GALENO. De alimentorum facultatibus [Das propriedades dos alimentos; Livro 1 (cereais, mel, legumes, forragem), 2 (frutas, ervas, raízes, hortaliças) e 3 (animais, vinho, conservas)]	Dietética	Antiguidade Tardia (Império Romano)	19	III ; IV
GALENO. De Attenuante victus ratione	Coleção de textos galênicos (medicina, dietética)	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	III
GALENO. De bonitate vitioque succorum [Dos bons e maus sucos.]	Higiene (Preservação)	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	V
GALENO. De compositione medicamentorum secundum genera [Da composição dos remédios segundo o tipo]	Farmácia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	IV
GALENO. De compositione medicamentorum secundum locos libri X	Farmácia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	III
GALENO. De Euchymia et Cacochymia, seu de bonis malisque succis generandis [Sobre os bons e maus sucos dos alimentos]	Dietética	Antiguidade Tardia (Império Romano)	3	III ; IV
GALENO. De methodo medendi [Método Terapêutico, 14 livros, texto fundamental do ensino médico]	Terapêutica	Antiguidade Tardia (Império Romano)	7	I ; II ; III ; IV
GALENO. De sanitate tuenda [Da Higiene ou Da Preservação da Saúde]	Higiene (Preservação)	Antiguidade Tardia (Império Romano)	8	I ; II ; III ; IV
GALENO. De simplicium medicamentorum temperamentis et facultatibus [Das propriedades e temperamentos dos medicamentos simples]	Terapia e Farmacopeia (vegetal, sobretudo, mas também animal e mineral)	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	II ; III
GALENO. De Temperamentis, Livro 3 [Dos Temperamentos ou das Compleições; Grego: Peri Kraseon (Das Misturas)]	Fisiologia e Anatomia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	IV
GALENO. Historia pueri epileptici [História das Crianças Epilépticas]	Medicina prática	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	III
GALENO. Quod Animi Mores Corporis Temperamenta Sequantur [Que as qualidades da mente dependem do temperamento do corpo]	Psicofisiologia e Anatomia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	I ; IV

HERMES TRISMEGISTO/HARPOCRATION. Kyranides [ou Cyranides: compilação de vários tratados originalmente em grego, de magia, ocultismo, da tradição hermética, com lapidários, bestiários, propriedades dos animais, águas termais, minerais, amuletos, suas relações ocultas etc. Atribuído a Hermes Trismegisto ou a Harpocraton, portanto situado entre o II e o IV ou séc. a.C. Impresso diversas vezes no Renascimento.]	Enciclopédia Hermetismo, Magia e História Natural	Renascimento/ Antiguidade Tardia	1	III
HIPP. Aphorismorum Hippocratis[Sectio 1 e 2, séc. IV a.C.]	Aforismos (Manual de Doutrina Médica)	Antiguidade Grega Clássica	11	II ; IV
HIPP. De aëre, aquis et locis [Das Águas, Ares e Lugares, segunda metade do séc. V a.C. - escrito para o médico itinerante: enfoque na influência dos diversos ambientes na saúde e nas características humanas. Primeira parte: ventos, fontes de água, o clima e a localização das cidades; Segunda parte: ambiente e etnografia.]	Medicina (Etiologia, Geofísica e Etnografia) (médico itinerante)	Antiguidade Grega Clássica	5	I ; IV
HIPP. De Affectionibus [Das Afecções, princípio do IV séc. a.C.]	Medicina para leigos (Etiologia e Dietética)	Antiguidade Grega Clássica	1	II
HIPP. De Affectionibus Interioribus [Das Afecções internas, princípio do IV séc. a.C.]	Medicina (etiologia, sintomatologia, prognóstico e terapêutica)	Antiguidade Grega Clássica	4	III
HIPP. De diaeta [Da Dieta]	Dietética (medicina e antropologia)	Antiguidade Grega Clássica	8	III
HIPP. De Flatibus [Dos Ares ou Dos Ventos; fim do séc. V a.C. - feito para ser lido oralmente]	Discurso Médico Oral (Etiologia e Física)	Antiguidade Grega Clássica	2	I ; II
HIPP. De morbis mulierum [Das doenças das mulheres, livro 1 , fim do V séc. e princípio do IV séc. a.C.]	Ginecologia	Antiguidade Grega Clássica	2	III
HIPP. De regimen in morbis acutis [Do Regime nas doenças agudas, fim do séc. V a.C.]	Higiene/Regime (Dietética)	Antiguidade Grega Clássica	3	II ; IV
HIPP. De Sacro Morbo [Da Doença Sagrada, segunda metade do séc. V a.C.]	Etiologia e Física	Antiguidade Grega Clássica	1	I
HIPP. Epidemiae 4 [Epidemias 4, fim do V - princípio do IV a.C.]	Medicina Prática (Casos "clínicos") (médico itinerante)	Antiguidade Grega Clássica	4	III ; V
HIPP. Epidemiae 6 [Epidemias 6, fim do V - princípio do IV a.C.]	Medicina Prática (Casos "clínicos") (médico itinerante)	Antiguidade Grega Clássica	3	I ; II
HOMERO. Odisséia [último livro]	Poema épico	Antiguidade	1	V
HORÁCIO. Sermones [reunião das Sátiras de Horácio, compostas em exâmetros, narrativas e dialógicas, em dois livros, publicados em 35 a.C. e 30 a.C.]	Poesia satírica	Antiguidade (Fim da República e princípio do Império Romano)	5	I ; III
JOSEFO. De bello judaico [Da guerra judaica]	História	Antiguidade (Império Romano)	1	II
JUVENAL. Satyrae 1 [16 Sátiras em 5 livros; escritos entre 100 e 127 d.C.; tom moralista, "mina de citações" e modelo para o Cândido de Voltaire]	Poema satírico (exâmetros)	Antiguidade (Império Romano)	1	II
LUCANO. De Bello Pharsalico : Livro IV; ou Bellum civile; 10 livros; [Guerra Civil entre César e Pompeu]	Poema épico (exâmetro)	Antiguidade (Império Romano)	1	II
MARCELO EMPÍRICO. De medicamentis empiricis, physicis ac rationalibus liber [em 36 capítulos]	Farmacopeia e Magia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	4	III
MARCIAL. Epigrammata [Epigramas]	Poesia epigramática	Antiguidade (Império Romano)	25	I ; II ; III ; IV

OPPIANO DE ANAZARBO. Halieutica [5 livros; poema sobre a pesca, em 3506 versos exâmetros; Livro 2]	Poema sobre a pesca	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	III
OPPIANO DE APAMEIA (BODIN trad.). Cynegetica [Poema didático sobre a caça, em 4 livros, traduzido por Bodin.]	Poesia didática (Caça)	Antiguidade Tardia (Império Romano)/ Trad. Renascimento francês	2	III
OVÍDIO. Metamorphoseon libri XV [Metamorfoses, 15 livros]	Poesia	Antiguidade (Fim do período Romano Republicano)	3	II
PAUSÂNIAS. Periegesis Hellados [Descrição da Grécia ou Viagem à Roda da Grécia, 10 livros]	Geografia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	3	III ; V
PETRÔNIO. Satyricon. [prosím metro, mistura de prosa e versos.]	Prosím metro satírico (Prosa e Versos)	Antiguidade (Império Romano)	1	V
PLATÃO. De legibus. [Das Leis, Livro 2]	Diálogo filosófico [Livro 2: educação dentro da cidade]	Antiguidade Grega Clássica	2	II
PLÍNIO, o velho. Naturalis Historia [História Natural, 1ª ed. 77 d.C., 37 livros; Livro 9, Geografia do Mediterrâneo ocidental; Livro 14, Plantas, a parreira e o vinho; Livro 19, Jardinagem, botânica e agricultura; Livro 31 e 32, Usos medicinais de produtos marinhos; Livro 37, Mineralogia]	Enciclopédia História Natural	Antiguidade (Império Romano)	33	I ; III ; IV
QUINTO SERENO. Liber Medicinalis [1107 exâmetros e 63 receitas, séc. II ou III d.C.]	Poesia médica (etiologia e terapêutica)	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	III
SÃO JERÔNIMO. Vita Sancti Pauli Eremitae [Vida de São Paulo Eremita]	Biografias (Vidas de Santos)	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	II
SÊNECA. Dialogorum libri XII, Liber IX: De tranquillitate animi. [Diálogos, 12 livros, Livro 9: Da tranquilidade da alma.]	Diálogos de Filosofia	Antiguidade (Império Romano)	1	V
SÊNECA. Epistulae ad Lucilium [Epístolas a Lucílio]	Epístolas Filosóficas	Antiguidade (Império Romano)	2	II
VIRGÍLIO. Aeneis. Séc. I a.C. [Eneida.]	Poesia épica	Antiguidade (Fim da República e princípio do Imp. Romano)	2	III ; V

Anexo II – Obras Idade Média/Gênero/Citações/Seção Âncora Medicinal

Obras	Gênero	Época	Citações	Seção
ARNALDO DE VILA NOVA. Opera Omnia. [Lyon, 1520 e 1532; Basileia 1585 e 1699]	Higiene/Regime, Alquimia, Prática	Baixa Idade Média (Península Ibérica)	1	III
AVERROES. Cantica item Avicennae cum eiusdem Averrois commentariis. [Comentários ao Cantica de Avicenna]	Comentários de Medicina	Idade Média Islâmica	2	III
AVICENA. Canon Medicinæ. [Canon de Medicina, traduzido pela E. de Salerno (séc. XI) pela E. de Toledo (séc. XII); Dezenas de edições completas foram impressas nos sécs. XV, XVI e XVII, a maioria na Itália, algumas com comentários e outras em compilações com doutrinas de Galeno e Hipócrates. Leitura obrigatória nas Universidades até o séc. XVIII, como Jena, Valladolid, Salamanca e Pádua.]	Enciclopédia Médica (Princípios Gerais, teoria das febres, teoria da crise, etiologia, sintomatologia, dietética, terapia, patologia, farmácia, cirurgia, psiquiatria)	Idade Média (Pérsia)	19	II ; III ; IV
BARTOLOMEU ÂNGLICO. De proprietatibus rerum [Da propriedade das coisas, em 19 livros, cerca de 1230-1240; traduzido para o occitano, francês, inglês, holandês, alemão e italiano até o séc. XIV]	Enciclopédia (Teologia, Filosofia, Medicina, Astronomia, Cronologia, Zoologia, Botânica, Geografia, Mineralogia)	Idade Média Central	1	III
ESCOLA SALERNITANA. Regimen Sanitatis Salernitanum, [Regime de Saúde Salernitano, XII-XIII séc. d.C.; 1ª ed. Impressa em 1480, com 364 versos e comentários de Arnaldo de Villanova, traduzido em quase todas as línguas europeias, chegou a quase 40 edições antes de 1501; sucesso editorial, em voga até o séc. XIX; nomes alternativos: Flos Medicinæ Salerni e Liliū Medicinæ.]	Higiene/Regime - Poema didático (exâmetro)	Baixa Idade Média	12	II ; III ; IV ; V
HALI (AL-MAJUSI). Liber pantegni [Kamel al-sena'at al-tebbiya ou al-Malaki, Arte Médica Completa, fim do século X, traduzido por Constantino Africano, da Escola de Salerno no séc. XI; Regalis dispositio ou ainda Liber Regius, por Stephanus de Antióquia, séc. XII]	Enciclopédia Médica (Comentários à tradição grega e islâmica, medicina prática, dietética, Farmácia, psicologia, psicofisiologia e observações clínicas)	Idade Média (Pérsia)	1	III
PETRARCA. Canzoniere (Rerum vulgarium fragmenta)	Poesia	Baixa Idade Média (Itália)	1	III
RAZI. Liber de Continens, 9 volumes, compilação póstuma do séc. XIII.	Medicina Prática (Patologia, Terapia e Farmácia)	Idade Média (Pérsia)	3	III
SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. De Consideratione Libri Quinque ad Eugenium Tertium [Consideração a Eugenio III (papa), Livro 2 : Caput X; 1148]	Doutrina Eclesiástica e Política	Idade Média Central	1	II
SYMEON SETH. Syntagma De Alimentorum Facultatibus, séc. XI	Dietética	Idade Média Central (Império Bizantino)	1	III
VELASCO DE TARANTA. Philonium pharmaceuticum et chirurgicum de medendis omnibus, cum inernis, cum externis humani corporis affectibus, 1418.	Medicina Prática (Farmácia, Cirurgia e Terapêutica)	Baixa Idade Média (Portugal e França)	1	V

Anexo III – Obras Renascimento/Gênero/Citações/Seção Âncora Medicinal

Obras	Gênero	Época	Citações	Seção
ALESSANDRO BENEDETTI. De observatione in pestilentia, Venetiis 1493.	Medicina Prática (Observações)	Renascimento italiano	2	III
ALESSANDRO BENEDETTI. Omnium a vertice ad calcem morborum signa, causae, indicationes et remedium compositiones utendique rationes, 1539	Medicina Prática (Practica)	Renascimento italiano	1	III
AL-SUYUTI (HABD.). Tibb al-Nabi [Medicina do Profeta]	Medicina Profética (Dietética, Exercícios, Medicina Natural, segundo os hadith, palavras e ações do Profeta Maomé; gênero de não-médicos)	Renascimento (Egito, fim do período Mameluco)	2	III
ANDRÉS LAGUNA & DIOSCÓRIDES. Annotationes in Dioscoridem Anazarbeum. [Tradução e comentários do De Materia Medica de Dioscórides, acompanhado de xilogravuras; reeditado 22 vezes até o XVIII]	Tradução e Comentários de Farmacopeia	Renascimento espanhol	2	III
ANTOINE MIZAUD. Memorabilium utilium, ac iucundorum in aphorismos arcanorum omnis generis locupletes, perpulchre digestae; partim ab Antonio Mizaldo Monluciano, Medico; partim ex aliis fide dignis probatisque auctoribus excerptae. Editio novissima, in decem capita, melioris ordinis gratia, distributa. Paris, 1566.	Medicina popular Aforismos de História Natural, Medicina, Física, Botânica e Farmácia popular	Renascimento francês	1	III
BALONIUS. Consiliorum Medicinalium Liber III. Et Postremus. Parisiis, Apud Iacobum Quesnel, via Iacobaea, sub signo Cochleae, & Columbarum. 1649. [Livro 3 dos Consilia, escrito em 1609, editado postumamente por Jacques Thévert]	Medicina Prática (Consilia)	Renascimento francês	2	III
CASTORE DURANTE. Il Tesoro della Sanità, 1ª ed. 1586; [tratado de medicina popular, com regras de higiene e dietética.]	Medicina popular (Dietética e Higiene)	Renascimento italiano	1	III
CRISTÓVÃO DA VEGA. De arte medendi, 1564. [Da arte de curar]	Higiene/Regime, Dietética	Renascimento espanhol	1	IV
G. BATTISTA FIERA. Coena [Ceia, 1ª ed. Roma, 1490, republicada várias vezes, no séc. XVI na Basileia, em Paris e Strasburgo]	Dietética	Renascimento italiano	1	III
GIAMBATTISTA DELLA PORTA. Magiae naturalis sive de miraculis rerum naturalium. [Magia Natural, Nápoles, 1558 e depois revisada em 1584; a obra teve 5 edições latinas em 10 anos e diversas traduções às línguas europeias.]	Ciência popular (cosmologia, geologia, ótica, produtos vegetais, remédios, venenos, cozinha, metalurgia, destilação, coloração do vidro, esmaltes, cerâmicas, magnetismo, cosméticos, pólvora, criptografia)	Renascimento italiano	1	III
GUILLAUME RONDELET. De piscibus marinis libri XVIII, Lyon, 1554. [Os peixes marinhos, 18 livros: descreve 224 espécies mediterrâneas.]	Enciclopédia História Natural (peixes)	Renascimento francês	3	III

HERMES TRISMEGISTO/HARPOCRATION. Kyranides [ou Cyranides: compilação de vários tratados originalmente em grego, de magia, ocultismo, da tradição hermética, com lapidários, bestiários, propriedades dos animais, águas termais, minerais, amuletos, suas relações ocultas etc. Atribuído a Hermes Trismegisto ou a Harpocraton, portanto situado entre o II e o IV ou séc. a.C. Impresso diversas vezes no Renascimento.]	Enciclopédia Hermetismo, Magia e História Natural	Renascimento/ Antiguidade Tardia	1	III
MARCELO VIRGÍLIO. Commentarii in Diosc. De materia medica libri sex [Comentários em Dioscórides De Materia Medica]	Enciclopédia e Comentários (à tradição grega e islâmica, medicina prática, dietética, Farmácia, psicologia, psicofisiologia e observações clínicas)	Renascimento italiano	1	III
OPPIANO DE APAMEIA (BODIN trad.). Cynegetica [Poema didático sobre a caça, em 4 livros, traduzido por Bodin.]	Poesia didática (Caça)	Antiguidade Tardia (Império Romano)/ Trad. Renascimento francês	2	III
PAULO JÓVIO. Novocomensis Episcopi Nucerini, de vita Leonis Decimi Pont.Max. libri III. His ordine temporum accesserunt Hadriani sexsti Pont.Max. et Pompeii Columnae cardinalis vitae, ex officina Laurentii Torrentini, Florentiae, 1ª ed. 1548. [Vida dos Varões Ilustres, Vida de Leão X, Pontífice Máximo, Livro 3]	Biografias "Vidas" de pessoas ilustres	Renascimento italiano (Idade Moderna)	2	IV ; V
PIERIO. Institutiones Graecae grammatica, 1ª ed. 1498.	Manual de Gramática grega	Renascimento italiano	1	III
PLATINA. De honesta voluptate et valetudine, Roma 1474 [são transcritas diversas receitas do cozinheiro Mestre Martino]	Dietética, Gastronomia	Renascimento italiano	2	III
RODIGÍNIO. Lectionum Antiquarum ou Antiquae lectiones, Livro 3, Cap. 12. 1ª ed. em 16 livros, Milão, 1516, 2ª ed. em 20 livros, Basileia, póstuma, em 1542	Erudição	Renascimento italiano	1	II
SENNERT. Institutiones Medicinae, 1611 . [Instituições de Medicina (curso)]	Lições de Medicina	Renascimento alemão	2	III
SOLENANDRO. Consiliorum Medicinalium Reineri Solenadri, Budericensis, Doctoris, Medici Ducis Cliuensium, &c. Sectiones quinque 1ª ed. 1596. [Conselhos de Medicina]	Medicina prática (Consilia)	Renascimento (Alemanha e Itália)	1	II
VALÉSIO. Commentaria Epidemiae In Hippocratis Libr. VI [Comentários a HIPP. Epidemias VI]	Comentários de Medicina	Renascimento espanhol	1	I
ZACUTO. Praxis Historiarum: in qua morborum omnium internorum curatio, ad Principum Medicorum mentem explicatur: grauiora dubia ventilantur ac resoluuntur: Practicae denique Observationes permulta suis locis insperguntur. Lugduni : J. A. Huguetan, 1643.	Medicina Prática (Practica)	Renascimento (Península Ibérica)	4	II ; III

Anexo IV – Obras Idade Moderna/Gênero/Citações/Seção Âncora Medicinal

Obras	Gênero	Época	Citações	Seção
ACOSTA. Tractado de las drogas y medicinas de las Indias orientales, 1578. (perdido)	Enciclopédia História Natural, Botânica e Farmácia	Idade Moderna (Portugal)	1	III
ALESSANDRO VENTURINI. Le medicine che da tutti gl'animali si può cavare a beneficio dell'uomo, altre volte intitolato il Zomista, e Secretario de gl'animali, ed, 1636 : 1648 :1649 : 1654, 1663, 1672, 1674, 1680, 1704. [Os remédios que de todos os animais se podem tirar a beneficio do homem, outras vezes intitulado o Zomista e Segretario dos animais]	Farmacopeia Zoológica de "Segredos"	Idade Moderna (Itália)	1	III
ALSÁRIO. De morbis capitis frequentioribus: Livro 3, De Lethargo, Lectio VII, ed. 1617	Lições de Medicina (psicofisiologia)	Idade Moderna (Itália)	1	I
ALSÁRIO. De quaesitis per epistolam in arte medica centuria quatuor. Veneza, 1622 1ª ed..	Lições de Medicina	Idade Moderna (Itália)	1	I
ANDRÉ-ANTONIO DE CASTRO. De qualitatibus alimentorum quae humani corporis nutritioni sunt apta ou De simplicium medicamentorum facultatibus, ambas publicadas junto a De februm curatione, em Villaviciosa, 1636	Dietética e Farmácia	Idade Moderna (Portugal)	1	III
ARNOLDO WEIKARDUS. Thesauro pharmaceutico, Frankfurt, 1626.	Dietética, Gastronomia	Idade Moderna	1	III
ATHANASIUS KIRCHER. Mundus subterraneus, Amsterdam, 1665. [Mundo Subterrâneo - contém aspectos geológicos, incluindo relatos fantásticos da Ilha de Atlântida]	Geologia	Idade Moderna (Alemanha)	1	III
BARTOLINUS. Historiarum anatomicarum rariorum; Centuria I e II, Amsterdam 1654; Centuria III e IV, The Hague: Vlacq, 1657; Centuria V e VI, Copenhague: P. Haubold, 1661. [descrição de estruturas anatómicas e suas consequências clínicas, incluindo descrições e ilustrações de estruturas anormais e normais.]	Anatomia e Prática	Idade Moderna (Dinamarca)	1	III
CURVO SEMEDO. Polyanthea Medicinal. Notícias Galenicas e Chymicas. Lisboa, 1ª ed. 1697; Tratado 2, cap. 83: aviso 54.	Medicina e Farmácia	Idade Moderna (Portugal)	1	III
ETTMULERUS (Ettmüller) & SCHRODER. La Pharmacopée raisonnée de Schroder, commentée par Michel Ettmuller, 1698. [Farmacopeia de Schroder comentada por Ettmullero.]	Comentários de Farmacopeia	Idade Moderna (Prússia)	4	III
ETTMULERUS (Ettmüller). Institutiones Medicae, Caput De Chylificatione, 1708. [Instituições Médicas, Capítulo da Quilificação.]	Lições de Medicina	Idade Moderna (Prússia)	1	II
GASPAR DOS REIS FRANCO. Elysium iucundarum quaestionum campus, omnium literarum amoenissima varietate refertus. Medicis imprimis, 1ª ed. Bruxellas, Francisci Vivien, 1661. [Campo Elíseo]	?	Idade Moderna (Península Ibérica)	1	III
HENRIQUES & MADEIRA. "Dissertação dos Humores Naturais do Corpo Humano", In: Arrais, Duarte Madeira & Henriques, Francisco da Fonseca. Madeira Ilustrado: Methodo de conhecer, e curar o morbo gallico. 1715. (1ª ed. 1683, s/ ilustrações e s/ a dissertação de Henriques sobre os humores)	Fisiologia	Idade Moderna (Portugal)	1	II
HENRIQUES. Âncora Medicinal, (Seção I, Cap. 1)	Higiene/Regime, Dietética	Idade Moderna (Portugal)	1	IV
HENRIQUES. Apiario Medico-Chumico, Chyurgico, e Pharmaceutico (Observações latinas). Lisboa, 1711.	Medicina Prática (Observações) Farmácia e Cirurgia	Idade Moderna (Portugal)	1	III
HENRIQUES. Medicina Lusitana, e Soccoro Delphico aos clamores da Natureza humana, para total prostigação de seus males. Em Amsterdam, Em casa de Miguel Diaz, Anno 1710.	Medicina (Natureza Humana, Puericultura e Terapêutica)	Idade Moderna (Portugal)	4	II ; III ; IV
HENRIQUES. Pleuricologia, sive syntagma universale de pleuritie, et ipsius curatione. Ad Ducem Cadavalensem Potentissimum. Ulyssipone, Ex Typographiâ Antonij Pedrozo Galram, Cum facultate Superiorum, 1701.	Etiologia e Terapêutica	Idade Moderna (Portugal)	1	III
HOFFMANN. Clavis pharmaceutica Schröderiana, seu Animadversiones cum Annotationibus in Pharmacopoeiam Schröderianam : Baconianis, Cartesianis, & Helmontianis Principiis illustratae & Johannis Michaelis p.m. & aliorum celeberrimorum Medicorum Arcanis concinnatae, 1675.	Medicina, Farmacopeia	Idade Moderna (Prússia)	1	III

JEAN BOECKEL. De peste quae Hamburgum civitatem, anno 1565, gravissimè afflixit. Strasbourg, 1565

JOHN RAY. Historia plantarum generalis. 1704 [Tentativa de reunir a flora de toda a Europa através das plantas enviadas por viajantes pelo continente; principiou em 1684 e terminou em 1704 com três volumes.]

LAZARE RIVIÈRE. Institutiones medicae : in quinque libros distinctae ... Lvgdvni : Sumptibus Antonii Cellier, 1656. [Instituições Médicas (curso)]

LOUIS LÉMERY. Traité des aliments, où l'on trouve la différence et le choix qu'on doit faire de chacun d'eux en particulier, 1702.

MANGET. Bibliotheca Pharmaceutico-Médica, Geneva e Colonia, 1703.

PIERRE MERVAULT. Histoire du dernier siege de la Rochelle ou se voit plusieurs chose remarquables qui se sont passez em iceluy. Par Pierre Mervault Rochelois. A Rouen: Jean Berthelin et Jacques Caillove, dans la Court du Palais. 1648.

PLÊMPIO. Fundamenta seu institutiones medicinae, Louvain, Zegers. 1638 1ª ed. + 1644 + 1653 + 1664; [curso de Medicina publicado seguindo a ordem de Avicena]

PLÊMPIO. Ophtalmographia [Ophtalmographia sive Tractatio de oculo, 1ª ed. 1632, 2ª ed. 1648, 3ª ed. 1659; descreveu a anatomia ocular, identificou seus seis músculos e a causa muscular do estrabismo]

PRÓSPERO ALPINO. De medicina Aegyptiorum, 1591. [Da medicina egípcia.]

SANCTÓRIO. Ars de stactica medicina, Leiden, David Lopes de Haro, 1642 [1ª ed. 1614, diversas reedições]

SIMON PAULI. Quadripartitum Botanicum, de Simplicium Medicamentorum Facultatibus, 1639.

TEOPHILE BONET. Sepulchretum anatomicum, sive anatomia practica ex cadaver morb. Donatis, Geneva, 1679, 2 v. in folio - [Cemitério Anatômico: Compilou cerca de 3000 autópsias feitas por Bonet e por outros, como William Harvey, e as classificou por doença ou sintoma, considerada primeiro livro completo de Anatomia Patológica.]

THOMAS WILLIS. Pharmaceutice rationalis sive diatriba de medicamentorum operationibus in humano corpore, 1674.

ULISSE ALDROVANDI. De piscibus libri V et de cetis lib. unus, Bononiae 1613. [Dos peixes, 5 Livros e Dos Cetáceos, 1 Livro, Bolonha, 1613.]

ULISSE ALDROVANDI. De quadrupedibus bisulcis. Bononiae, 1621. [Quadrúpedes de cascos fendidos, Bolonha, 1621.]

ULISSE ALDROVANDI. De quadrupedibus solidipedibus, Bononiae, 1616. [Quadrúpedes de cascos sem fendas, Bologna, 1616.]

ULISSE ALDROVANDI. De reliquis animalibus exanguibus libri quatuor, post mortem eius editi: nempe de mollibus, crustaceis, testaceis, et zoophytis, Bononiae, 1606. [Dos demais animais sem sangue, 4 Livros, editado postumamente: naturalmente, dos moluscos, crustáceos, testáceos e zoófitos. Bolonha, 1606.]

ULISSE ALDROVANDI. Ornithologiae, tomus alter, Bononiae 1600. [Ornitologia, tomo sucessivo (segundo), Bolonha, 1600.]

Medicina coletiva - Contágio da Peste	Idade Moderna (Bélgica e Alemanha)	1	III
Enciclopédia História Natural (Botânica)	Idade Moderna (Inglaterra)	1	II
Lições de Medicina	Idade Moderna (França)	2	III
Dietética	Idade Moderna (França)	2	III ; IV
Farmacopeia	Idade Moderna (Suíça, França, Prússia)	18	III ; IV
História	Idade Moderna (França)	1	III
Lições de Medicina	Idade Moderna (Países Baixos)	3	II ; V
Oftalmologia	Idade Moderna (Países Baixos)	1	III
Medicina e Botânica do Egipto	Idade Moderna (Itália)	1	IV
Medicina prática (mecânica)	Idade Moderna (Itália)	1	V
Botânica e Farmácia	Idade Moderna (Dinamarca)	1	III
Anatomia Patológica	Idade Moderna (Suíça)	1	III
Farmácia	Idade Moderna (Inglaterra)	1	IV
Enciclopédia História Natural (peixes)	Idade Moderna (Itália)	3	III
Enciclopédia História Natural (Quadrúpedes)	Idade Moderna (Itália)	2	III
Enciclopédia História Natural (Quadrúpedes)	Idade Moderna (Itália)	1	III
Enciclopédia História Natural (testáceos, crustáceos)	Idade Moderna (Itália)	3	III
Enciclopédia História Natural (Ornitologia)	Idade Moderna (Itália)	2	III

Anexo V – Total Obras/Gênero/Seção Âncora Medicinal (Por nº citações)

Obras	Gênero	Época	Citações	Seção
PLÍNIO, o velho. <i>Naturalis Historia</i> [História Natural, 1ª ed. 77 d.C., 37 livros; Livro 9, Geografia do Mediterrâneo ocidental; Livro 14, Plantas, a parreira e o vinho; Livro 19, Jardinagem, botânica e agricultura; Livro 31 e 32, Usos medicinais de produtos marinhos; Livro 37, Mineralogia]	Enciclopédia História Natural	Antiguidade (Império Romano)	33	I ; III ; IV
MARCIAL. <i>Epigrammata</i> [Epigramas]	Poesia epigramática	Antiguidade (Império Romano)	25	I ; II ; III ; IV
AVICENA. <i>Canon Medicinae</i> . [Canon de Medicina, traduzido pela E. de Salerno (séc. XI) pela E. de Toledo (séc. XII); Dezenas de edições completas foram impressas nos sécs. XV, XVI e XVII, a maioria na Itália, algumas com comentários e outras em compilações com doutrinas de Galeno e Hipócrates. Leitura obrigatória nas Universidades até o séc. XVIII, como Jena, Valladolid, Salamanca e Pádua.]	Enciclopédia Médica (Princípios Gerais, teoria das febres, teoria da crise, etiologia, sintomatologia, dietética, terapia, patologia, farmácia, cirurgia, psiquiatria)	Idade Média (Pérsia)	19	II ; III ; IV
GALENO. <i>De alimentorum facultatibus</i> [Das propriedades dos alimentos; Livro 1 (cereais, mel, legumes, forragem), 2 (frutas, ervas, raízes, hortaliças) e 3 (animais, vinho, conservas)]	Dietética	Antiguidade Tardia (Império Romano)	19	III ; IV
MANGET. <i>Bibliotheca Pharmaceutico-Médica</i> , Geneva e Colonia, 1703.	Farmacopeia	Idade Moderna (Suiça, França, Prússia)	18	III ; IV
ESCOLA SALERNITANA. <i>Regimen Sanitatis Salernitanum</i> , [Regime de Saúde Salernitano, XII-XIII séc. d.C.; 1ª ed. Impressa em 1480, com 364 versos e comentários de Arnaldo de Villanova, traduzido em quase todas as línguas europeias, chegou a quase 40 edições antes de 1501; sucesso editorial, em voga até o séc. XIX; nomes alternativos: Flos Medicinae Salerni e Liliun Medicinae.]	Higiene/Regime - Poema didático (exâmetro)	Baixa Idade Média	12	II ; III ; IV ; V
HIPP. <i>Aphorismorum Hippocratis</i> [Sectio 1 e 2, séc. IV a.C.]	Aforismos (Manual de Doutrina Médica)	Antiguidade Grega Clássica	11	II ; IV
ALEXANDRE DE TRALLES. <i>Alexandri Yatros Practica</i> [Doze Livros de Medicina]	Enciclopédia Médica	Antiguidade Tardia (Império Bizantino)	10	III
DIOSCÓRIDES. <i>De materia medica</i> , 5 livros. [Livro 2: Animais e ervas; Livro 5: parreira, vinho e minerais]	Farmácia, Botânica	Antiguidade (Império Romano)	8	III ; IV
GALENO. <i>De sanitate tuenda</i> [Da Higiene ou Da Preservação da Saúde]	Higiene (Preservação)	Antiguidade Tardia (Império Romano)	8	I ; II ; III ; IV
HIPP. <i>De diaeta</i> [Da Dieta]	Dietética (medicina e antropologia)	Antiguidade Grega Clássica	8	III
GALENO. <i>De methodo medendi</i> [Método Terapêutico, 14 livros, texto]	Terapêutica	Antiguidade Tardia	7	I ; II ; III ; IV

fundamental do ensino médico]

BÍBLIA.

CELSO. *De Medicina libri VIII*

GALENO. *Commentarii In Hippocratis De Victus Ratione in Morbis Acutis* [Comentários a HIPP. Do Regime das Doenças Agudas]

AÉCIO DE AMIDA. *Tetrabiblos*; Edição provável de Lyon, 1549 [Originalmente 16 livros de Medicina, reeditados no Renascimento em 4.]

ARISTÓTELES (PSEUDO). *Problemata* [Problemas: Seção 1, Questões médicas; Seção 3, do uso do vinho e da intoxicação; Seção 6, Efeitos da posição do corpo e de seus costumes; Seção 14, Da influência da temperatura; Tem origens no Peripato do séc. III a.C., mas sua composição é do Séc. II d.C.]

ATENEU. *Deipnosophistarum libri quindecim*; Livro 7

HIPP. *De aëre, aquis et locis* [Das Águas, Ares e Lugares, segunda metade do séc. V a.C. - escrito para o médico itinerante: enfoque na influência dos diversos ambientes na saúde e nas características humanas. Primeira parte: ventos, fontes de água, o clima e a localização das cidades; Segunda parte: ambiente e etnografia.]

HORÁCIO. *Sermones* [reunião das Sátiras de Horácio, compostas em exâmetros, narrativas e dialógicas, em dois livros, publicados em 35 a.C. e 30 a.C.]

AUSÔNIO. *De Mosella*

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, 10 livros, Livro 1: (Cap. 3 Quilo)

ETTMULERUS (Ettmüller) & SCHRODER. *La Pharmacopée raisonnée de Schroder, commentée par Michel Etmuller*, 1698. [Farmacopeia de Schroder comentada por Etmulero.]

HENRIQUES. *Medicina Lusitana, e Soccoro Delphico aos clamores da Natureza humana, para total prostigação de seus males*. Em Amsterdam, Em casa de Miguel Diaz, Anno 1710.

HIPP. *De Affectionibus Interioribus* [Das Afecções internas, princípio do IV séc. a.C.]

HIPP. *Epidemiae 4* [Epidemias 4, fim do V - princípio do IV a.C.]

		(Império Romano)		
	Livro Sagrado	Antiguidade	6	II ; III ; V
	Enciclopédia médica (Dietética, Farmácia, Cirurgia)	Antiguidade (Império Romano)	6	I ; II ; III ; IV ; V
	Comentários de Medicina	Antiguidade Tardia (Império Romano)	6	II ; IV
	Enciclopédia médica	Antiguidade Tardia (Império Bizantino)	5	III ; IV
	Questões de Filosofia, Medicina, Ética	Antiguidade (Helenismo - Império Romano)	5	I ; II ; IV ; V
	Diálogos de Filosofia	Antiguidade (Império Romano)	5	III
	Medicina (Etiologia, Geofísica e Etnografia) (médico itinerante)	Antiguidade Grega Clássica	5	I ; IV
	Poesia satírica	Antiguidade (Fim da República e princípio do Império Romano)	5	I ; III
	Poesia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	4	III
	Biografias "Vidas" e Doxografia de Filósofos gregos	Antiguidade Tardia (Império Romano)	4	III ; V
	Comentários de Farmacopeia	Idade Moderna (Prússia)	4	III
	Medicina (Natureza Humana, Puericultura e Terapêutica)	Idade Moderna (Portugal)	4	II ; III ; IV
	Medicina (etiologia, sintomatologia, prognóstico e terapêutica)	Antiguidade Grega Clássica	4	III
	Medicina Prática (Casos)	Antiguidade Grega	4	III ; V

MARCELO EMPÍRICO. <i>De medicamentis empiricis, physicis ac rationalibus liber</i> [em 36 capítulos]	"clínicos") (médico itinerante)	Clássica		
ZACUTO. <i>Praxis Historiarum: in qua morborum omnium internorum curatio, ad Principum Medicorum mentem explicatur: grauiora dubia ventilantur ac resoluuntur: Practicae denique Observationes permulta suis locis insperguntur. Lugduni : J. A. Huguetan, 1643.</i>	Farmacopeia e Magia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	4	III
AULO GÉLIO. <i>Noctes Atticae</i> . [Noites Áticas, 20 livros: compilação de mais de duzentos autores]	Diversos (enorme compêndio de diversos autores)	Antiguidade (Império Romano)	3	IV ; V
GALENO. <i>Ad glauconem methodo medendi</i> [Terapêutica a Glauco]	Terapêutica	Antiguidade Tardia (Império Romano)	3	III ; IV
GALENO. <i>De Euchymia et Cacochymia, seu de bonis malisque succis generandis</i> [Sobre os bons e maus sucos dos alimentos]	Dietética	Antiguidade Tardia (Império Romano)	3	III ; IV
GUILLAUME RONDELET. <i>De piscibus marinis libri XVIII</i> , Lyon, 1554. [Os peixes marinhos, 18 livros: descreve 224 espécies mediterrâneas.]	Enciclopédia História Natural (peixes)	Renascimento francês	3	III
HIPP. <i>De regimen in morbis acutis</i> [Do Regime nas doenças agudas, fim do séc. V a.C.]	Higiene/Regime (Dietética)	Antiguidade Grega Clássica	3	II ; IV
HIPP. <i>Epidemiae 6</i> [Epidemias 6, fim do V - princípio do IV a.C.]	Medicina Prática (Casos "clínicos") (médico itinerante)	Antiguidade Grega Clássica	3	I ; II
OVÍDIO. <i>Metamorphoseon libri XV</i> [Metamorfoses, 15 livros]	Poesia	Antiguidade (Fim do período Romano Republicano)	3	II
PAUSÂNIAS. <i>Periegesis Hellados</i> [Descrição da Grécia ou Viagem à Roda da Grécia, 10 livros]	Geografia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	3	III ; V
PLÊMPIO. <i>Fundamenta seu institutiones medicinae</i> , Louvain, Zegers. 1638 1ª ed. + 1644 + 1653 + 1664; [curso de Medicina publicado seguindo a ordem de Avicena]	Lições de Medicina	Idade Moderna (Países Baixos)	3	II ; V
RAZI. <i>Liber de Continens</i> , 9 volumes, compilação póstuma do séc. XIII.	Medicina Prática (Patologia, Terapia e Farmácia)	Idade Média (Pérsia)	3	III
ULISSE ALDROVANDI. <i>De piscibus libri V et de cetis lib. unus</i> , Bononiae 1613. [Dos peixes, 5 Livros e Dos Cetáceos, 1 Livro, Bolonha, 1613.]	Enciclopédia História Natural (peixes)	Idade Moderna (Itália)	3	III
ULISSE ALDROVANDI. <i>De reliquis animalibus exanguibus libri quatuor, post mortem eius editi: nempe de mollibus, crustaceis, testaceis, et zoophytis</i> , Bononiae, 1606. [Dos demais animais sem sangue, 4 Livros, editado postumamente: naturalmente, dos moluscos, crustáceos, testáceos e zoófitos. Bolonha, 1606.]	Enciclopédia História Natural (testáceos, crustáceos)	Idade Moderna (Itália)	3	III

ALESSANDRO BENEDETTI. De observatione in pestilentia, Venetiis 1493.	Medicina Prática (Observações)	Renascimento italiano	2	III
AL-SUYUTI (HABD.). <i>Tibb al-Nabi</i> [Medicina do Profeta]	Medicina Profética (Dietética, Exercícios, Medicina Natural, segundo os hadith, palavras e ações do Profeta Maomé; gênero de não-médicos)	Renascimento (Egito, fim do período Mameluco)	2	III
ANDRÉS LAGUNA & DIOSCÓRIDES. <i>Annotationes in Dioscoridem Anazarbeum</i> . [Tradução e comentários do De Materia Medica de Dioscórides, acompanhado de xilogravuras; reeditado 22 vezes até o XVIII]	Tradução e Comentários de Farmacopeia	Renascimento espanhol	2	III
AURELIUS VICTOR. <i>De Vita et Moribus Imperatorum Romanorum excerpta ex Libris Sex.</i> , XII: Cocceius Nerva [Vida e Morte dos Imperadores Romanos, XII: Nerva]	Biografias "Vidas" e História	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	V
AVERROES. <i>Cantica item Avicennae cum eiusdem Averrois commentariis</i> . [Comentários ao Cantica de Avicenna]	Comentários de Medicina	Idade Média Islâmica	2	III
BALONIUS. <i>Consiliorum Medicinalium Liber III. Et Postremus</i> . Parisiis, Apud Iacobum Quesnel, via Iacobaea, sub signo Cochleae, & Columbarum. 1649. [Livro 3 dos Consilia, escrito em 1609, editado postumamente por Jacques Thévert]	Medicina Prática (Consilia)	Renascimento francês	2	III
ELIANO. <i>De Animalium natura libri XVII</i> , Livro 12.	Enciclopédia História Natural	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	III
GALENO. <i>De Attenuante victus ratione</i>	Coleção de textos galênicos (medicina, dietética)	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	III
GALENO. <i>De compositione medicamentorum secundum locos libri X</i>	Farmácia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	III
GALENO. <i>De simplicium medicamentorum temperamentis et facultatibus</i> [Das propriedades e temperamentos dos medicamentos simples]	Terapia e Farmacopeia (vegetal, sobretudo, mas também animal e mineral)	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	II ; III
GALENO. <i>Historia pueri epileptici</i> [História das Crianças Epilépticas]	Medicina prática	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	III
GALENO. <i>Quod Animi Mores Corporis Temperamenta Sequantur</i> [Que as qualidades da mente dependem do temperamento do corpo]	Psicofisiologia e Anatomia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	I ; IV
HIPP. <i>De Flatibus</i> [Dos Ares ou Dos Ventos; fim do séc. V a.C. - feito para ser lido oralmente]	Discurso Médico Oral (Etiologia e Física)	Antiguidade Grega Clássica	2	I ; II
HIPP. <i>De morbis mulierum</i> [Das doenças das mulheres, livro 1 , fim do V séc. e princípio do IV séc. a.C.]	Ginecologia	Antiguidade Grega Clássica	2	III
LAZARE RIVIÈRE. <i>Institutiones medicae</i> : in quinque libris distinctae ... Lvgdvni : Sumptibus Antonii Cellier, 1656. [Instituições Médicas (curso)]	Lições de Medicina	Idade Moderna (França)	2	III

LOUIS LÉMERY. <i>Traité des aliments, où l'on trouve la différence et le choix qu'on doit faire de chacun d'eux en particulier</i> , 1702.	Dietética	Idade Moderna (França)	2	III ; IV
OPPIANO DE APAMEIA (BODIN trad.). <i>Cynegetica</i> [Poema didático sobre a caça, em 4 livros, traduzido por Bodin.]	Poesia didática (Caça)	Antiguidade Tardia (Império Romano)/ Trad. Renascimento francês	2	III
PAULO JÓVIO. <i>Novocomensis Episcopi Nucerini, de vita Leonis Decimi Pont.Max. libri III. His ordine temporum accesserunt Hadriani sexsti Pont.Max. et Pompeii Columnae cardinalis vitae, ex officina Laurentii Torrentini, Florentiae, 1ª ed. 1548. [Vida dos Varões Ilustres, Vida de Leão X, Pontífice Máximo, Livro 3]</i>	Biografias "Vidas" de pessoas ilustres	Renascimento italiano (Idade Moderna)	2	IV ; V
PLATÃO. <i>De legibus</i> . [Das Leis, Livro 2]	Diálogo filosófico [Livro 2: educação dentro da cidade]	Antiguidade Grega Clássica	2	II
PLATINA. <i>De honesta voluptate et valetudine</i> , Roma 1474 [são transcritas diversas receitas do cozinheiro Mestre Martino]	Dietética, Gastronomia	Renascimento italiano	2	III
QUINTO SERENO. <i>Liber Medicinalis</i> [1107 exâmetros e 63 receitas, séc. II ou III d.C.]	Poesia médica (etiologia e terapêutica)	Antiguidade Tardia (Império Romano)	2	III
SÊNECA. <i>Epistulae ad Lucilium</i> [Epístolas a Lucílio]	Epístolas Filosóficas	Antiguidade (Império Romano)	2	II
SENNERT. <i>Institutiones Medicinae</i> , 1611 . [Instituições de Medicina (curso)]	Lições de Medicina	Renascimento alemão	2	III
ULISSE ALDROVANDI. <i>De quadrupedibus bisulcis</i> . Bononiae, 1621. [Quadrúpedes de cascos fendidos, Bolonha, 1621.]	Enciclopédia História Natural (Quadrúpedes)	Idade Moderna (Itália)	2	III
ULISSE ALDROVANDI. <i>Ornithologiae, tomus alter</i> , Bononiae 1600. [Ornitologia, tomo sucessivo (segundo), Bolonha, 1600.]	Enciclopédia História Natural (Ornitologia)	Idade Moderna (Itália)	2	III
VIRGÍLIO. <i>Aeneis</i> . Séc. I a.C. [Eneida.]	Poesia épica	Antiguidade (Fim da República e princípio do Imp. Romano)	2	III ; V
ACOSTA. <i>Tractado de las drogas y medicinas de las Indias orientales</i> , 1578. (perdido)	Enciclopédia História Natural, Botânica e Farmácia	Idade Moderna (Portugal)	1	III
ALESSANDRO BENEDETTI. <i>Omnium a vertice ad calcem morborum signa, causae, indicationes et remediorum compositiones utendique rationes</i> , 1539	Medicina Prática (Practica)	Renascimento italiano	1	III
ALESSANDRO VENTURINI. <i>Le medicine che da tutti gl'animali si può cavare a beneficio dell'uomo, altre volte intitolato il Zomista, e Secretario de gl'animali</i> , ed, 1636 : 1649 : 1649 : 1654, 1663, 1672, 1674, 1680, 1704. [Os remédios que de todos os animais se podem tirar a benefício do homem, outras vezes intitulado o Zomista e Segretario dos animais]	Farmacopeia Zoológica de "Segredos"	Idade Moderna (Itália)	1	III
ALSÁRIO. <i>De morbis capitis frequentioribus</i> : Livro 3, De Lethargo, Lectio	Lições de Medicina	Idade Moderna (Itália)	1	I

VII, ed. 1617	(psicofisiologia)			
ALSÁRIO. <i>De quaesitis per epistolam in arte medica centuriae quatuor</i> . Veneza, 1622 1ª ed..	Lições de Medicina	Idade Moderna (Itália)	1	I
ANDRÉ-ANTONIO DE CASTRO. <i>De qualitibus alimentorum quae humani corporis nutritioni sunt apta</i> ou <i>De simplicium medicamentorum facultatibus</i> , ambas publicadas junto a <i>De febrium curatione</i> , em Villaviciosa, 1636	Dietética e Farmácia	Idade Moderna (Portugal)	1	III
ANTOINE MIZAUD. <i>Memorabilium utilium, ac iucundorum in aphorismos arcanorum omnis generis locupletes, perpulchre digestae</i> ; partim ab Antonio Mizaldo Monluciano, Medico; partim ex aliis fide dignis probatisque auctoribus excerptae. Editio novissima, in decem capita, melioris ordinis gratia, distributa. Paris, 1566.	Medicina popular Aforismos de História Natural, Medicina, Física, Botânica e Farmácia popular	Renascimento francês	1	III
APIANO. <i>De bello Parthico</i> [Apêndice perdido do Livro 11, Syriaca ou Guerras Sírias, de sua História Romana, em 24 livros, dos quais boa parte está perdida.]	História	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	III
ARNALDO DE VILA NOVA. <i>Opera Omnia</i> . [Lyon, 1520 e 1532; Basileia 1585 e 1699]	Higiene/Regime, Alquimia, Prática	Baixa Idade Média (Península Ibérica)	1	III
ARNOLDO WEIKARDUS. <i>Thesaurus pharmaceutico</i> , Frankfurt, 1626.	Dietética, Gastronomia	Idade Moderna	1	III
ARQUESTRATO. Fragmento de 334 versos, com vários nomes: Gastronomia, Gastrologia, Opsopoiia, Deipnologia, Hedupatheia; possivelmente acessado nos Deípnosofistas de Ateneu.	Poema épico de Cozinha	Antiguidade Grega (Período Helenístico)	1	III
ATHANASIVS KIRCHER. <i>Mundus subterraneus</i> , Amsterdam, 1665. [Mundo Subterrâneo - contém aspectos geológicos, incluindo relatos fantásticos da Ilha de Atlântida]	Geologia	Idade Moderna (Alemanha)	1	III
BARTOLINUS. <i>Historiarum anatomicarum rariorum</i> ; Centuria I e II, Amsterdam 1654; Centuria III e IV, The Hague: Vlacq, 1657; Centuria V e VI, Copenhague: P. Haubold, 1661. [descrição de estruturas anatómicas e suas consequências clínicas, incluindo descrições e ilustrações de estruturas anormais e normais.]	Anatomia e Prática	Idade Moderna (Dinamarca)	1	III
BARTOLOMEU ÂNGLICO. <i>De proprietatibus rerum</i> [Da propriedade das coisas, em 19 livros, cerca de 1230-1240; traduzido para o occitano, francês, inglês, holandês, alemão e italiano até o séc. XIV]	Enciclopédia (Teologia, Filosofia, Medicina, Astronomia, Cronologia, Zoologia, Botânica, Geografia, Mineralogia)	Idade Média Central	1	III
CASTORE DURANTE. <i>Il Tesoro della Sanità</i> , 1ª ed. 1586; [tratado de medicina popular, com regras de higiene e dietética.]	Medicina popular (Dietética e Higiene)	Renascimento italiano	1	III
CÍCERO. <i>De Natura Deorum</i> [Sobre a natureza dos Deuses, Livro 2 - 45 ou 44 a.C.]	Filosofia e Teologia	Antiguidade (Império Romano)	1	I
CLEARCO. <i>Sobre as animais aquáticos</i> . [Séc. IV-III a.C.; talvez via	História Natural (peixes)	Antiguidade Grega	1	III

Deipnosofistas de Ateneu.]		(Período Helenístico)		
COLUMELLA. <i>De re rustica</i> [em 12 livros; Livro 1]	Agronomia	Antiguidade (Império Romano)	1	I
CRISTÓVÃO DA VEGA. <i>De arte medendi</i> , 1564. [Da arte de curar]	Higiene/Regime, Dietética	Renascimento espanhol	1	IV
CURVO SEMEDO. <i>Polyanthea Medicinal</i> . Notícias Galenicas e Chymicas. Lisboa, 1ª ed. 1697; Tratado 2, cap. 83: aviso 54.	Medicina e Farmácia	Idade Moderna (Portugal)	1	III
DÉCIMO JUVENAL. <i>Satirae</i> XI [Sátira XI; 16 Sátiras em 5 livros; escritos entre 100 e 127 d.C.; tom moralista, "mina de citações" e modelo para o Cândido de Voltaire]	Poema satírico (exâmetros)	Antiguidade (Império Romano)	1	III
DIOCLES DE CARISTO. <i>Fragmenta</i> .	Dietética	Antiguidade Grega (Clássica-Helenística)	1	III
ETTMULERUS (Ettmüller). <i>Institutiones Medicae</i> , 1708. [Instituições Médicas.]	Lições de Medicina	Idade Moderna (Prússia)	1	II
G. BATTISTA FIERA. <i>Coena</i> [Ceia, 1ª ed. Roma, 1490, republicada várias vezes, no séc. XVI na Basileia, em Paris e Strasburgo]	Dietética	Renascimento italiano	1	III
GALENO. <i>Commentarii in Hippocratis Aphorismorum</i> [Comentários a HIPPOCRATES. Aforismos]	Comentários de Medicina	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	II
GALENO. <i>Commentarii in Hippocratis Epidemiarum librum VI</i> [Comentário ao livro 6 das Epidemias de HIPPOCRATES.]	Comentários da medicina	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	IV
GALENO. <i>De bonitate vitioque succorum</i> [Dos bons e maus sucos.]	Higiene (Preservação)	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	V
GALENO. <i>De compositione medicamentorum secundum genera</i> [Da composição dos remédios segundo o tipo]	Farmácia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	IV
GALENO. <i>De Temperamentis</i> , Livro 3 [Dos Temperamentos ou das Compleições; Grego: Peri Kraseon (Das Misturas)]	Fisiologia e Anatomia	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	IV
GASPAR DOS REIS FRANCO. <i>Elysium iucundarum quaestionum campus, omnium literarum amoenissima varietate refertus</i> . Medicis imprimis, 1ª ed. Bruxellas, Francisci Vivien, 1661. [Campo Elíseo]	?	Idade Moderna (Península Ibérica)	1	III
GIAMBATTISTA DELLA PORTA. <i>Magiae naturalis sive de miraculis rerum naturalium</i> . [Magia Natural, Nápoles, 1558 e depois revisada em 1584; a obra teve 5 edições latinas em 10 anos e diversas traduções às línguas europeias.]	Ciência popular (cosmologia, geologia, ótica, produtos vegetais, remédios, venenos, cozinha, metalurgia, destilação, coloração do vitor, esmaltes, cerâmicas, magnetismo, cosméticos, pólvora, criptografia)	Renascimento italiano	1	III

HALI (AL-MAJUSI). Liber pantegni [Kamel al-sena'at al-tebbiya ou al-Malaki, Arte Médica Completa, fim do século X, traduzido por Constantino Africano, da Escola de Salerno no séc. XI; Regalis dispositio ou ainda Liber Regius, por Stephanus de Antióquia, séc. XII]	Enciclopédia Médica (Comentários à tradição grega e islâmica, medicina prática, dietética, Farmácia, psicologia, psicofisiologia e observações clínicas)	Idade Média (Pérsia)	1	III
HENRIQUES & MADEIRA. "Dissertação dos Humores Naturais do Corpo Humano", In: Arrais, Duarte Madeira & Henriques, Francisco da Fonseca. <i>Madeira Ilustrado: Methodo de conhecer, e curar o morbo gallico</i> . 1715. (1ª ed. 1683, s/ ilustrações e s/ a dissertação de Henriques sobre os humores)	Fisiologia	Idade Moderna (Portugal)	1	II
HENRIQUES. <i>Âncora Medicinal</i> , (Seção I, Cap. 1)	Higiene/Regime, Dietética	Idade Moderna (Portugal)	1	IV
HENRIQUES. <i>Apiario Medico-Chumico, Chyrurgico, e Pharmaceutico (Observações latinas)</i> . Lisboa, 1711.	Medicina Prática (Observações) Farmácia e Cirurgia	Idade Moderna (Portugal)	1	III
HENRIQUES. <i>Pleuricologia, sive syntagma universale de pleuritide, et ipsius curatione</i> . Ad Duces Cadavalensem Potentissimum. Ulyssipone, Ex Typographiâ Antonij Pedrozo Galram, Cum facultate Superiorum, 1701.	Etiologia e Terapêutica	Idade Moderna (Portugal)	1	III
HERMES TRISMEGISTO/HARPOCRATION. <i>Kyranides</i> [ou Cyranides: compilação de vários tratados originalmente em grego, de magia, ocultismo, da tradição hermética, com lapidários, bestiários, propriedades dos animais, águas termais, minerais, amuletos, suas relações ocultas etc. Atribuído a Hermes Trismegisto ou a Harpocraton, portanto situado entre o II e o IV ou séc. a.C. Impresso diversas vezes no Renascimento.]	Enciclopédia Hermetismo, Magia e História Natural	Renascimento/ Antiquidade Tardia	1	III
HIPP. <i>De Affectionibus</i> [Das Afecções, princípio do IV séc. a.C.]	Medicina para leigos (Etiologia e Dietética)	Antiguidade Grega Clássica	1	II
HIPP. <i>De Sacro Morbo</i> [Da Doença Sagrada, segunda metade do séc. V a.C.]	Etiologia e Física	Antiguidade Grega Clássica	1	I
HOFFMANN. <i>Clavis pharmaceutica Schröderiana, seu Animadversiones cum Annotationibus in Pharmacopoeiam Schröderianam</i> : Baconianis, Cartesianis, & Helmontianis Principiis illustratae & Johannis Michaelis p.m. & aliorum celeberrimorum Medicorum Arcanis concinnatae, 1675.	Medicina, Farmacopeia	Idade Moderna (Prússia)	1	III
HOMERO. <i>Odisséia</i> [último livro]	Poema épico	Antiguidade	1	V
JEAN BOECKEL. <i>De peste quae Hamburgum civitatem, anno 1565, gravissimè afflixit</i> . Strasbourg, 1565	Medicina coletiva - Contágio da Peste	Idade Moderna (Bélgica e Alemanha)	1	III
JOHN RAY. <i>Historia plantarum generalis</i> . 1704 [Tentativa de reunir a flora de toda a Europa através das plantas enviadas por viajantes pelo continente; principiou em 1684 e terminou em 1704 com três volumes.]	Enciclopédia História Natural (Botânica)	Idade Moderna (Inglaterra)	1	II

JOSEFO. <i>De bello judaico</i> [Da guerra judaica]	História	Antiguidade (Império Romano)	1	II
JUVENAL. <i>Satyrae</i> 1 [16 Sátiras em 5 livros; escritos entre 100 e 127 d.C.; tom moralista, "mina de citações" e modelo para o Cândido de Voltaire]	Poema satírico (exâmetros)	Antiguidade (Império Romano)	1	II
LUCANO. <i>De Bello Pharsalico</i> : Livro IV; ou <i>Bellum civile</i> ; 10 livros; [Guerra Civil entre César e Pompeu]	Poema épico (exâmetro)	Antiguidade (Império Romano)	1	II
MARCELO VIRGÍLIO. <i>Commentarii in Diosc. De materia medica libri sex</i> [Comentários em Dioscórides De Materia Medica]	Enciclopédia e Comentários (à tradição grega e islâmica, medicina prática, dietética, Farmácia, psicologia, psicofisiologia e observações clínicas)	Renascimento italiano	1	III
OPPIANO DE ANAZARBO. <i>Halieutica</i> [5 livros; poema sobre a pesca, em 3506 versos exâmetros; Livro 2]	Poema sobre a pesca	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	III
PETRARCA. <i>Canzoniere</i> (Rerum vulgarium fragmenta)	Poesia	Baixa Idade Média (Itália)	1	III
PETRÔNIO. <i>Satyricon</i> . [prosímetro, mistura de prosa e versos.]	Prosímetro satírico (Prosa e Versos)	Antiguidade (Império Romano)	1	V
PIERIO. <i>Institutiones Graecae grammatica</i> , 1ª ed. 1498.	Manual de Gramática grega	Renascimento italiano	1	III
PIERRE MERVAULT. <i>Histoire du dernier siege de la Rochelle ou se voit plusieurs chose remarquables qui se sont passez em iceluy. Par Pierre Mervault Rochelois</i> . A Rouen: Jean Berthelin et Jacques Caillove, dans la Court du Palais. 1648.	História	Idade Moderna (França)	1	III
PLÊMPIO. <i>Ophtalmographia</i> [Ophtalmographia sive Tractatio de oculo, 1ª ed. 1632, 2ª ed. 1648, 3ª ed. 1659; descreveu a anatomia ocular, identificou seus seis músculos e a causa muscular do estrabismo]	Oftalmologia	Idade Moderna (Países Baixos)	1	III
PRÓSPERO ALPINO. <i>De medicina Aegyptiorum</i> , 1591. [Da medicina egípcia.]	Medicina e Botânica do Egito	Idade Moderna (Itália)	1	IV
RODIGÍNIO. <i>Lectionum Antiquarum</i> ou <i>Antiquae lectiones</i> , Livro 3, Cap. 12. 1ª ed. em 16 livros, Milão, 1516, 2ª ed. em 20 livros, Basileia, póstuma, em 1542	Erudição	Renascimento italiano	1	II
SANCTÓRIO. <i>Ars de stactica medicina</i> , Leiden, David Lopes de Haro, 1642 [1ª ed. 1614, diversas reedições]	Medicina prática (mecânica)	Idade Moderna (Itália)	1	V
SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. <i>De Consideratione Libri Quinque ad Eugenium Tertium</i> [Consideração a Eugenio III (papa), Livro 2 : Caput X; 1148]	Doutrina Eclesiástica e Política	Idade Média Central	1	II
SÃO JERÔNIMO. <i>Vita Sancti Pauli Eremitae</i> [Vida de São Paulo Eremita]	Biografias (Vidas de Santos)	Antiguidade Tardia (Império Romano)	1	II

SÊNECA. <i>Dialogorum libri XII</i> , Liber IX: <i>De tranquillitate animi</i> . [Diálogos, 12 livros, Livro 9: Da tranquilidade da alma.]	Diálogos de Filosofia	Antiguidade (Império Romano)	1	V
SIMON PAULI. <i>Quadripartitum Botanicum, de Simplicium Medicamentorum Facultatibus</i> , 1639.	Botânica e Farmácia	Idade Moderna (Dinamarca)	1	III
SOLENANDRO. <i>Consiliorum Medicinalium</i> Reineri Solenadri, Budericensis, Doctoris, Medici Ducis Cliuensium, &c. Sectiones quinque 1ª ed. 1596. [Conselhos de Medicina]	Medicina prática (Consilia)	Renascimento (Alemanha e Itália)	1	II
SYMEON SETH. <i>Syntagma De Alimentorum Facultatibus</i> , séc. XI	Dietética	Idade Média Central (Império Bizantino)	1	III
TEOPHILE BONET. <i>Sepulchretum anatomicum, sive anatomia practica ex cadaver morb</i> . Donatis, Geneva, 1679, 2 v. in folio - [Cemitério Anatômico: Compilou cerca de 3000 autópsias feitas por Bonet e por outros, como William Harvey, e as classificou por doença ou sintoma, considerada primeiro livro completo de Anatomia Patológica.]	Anatomia Patológica	Idade Moderna (Suíça)	1	III
THOMAS WILLIS. <i>Pharmaceutice rationalis sive diatriba de medicamentorum operationibus in humano corpore</i> , 1674.	Farmácia	Idade Moderna (Inglaterra)	1	IV
ULISSE ALDROVANDI. <i>De quadrupedibus solidipedibus</i> , Bononiae, 1616. [Quadrúpedes de cascos sem fendas, Bologna, 1616.]	Enciclopédia História Natural (Quadrúpedes)	Idade Moderna (Itália)	1	III
VALÉSIO. <i>Commentaria Epidemiae In Hippocratis Libr. VI</i> [Comentarios a HIPP. Epidemias VI]	Comentários de Medicina	Renascimento espanhol	1	I
VELASCO DE TARANTA. <i>Philonium pharmaceuticum et chirurgicum de medendis omnibus, cum internis, cum externis humani corporis affectibus</i> , 1418.	Medicina Prática (Farmácia, Cirurgia e Terapêutica)	Baixa Idade Média (Portugal e França)	1	V

Anexo VI - Lista Antiguidade Autores/Citações/Seção Âncora Medicinal

Autores/personagens	Seção I	Seção II	Seção III	Seção IV	Seção V	Total	Época
*Antíoco [Santo Antíoco?, médico; Império Romano Oriental, martirizado no fim III d.C.]			1			1	Antiguidade Tardia (Império Romano)
*Zêuxis [personagem, pintor grego, séc. V a.C.]					1	1	Antiguidade Grega Clássica
“Adágio antigo”*** [talvez Ateneu, Deipnosophistas]			1			1	Antiguidade (Império Romano)
Aécio de Amida (V - VI d.C.) [Aetius Amidenus, médico bizantino da Mesopotâmia]			5	1		6	Antiguidade (Império Romano)
Alexandre Traliano [Alexander Trallianus, de Tralles (Lydia), médico grego do VI séc. d.C.]			11			11	Antiguidade Tardia (Império Bizantino)
Apiano [Appianus, historiador grego de Alexandria, compilou material enorme, com olhar etnográfico; II d.C.]			1			1	Antiguidade (Império Romano)
Aristóteles [Pseudo-Aristóteles, II d.C.]	1	1		1	2	5	Antiguidade (Império Romano)
Arquestrato [Arquestrato de Gela, poeta, viajante e gastrônomo siciliota, séc. IV a.C.]			1			1	Antiguidade Tardia (Império Bizantino)
Atheneu [Ateneu de Náucrates, escritor grego, séc. II-III d.C.]			4			4	Antiguidade
Aulo Gélío [Aulus Gellius, gramático, escritor latino, II d.C.]				1	2	3	Antiguidade (República Romana)
Aurelius Victor, historiador e político romano da África, IV d.C.					2	2	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Ausônio [Decius ou Decimus Magnus Ausonius, poeta latino, séc. IV d.C.]			4			4	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Bíblia		4	1		1	6	Antiguidade Tardia (Império Romano)

Celso [Aulus Cornelius Celsus, enciclopedista romano, I a.C. - I d.C.]	1	1	3	1	1	7	Antiguidade Tardia (Império Romano Ocidental)
Cícero [filósofo, advogado, político e orador romano, 106 - 43 a.C.]	1					1	Antiguidade (Império Romano)
Clearco [Clearco de Soles, filósofo cipriota, peripatético, séc. IV-III a.C.]			1			1	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Columela [Lucius Junius Moderatus Columella, célebre escritor de agronomia romano, I d.C.]			1			1	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Diocles [Diocles de Caristo, médico grego, tido como "segundo Hipócrates"; tratou sobre dietética, anatomia animal e foi adepto da filosofia aristotélica, séc. IV a.C.]			1			1	Antiguidade (Fim da República, princípio do Império Romano)
Diógenes Cínico (ou Diógenes de Apolônia; V séc. a.C. - Pré-socrático grego)		1				1	Antiguidade (Império Romano)
Diógenes Laércio (III séc. d.C. - doxógrafo e biógrafo grego)			2		1	3	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Dioscórides [Dioscórides Pedanio, médico, botânico, farmacêutico grego; I séc. d.C.]			9	1		10	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Eliano [Claudius Aelianus, filósofo e escritor romano de língua grega, séc. II-III d.C.]			2			2	Antiguidade (Império Romano)
Galeno (II d.C. Pérgamo - Roma)	1	10	43	19	5	78	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Hipócrates de Cos (V - IV a.C.) [Corpus Hippocraticum, V a.C. - II d.C.]	4	16	17	8	3	48	Antiguidade Grega Clássica
Homero [citado via Galeno]					1	1	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Horácio [Quintus Horatius Flaccus, poeta romano, epicurista; I a.C.]	1		4			5	Antiguidade (Fim da República e começo do Império Romano)

Josefo (Flávio Josefo) (Jerusalém 37 d.C. - Roma 100 d.C. aprox.)	1				1	Antiguidade
Juvenal [Decimus Iunius Iuvenalis, poeta romano satírico, meados do I d.C. a meados do II d.C.]	1	1			2	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Kiranide [Kyranides ou Cyranides; compilação de vários tratados da tradição hermética, originalmente em grego de: magia, ocultismo, lapidários, bestiários, propriedades dos animais, águas termais, minerais, amuletos, suas relações ocultas etc. Atribuído a Hermes Trismegisto ou a Harpocraton; entre o II e o IV a.C. Impresso diversas vezes no Renascimento.]			1		1	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Lucano (39 - 65 d.C. - poeta latino, estoico e sobrinho de Sêneca)	1				1	Antiguidade Grega Clássica
Marcelo Empírico [Médico da Gália, foi magister officiorum da casa imperial de Teodosio I e depois de Arcadio; IV-V séc. d.C.]			4		4	Antiguidade (República Romana)
Marcial [poeta romano, famoso epigramista, I d.C.]	1	1	22	1	25	Antiguidade Helenística
Opiano [Opiano de Anazarbo ou Corico; poeta de língua grega, séc. II d.C.]			1		1	Antiguidade (Império Romano)
Oppiano [Opiano de Apameia ou Opiano da Síria, poeta sírio, escreveu em grego, século III d.C.]			1		1	Antiguidade (Clássica - Helenística)
Ovídio (43 a.C. - 18 d.C.)	3				3	Antiguidade Grega Clássica
Pausânias [viajante e geógrafo grego da Ásia Menor; meados do séc. II d.C.]			1	1	2	Antiguidade (Grécia Arcaica)

Peripatéticos [inicialmente, discípulos de Aristóteles no Perípato, depois seguidores de sua filosofia]	1					1	Antiguidade (Império Romano)
Petrônio [Petronius Arbiter ou Titus Petronius Niger, escritor romano; I d.C.]					1	1	Antiguidade Tardia
Platão (V-IV a.C.)	1	2				3	Antiguidade (Império Romano)
Plínio ("o velho" - I d.C.)	1		24	2		27	Antiguidade (Império Romano)
Q. Sereno [Quintus ou Quintius Serenus, autor latino, II ou III séc. d.C.]			2			2	Antiguidade (Império Romano)
Rufo [Rufo de Éfeso, médico grego da segunda metade do séc. I d.C.]			4			4	Antiguidade-Idade Média-Renascimento
Salviano [Salvianus, escritor cristão do séc. V d.C.]			1			1	Antiguidade (Império Romano)
São Jerônimo [um dos quatro Pais da Igreja, Doutor da Igreja, traduziu a Bíblia do grego e do hebraico ao latim, 347 - 419/420 d.C.]		1				1	Antiguidade Tardia (Império Romano Ocidental)
Sêneca (4 a.C. - 65 d.C., estóico romano)		2			1	3	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Virgílio [Poeta épico latino, I séc. a.C.]			1		1	2	Antiguidade Grega Clássica
Xenócrates [Xenócrates de Calcedônia, filósofo grego, discípulo de Platão, séc. IV a.C.]			1			1	Antiguidade Grega Clássica
	I	II	III	IV	V	Total	
	13	44	176	35	23	291	

Anexo VII – Lista Idade Média Autores/Citações/Seção Âncora Medicinal

Autores/personagens	Seção I	Seção II	Seção III	Seção IV	Seção V	Total	Época
Avicena (Filósofo e médico persa, islâmico, 980 - 1037)		5	5	9		19	Idade Média islâmica (Pérsia)
Escola de Salerno (Escola de Medicina, séc. X-XIX)		1	8	2	1	12	Baixa Idade Média
Rasis [Al-Razi ou Ibn Zakaria, alquimista, médico e filósofo persa, oposto ao aristotelismo, 865-925]			3			3	Idade Média islâmica (Pérsia)
Averrhoes [Filósofo, médico, jurista, astrônomo; árabe andaluz, comentador de Aristóteles e Avicena; Córdoba 1126 - Marrakesh 1198]			2			2	Idade Média islâmica (Andaluzia)
Abrincense [Henricus Abrincencis ou Henrique Abrincense, poeta normando, séc. XIII; ? - 1260]				1		1	Baixa Idade Média
Arnaldo de Vila Nova [Médico, alquimista catalão, questionou a teologia aristotélica e defendeu a reforma da Igreja, 1240 - 1312]			1			1	Baixa Idade Média
Bartolomeu Ânglico (séc. XII; Filósofo franciscano, Professor em Paris, considerado um dos primeiros enciclopedistas)			1			1	Baixa Idade Média
Hali [Ali Ibn Abbas al-Majusi ou Haly Abbas; médico e psicólogo persa islâmico, mas de origem zoroastriana; segunda metade do séc. X d.C.]			1			1	Idade Média islâmica (Pérsia)
São Bernardo (de Claraval) [monge e abade francês, 1090 - 1153]		1				1	Idade Média Central
Simeão Seth [Simeon Sethi, judeu bizantino, astrólogo e médico do Imperador Miguel VII Doucas; séc. XI]			1			1	Idade Média Central
*Venceslau da Boêmia (Rei) [personagem, 907-935]					1	1	Idade Média Central
	I	II	III	IV	V	Total	
	0	7	22	12	2	43	

Anexo VIII – Lista Renascimento Autores/Citações/Seção Âncora Medicinal

Autores/personagens	Seção I	Seção II	Seção III	Seção IV	Seção V	Total	Época
Acosta [Cristóvão da Costa ou Cristóbal Acosta, médico e naturalista português, estudou as drogas e a natureza das Índias Orientais, Tanger 1515 - Huelva 1594]			1			1	Renascimento ibérico
Alexandre Benedito [Alessandro Benedetti, anatomista, médico e humanista italiano; 1450-1512]			3			3	Renascimento italiano
Amato Lusitano [João Rodrigues ou Amatus Lusitanus, médico e botânico judeu português, comentou Dioscórides, viajou muito em razão da perseguição religiosa; Castelo Branco (Portugal) 1511 - Salonica (Grécia) 1568]			1			1	Renascimento português
Balônio [Guillelmus Balonius ou Guillaume de Baillou, inspirou os médicos do séc. XVIII que estabeleceram as bases da epidemiologia e da saúde pública modernas; 1538-1616.]			2			2	Renascimento francês
Baptista Fiera [Giovanni Battista Fiera, médico humanista italiano, de Mantova 1465 - 1538]			1			1	Renascimento italiano
Bockélio [Johannes Bockelius ou Jean Boeckel, médico da Antuérpia, Professor em Hamburgo; 1535-1605]			1			1	Renascimento (Países Baixos e Alemanha)
Bodino (interpretando Oppiano) [Jean Bodin, jurista e filósofo francês, 1530-1596]			1			1	Renascimento francês
Cardano [Girolamo Cardano, matemático, médico, astrólogo e filósofo; 1501-1576]		1	2			3	Renascimento italiano
Cristóvão da Vega [Christophori a Vega ou Cristóbal de Vega, médico de câmara do príncipe Don Carlos, catedrático de Alcalá; citado por engano como antigo, 1510-1573]				1		1	Renascimento espanhol
Dodoneo [Rombertus Dodoneus Mechlini ou Rembert Dodoens ou Rembert Van Joenckema, botânico e médico flamengo, Professor em Leuven e médico da corte do Imperador Rudolph II da Áustria; 1517-1585]			1			1	Renascimento flamengo
Durantes [Castore Durante, médico, botânico e poeta italiano, arquiatra na corte do Papa Sisto V; 1529-1590]			1			1	Renascimento italiano
Fornélio [Jean Fernel ou Fernelius, médico francês, defensor do galenismo e muito influente até a descoberta da circulação sanguínea; Universa medicina é sua obra mais famosa; 1497-1558]			1			1	Renascimento francês

Habdarramano [Abu al-Fadl 'Abd al-Rahman b. Abi Bakr b. Muhammad Jalal al-Din al-Khudayri al-Suyuti; conhecido como Al-Suyuti; egípcio, professor, teólogo e jurista; tratou de Medicina Profética (Medicina dos hadith, ações e palavras de Maomé, gênero de não médicos, distinto da Medicina Islâmica, feita por médicos), ética médica, medicina natural, relações sexuais, contágio da Peste Negra no Egito de então; distinguia a medicina em tradicional, espiritual e preventiva (Dietética e Exercícios); 1445-1505]	2		2	Renascimento (Egito, fim do período Mameluco)
Holério [Iacobo Hollerio Stempano, médico de Paris, séc. XVI]	1		1	Renascimento francês
João Batista Porta [Giambattista della Porta ou Giovanni Battista della Porta; comediógrafo, mago e alquimista napoletano; 1535-1615]	1		1	Renascimento (Itália/Nápoles)
João Cratão [Johannes Krafft ou Johannes Cratonis, humanista alemão, médico de três Imperadores do Sacro Romano Império; 1519-1585]	1		1	Renascimento alemão
Júlio Alexandrino [Giulio Alessandrini ou Julius Alexandrinus von Neustein, médico e poeta italiano, de Trento; médico dos Imperadores do Sacro Romano Império, Ferdinando I, Maximiliano II e Rudolph II; traduziu e comentou várias obras de Galeno ao latim; 1506-1590.]	1		1	Renascimento italiano
Laguna [Andrés Laguna de Segovia, médico, farmacologista, botânico, filósofo e humanista espanhol, tradutor e comentador de Dioscórides, 1499-1559]	2		2	Renascimento espanhol
Leonelo Flaventino [Leonello de Vittori, também Faventino, Médico de Bologna; séc. XV-XVI]	2		2	Renascimento italiano
Linschotano [Jan Huygen van Linschoten, navegador e explorador holandês, viajou a serviço de Portugal e de Holanda, descreveu suas viagens em diversas obras; 1536-1611]	1		1	Renascimento (Holanda)
Marcelo Virgílio [Humanista e político de Florença, traduziu e comentou o De medica materia libri sex de Dioscórides em 1518; 1464-1521]	1		1	Renascimento italiano
Mercado [Ludovicus Mercatus, protomédico geral das Espanhas, 1532-1611]	1		1	Renascimento espanhol
Mizaldo [Antoine Mizauld ou Antoninus Mizaldus; astrólogo e médico francês, professor de Medicina em Paris; 1510-1578]	1		1	Renascimento francês
Parcu [Ambrosius Pareus ou Ambroise Paré, famoso cirurgião e anatomista francês; 1510-1590]	1		1	Renascimento francês
Paulo Jóvio [Paolo Giovio, médico, historiador e bispo italiano; fim do XV a meados do XVI]		1	2	Renascimento italiano
Petrarca [Francesco Petrarca, escritor, poeta e humanista italiano; 1304-1374]	1		1	Renascimento italiano

Piério [Giovanni Pietro Dalle Fosse ou Bolzanio Pierio, humanista italiano ligado aos Medici, teólogo e escritor; 1477-1558]			1			1	Renascimento italiano
Platero [Felix Plater ou Platerus, médico suíço, classificou doenças psiquiátricas, refutando causas mágicas e demonológicas, descreveu um tumor intracraniano; Professor em Basel, montou um herbário conservado na Univ. de Berna; 1536-1614]			1			1	Renascimento suíço
Platina [Bartolomeo Sacchi, dito O Platina, Humanista italiano; 1421-1481]			2			2	Renascimento italiano
Rodigínio (Ludovico Ricchieri, latinizado Ludovici Caelii Rhodiginii; humanista, professor de grego e de latim) (1469 - 1525)	1					1	Renascimento italiano
Rondelécio [Guillaume Rondelet, médico e naturalista francês, famoso por seus trabalhos sobre peixes; 1507-1566]			4			4	Renascimento francês
Solenandro [Reinerus Solenander, médico alemão, que trabalhou na Itália e na Alemanha; 1524-1601]	1					1	Renascimento (Alemanha e Itália)
Trago [Hieronymus Bock ou Tragus, médico e botânico alemão, 1498-1554]			1			1	Renascimento alemão
Ulisses Aldrovando [Médico e naturalista enciclopédico, fundador do Horto Botânico do Studio de Bologna; protomédico, fiscalizador da composição dos medicamentos nas drogarias, proibiu a "teriaga" em meio a grandes conflitos; vasta obra, boa parte publicada postumamente ou sem publicação; 1522-1605]			11			11	Renascimento italiano
Valésio [Franz de Vallès ou Francisco Valles, natural de Castilha, Professor de Medicina em Alcalá. Médico pessoal de Felipe II. Autor de diversos comentários a Galeno e Hipócrates. Falecido em Burgos] (1524-1592)	1		1			2	Renascimento espanhol
Velasco de Taranta [Velasco ou Vasco de Taranta, médico português, formado em Montpellier, Protomédico do Rei da França; séc. XV.]					1	1	Renascimento (Portugal e França)
Zacuto Lusitano [Abraão Zacuto, historiador, astrônomo, matemático, astrólogo e rabino judeu sefardita; Professor de astrologia e astronomia na Universidade de Salamanca e depois Astrônomo Real de Dom João II; viajou muito em função das perseguições religiosas; Salamanca 1452 - 1515 Jerusalém]		1	4			5	Renascimento ibérico
	I	II	III	IV	V	Total	
	1	4	56	2	2	65	

Anexo IX – Lista Idade Moderna Autores/Citações/Seção Âncora Medicinal

Autores/personagens	Seção I	Seção II	Seção III	Seção IV	Seção V	Total	Época
Alsário [Vincenzo Alsario della Croce, médico genovês, sec. XVI-XVII]	1					1	Idade Moderna (Itália)
Arnoldo [Arnoldus Weikardus, viveu no séc. XVII (- 1645)**]			1			1	Idade Moderna
Bartolino [Thomas Bartholin ou Bartolinus, médico, matemático e teólogo dinamarquês; conhecido pelo trabalho na descoberta do sistema linfático e na teoria da anestesia por refrigeração, Professor em Copenhagen; 1616-1680]			1			1	Idade Moderna (Dinamarca)
Boneto [Teófilo Bonet, médico suíço, considerado fundador da Anatomia patológica, tendo realizado diversas dissecações; 1620-1689]			1			1	Idade Moderna (Suíça)
Castro, "Escritor português" [André-Antonio de Castro, médico do Duque de Bragança, séc. XVII]**			1			1	Idade Moderna (Portugal)
Citério [Franciscus Citois, médico francês, séc. XVI-XVII, citando Ovídio indiretamente]		1				1	Idade Moderna (França)
Curvo Semedo [João Curvo Semmedo, médico de corte de Dom João V, adepto de medicação química, célebre por sua Polyantheia Medicinal; 1635-1719]			1			1	Idade Moderna (Portugal)
Etmulero [Michael Ettmullerus ou Michael Etmüller, médico alemão, Professor de botânica, cirurgia e anatomia em Leipzig, 1644-1683; seus trabalhos completos foram publicados por seu filho, Michael Ernst Etmüller, também médico, em 1708]		1	3			4	Idade Moderna (Prússia)
Francisco da Fonseca Henriquez (1665 - 1731)		2	4		2	6	Idade Moderna (Portugal)
Gaspar dos Reis Franco [?-1660]**			1			1	Idade Moderna
Henrique de Heer [Henricus ab Heer ou Henri van Heer, Países Baixos, 1570-1636]**			1			1	Idade Moderna (Países Baixos)

Hofmanno [Friedrich Hoffmann, médico e químico alemão, Professor de Medicina e de Filosofia Natural em Halle; foi Médico Real de Frederico I entre 1708-1712; Adepto do Mecanicismo, procurou explicar a Medicina através da Matemática; autor de diversas publicações em medicina, química e farmacoepia; 1660-1742]

2

2

Idade Moderna
(Prússia)

Kirkero [Athanasius Kircher, jesuíta, estudioso dos hieróglifos egípcios, filósofo, historiador e museólogo alemão, 1602-1680]

1

1

Idade Moderna
(Prússia)

Lemery [Louis Lémery, médico, botânico e químico francês, filho de Nicolas Lémery, médico de Louis XV, químico do Jardim do Rei e membro da Academia de Ciências; 1677-1743]

1

1

2

Idade Moderna
(França)

Mangeto [Johann Jacob Mangetus ou Jean-Jacques Manget, médico, alquimista, suíço, formado em Valence, em 1678; foi Médico de Frederico III de Brandenburgo, futuro Rei Frederico I da Prússia, autor da famosa Bibliotheca Pharmaceutico-Medica; 1652-1742]

18

1

19

Idade Moderna (Suíça
e Prússia)

Mervault [Pierre Mervault, 1605 ou 1606 - ?]**

1

1

Idade Moderna
(França)

Plêmpio [Vopiscus Fortunatus Plempius, médico e anatomista holandês, tradutor de Avicena, Professor em Leuven (Bélgica); polemizou com Descartes; aplicou princípios de Kepler à ótica e descreveu a anatomia em seis músculos dos olhos, a forma do cristalino e a causa muscular do estrabismo; 1601-1671]

2

1

1

4

Idade Moderna (Países
Baixos)

Próspero Alpino [Prospero Alpino ou Alpini, médico italiano, Professor de botânica em Padova; 1553-1616]

1

1

Idade Moderna (Itália)

Raio [John Ray, naturalista inglês, importante autor de zoologia, 1627-1705]

3

3

Idade Moderna
(Inglaterra)

Rivério [Lazare Rivière, médico francês, médico do Rei Louis XIII e Professor da Faculdade de Montpellier; 1589-1655]

2

2

Idade Moderna
(França)

Sanctório [Santorio Santorio ou Sanctorius, médico e fisiologista italiano; 1561-1636]			1	1	Idade Moderna (Itália)
Schroder ou Escrodero [Iohannes Scroderus ou Johann Schröder, médico e farmacologista alemão, primeiro a reconhecer que o Arsênico era um elemento. Em 1649, produziu Arsênico em forma elemental, 1600-1664]		3		3	Idade Moderna (Prússia)
Senerto [Daniel Sennert, médico alemão, publicou trabalhos em alquimia e química; defendeu o uso de remédios químicos e a teoria dos atoma corpuscula, considerando a existência de 4 átomos básicos (corresp. aos 4 elementos aristotélicos), mas rejeitou a influência da matemática; Professor de Medicina em Wittenberg; 1572-1637]		2		2	Idade Moderna (França)
Septálio [Manfredo Settala ou Septalio, religioso de Milão, séc. XVII]		1		1	Idade Moderna (Itália)
Simão Pauli [Simon Paulli, médico e naturalista dinamarquês, professor de anatomia, cirurgia e botânica em Copenhagen e médico de corte do Rei Frederico III; 1603-1680]		2		2	Idade Moderna (Dinamarca)
Uvilis [Thomas Willis, médico britânico, iatroquímico; trabalhos importantes em neuropatologia e neuroanatomia, descobriu o círculo arterial cerebral ou polígono de Willis; cofundador da Royal Society; 1621-1675]			1	1	Idade Moderna (Inglaterra)
Zomista [Alessandro Venturini, séc. XVII]		1		1	Idade Moderna (Itália)

I	II	III	IV	V	Total
1	6	52	6	2	65

Anexo X – Total Autores/Seção Âncora Medicinal (Por nº citações)

Autores/personagens	Seção I	Seção II	Seção III	Seção IV	Seção V	Total	Época
Galeno (II d.C. Pérgamo - Roma)	1	10	43	19	5	78	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Hipócrates de Cos (V - IV a.C.) [Corpus Hippocraticum, V a.C. - II d.C.]	4	16	17	8	3	48	Antiguidade Grega Clássica
Plínio ("o velho" - I d.C.)	1		24	2		27	Antiguidade (Império Romano)
Marcial [poeta romano, famoso epigramista, I d.C.]	1	1	22	1		25	Antiguidade (Império Romano)
Avicena (Filósofo e médico persa, islâmico, 980 - 1037)		5	5	9		19	Idade Média islâmica (Pérsia)
Mangeto [Johann Jacob Mangetus ou Jean-Jacques Manget, médico, alquimista, suíço, formado em Valence, em 1678; foi Médico de Frederico III de Brandenburgo, futuro Rei Frederico I da Prússia, autor da famosa Bibliotheca Pharmaceutico-Medica; 1652-1742]			18	1		19	Idade Moderna (Suíça e Prússia)
Escola de Salerno (Escola de Medicina, sec. X-XIX)		1	8	2	1	12	Baixa Idade Média
Alexandre Traliano [Alexander Trallianus, de Tralles (Lydia), médico grego do VI séc. d.C.]			11			11	Antiguidade Tardia (Império Bizantino)
Ulisses Aldrovando [Médico e naturalista enciclopédico, fundador do Horto Botânico do Studio de Bologna; protomédico, fiscalizador da composição dos medicamentos nas drogarias, proibiu a "teriaga" em meio a grandes conflitos; vasta obra, boa parte publicada postumamente ou sem publicação; 1522-1605]			11			11	Renascimento italiano
Dioscórides [Dioscórides Pedanio, médico, botânico, farmacêutico grego; I séc. d.C.]			9	1		10	Antiguidade (Império Romano)
Francisco da Fonseca Henriquez (1665 - 1731)		2	4	2		8	Idade Moderna (Portugal)
Celso [Aulus Cornelius Celsus, enciclopedista romano, I a.C. - I d.C.]	1	1	3	1	1	7	Antiguidade (Império Romano)
Aécio de Amida (V - VI d.C.) [Aetius Amidenus, médico bizantino da Mesopotâmia]			5	1		6	Antiguidade Tardia (Império Bizantino)
Bíblia		4	1		1	6	Antiguidade

Práticos**	1	1	2	2		6	Renascimento/ Idade Moderna	
Horácio [Quintus Horatius Flaccus, poeta romano, epicurista; I a.C.]	1		4			5	Antiguidade (República Romana)	
Zacuto Lusitano [Abraão Zacuto, historiador, astrônomo, matemático, astrólogo e rabino judeu sefardita; Professor de astrologia e astronomia na Universidade de Salamanca e depois Astrônomo Real de Dom João II; viajou muito em função das perseguições religiosas; Salamanca 1452 - 1515 Jerusalém]		1	4			5	Renascimento ibérico	
Aristóteles [Pseudo-Aristóteles, II d.C.]		1			1	2	4	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Atheneu [Ateneu de Náucrates, escritor grego, séc. II-III d.C.]			4				4	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Ausônio [Decius ou Decimus Magnus Ausonius, poeta latino, séc. IV d.C.]			4				4	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Etmulero [Michael Ettmullerus ou Michael Ettmüller, médico alemão, Professor de botânica, cirurgia e anatomia em Leipzig, 1644-1683; seus trabalhos completos foram publicados por seu filho, Michael Ernst Ettmüller, também médico, em 1708]		1	3				4	Idade Moderna (Prússia)
Marcelo Empírico [Médico da Gália, foi magister officiorum da casa imperial de Teodosio I e depois de Arcadio; IV-V séc. d.C.]			4				4	Antiguidade Tardia (Império Romano Ocidental)
Plêmpio [Vopiscus Fortunatus Plempius, médico e anatomista holandês, tradutor de Avicena, Professor em Leuven (Bélgica); polemizou com Descartes; aplicou princípios de Kepler à ótica e descreveu a anatomia em seis músculos dos olhos, a forma do cristalino e a causa muscular do estrabismo; 1601-1671]		2	1			1	4	Idade Moderna (Países Baixos)
Rondelécio [Guillaume Rondelet, médico e naturalista francês, famoso por seus trabalhos sobre peixes; 1507-1566]			4				4	Renascimento francês
Rufo [Rufo de Éfeso, médico grego da segunda metade do séc. I d.C.]			4				4	Antiguidade (Império Romano)
Alexandre Benedito [Alessandro Benedetti, anatomista, médico e humanista italiano; 1450-1512]			3				3	Renascimento italiano
Aulo Gélío [Aulus Gellius, gramático, escritor latino, II d.C.]					1	2	3	Antiguidade Tardia (Império Romano)

Cardano [Girolamo Cardano, matemático, médico, astrólogo e filósofo; 1501-1576]	1	2	3	Renascimento italiano
Diógenes Laércio (III séc. d.C. - doxógrafo e biógrafo grego)		2	1 3	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Ovídio (43 a.C. - 18 d.C.)	3		3	Antiguidade (Fim da República, princípio do Império Romano)
Raio [John Ray, naturalista inglês, importante autor de zoologia, 1627-1705]		3	3	Idade Moderna (Inglaterra)
Rasis [Al-Razi ou Ibn Zakaria, alquimista, médico e filósofo persa, oposto ao aristotelismo, 865-925]		3	3	Idade Média islâmica (Pérsia)
Schroder ou Escrodero [Iohannes Scroderus ou Johann Schröder, médico e farmacologista alemão, primeiro a reconhecer que o Arsênico era um elemento. Em 1649, produziu Arsênico em forma elemental, 1600-1664]		3	3	Idade Moderna (Prússia)
Sêneca (4 a.C. - 65 d.C., estóico romano)	2		1 3	Antiguidade (Império Romano)
Platão (V-IV a.C.)	1	2	3	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Aurelius Victor, historiador e político romano da África, IV d.C.			2 2	Idade Média islâmica (Andaluzia)
Averrhoes [Filósofo, médico, jurista, astrônomo; árabe andaluz, comentador de Aristóteles e Avicena; Córdoba 1126 - Marrakesh 1198]		2	2	Renascimento francês
Balônio [Guillelmus Balonius ou Guillaume de Baillou, inspirou os médicos do séc. XVIII que estabeleceram as bases da epidemiologia e da saúde pública modernas; 1538-1616.]		2	2	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Eliano [Claudius Aelianus, filósofo e escritor romano de língua grega, séc. II-III d.C.]		2	2	Renascimento (Egito, fim do período Mameluco)
Habdarramano [Abu al-Fadl 'Abd al-Rahman b. Abi Bakr b. Muhammad Jalal al-Din al-Khudayri al-Suyuti; conhecido como Al-Suyuti; egípcio, professor, teólogo e jurista; tratou de Medicina Profética (Medicina dos <i>hadith</i> , ações e palavras de Maomé, gênero de não médicos, distinto da Medicina Islâmica, feita por médicos), ética médica, medicina natural, relações sexuais, contágio da Peste Negra no Egito de então; distinguia a medicina em tradicional, espiritual e preventiva (Dietética e Exercícios); 1445-1505]		2	2	Idade Moderna (Prússia)

Hofmanno [Friedrich Hoffmann, médico e químico alemão, Professor de Medicina e de Filosofia Natural em Halle; foi Médico Real de Frederico I entre 1708-1712; Adepto do Mecanicismo, procurou explicar a Medicina através da Matemática; autor de diversas publicações em medicina, química e farmacopeia; 1660-1742]		2			2	Antiguidade (Império Romano)
Juvenal [Decimus Iunius Iuvenalis, poeta romano satírico, meados do I d.C. a meados do II d.C.]	1	1			2	Renascimento espanhol
Laguna [Andrés Laguna de Segovia, médico, farmacologista, botânico, filósofo e humanista espanhol, tradutor e comentador de Dioscórides, 1499-1559]		2			2	Idade Moderna (França)
Lemery [Louis Lémery, médico, botânico e químico francês, filho de Nicolas Lémery, médico de Louis XV, químico do Jardim do Rei e membro da Academia de Ciências; 1677-1743]		1	1		2	Renascimento italiano
Leonelo Flaventino [Leonello de Vittori, também Faventino, Médico de Bologna; séc. XV-XVI]		2			2	Renascimento italiano
Paulo Jóvio [Paolo Giovio, médico, historiador e bispo italiano; fim do XV a meados do XVI]			1	1	2	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Pausânias [viajante e geógrafo grego da Ásia Menor; meados do séc. II d.C.]		1		1	2	Antiguidade Grega Clássica
Platina [Bartolomeo Sacchi, dito O Platina, Humanista italiano; 1421-1481]		2			2	Renascimento italiano
Q. Sereno [Quintus ou Quintius Serenus, autor latino, II ou III séc. d.C.]		2			2	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Rivério [Lazare Rivière, médico francês, médico do Rei Louis XIII e Professor da Faculdade de Montpellier; 1589-1655]		2			2	Idade Moderna (França)
Senerto [Daniel Sennert, médico alemão, publicou trabalhos em alquimia e química; defendeu o uso de remédios químicos e a teoria dos <i>atoma corpuscula</i> , considerando a existência de 4 átomos básicos (corresp. aos 4 elementos aristotélicos), mas rejeitou a influência da matemática; Professor de Medicina em Wittenberg; 1572-1637]		2			2	Idade Moderna (França)
Simão Pauli [Simon Paulli, médico e naturalista dinamarquês, professor de anatomia, cirurgia e botânica em Copenhagen e médico de corte do Rei Frederico III; 1603-1680]		2			2	Idade Moderna (Dinamarca)

Valésio [Franz de Vallès ou Francisco Valles, natural de Castilha, Professor de Medicina em Alcalá. Médico pessoal de Felipe II. Autor de diversos comentários a Galeno e Hipócrates. Falecido em Burgos] (1524-1592)	1	1	2	Renascimento espanhol
Virgílio [Poeta épico latino, I séc. a.C.]		1	1	Antiguidade (Fim da República e começo do Império Romano)
"Adágio português"***		1	1	*
Castro, "Escritor português" [André-Antonio de Castro, médico do Duque de Bragança, séc. XVII]**		1	1	Idade Moderna (Portugal)
"Versículo corrente"***		1	1	*
"Adágio antigo"*** [talvez Ateneu, Deipnosophistas]		1	1	Antiguidade
Abrincense [Henricus Abrincencis ou Henrique Abrincense, poeta normando, séc. XIII; ? - 1260]			1	Baixa Idade Média
Acosta [Cristóvão da Costa ou Cristóbal Acosta, médico e naturalista português, estudou as drogas e a natureza das Índias Orientais, Tanger 1515 - Huelva 1594]		1	1	Renascimento ibérico
Alsário [Vincenzo Alsario della Croce, médico genovês, sec. XVI-XVII]	1		1	Idade Moderna (Itália)
Amato Lusitano [João Rodrigues ou Amatus Lusitanus, médico e botânico judeu português, comentou Dioscórides, viajou muito em razão da perseguição religiosa; Castelo Branco (Portugal) 1511 - Salonica (Grécia) 1568]		1	1	Renascimento português
Anônimo (citado pelo autor, como "anônimo")**		1	1	*
*Antíoco [Santo Antíoco?, médico; Império Romano Oriental, martirizado no fim III d.C.]		1	1	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Apiano [Appianus, historiador grego de Alexandria, compilou material enorme, com olhar etnográfico; II d.C.]		1	1	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Aristóteles (384/383 - 322 a.C.)	1		1	Antiguidade Grega Clássica
Arnaldo de Vila Nova [Médico, alquimista catalão, questionou a teologia aristotélica e defendeu a reforma da Igreja, ? - 1311]		1	1	Baixa Idade Média
Arnoldo [Arnoldus Weikardus, viveu no séc. XVII (- 1645)]**		1	1	Idade Moderna

Arquestrato [Arquestrato de Gela, poeta, viajante e gastrónomo siciliota, séc. IV a.C.]	1		1	Antiguidade Grega Clássica
Baptista Fiera [Giovanni Battista Fiera, médico humanista italiano, de Mantova 1465 - 1538]	1		1	Renascimento italiano
Bartolino [Thomas Bartholin ou Bartolinus, médico, matemático e teólogo dinamarquês; conhecido pelo trabalho na descoberta do sistema linfático e na teoria da anestesia por refrigeração, Professor em Copenhaga; 1616-1680]	1		1	Idade Moderna (Dinamarca)
Bartolomeu Ânglico (séc. XII; Filsófo franciscano, Professor em Paris, considerado um dos primeiros enciclopedistas)	1		1	Baixa Idade Média
Bockélio [Johannes Bockelius ou Jean Boeckel, médico da Antuérpia, Professor em Hamburgo; 1535-1605]	1		1	Renascimento (Países Baixos e Alemanha)
Bodino (interpretando Oppiano) [Jean Bodin, jurista e filósofo francês, 1530-1596]	1		1	Renascimento francês
Bôncio [?]**	1		1	*
Boneto [Teófilo Bonet, médico suíço, considerado fundador da Anatomia patológica, tendo realizado diversas dissecações; 1620-1689]	1		1	Idade Moderna (Suíça)
Cícero [filósofo, advogado, político e orador romano, 106 - 43 a.C.]	1		1	Antiguidade (República Romana)
Citério [Franciscus Citois, médico francês, séc. XVI-XVII, citando Ovídio indiretamente]		1	1	Idade Moderna (França)
Clearco [Clearco de Soles, filósofo cipriota, peripatético, séc. IV-III a.C.]	1		1	Antiguidade Helenística
Columela [Lucius Junius Moderatus Columella, célebre escritor de agronomia romano, I d.C.]	1		1	Antiguidade (Império Romano)
Cristóvão da Vega [Christophori a Vega ou Cristóbal de Vega, médico de câmara do príncipe Don Carlos, catedrático de Alcalá; citado por engano como antigo, 1510-1573]			1	Renascimento espanhol
Curvo Semedo [João Curvo Semmedo, médico de corte de Dom João V, adepto de medicação química, célebre por sua Polyantheia Medicinal; 1635-1719]	1		1	Idade Moderna (Portugal)
Diocles [Diocles de Caristo, médico grego, tido como "segundo Hipócrates"; tratou sobre dietética, anatomia animal e foi adepto da filosofia aristotélica, séc. IV a.C.]	1		1	Antiguidade (Clássica - Helenística)
Diógenes Cínico (ou Diógenes de Apolônia; V séc. a.C. - Pré-socrático grego)		1	1	Antiguidade Grega Clássica

Dodoneo [Rombertus Dodoneus Mechlini ou Rembert Dodoens ou Rembert Van Joenckema, botânico e médico flamigo, Professor em Leuven e médico da corte do Imperador Rudolph II da Áustria; 1517-1585]	1		1	Renascimento flamengo
Durantes [Castore Durante, médico, botânico e poeta italiano, arquiatra na corte do Papa Sisto V; 1529-1590]	1		1	Renascimento italiano
Eubrelo [Eubulus?] **	1		1	*
Fornélio [Jean Fernel ou Fernelius, médico francês, defensor do galenismo e muito influente até a descoberta da circulação sanguínea; Universa medicina é sua obra mais famosa; 1497-1558]	1		1	Renascimento francês
Gaspar dos Reis Franco [?-1660]**	1		1	Idade Moderna
Hali [Ali Ibn Abbas al-Majusi ou Haly Abbas; médico e psicólogo persa islâmico, mas de origem zoroastriana; segunda metade do séc. X d.C.]	1		1	Idade Média islâmica (Pérsia)
Henrique de Heer [Henricus ab Heer ou Henri van Heer, Países Baixos, 1570-1636]**	1		1	Idade Moderna (Países Baixos)
Holério [Iacobo Hollerio Stempano, médico de Paris, séc. XVI]	1		1	Renascimento francês
Homero [citado via Galeno]		1	1	Antiguidade
João Batista Porta [Giambattista della Porta ou Giovanni Battista della Porta; comediógrafo, mago e alquimista napoletano; 1535-1615]	1		1	Renascimento (Itália/Nápoles)
João Cratão [Johannes Krafft ou Johann Cratonis, humanista alemão, médico de três Imperadores do Sacro Romano Império; 1519-1585]	1		1	Renascimento alemão
Josefo (Flávio Josefo) (Jerusalém 37 d.C. - Roma 100 d.C. aprox.)	1		1	Antiguidade (Império Romano)
Júlio Alexandrino [Giulio Alessandrini ou Julius Alexandrinus von Neustein, médico e poeta italiano, de Trento; médico dos Imperadores do Sacro Romano Império, Ferdinando I, Maximiliano II e Rudolph II; traduziu e comentou várias obras de Galeno ao latim; 1506-1590.]	1		1	Renascimento italiano

Kiranide [Kyranides ou Cyranides; compilação de vários tratados da tradição hermética, originalmente em grego de: magia, ocultismo, lapidários, bestiários, propriedades dos animais, águas termais, minerais, amuletos, suas relações ocultas etc. Atribuído a Hermes Trismegisto ou a Harpocraton; entre o II e o IV a.C. Impresso diversas vezes no Renascimento.]	1	1	Antiguidade Tardia
Kirkero [Athanasius Kircher, jesuíta, estudioso dos hieróglifos egípcios, filósofo, historiador e museólogo alemão, 1602-1680]	1	1	Idade Moderna (Prússia)
Linschotano [Jan Huygen van Linschoten, navegador e explorador holandês, viajou a serviço de Portugal e de Holanda, descreveu suas viagens em diversas obras; 1536-1611]	1	1	Renascimento (Holanda)
Lucano (39 - 65 d.C. - poeta latino, estoico e sobrinho de Sêneca)	1	1	Antiguidade (Império Romano)
Marcelo Virgílio [Humanista e político de Florença, traduziu e comentou o De medica materia libri sex de Dioscórides em 1518; 1464-1521]	1	1	Renascimento italiano
Mercado [Ludovicus Mercatus, protomédico geral das Espanhas, 1532-1611]	1	1	Renascimento espanhol
Mervault [Pierre Mervault, 1605 ou 1606 - ?]**	1	1	Idade Moderna (França)
Mizaldo [Antoine Mizauld ou Antoninus Mizaldus; astrólogo e médico francês, professor de Medicina em Paris; 1510-1578]	1	1	Renascimento francês
Opiano [Opiano de Anazarbo ou Corico; poeta de língua grega, séc. II d.C.]	1	1	Antiguidade (Império Romano)
Oppiano [Opiano de Apameia ou Opiano da Síria, poeta sírio, escreveu em grego, século III d.C.]	1	1	Antiguidade (Império Romano)
Parcu [Ambrosius Pareus ou Ambroise Paré, famoso cirurgião e anatomista francês; 1510-1590]	1	1	Renascimento francês
Peripatéticos [inicialmente, discípulos de Aristóteles no Perípatos, depois seguidores de sua filosofia]	1	1	Antiguidade-Idade Média-Renascimento
Petrarca [Francesco Petrarca, escritor, poeta e humanista italiano; 1304-1374]	1	1	Renascimento italiano
Petrônio [Petronius Arbiter ou Titus Petronius Niger, escritor romano; I d.C.]		1	Antiguidade (Império Romano)
Piério [Giovanni Pietro Dalle Fosse ou Bolzanio Pierio, humanista italiano ligado aos Medici, teólogo e escritor; 1477-1558]	1	1	Renascimento italiano

Platero [Felix Plater ou Platerus, médico suíço, classificou doenças psiquiátricas, refutando causas mágicas e demonológicas, descreveu um tumor intracraniano; Professor em Basel, montou um herbário conservado na Univ. de Berna; 1536-1614]	1		1	Renascimento suíço
Próspero Alpino [Prospero Alpino ou Alpini, médico italiano, Professor de botânica em Padova; 1553-1616]		1	1	Idade Moderna (Itália)
Quirano **	1		1	*
Rodigínio [Ludovico Ricchieri, latinizado Ludovici Caelii Rhodiginii; humanista, professor de grego e de latim] (1469 - 1525)	1		1	Renascimento italiano
Salviano [Salvianus, escritor cristão do séc. V d.C.]	1		1	Antiguidade Tardia (Império Romano Ocidental)
Sanctório [Santorio Santorio ou Sanctorius, médico e fisiologista italiano; 1561-1636]		1	1	Idade Moderna (Itália)
São Bernardo (de Claraval) [monge e abade francês, 1090 - 1153]	1		1	Idade Média Central
São Jerônimo [um dos quatro Pais da Igreja, Doutor da Igreja, traduziu a Bíblia do grego e do hebraico ao latim, 347 - 419/420 d.C.]	1		1	Antiguidade Tardia (Império Romano)
Septálio [Manfredo Settala ou Septalio, religioso de Milão, séc. XVII]	1		1	Idade Moderna (Itália)
Simeão Seth [Simeon Sethi, judeu bizantino, astrólogo e médico do Imperador Miguel VII Doucas; séc. XI]	1		1	Idade Média Central
Solenandro [Reinerus Solenander, médico alemão, que trabalhou na Itália e na Alemanha; 1524-1601]	1		1	Renascimento (Alemanha e Itália)
Trago [Hieronymus Bock ou Tragus, médico e botânico alemão, 1498-1554]	1		1	Renascimento alemão
Uvilis [Thomas Willis, médico britânico, iatroquímico; trabalhos importantes em neuropatologia e neuroanatomia, descobriu o círculo arterial cerebral ou polígono de Willis; cofundador da Royal Society; 1621-1675]		1	1	Idade Moderna (Inglaterra)
Velasco de Taranta [Velasco ou Vasco de Taranta, médico português, formado em Montpellier, Protomédico do Rei da França; séc. XV.]		1	1	Renascimento (Portugal e França)
*Venceslau da Boêmia (Rei) [personagem, 907-935]		1	1	Idade Média Central

Xenócrates [Xenócrates de Calcedônia, filósofo grego, discípulo de Platão, séc. IV a.C.]	1	1	Antiguidade Grega Clássica
*Zêuxis [personagem, pintor grego, séc. V a.C.]		1	Antiguidade Grega Clássica
Zomista [Alessandro Venturini, séc. XVII]	1	1	Idade Moderna (Itália)

Aécio e Traliano	1	*	*
Galeno e outros autores gregos	1	*	*
Galeno, Dioscórides e Celso	1	*	*
Ovídio (43 a.C. - 18 d.C.) [citado indiretamente através de Citésio]	1	*	*
Zacuto, Escrodero, Hoffmanes, Trago, Pauli e outros	1	*	*

I	II	III	IV	V	Total
16	63	314	57	29	479

Época	I	II	III	IV	V	Total
Antiguidade	13	45	176	35	23	291
Idade Média		7	22	12	2	43
Renascimento	1	4	56	2	2	65
Idade Moderna	1	6	52	6	2	65
S/ Identificação	1	1	8	2		